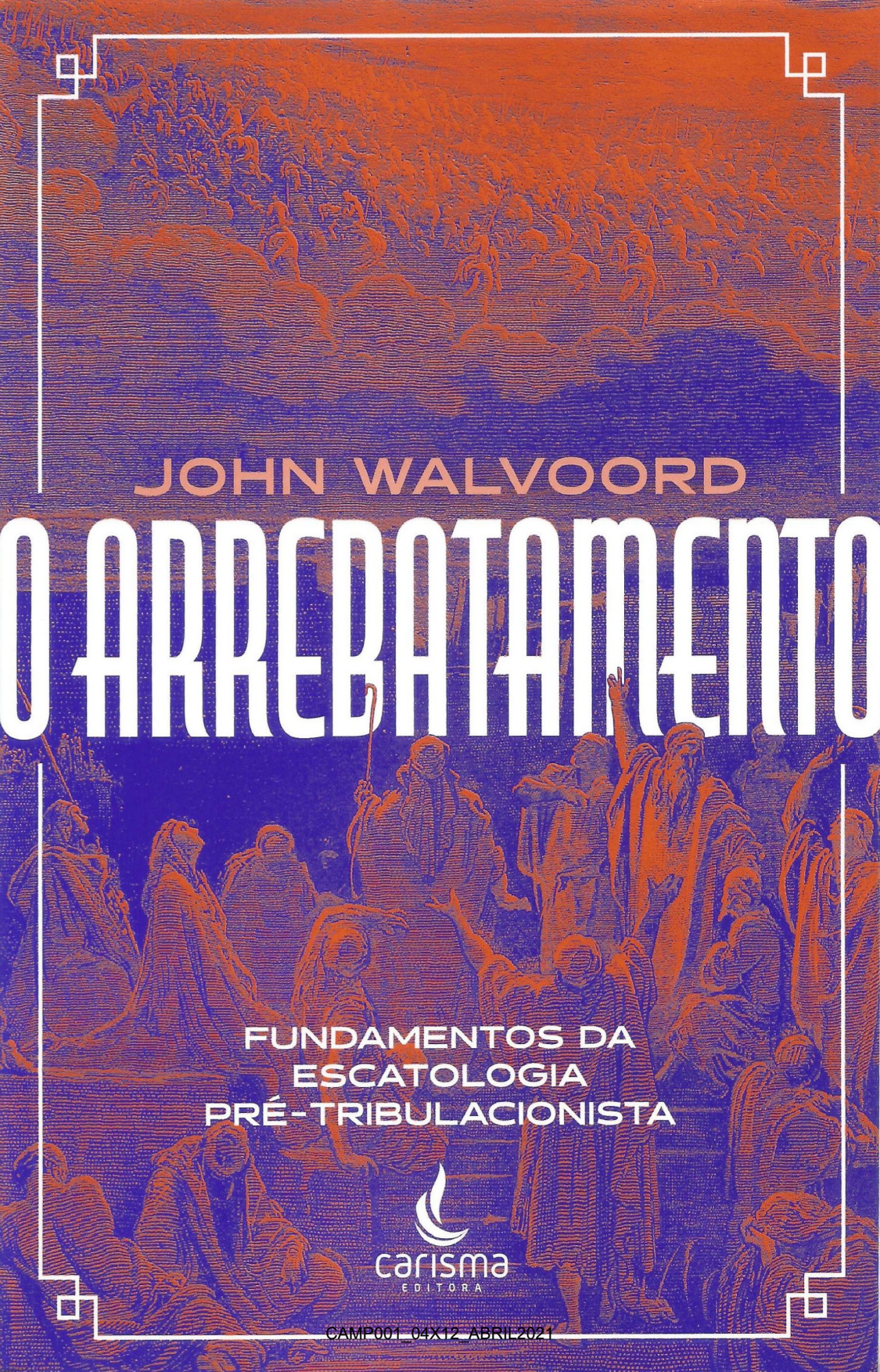
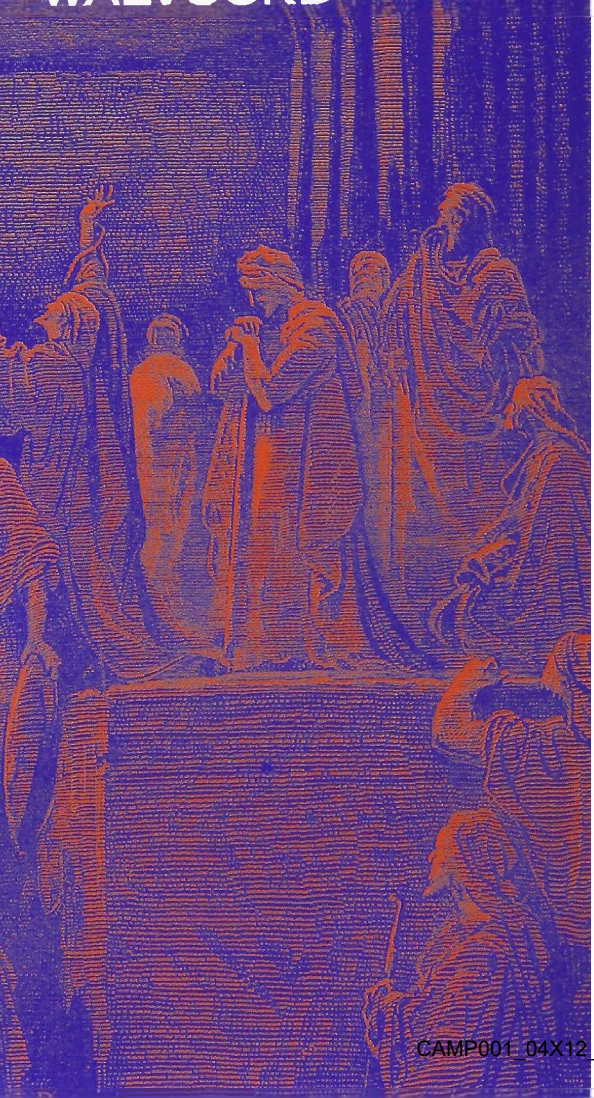


CAMP001_04X12_ABRIL2021

"A TEMÁTICA DO ARREBATAMENTO, ENQUANTO NEGLIGENCIADA PELO LIBERALISMO MODERNO, É UMA DAS PRINCIPAIS QUESTÕES EM DEBATE NA ESCATOLOGIA CONSERVADORA". —JOHN F. WALVOORD



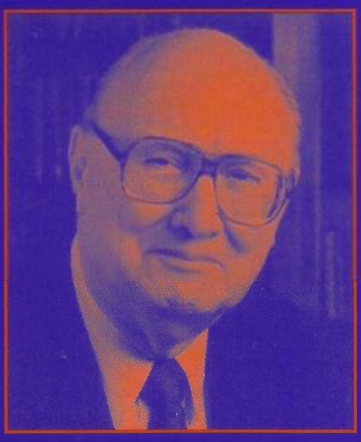
CAMP001_04X12_ABRIL2021

Ao longo dos anos o pré-tribulacionismo tem sido duramente atacado por outras correntes escatológicas. Entretanto, surpreendentemente, é a corrente adotada pela grande maioria dos cristãos no mundo desde os pais da Igreja. Muito atacada, mas pouquíssimo compreendida, esta obra de John F. Walvoord, um dos mais respeitados nomes do movimento pré-tribulacional, desembarca no Brasil com a missão de esclarecer os pontos mais controvertidos do debate e explicar as razões pelas quais o pré-tribulacionismo é a expressão mais fiel à verdade bíblica.

9 786599 013867

carisma EDITORA

CAMP001_04X12_ABRIL2021

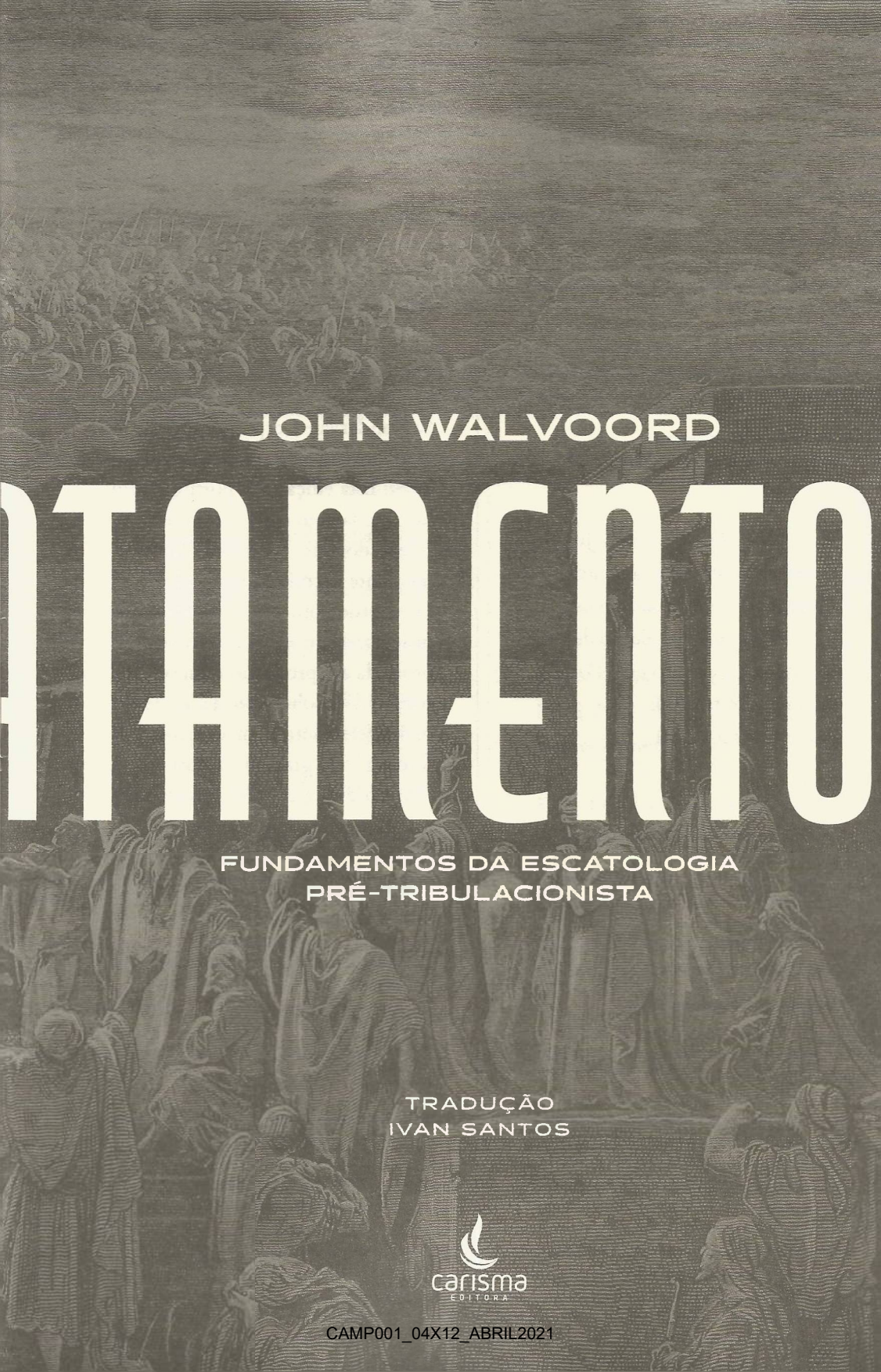


JOHN F. WALVOORD

(1º de maio de 1910 - 20 de dezembro de 2002) foi teólogo, pastor e presidente do *Dallas Theological Seminary*. Ele é autor de mais de 30 obras, com foco principalmente em escatologia, incluindo este livro, *O Arrebatamento (The Rapture Question)*. Ao longo da carreira acadêmica, obteve os graus AB e DD no *Wheaton College*, um diploma AM em filosofia pela *Texas Christian University*, um Th.B., Th.M. e Th.D. em Teologia Sistemática do *Dallas Theological Seminary*, e um Litt.D. pelo *Liberty Baptist Seminary*. Walvoord ganhou reputação como um dos teólogos dispensacionais mais influentes do século XX, desempenhando um papel proeminente na defesa do dispensacionalismo pré-tribulacionista.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O ARREBA



JOHN WALVOORD

ITAMENTO

FUNDAMENTOS DA ESCATOLOGIA
PRÉ-TRIBULACIONISTA

TRADUÇÃO
IVAN SANTOS

carisma
EDITORA

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Ficha Catalográfica elaborada por
Simone da Rocha Bittencourt – 10/1171

SW241a Walvoord, John.
O arrebatamento : fundamentos da escatologia pré-tribulacionista / John Walvoord ; [tradução de] Ivan Santos ; [revisado por] Daila Eugênio. – Natal, RN: Editora Carisma, 2021.

336 p. ; 15,5 x 23 cm.
ISBN 978-65-990138-6-7

1. Teologia. 2. Escatologia cristã. 3. Doutrina das últimas coisas. 4. Novo Testamento. I. Santos, Ivan. II. Eugênio, Daila. III. Título.

CDU: 236

Direitos de Publicação

© Zondervan Corporation, John F. Walvoord, *The Rapture Question*, 1979. Esta edição em português foi licenciada com todos os direitos reservados para a Editora Carisma, mediante permissão especial.
De acordo com a Lei 9.610/98 fica expressa e terminantemente proibida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem a prévia e expressa autorização, por escrito, de Editora Carisma LTDA, a não ser em citações breves com indicação da fonte.

carisma
EDITORA

Caixa Postal 3412
Natal-RN | 59082-971
editoracarisma.com.br
sac@editoracarisma.com.br

Créditos

Direção Executiva: *Luciana Cunha*

Direção Editorial: *Renato Cunha*

Tradução: *Ivan Santos*

Revisão: *Daila Eugênio e Joelson Gomes*

Capa: *Anderson Junqueira*

Diagramação: *Marina Avila*

Composição Gráfica

Fonte: *Cardo, Halogen e Capitol*

Papel: *Pólen 70g/m²*

Impresso em *offset*

Edição

Ano: *2021*

Primeira edição

Impresso no Brasil

CAMP001_04X12_ABRIL2021

SUMÁRIO

CAMP001_04X12_ABRIL2021

PREFÁCIO à segunda edição 11

PREFÁCIO à primeira edição 13

CAPÍTULO 1

A promessa de sua vinda 17

CAPÍTULO 2

O significado da Igreja 29

CAPÍTULO 3

A grande tribulação 49

CAPÍTULO 4

Fundamentos históricos e hermenêuticos
do pré-tribulacionismo 59

CAPÍTULO 5

A natureza da grande tribulação 71

CAPÍTULO 6

A iminência do arrebatamento 83

CAPÍTULO 7

A obra do Espírito Santo na presente era 91

CAPÍTULO 8

A necessidade de eventos intervalares 97

CAPÍTULO 9

Contrastes entre arrebatamento e a segunda vinda 109

CAPÍTULO 10

A teoria do arrebatamento parcial 113

CAPÍTULO 11

O meso-tribulacionismo 135

CAPÍTULO 12

Variações do pós-tribulacionismo 157

CAPÍTULO 13

Argumentos do pós-tribulacionismo 175

CAPÍTULO 14

O arrebatamento nos Evangelhos 217

CAPÍTULO 15

O arrebatamento em 1Tessalonicenses 4 235

CAPÍTULO 16

O arrebatamento em 1Tessalonicenses 5 251

CAPÍTULO 17

O arrebatamento em 2Tessalonicenses 279

CAPÍTULO 18

O arrebatamento em 1Coríntios 291

CAPÍTULO 19

O arrebatamento em Apocalipse 299

CAPÍTULO 20

Cinquenta argumentos favoráveis ao pré-tribulacionismo 317

BIBLIOGRAFIA 329

PREFÁCIO

À SEGUNDA EDIÇÃO

A primeira edição desse livro foi publicada há mais de vinte anos, tendo um total de vinte reimpressões. Ainda hoje há um interesse contínuo. Com o passar dos anos, entretanto, têm sido publicados diversos livros sobre a doutrina do arrebatamento.

Algumas declarações presentes na primeira edição necessitavam de correção ou revisão, e novas abordagens doutrinárias foram apresentadas. Em geral, o debate sobre o arrebatamento da Igreja continua sendo limitado àqueles que mantêm a visão pré-milenista; em meio aos liberais e amilenistas o assunto é amplamente ignorado.

Entre os pré-milenistas, pode se perceber um conceito definido, uma interpretação mais literal quanto às profecias relacionadas à grande tribulação. Ela tende a demonstrar a diferença entre aqueles

CAMP001_04X12_ABRIL2021

que sustentam que a Igreja será arrebatada antes da grande tribulação e os que afirmam que a Igreja passará pela grande tribulação.

Nos últimos vinte anos, Israel ocupou continuamente o centro das atenções no Oriente Médio, enquanto eventos proféticos importantes e contemporâneos, relacionados ao cumprimento das profecias, têm notoriamente crescido em número. Os acontecimentos atuais indicam que o fim dessa era está se aproximando; questões de se a Igreja será arrebatada antes ou depois da grande tribulação têm se tornado mais importantes do que nunca.

As diferenças entre os pontos de vista pré e pós-tribulacionistas, à luz dos eventos atuais, não se tratam de um simples debate entre estudiosos. É um assunto de grande importância prática, afetando, por assim dizer, a natureza de nossa esperança em relação à segunda vinda de Cristo.

Sob essas circunstâncias, os argumentos que dão apoio às várias visões necessitam ser revisados e corrigidos, se necessário. Espera-se que esta edição revisada responda questões naturais que se levantam em determinados pontos bíblicos sobre essa doutrina, e sirva para reforçar a bendita esperança do retorno de Cristo.

Publicações recentes foram levadas em consideração, e fornecemos uma bibliografia de literatura pertinente. Agradecemos aqueles que deram permissão para citar textos com direitos autorais.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

PREFÁCIO

À PRIMEIRA EDIÇÃO

A bendita esperança da vinda de Cristo para os seus tem sido a expectativa da Igreja desde o período apostólico. Nos primeiros séculos da Igreja não houve qualquer tentativa de efetuar uma discussão mais aprofundada das profecias, característica dos atuais estudos bíblicos. É nítido, entretanto, que, desde o início, a Igreja acreditou que a vinda de Cristo era iminente. Há séculos, desde o período apostólico, essa verdade é a principal esperança para os santos cansados desse mundo, bem como a bendita esperança da Igreja no século XX.

Nesta geração, houve muita discussão quanto à vinda de Cristo e à grande tribulação que virá sobre o mundo. Enquanto grandes questões como pré-milenismo *versus* amilenismo continuam a cha-

CAMP001_04X12_ABRIL2021

mar atenção dos estudiosos conservadores, questões sobre o exato caráter do esperado retorno de Cristo persistem. Muitos estudiosos dedicados têm contribuído com o assunto, e nem sempre há acordo nos resultados. A presente obra é oferecida na esperança de que se restabeleça a esperança do iminente retorno de Cristo, e que isso abençoe a vida do leitor. Os detalhes quanto aos vários pontos de vista têm sido apresentados em ordem para familiarizar os estudantes da íblia com as principais questões interpretativas envolvidas. Esse estudo é oferecido com intenção de fortalecer a esperança daqueles amam a vinda de Cristo.

Maiores agradecimentos são feitos ao Dallas Theological Seminary, por permitir, no presente texto, o uso de trechos de artigos publicados na revista *Bibliotheca Sacra*. Embora não tenha sido necessário reescrever o material completamente, foram feitas revisões, adições e esclarecimentos, incluindo referências a outras obras. Agradecemos a todos que permitiram fazer citações de suas obras.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 1

A PROMESSA DE SUA VINDA

O REAVIVAMENTO PELO INTERESSE EM PROFECIAS

Mais questões são levantadas hoje do que antes em relação ao retorno do Senhor. A segunda vinda sempre tem lugar de destaque na literatura fundamentalista, mas o surpreendente ressurgimento de interesse, por parte do liberalismo moderno e de escritores neo-ortodoxos, é algo novo. Por um momento, antes mesmo da primeira edição deste livro, Emil Brunner publicou o livro *Eternal Hope* [Esperança eterna]. H. H Rowley escreveu *The Relevance of the Apocalyptic* [A relevância do apocalíptico]. John Wick Bowman lançou uma nova tradução do livro de Apocalipse, intitulada *The Drama of the Book of Revelation* [O drama do livro de Apocalipse].

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Mais especificamente, Paul S. Minear publicou seu livro *Christian Hope and the Second Coming* [Esperança cristã e a segunda vinda]. Essas obras não são demonstrações isoladas, mas sinais de uma grande tendência em maior interesse da doutrina bíblica da segunda vinda de Cristo.

Entretanto, não é seguro concluir que esse crescente interesse é, necessariamente, uma interpretação nova e vigorosa dos ensinos escriturísticos. A profecia de Pedro, que afirma que os incrédulos perguntarão "o que houve com a promessa da sua vinda?" (2Pe 3.4), ainda está se cumprindo. Enquanto um crescente interesse é manifesto em relação ao segundo advento, a tendência liberal de espiritualizar uma segunda vinda literal é ainda bem evidente. Para uma exegese construtiva das profecias ainda por se cumprir, o estudante das Escrituras deve confiar naqueles que aceitam a inspiração plena do texto bíblico e que usam o princípio de interpretação literal como a norma. Teólogos liberais e neo-ortodoxos nada contribuem para resolver as questões sobre o arrebatamento.

A IMPORTÂNCIA DO ARREBATAMENTO

A temática do arrebatamento, enquanto negligenciada pelo liberalismo moderno, é uma das principais questões em debate na escatologia conservadora. As Escrituras preveem que a Igreja será arrebatada, ou "levada" para o céu, no momento da vinda do Senhor. O termo *arrebatamento* vem de *arrebatar*, usado na tradução de 1Tesssalonicenses 4.17. Se é um evento literal e futuro, tem grande importância para a esperança da Igreja. Essa doutrina faz parte da verdade mais ampla sobre a segunda vinda do Senhor Jesus Cristo. Ela depende da veracidade e autoridade das Escrituras. O liberalismo moderno que nega as Escrituras, está, por suas

CAMP001_04X12_ABRIL2021

premissas, distantes do real entendimento dos problemas doutrinários relacionados ao arrebatamento. Pois é impossível discutir as questões pertinentes ao tempo do arrebatamento sem assumir a autoridade das Escrituras, assim como é impossível solucionar problemas matemáticos sem aceitar o significado tradicional dos números. Com essas declarações, portanto, a revelação bíblica lança grande luz sobre as questões pertinentes ao arrebatamento, não apenas nos convidando ao estudo do assunto em si, mas iluminando e ampliando o entendimento das verdades relacionadas.

Em seu ministério terreno, nosso Senhor Jesus lidou com os seguintes questionamentos: "Quando acontecerão essas coisas? E qual será o sinal da tua vinda e do fim dos tempos?" (Mt 24.3). Em resposta a essa pergunta, nosso Senhor apontou certos eventos que serão os sinais de sua segunda vinda. Esses sinais são descritos como um tempo de "grande tribulação" (v. 21) ou "grande aflição" (ARC). Em sua profecia, ele exortou aos moradores da Palestina a, naquele período, fugirem para os montes (v. 16). As exigências daquele dia são descritas detalhadamente nesta exortação:

> Quem estiver no telhado de sua casa não desça para tirar dela coisa alguma. Quem estiver no campo não volte para pegar seu manto. Como serão terríveis aqueles dias para as grávidas e para as que estiverem amamentando! Orem para que a fuga de vocês não aconteça no inverno nem no sábado. Porque haverá então grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá. Se aqueles dias não fossem abreviados, ninguém sobreviveria; mas, por causa dos eleitos, aqueles dias serão abreviados. Se, então, alguém lhes disser: "Vejam, aqui está o Cristo!" ou: "Ali está ele!", não acreditem. Pois aparecerão falsos cristos e

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> falsos profetas que realizarão grandes sinais e maravilhas para, se possível, enganar até os eleitos (Mt 24.17-24).

Para os crentes sinceros que aguardam a segunda vinda de Cristo, essas palavras proféticas levantam importantes questões. Esse período de ira e provação predito por nosso Senhor virá sobre nós no fim da presente era? Em outras palavras, deve a Igreja passar pela grande tribulação?

A pergunta sobre se a Igreja continuará na terra durante a grande tribulação predita é, com certeza, uma questão central da fé cristã. cresce o interesse por temas proféticos entre liberais e neo-ortodoxos, alguns cristãos conservadores não têm dado a devida importância ao estudo da profecia. Em nossos dias, quando a autoridade da Bíblia está em disputa e muitos têm negado a infalibilidade das Escrituras, alguns pensam não ser proveitoso o debate escatológico. Em outras palavras, por que melhorar o prédio se a fundação não é segura?

Se o liberalismo está certo, inquirições diante da questão de se a Igreja passará pela grande tribulação são, de fato, inúteis. Muitos, entretanto, não estão dispostos a se dedicar ao estudo das profecias a fim de refutar os ataques à palavra de Deus na linha de frente. A questão de se a Igreja passará pela grande tribulação não é trivial, é uma importante questão que muitos devem fazer, uma vez que é um assunto de grandes implicações práticas e doutrinária. Embora não seja tão ampla, em termo de interpretação bíblica, como as doutrinas da inspiração, da divindade de Cristo, da expiação substitutiva ou a interpretação pré-milenista como um todo, posicionar-se em relação ao caráter da grande tribulação é essencial para se compreender com mais detalhes o futuro profético do fim dos tempos. O conteúdo é importante não apenas em si, mas também na aplicação dos princípios interpretação que vão além da doutrina em si.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

DOUTRINA DA TRIBULAÇÃO

A interpretação das Escrituras em relação à grande tribulação é, em primeiro lugar, um grande problema *exegético*. A revelação da doutrina da grande tribulação é encontrada em muitas passagens do Antigo e do Novo Testamentos e inclui a maior parte do Apocalipse. Até estabelecermos a natureza da grande tribulação, essas porções escriturísticas serão deixadas de lado. Há muita confusão em relação ao programa profético para o futuro. Não é difícil perceber que a questão da passagem da Igreja pela grande tribulação depende da compreensão da natureza da grande tribulação.

O estudo da natureza da grande tribulação é um grande problema *teológico*. Há muito ponto de vista teológicos particulares na interpretação da natureza da tribulação, especialmente na área escatológica. Primeiro, a questão do uso do método literal de interpretação em contraste com métodos não literal e espiritualizados é a mais importante. Segundo, há a distinção dos planos de Deus para Israel e para a Igreja. Terceiro, há a grande questão do amilenismo *versus* pré-milenismo, que faz com que a discussão sobre a natureza da tribulação seja significativa além de seus próprios limites. O uso do método lógico-indutivo, junto ao fato de muitos pós-tribulacionistas selecionarem apenas as passagens bíblicas que apoiam seu ponto de vista e ignorarem outros textos, faz com que sua interpretação seja imprecisa. A lógica também é um método útil na compreensão teológica correta. Para alguns, o entendimento correto da natureza da tribulação é predeterminado por conclusões teológicas que dependem de outros aspectos da escatologia.

A natureza da tribulação também tem importância *prática*. Se a Igreja está destinada a encarar as perseguições da grande tribulação, é inútil proclamar que vinda do Senhor é uma esperança iminente. Em vez disso, deve-se assumir que Cristo não voltará até que esses sofrimentos previstos ocorram. Por outro lado, se Jesus

CAMP001_04X12_ABRIL2021

retornar para sua Igreja antes da grande tribulação, os cristãos podem aguardar diariamente sua vinda como um evento iminente, com grande expectativa. Sob um ponto de vista prático, essa doutrina tem grandes implicações.

Muitas das dificuldades para se chegar a uma solução sobre a questão do arrebatamento devem-se à falha em definir cuidadosamente o termo "tribulação". Até que a natureza da tribulação seja estabelecida, é impossível uma discussão inteligente quanto ao fato de a Igreja passar por ela ou não. Há muitos pontos de vistas sobre a natureza da grande tribulação, e cada forma de ensino quanto ao milênio pode ser amplamente definida por sua compreensão da tribulação.

Visão pós-milenista da grande tribulação

Como demonstrado nos escritos de Charles Hodge, a visão pós-milenista considera a grande tribulação como o último evento angustiante, precedendo apenas o grande auge do triunfo do evangelho. A conversão nacional de Israel e a conversão geral dos gentios são vistas como contendo, em suas últimas fases, o conflito final com o anticristo — visão essa equivalente ao romanismo.[1]

É característico do pós-milenista não interpretar literalmente a grande tribulação. Alguns, menos conservadores do que Hodge, como Snowden, sustentam que a grande tribulação seja qualquer momento de tribulação, relegado ao passado ou ao período apostólico. O próprio Hodge não oferece um método específico de interpretação, como é evidente em seu comentário sobre o Apocalipse:

---

[1] HODGE. Charles. *Systematic Theology*, 3:812-36.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> Alguns consideram-na como uma descrição sob o imaginário oriental de eventos contemporâneos; outros sustentam como diferentes fases da vida espiritual da Igreja; outros, como o desdobramento de importantes eventos da história da Igreja e do mundo em ordem cronológica. Outros afirmam que é uma série, figurativamente falando, de ciclos; cada visão ou conjunto de visões relata os mesmos eventos sob aspectos diferentes; o fim, e a preparação para o fim sendo apresentados repetidamente, sendo o grande tema a vinda do Senhor e o triunfo de sua Igreja.[2]

Enquanto vaga como ensino específico, a interpretação pós-milenista da tribulação é clara em suas características gerais. A tribulação, segundo o ponto de vista pós-milenista, não é bem definida, e seu caráter não é suficientemente sério para interferir na marcha da Igreja ao auge do triunfo por ocasião da segunda vinda de Cristo. A tribulação é uma fase menos importante dos eventos finais da presente era.

A postura amilenista em relação à grande tribulação

A interpretação amilenista da tribulação não difere muito do pós-milenismo, embora possua um contexto teológico diferente. Na visão amilenista de Agostinho, a era presente já é o milênio. E uma vez que a grande tribulação deve preceder o milênio, ela está relegada ao passado. Sendo assim, é identificada como a tribulação sofrida por Israel na destruição de Jerusalém, no ano 70.

---

[2] Ibidem, p. 826.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Porém, o fato de que o Apocalipse foi escrito depois desses eventos e que o período de tribulação descrito precede a segunda vinda de Cristo tem levado alguns, como Berkhof, a manterem a tribulação como algo futuro, situando o cumprimento das profecias ligadas à grande tribulação, incluindo a batalha de Gogue e Maguoque, para depois do milênio. Berkhof escreveu:

> As palavras de Jesus [no discurso do Monte das Oliveiras], sem sombras de dúvida, encontram cumprimento parcial nos dias que precederam a destruição de Jerusalém, mas é evidente que terão pleno cumprimento no futuro, em um período de tribulação que vai superar em muito tudo o que já foi experimentado (Mt 24.21; Mc 13.19).[3]

Portanto, o ponto de vista amilenista até sustenta um período de tribulação futuro, mas há pouca uniformidade em relação à exatidão de seu caráter. O amilenismo tende a evitar os detalhes específicos que descrevem a grande tribulação. Embora admita uma tribulação futura, espiritualiza os eventos profetizados. Isso é particularmente verdadeiro na interpretação da seção de Apocalipse referente à grande tribulação.

Atitude pré-milenista em relação à grande tribulação.

No geral, o pré-milenista interpreta a grande tribulação com mais literalidade do que o amilenista ou pós-milenista. Dentre os pré-milenistas, alguns sustentam que a vinda de Cristo para a Igreja

---

[3] BERKHOF. Louis. Systematic Theology, p. 700.

será após a grande tribulação, isto é, a Igreja permanecerá na terra durante o período tribulacionista.

Embora os pré-milenistas pós-tribulacionista concordem que o arrebatamento será no final da grande tribulação, não há unanimidade para explicar os problemas teológicos e exegéticos que sua posição levanta, como será observado mais adiante. Teólogos como J. Barton Payne espiritualizam totalmente os eventos da grande tribulação, situando-a no presente ou no passado.[4] Essa posição se assemelha ao ponto de vista dos primeiros pais da Igreja, os pré-milenistas clássicos segundo a classificado atual.

Outros, como Alexander Reese, sustentam a posição semiclássica, espiritualizando a tribulação em alguns pontos, mas entendendo um período de tribulação futura que deve ser finalizado com a segunda vinda de Cristo.[5] Essa visão, em contraste com a de Payne, acaba por negar o retorno iminente de Cristo.

Entre os pré-milenistas, tem ganhado espaço recentemente o ponto de vista de George Ladd, o qual defende que Apocalipse 8–16, "incluindo o surgimento da besta, que chamamos de anticristo, o soar das sete trombetas e o derramar das sete taças da ira, que constituem a grande tribulação do ponto de vista do julgamento divino do mundo", são ainda futuros, e que o arrebatamento e a segunda vinda de Cristo não podem ocorrer antes do período de sete anos.[6] Esse ponto de vista tem atraído muitos seguidores.

A mais recente inovação entre os pré-milenistas pós-tribulacionista é a posição de Robert Gundry, que tenta combinar dispensacionalismo com pós-tribulacionismo.[7]

---

[4] PAYNE, J. Barton; *The Imminent Appearing of Christ.*

[5] REESE. Alexander. *The Blessed Hope*, p. 75.

[6] LADD. George. *The Blessed Hope*, p. 75.

[7] GUNDRY. Robert H. *The Church and the Tribulation.*

Essas quatro diferentes posições pós-tribulacionistas foram analisadas pelo presente autor no livro *The Blessed Hope and the Tribulation* [A bendita esperança e a grande tribulação], publicado em 1976. Sem sombras de dúvidas, a maior questão sobre a doutrina do arrebatamento é a divergência entre pré e pós-tribulacionistas. Todavia, no século XX, outros pontos de vista também se tornaram proeminentes.

Recentemente tem surgido outro tipo de pós-tribulacionismo conhecido como meso-tribulacionismo, que ensina que a Igreja será trasladada na vinda do Senhor para sua Igreja, pouco antes da grande tribulação profetizada pelo Senhor, mas no meio do período de sete anos profetizado por Daniel, os quais precederão a vinda de Cristo (Dn 9.27). Essa visão é relativamente nova e, no momento, tem literatura limitada.

O terceiro ponto de vista bem popular entre pré-milenistas que têm se especializado no estudo das profecias é o pré-tribulacionismo. Ele ensina que Cristo voltará para buscar sua Igreja antes dos sete anos profetizados por Daniel. Essa posição defende que Igreja não passará pela grande tribulação. Este ensino foi defendido por Darby e pelos Irmãos de Plymouth, e foi popularizado pela famosa Bíblia de Estudo Scofield. De forma geral, o pré-tribulacionismo é adotado por todos que consideram o pré-milenismo um sistema de interpretação bíblica, enquanto o pós-tribulacionismo e meso-tribulacionismo é defendido por aqueles que limitam o pré-milenismo à área escatológica.

Outra posição semelhante ao pré-tribulacionismo, embora dificilmente aceita como um ponto de vista ortodoxo, é a teoria do arrebatamento parcial, a qual ensina que somente os crentes piedosos serão arrebatados por Cristo antes da grande tribulação. O restante será deixado para sofrer a grande tribulação até que Cristo venha e estabeleça seu reino milenar. Obviamente apenas uma dessas quatro posições está correta, e é tarefa do estudante das Escrituras determinar qual a interpretação correta à luz das Escrituras.

A ECLESIOLOGIA EM RELAÇÃO AO ARREBATAMENTO

Um ponto determinante para definir se a Igreja passará ou não pela grande tribulação é a correta compreensão do termo *igreja*. É próprio do pós-tribulacionismo afirmar, sem prova alguma, que a palavra *igreja* é um termo amplo, sendo sinônimo de *santos* e *eleitos*. Resumindo, sustentam que todos os santos do passado, do presente e da era futura formam a Igreja. Com esta definição, torna-se impossível qualquer outra visão além da pós-tribulacionista. Todos concordam que haverá santos na grande tribulação e que, mesmo durante este período de aflições únicas, muitos buscarão a salvação em Cristo. Se esses crentes da grande tribulação são realmente parte da Igreja, a conclusão lógica é que a Igreja passará pela grande tribulação.

Uma exceção para a definição habitual de *igreja* na visão pré-milenista pós-tribulacionista é Robert Gundry, que busca manter a distinção entre Israel e Igreja, enquanto sustenta a posição pós-tribulacionista. Assim, Gundry se opõe praticamente a todos os pós-tribulacionistas, e sua definição de *igreja* o conduz a muitas interpretações inéditas das Escrituras. Uma distinção adequada entre Israel conduz naturalmente para o pré-tribulacionismo, como os próprios pós-tribulacionistas admitem. A posição incomum de Gundry será considerada adiante, quando trataremos do pós-tribulacionismo contemporâneo.

Com exceção a Gundry, todos os pós-tribulacionistas partem do princípio de que a Igreja contém os santos de todas as eras. Mesmo obras que defendem minunciosamente o pós-tribulacionismo, como *The Approaching Advent of Christ* [A breve vinda de Cristo], de Alexander Reese, assumem que o termo *igreja* é abrangente, mas sem provas nem argumentos. *The Blessed Hope* [A bendita esperança], de George Ladd, também não é muito melhor. Em sua recente obra *The Last Things* [As últimas coisas], Ladd nitidamente

CAMP001_04X12_ABRIL2021

identifica Israel e a Igreja, e interpreta Daniel 9.27 como já tendo sido cumprido na primeira vinda de Cristo.[8]

Qualquer resposta às questões relacionadas ao arrebatamento da Igreja deve se basear em um cuidadoso estudo da doutrina da Igreja conforme revelado no Novo Testamento. Em grande escala, o pré-milenismo, bem como o pré-tribulacionismo, depende amplamente da definição do termo *igreja*, e o pré-milenista que falha em distinguir Israel e a Igreja faz com que a estrutura do pré-milenismo seja edificada em uma fundação instável. Antes de os detalhados argumentos contra e a favor do pré-tribulacionismo serem considerados, é preciso, em primeiro lugar, estabelecer uma definição bíblica de Igreja e tribulação.

[8] LADD. George. *The Last Things*, p. 9-10; 59-61.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 2

O SIGNIFICADO DA IGREJA

A RELAÇÃO COM A QUESTÃO DO ARREBATAMENTO

A doutrina da Igreja foi corretamente considerada por teólogos dos mais diversos pontos de vista como um aspecto integral e importante da teologia como um todo. Sistemas teológicos podem frequentemente ser caracterizado por sua eclesiologia. O sistema de interpretação pré-milenista tem se valido de uma compreensão adequada da doutrina da Igreja como um corpo distinto de Israel e dos santos em geral. O que é essencial ao pré-milenismo torna-se base indispensável para o estudo do pré-tribulacionismo. É seguro dizer que o pré-tribulacionismo depende de uma definição

CAMP001_04X12_ABRIL2021

particular de *igreja*, e qualquer forma de pré-tribulacionismo que não levar esse fator em consideração será irrelevante.

Se o termo *igreja* inclui os santos de todas as eras, então é mais que evidente que a Igreja passará pela grande tribulação, pois todos concordam que haverá santos naquele período. Entretanto, se o termo *igreja* se aplica somente para um grupo específico de santos, isto é, os santos da presente dispensação, então a possibilidade de o arrebatamento ser antes da grande tribulação é possível e provável. Definir a exata natureza da Igreja é, portanto, indispensável para a discussão que se segue. O uso preciso de *ecclesia*, comumente traduzido por "igreja" ou "assembleia", deve ser determinado pelo estudo do Novo Testamento, bem como seu uso na Septuaginta (LXX), a tradução grega do Antigo Testamento.

SIGNIFICADO DE *ECCLESIA*

No Novo Testamento, a palavra grega *ecclesia* tem pelo menos quatro importantes significados:

1. Uma assembleia de pessoas. Nesse sentido, não há um significado teológico especial, podendo se referir a Israel como um povo reunido no deserto (At 7.38), a uma assembleia comum de cidadãos (At 19.39) ou a um grupo de pessoas reunidas para o culto (Hb 2.12).
2. O grupo de cristãos em uma igreja local (At 8.1,3; 11.22,26) e, no plural, grupos de igrejas (1Co 16.19; Gl 1.2). Cada igreja ou assembleia tem um ajuntamento local de cristãos confessos. Nem todos que se reúnem são necessariamente verdadeiros crentes, como é evidente nas mensagens às sete igrejas da Ásia (Ap 2 e 3).

CAMP001_04X12_ABRIL2021

3. A totalidade de cristãos confessos sem fazer referência à localidade. Nesse sentido, tem praticamente o sentido de cristandade (At 12.1; Rm 16.16; 1Co 15.9; Gl 1.13; Ap 2.1—3.22).

4. Todos que foram batizados pelo Espírito Santo no corpo de Cristo, formando a Igreja (1Co 12.13). O termo, quando usado nesse sentido, torna-se uma palavra técnica, referindo-se aos santos de cada era.

Todos concordam que *ecclesia*, no primeiro significado indicado acima, é aplicado a Israel no Antigo Testamento. A questão é se *ecclesia* se aplica a Israel também nos segundo, terceiro e quarto significados. Um estudo de todas as ocorrências de *ecclesia* no Novo Testamento demonstra que todas as passagens em que *ecclesia* é usado em referência ao povo do Antigo Testamento devem ser classificadas no primeiro significado. É muito importante o fato de que *ecclesia* nunca é usado para um ajuntamento ou corpo de santos exceto em referência aos santos da presente era.

O uso de ecclesia *na Septuaginta*

Há três palavras que comumente são traduzidas por "congregação" no Antigo Testamento. *Moed*, que transmite a ideia de encontro ou assembleia, é traduzida como "congregação" 149 vezes na tradução inglesa King James Version. *Edah*, na mesma versão, é traduzida por "congregação" 124 vezes. Somente *kahal*, em suas várias formas, é traduzida como *ecclesia* na Septuaginta, e como "congregação" (86 vezes) na King James Version. Todas as três palavras, quando traduzidas para o inglês, correspondem a "congregação". Elas, bem como outras palavras com menor ocorrência, não vão além do simples conceito de "assembleia". É, portanto, um erro teoló-

CAMP001_04X12_ABRIL2021

gico, embora seja comumente praticado, ler nessas passagens o conceito espiritual reservado para Igreja como corpo de Cristo no Novo Testamento. *Ecclesia*, conforme aparece na LXX, significa simplesmente "assembleia" e nada mais. A conclusão de que o uso de *ecclesia* na LXX automaticamente prova que a Igreja, o corpo de Cristo, estava já no Antigo Testamento é resultado de uma má compreensão dos termos, sem fundamento.

O futuro da igreja em Mateus 16.18

O ensinamento de que o corpo de Cristo no Novo Testamento trata-se de uma entidade separada é fundamentado pera declaração preditiva de Cristo em Mateus 16.18: "Sobre esta pedra edificarei a minha igreja". A linguagem figurada traz o conceito de uma edificação futura. Cristo não diz: "Eu estou edificando", mas "Edificarei". Isso é muito significativo, pois é a primeira referência à igreja no Novo Testamento, e, aqui, a afirmação se refere a uma obra que será realizada no futuro, pelo próprio Cristo.

A formação do corpo de Cristo no Pentecostes

Em Atos 1.5, Cristo profetizou: "Pois João batizou com água, mas dentro de poucos dias vocês serão batizados com o Espírito Santo". Dez dias mais tarde se deu o Pentecostes. No que diz respeito ao registro de Atos 2, nada é dito em relação ao batismo com o Espírito. Entretanto, em Atos 11.15, ao relatar a conversão de Cornélio, Pedro declara: "Quando comecei a falar, o Espírito Santo desceu sobre eles como sobre nós no princípio". No verso seguinte, ele cita o acontecimento como o cumprimento da profecia de Cristo de Atos

CAMP001_04X12_ABRIL2021

1.5. O batismo do Espírito Santo, conforme predito nos Evangelhos e em Atos, encontra seu primeiro cumprimento em Atos 2.

A passagem clássica em relação ao batismo no Espírito Santo se encontra em 1Coríntios 12.13, que diz: "Pois em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito". O batismo do Espírito é o ato de Deus por meio do qual o crente é inserido no corpo de Cristo. A preposição grega *en* é traduzida na King James Version, na Revised Standart Version, na New American Standart Version e na New International Version como "por", reconhecendo seu uso instrumental. O Espírito é o agente por meio do qual a obra de Deus é realizada.

Em virtude dessas significativas verdades, torna-se evidente que algo novo foi formado — o corpo de Cristo. Ele não existia antes do Pentecostes, pois não houvera nenhuma obra do Espírito Santo para formá-lo. O conceito de um corpo é estranho ao Antigo Testamento e a todas as promessas feitas a Israel. Algo novo teve início. Pedro declarou que o Pentecostes foi algo novo (At 11.15) Os israelitas salvos sob a antiga aliança aparentemente foram colocados no corpo de Cristo no Pentecostes (Gl 3.28; Ef 2.14-15).

Na sequência, a Igreja é distinguida de ambos, judeus e gentios (1Co 10.38; Hb 12.22-24). Portanto, a Igreja como corpo de Cristo é uma nova entidade, e o termo *ecclesia*, quando usado nesse sentido, refere-se somente aos santos da presente dispensação.

A ERA DA IGREJA COMO UM PARÊNTESE

Não somente as Escrituras indicam que a Igreja da presente era é um corpo distinto de crentes, mas há boas evidências de que a era atual é um parêntesis no programa de Deus, conforme foi revelado

no Antigo Testamento. Há considerável oposição dos amilenistas, bem como da parte de alguns pré-milenistas, quanto ao conceito de que a era da Igreja é um parêntesis. Entretanto, todos que fazem a distinção entre Igreja e Israel têm reconhecido a presente era como um inesperado e imprevisto parêntesis no que diz respeito às profecias do Antigo Testamento. Enquanto o conceito de parêntesis não é absolutamente essencial para o pré-tribulacionismo, se esse ensino for aceito, fortalecerá o argumento pré-tribulacionista.

É de grande importância a relação desse tema com a interpretação das setentas semanas de Daniel (Dn 9.27). Todos que creem que a presente era é um parêntesis veem-no como um extenso período de tempo entre a 69ª semana de Daniel e o início da 70ª semana. Isso dá suporte ao ensino pré-tribulacionista de que o futuro cumprimento da 70ª semana de Daniel tem relação com Israel e não com a Igreja, reforçando a posição pré-tribulacionista. O estudo da 70ª semana de Daniel reforçará o ensino de que a Igreja da presente era é um corpo distinto daqueles que viverão em tal período.

A septuagésima semana de Daniel relaciona-se a Israel, não à igreja

A interpretação de Daniel 9.24-27 é de grande importância para o pré-milenismo bem como para o pré-tribulacionismo. Estudiosos conservadores geralmente têm interpretado o termo *semana* como um período de sete anos (cf. Gn 29.27) e comumente veem o cumprimento das primeiras 69 semanas de anos exatamente na crucificação de Cristo. Esse fato foi predito nas palavras: "o Ungido será morto, e já não haverá lugar para ele" (Dn 9.26). Enquanto a interpretação das 69 semanas teve cumprimento literal, nada pode ser encontrado na História que demonstre o cumprimento literal da 70ª semana. Muitos consideram que esse fato indica que o cumprimento dos

CAMP001_04X12_ABRIL2021

últimos sete anos da profecia será adiado para um período futuro de sete anos que precede a segunda vinda de Cristo. Se assim for, há um parêntesis de tempo envolvendo toda a presente era.

Essa proposta tem sido rejeitada pelos liberais, por amilenistas e por alguns pré-milenistas, particularmente os não dispensacionalistas. O amilenista Philip Mauro declarou categoricamente que "nunca um número específico de unidades de tempo, que compõem um período descrito, significou algo além de unidades de tempos contínuas e consecutivas".[9]

Deve ser óbvio para o cuidadoso estudante da Bíblia que Mauro não está apenas sendo simplório com a questão. Ele negligencia as abundantes provas contrárias à sua afirmação. Nada pode ser mais claro ao leitor do Antigo Testamento do que o fato de que as profecias não previram um período de tempo entre os dois adventos. Isso estava confuso até mesmo para os profetas (cf. 1Pe 1.10-12). Na melhor das hipóteses, podemos afirmar que esse intervalo de tempo estava apenas implícito, e isso pode ser observado na passagem em questão (Dn 9.24-27). O "Ungido", ou Messias, é morto depois da 69ª semana e antes da 70ª. Tal circunstância só pode ser verdadeira se houver um intervalo de tempo entre os dois períodos.

Alguns exemplos de parêntesis no Antigo Testamento.

Como H. A. Ironside deixou claro em seu minucioso estudo em relação a esse problema,[10] há mais de doze exemplos de períodos parentéticos no programa divino. Em Lucas 4.18-20, citando Isaías 61.1-2, obviamente referente à presente era, que agora se estende

---

[9] MAURO. Philip, *The Seventy Weeks and the Great Tribulation*, p. 95.

[10] IRONSIDE. H. A. *The Great Parenthesis.*

CAMP001_04X12_ABRIL2021

por 1900 anos, se dá entre "o ano da bondade do SENHOR" e "o dia da vingança do nosso Deus". Não há qualquer menção, no texto de Isaías, a um intervalo, mas Cristo parou abruptamente na metade da sentença, na citação registrada por Lucas, indicando assim a divisão. Uma similaridade que abrange toda a era da Igreja é encontrada em Oseias 3.4, em comparação com 3.5, e Oseias 5.15, em comparação com 6.1. Salmos 22.1-22 prediz os sofrimentos de Cristo, verso 22 antecipa sua ressurreição e, na sequência, o salmo lida com o período milenar sem fazer referência à presente era. Essa é uma característica encontrada em muitas profecias messiânicas no Antigo Testamento.

A visão profética em Daniel 2 da imagem de Nabucodonosor, e das quatro bestas em 7.23-27, da mesma, forma ignora a presente era. Daniel 8.24 parece se referir a Antíoco Epifânio (170 a.C.) visto que Daniel 8.25, conforme alguns creem, é uma típica antecipação da besta de Apocalipse 13.1-10, que surgirá após o término da era da Igreja. Um caso similar é encontrado em Daniel 11.35 quando comparado com 11.36. Salmos 110.1 fala de Cristo no céu, e em 110.2 fala do triunfo em sua segunda vinda.

Ironside sugeriu que Pedro parou na metade da citação de Salmos 34.12 em 1Pedro 3.10-12 porque a última parte do verso 16 parece se referir ao trato futuro de Deus com o pecado, em contraste com a atual disciplina.[11] A realidade de um parêntesis está implícita em Mateus 24, onde a presente era é descrita como precedendo e interpondo a cruz e o sinal predito em Daniel 9.27 (cf. Mt 24.15). Atos 15.13-21 faz sentido somente quando se compreende que a presente era interpõe a cruz e a bênção futura de Israel no milênio.

Mesmo em tipos, o intervalo é antecipado. O calendário anual israelita de festividades nitidamente separa as festas que prefiguram a morte e a ressurreição de Cristo daquelas que antecipam o ajunta-

[11] Ibidem, p. 44.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

mento de Israel em um período de glória. No Novo Testamento, o uso da oliveira como figura em Romanos 11 envolve três estágios: Israel em posição da bênção; Israel cortado e os gentios na posição de bênção; os gentios cortados e Israel enxertado novamente. A presente era e o tempo de disciplina e juízo de Israel coincidem e constituem o parêntesis no plano divino para Israel.

A prova final de que a presente era é um parêntesis está na revelação positiva de que a Igreja é o corpo de Cristo e nas afirmações de que é um organismo vivo, um corpo de crentes sujeitos à trasladação e ao arrebatamento para o céu. A Igreja está sendo preservada como uma noiva que está sendo preparada para o noivo. Essas verdades distintas estabelecem o conceito de que a Igreja pertence a apenas a essa dispensação. Como tal, a Igreja se distingue nitidamente dos santos que aparecem na terra durante o período da tribulação.

O MISTÉRIO DO UM SÓ CORPO

Ao buscar uma resposta à definição de *igreja* no presente século, uma contribuição maior é fornecida nos mistérios do Novo Testamento relacionados à Igreja. Embora a Igreja nunca seja considerada um mistério no Novo Testamento, o termo é usado em relação a elementos distintivos da verdade que concerne a ela. No período apostólico, havia mistérios ocultos, assim chamados por seus ritos de iniciação serem mistérios ou segredos para aqueles que não pertenciam ao culto. A iniciação consistia em vários rituais nos quais o iniciado era apresentado aos mistérios. A palavra veio a ser usada, portanto, para significar fatos até então ocultos, mas agora revelados. Quando relacionada à Igreja, a palavra *mistério* não deve ser considerada uma verdade incompreensível ou obscura, mas como verdade que

CAMP001_04X12_ABRIL2021

esteve oculta, isto é, nos tempos do Antigo Testamento, mas que foi revelada no Novo Testamento. D. Miall Edwards corretamente definiu a palavra *mistério* como "um segredo comunicado somente ao iniciado, desconhecido até ser revelado, seja fácil, seja difícil de compreender."[12]

O conteúdo do mistério

A revelação do Novo Testamento em relação ao mistério de um só corpo é dada nos termos expressos em Efésios 3.1-12. Nessa passagem, o conteúdo do mistério é declarado nas seguintes palavras:

> o mistério que me foi dado a conhecer por revelação, como já lhes escrevi em poucas palavras. 4 Ao lerem isso vocês poderão entender a minha compreensão do mistério de Cristo. 5 Esse mistério não foi dado a conhecer aos homens doutras gerações, mas agora foi revelado pelo Espírito aos santos apóstolos e profetas de Deus, 6 significando que, mediante o evangelho, os gentios são coerdeiros com Israel, membros do mesmo corpo, e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus (Ef 3.3-6).

O propósito dessa revelação é fornecido nas palavras: "esclarecer a todos a administração deste mistério que, durante as épocas passadas, foi mantido oculto em Deus, que criou todas as coisas" (v. 9).

---

[12] *International Standard Bible Encyclopaedia*, s. v. "mistery".

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Até mesmo uma leitura simples dessa passagem revelará a característica central do mistério: os gentios devem estar em absoluta igualdade em relação aos judeus no corpo de Cristo: "coerdeiros juntos", "membros do mesmo corpo" e "coparticipantes da promessa em Cristo Jesus". Mesmo Allis, que se opôs vigorosamente ao caráter único da Igreja neste século, admitiu que "o mistério é que os gentios devem desfrutar, de fato desfrutem, de um status de *completa* igualdade com judeus na Igreja cristã. [...] Eles pertencem ao mesmo corpo. [...] Essa característica importante da Igreja cristã era o mistério".[13]

O corpo de Cristo foi parcialmente revelado no Antigo Testamento?

Tendo reconhecido o ponto central na discussão, Allis, entretanto, tentou anular o fato, ao reivindicar que a igualdade entre gentios e judeus já é claramente predita no Antigo Testamento. Ele declara que "a igualdade entre gentios e judeus foi claramente predita no Antigo Testamento".[14] Ao pesquisar textos que provem seu argumento, descobre-se que não há nada. O fato é que a ideia de igualdade entre judeus e gentios nunca foi mencionada na maioria das passagens do Antigo Testamento. Passagens como Isaías 61.5-6 foram corretamente interpretadas pelos judeus como indicativos de sua supremacia: "Gente de fora vai pastorear os rebanhos de vocês; estrangeiros trabalharão em seus campos e vinhas. Mas vocês serão chamados sacerdotes do SENHOR, ministros do nosso Deus. Vocês se alimentarão das riquezas das nações, e do que era o orgulho

---

[13] ALLIS. Oswald T., *Prophecy and the Church*, p. 92.

[14] Ibidem, p. 95.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

delas vocês se orgulharão". Isaias 2.1-4 ensina a mesma verdade de que Israel será exaltado no período de seu reinado. A base de seu governo estará em Jerusalém, e de Sião sairá a lei.

É verdade que, aos gentios, foram prometidas grandes bênçãos no período do reino. Eles recebem promessas de salvação, bênçãos materiais, paz, tranquilidade e uma porção na glória daquele período. Entretanto, nenhuma dessas bênçãos é prometida aos gentios em termos de igualdade; esse o ponto do mistério.

A real questão é se judeus e gentios são apresentados em um mesmo corpo no Antigo Testamento. Ao examinar o Antigo Testamento, não encontramos base para sustentar essa ideia. O caráter distinto da presente era é ainda mais demonstrado pelo fato de que o Antigo Testamento, em seu aspecto profético, retrata Israel no reino milenar, o que é bem diferente do propósito de Deus para a presente era. Somente se o método amilenista de espiritualizar as passagens do Antigo Testamento for adotado, há a possibilidade de a presente era ser o cumprimento desse reinado. Sendo amilenista, Allis admitiu esta verdade quando escreveu:

> Essa definição de mistério é totalmente adequada diante da insistência dos dispensacionalistas de que as promessas de um reinado a Israel devem ser literalmente cumpridas, e, portanto, que a completa igualdade entre judeus e gentios na igreja está em total discrepância com o Antigo Testamento, e necessita perceber que a era da Igreja é bem distinta da era do reino.[15]

Em outras palavras, a única maneira de Allis sustentar seu argumento de que o mistério não é totalmente novo é aplicando o

[15] Ibidem, p. 99.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

princípio de interpretação que espiritualiza o Antigo Testamento. Quando interpretado literalmente, o Antigo Testamento mantém estritamente a distinção entre judeus e gentios, distinguindo suas esperanças, suas promessas, e o trato de Deus para com eles. A ideia de que judeus e gentios podem ser unidos em uma só entidade sem qualquer distinção, com os mesmos privilégios, direitos, e comunhão, é estranho ao Antigo Testamento.

A IGREJA COMO UM ORGANISMO

Ao demonstrar que a Igreja da presente é um corpo diferente de crentes em relação àqueles de dispensações anteriores, uma característica importante dessa verdade é a revelação escriturística de que a Igreja é um organismo. Enquanto a nova característica da igualdade entre judeus e gentios é enfatizada no mistério de um só corpo, na verdade da Igreja como organismo, a característica distintiva é estar habitada pelo próprio Cristo.

Cristo em vocês

Em Colossenses 1.26-27, a característica central do mistério é descrita como o fato de Cristo habitar no crente: "O mistério que esteve oculto durante épocas e gerações, mas que agora foi manifestado a seus santos. A ele quis Deus dar a conhecer entre os gentios a gloriosa riqueza deste mistério, que é Cristo em vocês, a esperança da glória". Essa passagem apresenta verdade central de que "Cristo" está "em vocês". O texto diz especificamente que a verdade revelada havia sido mantida oculta por eras e gerações. O Antigo Testamento, enquanto falava da vinda do Messias em sofrimento e glória, nunca antecipou a situação de "Cristo em vocês". É significante que Allis,

CAMP001_04X12_ABRIL2021

tentando demonstrar que a revelação concernente à Igreja como corpo de Cristo foi parcialmente revelada no Antigo Testamento, evita mencionar Colossenses 1.26-27 pela razão óbvia de que essa passagem contradiz nitidamente a ideia de uma revelação parcial da Igreja.

Que a Igreja está em mente é nítido em Colossenses 1.24, onde o corpo de crentes habitados por Cristo é identificado como o corpo e a Igreja. A revelação do Cristo que habita no crente foi prevista pelo próprio Cristo no cenáculo, em João 14.20, e também foi mencionada em sua oração, em João 17.23. Essa verdade é descrita como "a gloriosa riqueza deste mistério", e o fato de Cristo habitar nos crentes é chamado de "a esperança de glória".

Não somente a revelação da posição atual de Cristo habitar o crente contrasta com qualquer coisa que já tenha existido no Antigo Testamento, como também é bem distinta de qualquer predição para o reinado milenar. Durante o milênio, a glória do Senhor será manifesta a todos na terra, e sua habitação estará entre os homens. Porém, as profecias nunca falaram de um Messias habitando em homens. Na presente era, na qual a Igreja está no mundo, a glória do Senhor é velada, e sua presença é a base da esperança para futura glória. Durante o milênio, essa esperança se cumprirá e será distinta das ordens do Antigo Testamento ou da presente era.

Cristo, a habitação corporal da plenitude da divindade

A revelação fornecida em Colossenses 1 é ampliada em Colossenses 2.9-19, no qual Cristo é apresentado como aquele em quem "habita corporalmente toda a plenitude da divindade". A conclusão é que todos os que são habitados por Cristo também "receberam a plenitude" (Cl 2.9-10), ou são completos. Cristo é apresentado como a

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Cabeça, "a partir da qual todo o corpo, sustentado e unido por seus ligamentos e juntas, efetua o crescimento dado por Deus" (2.19). Aqui novamente o mistério é revelado como sendo uma verdade totalmente estranha ao conhecimento de Israel no Antigo Testamento ou, para o assunto em questão, a qualquer coisa relacionada à futura aliança com Israel. Israel é sempre considerado como uma nação, uma teocracia, e um povo dentre o qual Deus habita, enquanto a Igreja é o organismo vivo em que Cristo habita, unida por sua vida e crescendo pelo seu suplemento espiritual.

Habitação de Cristo é a esperança da glória futura

Conforme demonstrado anteriormente, o fato de Cristo habitar no crente é o nosso fundamento para a esperança da glória (Cl 1.27). Esse pensamento é revelado em Colossenses 3.

Em Colossenses 3.4 está escrito, "Quando Cristo, que é a sua vida, for manifestado, então vocês também serão manifestados com ele em glória". A permanente habitação de Cristo no crente é a esperança deste quanto ao futuro. No tempo presente, ele é "nossa vida", ao passo que, no futuro, podemos esperar sua glória manifestada quando ele for glorificado. O objetivo final da experiência espiritual é alcançado em Colossenses 3.11, quando o crente adentrar a verdade de que "Cristo é tudo e está em todos".

Podemos, portanto, concluir a partir do estudo do mistério do corpo e do mistério da igreja como um organismo que os crentes da presente era são totalmente distintos dos crentes do período do Antigo Testamento ou de qualquer era futura.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O MISTÉRIO DA TRANSFORMAÇÃO DOS SANTOS

A revelação bíblica quanto à transformação dos santos é apresentada em importantes passagens do Novo Testamento, fornecendo o apoio para o conceito de que a Igreja da presente era é um corpo distinto de crentes. A verdade revelada concernente à transformação é não somente um forte argumento para os pré-milenistas como um todo como também, em seus detalhes, sustenta o conceito de um arrebatamento antes da grande tribulação.

O mistério da transformação física

Em 1Coríntios 15, na sequência de uma discussão sobre a ressurreição do corpo humano, uma nova e impressionante revelação é introduzida: "Eis que eu lhes digo um mistério: Nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ao som da última trombeta. Pois a trombeta soará, os mortos ressuscitarão incorruptíveis e nós seremos transformados" (1Co 15.51-52).

O ponto mais importante diante desta revelação é o fato de que a transformação dos santos é declarada como mistério. Em contraste com os métodos mais gerais da transformação, incorporados na doutrina da ressurreição, a verdade claramente ensinada é que o corpo dos crentes que estiverem na terra no período da vinda do Senhor será transformado em um corpo imperecível e imortal, que jamais experimentará a morte física.

Deve estar claro para todos os estudantes cuidadosos da palavra de Deus o fato de que o mistério não consiste em que os santos que tiverem morrido serão ressuscitados novamente. A doutrina da ressurreição é ensinada em todo o Antigo Testamento assim

como no Novo Testamento, não sendo então uma verdade oculta. O mistério também é o fato de que haverá santos vivos na terra no momento da vinda do Senhor. Todas as passagens que lidam com o segundo advento, assim como aquelas que falam da vinda de Cristo para sua igreja, declaram abertamente que muitos crentes estarão na Terra aguardando sua vinda. O mistério consiste na revelação de que haverá transformação corpórea sem experimentar a morte na época da vinda do Senhor.

A importância da revelação

Ao estabelecer o caráter distintivo da Igreja, a revelação da transformação como um mistério é outra promessa distinta dada aos crentes da presente era. Nunca, no Antigo Testamento, os crentes receberam a promessa de transformação corporal. Os fiéis do Antigo Testamento esperavam que, se a segunda vinda se cumprisse em sua época, eles veriam Cristo estabelecer seu reino milenar sobre a Terra. No entanto, nenhum deles esperava a transformação física do corpo; e, de fato, as Escrituras jamais ensinaram tal verdade quanto à segunda vinda à terra. Ao invés disso, como será demonstrado adiante, é absolutamente necessário para os santos que estiverem na terra no momento da segunda vinda que entrem no reino milenar *em carne*, para que se cumpram as muitas promessas em que retratam sua vida normal na Terra.

A transformação dos santos como uma esperança consoladora

Em conexão com a revelação posterior da transformação da Igreja, encontrada em 1Tessalonicenses 4.13-18, encontramos a seguinte exortação: "Consolem-se uns aos outros com essas palavras" (v. 18).

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Novamente aqui temos uma verdade que é estranha às promessas do Antigo Testamento. A Igreja recebeu a promessa do consolo da transformação, o que parece ser considerado em 1Tessalonicenses como um evento iminente. Nada no Antigo Testamento encorajou qualquer fiel a esperar a transformação no momento da vinda de Cristo ou para aguardar sua união com seus amados com o consolo oferecido pela vinda iminente de Cristo para levá-los para si. Mais uma vez, a verdade é dada como nova revelação apenas no Novo Testamento, relacionada à Igreja como corpo de Cristo. O próprio fato de a esperança ser apresentada como esperança consoladora é outro argumento em favor do arrebatamento da Igreja antes da grande tribulação.

O MISTÉRIO DA NOIVA

Em Efésios 5.22-32, o mistério da igreja como noiva é revelado. A verdade é revelada em conexão com uma série de exortações de Efésios 5, que se conclui com o relacionamento adequado entre marido e mulher, ilustrado pelo relacionamento de Cristo com sua Igreja. O texto afirma que "Cristo amou a igreja e entregou-se por ela" (v. 25) com o objetivo de "santificá-la, tendo-a purificado pelo lavar da água mediante a palavra, e para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável" (vs. 26-27). Com base nessa revelação, é declarado: "Da mesma forma, os maridos devem amar cada um a sua mulher como a seu próprio corpo. Quem ama sua mulher, ama a si mesmo" (v. 28). Diz-se ser natural obedecer a esse mandamento conforme foi ilustrado no amor de Cristo pela Igreja "pois somos membros do seu corpo" (v. 30). Na relação matrimonial humana, a união resulta em o homem e a mulher tornarem-se "uma só carne"

(v. 31); e, conforme ilustrado na Igreja, é afirmado que "este é um mistério profundo; refiro-me, porém, a Cristo e à igreja" (v. 32).

O óbvio objetivo da passagem é apresentar a Igreja como uma noiva que, no futuro, será apresentada a Cristo e unida naquilo que é simbolizado pela relação matrimonial. Como a noiva, a Igreja é também "seu corpo". O relacionamento de Cristo com sua Igreja, portanto, é declarado ser um mistério. isso, imediatamente diferencia essa verdade como característica na presente era.

A ideia de Deus relacionado ao homem por meio da figura de um casamento, não é, portanto, nenhuma novidade. No Antigo Testamento, Israel é declarado esposa de Jeová, e todo livro de Oseias é devotado a uma alegoria histórica desse relacionamento. Israel é apresentado como uma esposa infiel que será restaurada nos dias do milênio. Em contraste, a igreja é apresentada na figura de uma virgem pura (2Co 11.2), sendo preparada para o futuro casamento. O resultado da união entre Cristo e a Igreja tem em vista um corpo de crentes composto de gentios e judeus.

Tal união jamais foi contemplada no Antigo Testamento. Enquanto ambos, judeus e gentios, podem ser salvos e antecipar as bênçãos do reino milenar sobre as bases proféticas do Antigo Testamento, nunca são considerados como pertencendo a um único corpo. O novo relacionamento com Cristo, contemplado na figura da noiva, é bem distinto de qualquer coisa anunciada no Antigo Testamento e, além disso, prova o caráter distinto dos crentes da presente era.

CONCLUSÃO

Com base no uso da palavra *ecclesia* no Novo Testamento e no óbvio contraste entre o caráter da Igreja em relação aos crentes do Antigo Testamento ou do futuro milênio, conclui-se claramente

que, na presente era, o corpo de crentes que compõem a Igreja tem um lugar distinto no plano e no programa divinos e, dessa forma, contrasta com os santos que conhecerão Cristo no período da grande tribulação ou no milênio futuro. Portanto, quando se considera a questão de a Igreja passar ou não pela grande tribulação, tem-se em vista a última geração dos crentes vivos naquele tempo, e não deve ser confundida com aqueles descritos como santos nem com Israel nem com os eleitos do período da tribulação.

É significativo que nenhuma das verdades discutidas como características da Igreja são encontradas na descrição dos santos do período da tribulação. Tampouco os santos do período da grande tribulação são considerados Igreja, corpo de Cristo, habitação de Cristo, objetos da transformação corporal ou, noiva. Assim como a Igreja é um corpo distinto com privilégios e promessas específicos, pode-se esperar que Deus cumprirá seu propósito para a Igreja arrebatando-a da Terra antes de finalizar seu plano para com Israel e com os gentios no período da tribulação.

CAPÍTULO 3

A GRANDE TRIBULAÇÃO

Boa parte da confusão que se origina da discussão de se a Igreja passará pela grande tribulação tem sua origem nas diferentes opiniões quanto à natureza e ao propósito da tribulação em si. Ambas as visões, pós-tribulacionista e meso-tribulacionista, têm um conceito diferente da grande tribulação em relação aos pré-tribulacionistas. É característico do pós-tribulacionista interpretar os textos que tratam da grande tribulação com menos literalidade do que os pré-tribulacionistas.

Pós-tribulacionistas contemporâneos, no entanto, têm seguido a tendência de uma interpretação mais literal. George Ladd, por um momento, defende uma tribulação futura mais literal antes da segunda vinda de Cristo. Robert Gundry, da mesma forma, busca manter uma posição mais literal. Porém, ambos escritores tendem a

CAMP001_04X12_ABRIL2021

espiritualizar ou ignorar passagens que podem contradizer a visão pós-tribulacionista.[16] De forma geral, a interpretação literal dos textos que lidam com a grande tribulação e leva em consideração todos os fatores revelados nas Escrituras sobre esse período, tende a fortalecer o conceito pré-tribulacionista.

TRIBULAÇÕES COMUNS EM CONTRASTE COM A GRANDE TRIBULAÇÃO

Muitos pós-tribulacionistas lidam com a questão de a Igreja passa pela grande tribulação sob a afirmação de que a Igreja sempre esteve e ainda está em passando por tribulações. Se isso for verdade, não há por que discutir a questão. George H. Fromow, por exemplo, afirmou que

> a Igreja *já* está passando pela grande tribulação, conforme Apocalipse 7.13-14. Apocalipse 7 é a única passagem em que encontramos a tribulação considerada "grande". Seu uso, abrangendo todos os períodos da Igreja, corresponde ao registro total da história escriturística de um povo de Deus redimido, dos santos, dos eleitos, da Igreja, a despeito de como são descritos.[17]

A declaração de Fromow ilustra as duas principais características que formam a base do pós-tribulacionismo: a confusão entre grande tribulação e tribulações gerais; e a confusão entre Igreja e

---

[16] Cf. Robert Gundry, *The Church and the Tribulation*; George Ladd, *The Blessed Hope;* idem, *A Commentary on the Book of the Revelation of John*; idem., *The Last Things.*

[17] FROMOW. George H., *Will the Church Pass Through the Tribulation?*, p. 2-3.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

santos no geral. Fromow está errado, obviamente, ao afirmar que Apocalipse 7 é a única passagem em que a tribulação é chamada de "grande". Cristo usou a mesma expressão em Mateus 24.21, e o mesmo período é descrito como sem precedentes (Jr 30.7; Dn 12.1). Alguns pós-tribulacionistas, como George Ladd e Robert Gundry, concordam que haverá uma futura tribulação que ainda não se cumpriu, mas tendem confundir a questão de tal forma que não resta base para considerar o pré-tribulacionismo. Pós-tribulacionistas como Arthur Katterjohn, resolvem o problema ignorando o que a Bíblia ensina sobre a grande tribulação.[18] Ele, por exemplo, discutiu Apocalipse 7.1-8 em relação aos 144 mil, mas ignorou Apocalipse 7.9-17, que trata dos mortos martirizados da tribulação, e fez pouco caso da severidade dos vários julgamentos ao chamá-los de "amplamente metafóricos".

As Escrituras revelam, em muitas passagens, que a Igreja deve esperar por tribulações. Cristo disse aos seus discípulos: "Neste mundo vocês terão aflições" (Jo 16.33). Cristo fielmente alertou seus discípulos: "Se me perseguiram, também perseguirão vocês" (Jo 15.20). Paulo e Barnabé, ao exortar os crentes de Listra, Icônio e Antioquia, alertaram-nos: "É necessário que passemos por muitas tribulações para entrarmos no Reino de Deus" (At 14.22). Paulo escreveu aos Romanos: "Também nos gloriamos nas tribulações, porque sabemos que a tribulação produz perseverança" (Rm 5.3). Há outras passagens que exortam a suportar a tribulação (Rm 8.35; 12.22; 2Co 1.4; 7.4; Ef 3.13; 2 Ts 1.4; Ap 1.9; 2.9-10). Todas elas demonstram que tribulações são características da luta diária dos santos e fazem parte de todas as dispensações.

Todavia, as Escrituras claramente ensinam que, contrastando fortemente com as tribulações gerais, as quais todos devem esperar, há a perspectiva de um período futuro de singular tribulação, que

---

[18] KATTERJOHN. Arthur. *The Tribulation People*, p. 90-91.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

obscurecerá e se diferenciará de todos os períodos de tribulação anteriores. Este tempo futuro de tribulação, segundo as Escrituras, estará relacionado a três classes de pessoas: a nação de Israel; o mundo gentio pagão; e os santos ou eleitos que estiverem vivos na época. É de muita significância que toda a Escritura, ao descrever quem serão os participantes desse período futuro de tribulação, refere-se aos israelitas como israelitas, aos gentios como gentios, e aos santos como santos, sem jamais usar qualquer um dos termos distintivos que se aplicam aos crentes da presente era.

Os textos sobre tribulação no Antigo e Novo Testamentos demonstram abundantemente que há um duplo propósito para o período da grande tribulação: trazer ao fim o tempo dos gentios (cf. Lc 21.24) e preparar a restauração e o ajuntamento de Israel no reino milenar de Cristo que segue o segundo advento. Portanto, o propósito da tribulação não é purgar a Igreja; menos ainda disciplinar os crentes. Em vez disso, de modo geral, ela lidará com gentios e judeus rumo ao colapso do poder gentílico e à restauração de Israel como nação. Um breve exame das principais passagens que lidam com a grande tribulação sustentará essas conclusões.

A DOUTRINA DA GRANDE TRIBULAÇÃO NO ANTIGO TESTAMENTO

Uma das primeiras referências à tribulação se encontra em Deuteronômio 4.29-30:

> "E lá procurarão o Senhor vosso Deus, e o acharão, se o buscar de todo coração e de toda sua alma. Quando vocês estiverem sofrendo, e todas essas coisas aconte-

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> cerem a você, então, em dias futuros vocês retornarão ao SENHOR, o seu Deus, e lhe obedecerão".

Essa primeira referência à tribulação apresenta uma relação especial desse período com Israel. É predito que, nesse período de intensa tribulação, parte de Israel se voltará para o Senhor e ouvirá sua voz. O propósito óbvio desse despertamento espiritual é preparar Israel para a chegada do reino milenar.

Uma das principais referências no Antigo Testamento é encontrada em Jeremias 30.4-11. Depois de imaginar o terror daqueles que viverão tal período, Jeremias o descreve nas seguintes palavras: "Como será terrível aquele dia! Sem comparação! Será tempo de angústia para Jacó; mas ele será salvo" (Jr 30.7). Nos versos seguintes, é predito que os judeus quebrarão o jugo gentio de seus pescoços (v. 8), se alegrarão na lei do Senhor, seu Deus, e terão Davi como seu Rei (v. 9). Portanto, Israel é exortado a não temer, mas a se alegrar na salvação do seu Deus, que ocorrerá para que retorne do seu cativeiro e seja colocado em um lugar de paz e tranquilidade, onde "ninguém o inquietará" (v. 10).

No texto de Jeremias, as características principais da tribulação são expostas com clareza. A chegada desse período de tribulação é sem precedentes, conforme as palavras "como será terrível aquele dia! Sem comparação" (Jr 30.7). Ele, portanto, está em nítido contraste com a tribulação que era característica de Israel e até mesmo com as tribulações que seriam experimentas nos cativeiros vindouros sobre os quais escreveu Jeremias. Além disso, está claramente predito que esse período de tribulação culminará na restauração e paz de Israel, com o término do domínio político gentílico. Todos os elementos principais da tribulação são, portando, mencionados nessa breve passagem em Jeremias, e devem constituir uma plena resposta aos que igualam a grande tribulação às tribulações gerais.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Por meio do profeta Daniel, na revelação do plano de setenta semanas para Israel, forneceu-se muito conteúdo adicional sobre o caráter da tribulação. A última metade da 70ª semana é claramente descrita como um tempo de grande tribulação, com a chegada do "assolador" (Dn 9.27, ACF), o governante mundial da grande tribulação. O povo envolvido na tribulação é "teu povo" (9.24), sendo uma óbvia referência ao povo judeu. Em outra revelação posterior, logo após um texto sobre a tribulação (11.36-45), o período da tribulação é descrito nas seguintes palavras: "Haverá um tempo de angústia como nunca houve desde o início das nações até então. Mas o seu povo, naquela ocasião, todo aquele cujo nome está escrito no livro, será liberto" (12.1). Nesse importante versículo de Daniel, são encontrados os mesmos elementos da passagem de Jeremias. Diz-se que a tribulação é para lidar primariamente com o povo de Israel, que é um tempo de dificuldades sem precedentes, e que será seguida pelo livramento das mãos de seus inimigos, os gentios.

Muitas outras passagens no Antigo Testamento ampliam e confirmam o ensino de Jeremias e Daniel. No próprio livro de Daniel, detalhes consideráveis são dados em relação à tribulação (7.7-8,19-27; 11.36-45; 12.11-13). Muitas outras passagens dos profetas maiores tratam do mesmo assunto.

Um dos temas principais dos diz respeito às provas e tribulações de Israel devido a seus pecados. Frequentemente, essas passagens vão além das tribulações gerais que caracterizaram a história de Israel, falando de uma última tribulação que será seguida de restauração (cf. Jl 2.1-11,28-32; Sf 1.14-18; Zc 13.8—14.2). A partir dos textos citados, bem como do conteúdo geral do Antigo Testamento, deve ficar claro que se estabeleceu um padrão consistente de ensino, que há em vista um tempo futuro de tribulação incomum para Israel no mundo, e que este será seguido pelo reinado milenar de Cristo.

É significativo que a maioria dos pós-tribulacionistas contemporâneos admitem que a tribulação é um período específico

CAMP001_04X12_ABRIL2021

de tribulação futura, em contraste com a posição de que a tribulação é espiritualizada e de que a Igreja já está passando por ela. A tendência entre os pós-tribulacionistas de sustentar um período futuro de tribulação aumenta o contraste entre as posições pós e pré-tribulacionistas, e também acentua as diferenças entre o conceito pré-tribulacionista da iminência, isso é, a possibilidade de o arrebatamento ocorrer a qualquer momento, enquanto o pós-tribulacionismo ensina que o arrebatamento só poderá ocorrer após o período específico de tribulação.

A DOUTRINA DA TRIBULAÇÃO NO NOVO TESTAMENTO

O Novo Testamento continua e amplia a doutrina da grande tribulação. Uma profecia notável foi dada pelos lábios do próprio Cristo em Mateus 24.15-30. Essa importante passagem bíblica descreve detalhes específicos sobre a tribulação, começando com o sacrilégio terrível de que falou Daniel (Dn 9.27; 12.11; Mt 24.15), e instruiu Israel a fugir quando esses sinais ocorrerem. A razão para fuga é dita claramente em Mateus 24.21: "Porque haverá então grande tribulação, como nunca houve desde o princípio do mundo até agora, nem jamais haverá". Assim como as passagens do Antigo Testamento já analisadas, essa revelação do Novo Testamento confirma os mesmos pontos principais. A tribulação é retratada primariamente como um tratamento para Israel, como um tempo de tribulação jamais vistas, e como tendo início com sinais tão específicos que se constituem um sinal para aqueles que estiverem vivos naqueles dias, para que fujam para os montes. Assim como no Antigo Testamento, a tribulação é vista como precursora da segunda vinda de Cristo. Conforme o ensino do

CAMP001_04X12_ABRIL2021

próprio Cristo em Mateus 24.29-30, o segundo advento ocorrerá "imediatamente" após a tribulação.

Como todas outras passagens sobre a tribulação, não há referência à Igreja nessa seção de Mateus. Enquanto o termo "eleitos" é encontrado em Mateus 24.22,31, nenhuma menção é feita à Igreja ou a outro termo que possa identificar os crentes daquele período como pertencendo à presente dispensação.

Informação adicional é dada sobre a grande tribulação com a terminologia "o dia do Senhor" em 1Tessalonicenses 5.1-11. O período é descrito como um em que virá súbita destruição sobre os que andam em trevas, enquanto os "filhos da luz" são avisados que "Deus não nos destinou para a ira, mas para recebermos a salvação por meio de nosso Senhor Jesus Cristo" (v. 9).

Por conseguinte, mais luz é lançada sobre a doutrina da tribulação em 2Tessalonicenses 2.1-12. Aqui, o período é descrito como dominado pelo "homem do pecado" (v. 3); "A vinda desse perverso é segundo a ação de Satanás, com todo o poder, com sinais e com maravilhas enganadoras" (v. 9).

O texto mais extenso no Novo Testamento sobre a grande tribulação se encontra nos capítulos 4 a 18 de Apocalipse. Quinze capítulos desse livro descrevem, na mais vívida linguagem possível, as grandes catástrofes desse período que virá sobre o mundo. Qualquer interpretação razoavelmente literal das Escrituras sustentará o ponto de vista de que os eventos aqui descritos nunca se cumpriram e fazem parte do período de ira que virá sobre a futura história humana. Até mesmo George Ladd, em seu livro pós-tribulacionista *The Blessed Hope* e em seu *Commentary on the Book of Revelation of John* [Comentário sobre o livro de Apocalipse de João] concorda com a interpretação futurista.

O livro de Apocalipse apresenta os mesmos pontos principais encontrados em outras passagens dos Antigo e Novo Testamentos sobre a tribulação. O período é revelado como um momento para tratar primariamente com Israel, sendo especificamente "tempo

CAMP001_04X12_ABRIL2021

de angústia para Jacó" (Jr 30.7). Nesses capítulos também é dada atenção para o ápice do tempo dos gentios. No capítulo 19, a queda final de todo poder gentílico é marcada pela vinda pessoal de Cristo para reinar sobre o mundo.

É notável que nessa extensa porção das Escrituras não é feita nenhuma menção à Igreja nem ao corpo de Cristo. Nem mesmo há menção a alguma igreja local nos capítulos 4 a 18 do livro de Apocalipse, em contraste a frequente menção nos capítulos 2 e 3. Após a mensagem às sete Igrejas da Ásia, obviamente contemporâneas do século I, não é encontrada nenhuma referência à Igreja, seja seu próprio nome, seja outro título peculiar aos crentes da presente era. Enquanto há frequente menção aos "santos", no céu ou na Terra, é obviamente uma referência geral que pode ser aplicada aos crentes de qualquer dispensação. A Igreja é vista na figura do casamento, em Apocalipse 19, no qual é contemplada no céu como a esposa do Cordeiro, para quem uma festa de casamento é planejada na terra. Dessa forma, contrasta nitidamente com os santos em tribulação na terra.

CONCLUSÃO

Essa pesquisa das principais passagens das Escrituras que lidam com a grande tribulação serviu para confirmar a tese de que a Igreja não está, de forma alguma, envolvida nesse futuro período de tribulação. Demonstrou-se que, a despeito do fato de que tribulações caracterizam a batalha dos santos através das eras, tem-se em vista um tempo futuro de tribulação, para o qual o termo "grande tribulação" é apropriadamente utilizado. Portanto, não há base bíblica para confundir esse tempo futuro de tribulação com as provas e tribulações dos santos durante a era da Igreja.

Ao estabelecer a resposta da pergunta "a Igreja passará pela grande tribulação?", deve ficar claro que a questão é se a última

CAMP001_04X12_ABRIL2021

geração de santos da presente era permanecerá na terra durante o período previsto de tribulação ou se eles serão transformados e arrebatados ao céu antes de a tribulação começar. Tendo definido os termos principais conforme o uso bíblico, os argumentos relativos de pontos de vista variados podem ser, agora, considerados em ordem.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 4

FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E HERMENÊUTICOS DO PRÉ-TRIBULACIONISMO

A interpretação pré-tribulacionista considera que a vinda do Senhor e o arrebatamento da Igreja são imediatamente anteriores ao cumprimento da profecia de Daniel sobre o período de sete anos que antecede o segundo advento. Fundamentado em uma interpretação literal da profecia de Daniel, sustenta-se que Daniel 9.27 ainda não se cumpriu historicamente e que, portanto, a profecia é para o tempo futuro comumente chamado de "grande tribulação". Os sete anos de Daniel, encerrando o plano para Israel antes do segundo advento, serão cumpridos entre o arrebatamento da Igreja e a segunda vinda de Cristo para estabelecer seu reino sobre a terra. No arrebatamento antes dos sete anos, Cristo voltará

CAMP001_04X12_ABRIL2021

para encontrar sua Igreja nos ares; na segunda vinda, após os sete anos, Cristo retornará do céu, com sua Igreja, para estabelecer seu reino milenar sobre a terra. Essa visão geral é amplamente mantida pelos pré-milenistas, que substancialmente concordam com os principais pontos da doutrina.

Todavia, este ponto de vista é contrário ao que defendem os pós-tribulacionistas e meso-tribulacionistas, ainda que sejam pré-milenistas, e por praticamente todos ao amilenistas e pós-milenista. A posição pré-tribulacionista é limitada aos conservadores, em oposição aos liberais, e aos pré-milenistas, em oposição a outras visões do milênio. Trata-se de um ensino situado basicamente entre pré-milenistas. Na discussão que se segue, o pré-milenismo será estabelecido como a base para o debate, junto ao fundamento geral da teologia conservadora incluindo a inspiração e infalibilidade das Escrituras. Primeiramente consideraremos os argumentos em favor do pré-tribulacionismo.

O ARGUMENTO HISTÓRICO

Uma das razões mais comuns para se opor ao pré-tribulacionismo é que este se trata de uma doutrina nova e recente, inexistente antes de Darby. Reese, comumente tido como o ilustre porta-voz da oposição contra o pré-tribulacionismo, declarou categoricamente que se trata de "uma série de doutrinas da qual nunca se ouviu falar",[19] isso é, antes do século XIX. Reese segue dizendo que os seguidores de Darby "desejam derrubar o que, desde o

[19] REESE. Alexander. *The Approaching Advent of Christ*, p. 19.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

período apostólico, foi considerado por todos os pré-milenistas como verdade estabelecida".[20]

Concordamos que a desenvolvida e detalhada teologia pré-tribulacionista dos dias atuais não é encontrada nos pais da Igreja, e há fundamentos para traçá-la até Darby, que parece ser o primeiro a fazer essa detalhada distinção. O que os pós-tribulacionistas não percebem é que os detalhados argumentos pós-tribulacionistas, da forma que se encontram, são mais recentes do que os de Darby; e se o fato de ser recente é um argumento contra o pré-tribulacionismo, é também um argumento contra o pós-tribulacionismo. O fato é que o desenvolvimento das mais importantes doutrinas levou séculos, e não é de surpreender que, mesmo no século XXI, nova luz deva ser lançada sobre o entendimento das Escrituras. Se a doutrina da Trindade só recebeu uma declaração permanente a partir do quarto século, começando com o concílio de Niceia em 325, se a doutrina da depravação humana só se estabeleceu na Igreja depois do quinto século, e se doutrinas como a suficiência das Escrituras e o sacerdócio de todos os santos foram reconhecidas somente na reforma protestante, não deve causar espanto que detalhes escatológicos, com suas dificuldades, sejam lentamente analisados. Certamente é uma injustiça exigir que o pré-tribulacionismo exista de forma detalhada e sistemática desde o período apostólico para que a doutrina seja aceita como verdadeira. A verdade é que não havia nenhuma forma sistemática e detalhada de escatologia, seja geral, seja particularmente pré-milenista. Ambos, pré-tribulacionismo e pós-tribulacionismo, são relativamente novos em sua forma atual.

Por outro lado, a característica central do pré-tribulacionismo — a doutrina da iminência — é, todavia, uma característica proeminente da doutrina da igreja primitiva. Mesmo sem lidar com todos os detalhes que a doutrina da iminência levanta, como a maneira

---

[20] Ibid.

com que se relaciona com a tribulação, a igreja primitiva viveu em constante expectativa da vinda do Senhor para sua Igreja.

É fato que, entre os pais da Igreja, nem sempre foram consistentes, uma vez que, por um lado, criam que o Senhor poderia voltar a qualquer momento, e então, às vezes no parágrafo seguinte, davam a entender que algo deveria acontecer primeiro. A verdade é que os pais da Igreja não eram unânimes quanto a crer que um período específico de sete anos, como descrito em Daniel 9.27, deveria ocorrer antes do retorno do Senhor. De forma geral, os pais da Igreja, bem como os reformadores, tendiam a identificar eventos contemporâneos com os eventos da grande tribulação e, sendo assim, esperavam pelo iminente retorno de Cristo. Contudo, há provas de que alguns pouco tinham o conceito de que seriam isentos da tribulação.

Segundo Moffat, essa era a crença judaica corrente de que seriam isentos da tribulação.[21] Clemente de Roma (século I) escreveu:

> Em verdade, breve e subitamente, sua vontade será realizada, do que as Escrituras também dão testemunho, dizendo, 'Brevemente ele virá, e não tardará; e "o Senhor virá subitamente para seu templo, o Único Santo, ao qual contemplamos.[22]

A *Didaquê* (120) exorta: "Vigiai pelo bem de vossa vida. Não deixai vossa lâmpada se apagar, nem vosso lombo sem cingir; estai

---

21 Cf. *Expositor's Greek Testament*, s. v. Apocalipse 3.10. "Piedade rabínica" (Sanh. 98b) esperava isenção da tribulação dos últimos dias apenas para aqueles que se absorveram nas boas obras e nos estudos sagrados". Para esta citação e outras que se seguem, cf. H. C. Thiessen, *Bibliotheca Sacra*, p. 92 (Abril-Junho 1935): 187-96.

22 *Primeira Epístola de Clemente aos Coríntios*, capítulo 23.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

prontos, pois vós não sabeis a que horas virá nosso Senhor".[23] Podemos perceber, a partir dessa citação, que a vinda do Senhor era tida para qualquer hora, indicando a crença no retorno iminente do Senhor.

Uma referência similar é encontrada nas *Constituições Apostólicas* (Livro VII, sec. ii, xxxi):

> "Atentai para tudo que foi ordenado pelo Senhor. Estai vigilantes. 'Estai com vossos lombos cingidos, vossas lâmpadas acesas, estai como homens que aguardam por seu senhor, quando ele vier, ao anoitecer ou de manhã, de madrugada ou à meia-noite. Pois, a uma hora que eles não sabem, o Senhor virá; e se eles o receberem, bem-aventurados serão aqueles servos, pois foram encontrados vigiando".[24]

Aqui, mais uma vez, a doutrina da iminência está implícita.

Contudo, a expectativa da vinda do Senhor foi obscurecida pela crença de que os eventos da grande tribulação estavam muito próximos, e que a vinda do Senhor para estabelecer o reino milenar era pós-tribulacionista. Frequentemente os mesmos escritores que parecem concordar com a doutrina da iminência, mais tarde detalharam eventos que deveriam preceder o arrebatamento e a segunda vinda de Cristo. No mínimo, a situação é confusa. Gundry, por um momento, negou que alguns dos pais da Igreja sustentassem a doutrina da iminência.[25] Por outro lado, Payne, embora seja pós-tribulacionista, afirmou claramente que alguns deles mantinham

---

[23] *Pais antenicenos*, 7:382.

[24] Ibid., p. 471.

[25] GUNDRY. Robert. *The Church and the Tribulation*, p. 172-84.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

a doutrina da iminência.[26] A impressão geral que se tem lendo os primeiros pais é que eles seguiram uma interpretação pós-tribulacionista similar à defendida pelos falsos mestres que Paulo repreendeu em 2Tessalonicenses 2, que haviam ensinado aos de Tessalônica que eles já estavam vivendo o dia do Senhor.

A *Didaquê*, citada anteriormente, é característica do problema da "iminência" no início da Igreja, com sua exortação a aguardar a vinda do Senhor a qualquer momento. Entretanto, na mesma passagem, o escritor passou a predizer a vinda do "homem do engano" ou o anticristo, e faz a seguinte declaração: "Então a humanidade sofrerá uma ardente prova". Em seguida, conforme a *Didaquê*, virá o "som da trombeta" e "a ressurreição dos mortos". Pós-tribulacionistas, como Ladd, comumente insistem que essa é uma explícita evidência de pós-tribulacionismo.[27] Entretanto, a *Didaquê* não afirma que a Igreja passará pela grande tribulação, mas sim a "humanidade". Até mesmo os pré-tribulacionistas concordam que haverá tribulação para a "humanidade", incluindo a prova dos que crentes em Cristo naquele período. Os pré-tribulacionistas também entendem o soar da trombeta (Mt 24.31) e a ressurreição dos mortos acontecerem depois da tribulação (Ap 20.4). Em outras palavras, a declaração da *Didaquê* pode ser harmonizada com o ensino pré-tribulacionista de hoje. Todavia, dificilmente pode-se justificar que ela seja explicitamente pré-tribulacionista. O que fica evidente é que a visão da igreja primitiva não era madura e nem detalhada quanto a esse assunto.

Os reais problemas do pré-*tribulacionismo versus* pós-tribulacionismo são deixados sem solução. Contudo, alegar que a doutrina da iminência, que é o coração do pré-tribulacionismo, é nova e inédita é, no mínimo, um exagero. Enquanto o ensino dos

---

[26] PAYNE. J. Barton. *The Imminent Appearing of Christ*, p. 12-19.

[27] LADD. George. *The Blessed Hope*, p. 20-21.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

pais não são claros em seus detalhes, alguns, pelo menos, pareceram considerar a vinda do Senhor como um assunto de diária expectativa. É injustificável afirmar, como os pós-tribulacionistas fazem, que seria impossível a igreja primitiva esperar a vinda do Senhor como algo iminente. A alegação de que a doutrina da iminência é nova e estranha é falsa, mas dizer que o pré-tribulacionismo foi amplamente desenvolvido e definido nos últimos séculos é verdadeiro. Em todos os casos, afirmar que os primeiros pais obtiveram o conhecimento de tudo e, de uma vez por todas, definiram todo o desenvolvimento da teologia é querer limitar a liberdade do Espírito de Deus de revelar as verdades das Escrituras para cada geração de crentes. Conforme declarou George Ladd em relação ao argumento histórico: "Que fique bem claro que não recorremos aos pais a fim de encontrar autoridade para o pré ou para o pós-tribulacionismo. A única autoridade é a Palavra de Deus, e não estamos limitados pela camisa de força da tradição".[28] A história da doutrina da Igreja sempre tem, até agora, revelado novos progressos em diversas áreas, e não é de se esperar que isso não ocorra também com a escatologia.

A doutrina da iminência aparece de forma mais evidente na reforma protestante do que no início da Igreja. É talvez significativo que Robert H. Gundry, depois de gastar doze páginas para refutar a ideia da iminência na igreja primitiva, tenha dispensado, com poucas palavras, a contribuição dos reformadores para essa doutrina.[29] O fato é que tanto Calvino como Lutero, bem como outros proeminentes reformadores, tendiam a identificar os eventos da grande tribulação com o período histórico em que viviam; e, dessa forma, o conceito de iminência se destacava, mesmo que os reformadores fossem amilenistas e pós-tribulacionistas. Através da história da Igreja, é notório que o conflito entre o conceito de imi-

---

[28] Ibid., p. 19.

[29] GUNDRY, *Church and Tribulation*, p. 184.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

nência e a necessidade de eventos intermediários antes do segundo advento continua sendo um problema, sem solução completa até que o pré-tribulacionismo — colocando o arrebatamento antes dos eventos do fim dos tempos — tenha avançado.

O ARGUMENTO HERMENÊUTICO

É geralmente aceito por todas as partes que uma das maiores diferenças entre amilenistas e pré-milenistas se dá quanto ao uso do método literal de interpretação. Os amilenistas, ao mesmo tempo que admitem a necessidade de uma interpretação literal das Escrituras em geral, defendem, de Agostinho aos dias de hoje, que a profecia é um caso especial que requer ser espiritualização ou interpretação não literal dos textos. Os pré-milenistas defendem, contrariamente, que o método literal se aplica às profecias tanto quanto a outras áreas doutrinárias e, portanto, sustentam um milênio literal.

Em menor grau, a mesma diferença hermenêutica é vista entre as posições pós e pré-tribulacionistas. O pré-tribulacionismo é fundamentado na interpretação literal de textos-chaves da Escritura, enquanto o pós-tribulacionismo tende a espiritualizar as passagens referentes à tribulação. Isso é visto de duas maneiras.

Os pós-tribulacionistas normalmente ignoram a distinção entre Israel e Igreja seguindo o modelo da escola amilenista. A razão é que nenhuma passagem, seja do Novo, seja do Antigo Testamento, sequer mencionam o termo "igreja" ou *ecclesia*. Todavia, para provar que a Igreja passará pela grande tribulação é necessário identificar termos que sejam equivalentes. Consequentemente, Israel torna-se o nome comum para Igreja e, em alguns contextos, torna um termo equivalente. O termo "eleitos" é considerado equivalente à Igreja, independentemente da limitação do contexto, assim como os santos de todas as dispensações são considerados membros da verdadeira

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Igreja. Com o intuito de tornar equivalentes esses vários termos, é necessário interpretar as Escrituras de forma não literal — o uso de Israel como equivalente à Igreja é um exemplo disso. Para provar que a Igreja estará na grande tribulação exige-se um sistema teológico que espiritualize muitos de seus termos, e o pós-tribulacionista ignora uma interpretação mais literal considerando-a muito trivial.

MacPherson, por exemplo, afirmou o seguinte em relação ao termo "eleitos" de Mateus 24.22:

> Não há nada que indique quem são os eleitos, embora seja muito provável que o termo se refira à Igreja, visto que, das quinze outras ocorrências do termo *eleitos* no Novo Testamento, uma se refere a Cristo; outra, a certos anjos; e não há razão para supor que as outras treze vezes não se refira à Igreja, ou aos membros individuais da Igreja.[30]

Embora admita que o substantivo "eleitos" nem sempre se refira à Igreja, ele afirma categoricamente que "não há razão para supor que as outras treze vezes não se refira à Igreja, ou aos membros individuais da Igreja". Sem qualquer prova ou argumento, esse importante ponto doutrinário é estabelecido. Assim, os termos "igreja" ou "eleitos" se tornam equivalentes, e essa é prova de que a Igreja estará na grande tribulação. Isso só é possível a partir de um método de interpretação que espiritualiza as promessas feitas à Israel, como fazem os amilenistas.

Entre os pós-tribulacionistas contemporâneos, Robert H. Gundry é uma exceção à regra, buscando, em sua interpretação, manter a distinção entre Israel e Igreja. Um dos fatores de maior confusão em escatologia, na história da Igreja, consiste em con-

---

[30] MACPHERSON. Norman S., *Triumph Trough Tribulation*, p. 8.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

siderar os planos de Deus para Israel como sendo planos para a Igreja. A distinção entre esses dois planos é a característica do dispensacionalismo atual, e Gundry segue uma forma diferenciada de interpretação da dispensação.

Contudo, a ideia de distinguir Israel de Igreja não se limita aos dispensacionalistas muito menos aos pré-milenistas, pois até mesmo teólogos de renome, como Charles Hodge e Willian Hendricksen, que não são pré-milenistas, fazem essa distinção. Entretanto, na argumentação pós-tribulacionista, essa questão se torna crucial e habitualmente leva ao pré-tribulacionismo. Conforme veremos, o dispensacionalismo de Gundry o conduziu a uma intepretação incomum e original na medida em que ele se esforça para manter a distinção entre Israel e Igreja durante a grande tribulação, ao mesmo tempo que defende a posição pós-tribulacionista. Entretanto, a posição de Gundry ilustra a grande variedade de argumentos entre os pós-tribulacionistas e suas divergências nos principais pontos da doutrina.

Um segundo aspecto da espiritualização característica do pós-tribulacionismo é a maneira de lidar com a própria grande tribulação. Embora reconheçam um futuro período de tribulação, a tendência é minimizar sua severidade e evitar qualquer detalhe exegético. Isso é particularmente notável na exegese de Apocalipse 6 a 19. Enquanto os pré-tribulacionistas normalmente adotam uma interpretação realista e futurista, sendo altamente literais em sua exegese, os pós-tribulacionista seguem qualquer um dos vários métodos de interpretação que evitam a exegese realista e futurista. Entre os pós-tribulacionistas é muito popular a interpretação histórica de Apocalipse, segundo a qual as profecias relacionadas à grande tribulação são relegadas as provações que os santos sofreram no passado. Berkhof, por exemplo, ao abordar a grande tribulação, evitou interpretar os detalhes do livro de Apocalipse como um todo.[31]

---

[31] BERKHOF, *Systematic Theology*, p. 700.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Pré-milenistas pós-tribulacionistas normalmente fazem o mesmo. MacPherson escreveu:

> Por que não seria consistente com o propósito divino que a Igreja passasse pela tribulação sem ser compelida a sentir toda a sua força, da mesma forma que os Israelitas atravessaram as pragas no Egito? [...] O escape pode se dar por meio da isenção parcial do sofrimento.[32]

O conceito de a Igreja passar pela tribulação sem sentir toda a sua força é insistentemente repetido na literatura pós-tribulacionista. Arthur Katterjohn, por exemplo, também evitou alguns dos ensinos mais pungentes quanto ao sofrimento na grande tribulação, mas admitiu que "a grande tribulação cobrará um alto preço daqueles que resistirem à adoração ao anticristo".[33] Posteriormente, ao lidar com as taças da ira de Deus, sustentou que a ira é somente para os incrédulos.[34] Variações desse conceito também têm sido desenvolvidas por Robert Gundry e muitos outros.

Reese tem um pensamento diferente quanto ao mesmo assunto, declarando: "Imediatamente antes da chegada do dia do Senhor, Deus pode chamar seus santos para si, sem a necessidade de um advento adicional na geração anterior".[35] Ele prossegue, explicando:" Isso é, os justos devem ser removidos primeiros, e então virá o julgamento pleno".[36] Na realidade, Reese nega que haverá juízos até o fim da tribulação, quando o Senhor retornar. Em termos práticos, ele negou que a grande tribulação seria um

---

[32] MacPHERSON, *Triumph*, p. 22-23.

[33] KATTERJOHN. Arthur; *The Tribulation People*, p. 13.

[34] Ibidem, p. 92.

[35] REESE, *Advent of Christ*, p. 212.

[36] Ibid., p. 213.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

tempo de tribulação. Para Reese, a ira não começa em Apocalipse 6.13, mas em Apocalipse 19. Com esse raciocínio, mantem-se o ensino de que a Igreja passará pela grande tribulação, mas sem tribulação. O que importa aqui é a demonstração do método de interpretação usado pelos pós-tribulacionistas: o evitamento da interpretação literal da principal passagem, o livro de Apocalipse. George Ladd é, até certo ponto, uma exceção à regra, pois adotou uma interpretação futurista de Apocalipse. Contudo, à semelhança de Reese, Ladd se esforçou para conduzir a Igreja pela grande tribulação, mas sem que ela experimente a ira derramada naquele período.

O formato peculiar de pós-tribulacionismo desenvolvido por Gundry atravessa muitos argumentos pós-tribulacionistas. Como muitos outros, ele minimiza as provas da grande tribulação e tenta evitar o peso de passagens como Apocalipse 7.9-17. Além do mais, coloca o arrebatamento um pouco antes do julgamento final do Armagedom e, dessa forma, mantém os mesmos argumentos de Reese. Isso será considerado com mais detalhes adiante.

A opção por minimizar a grande tribulação não é incidental, mas necessariamente lógica para sua posição. Pois, somente por meio desse artifício, pode se sustentar passagens referentes à promessa do retorno do Senhor como motivo de consolo e grande regozijo. É difícil harmonizar a interpretação literal da tribulação com o pós-tribulacionismo, embora Ladd se esforce para fazê-lo. Isso não apenas enfraqueceria as promessas de consolo, mas também a iminência e a aplicação prática da doutrina da vinda do Senhor. A controvérsia entre pós-tribulacionistas e pré-tribulacionistas é, em uma escala menor, uma réplica das controvérsias maiores entre pré-milenismo e amilenismo, no que diz respeito aos princípios de interpretação. Isso será exposto em mais detalhes na revelação escriturística da própria tribulação.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 5

A NATUREZA DA GRANDE TRIBULAÇÃO

A FALTA DE PROVAS DA PRESENÇA DA IGREJA NA GRANDE TRIBULAÇÃO

Na discussão anterior sobre a revelação bíblica concernente à tribulação, foi demonstrado que uma exegese cuidadosa e literal das Escrituras não fornece qualquer prova de que a Igreja da presente era passará pela grande tribulação. Não há qualquer referência à Igreja nas passagens que tratam da tribulação. No Antigo Testamento, as passagens que narram a tribulação se referem tanto a Israel como aos gentios, bem como aos salvos dentre cada um desses grupos,

CAMP001_04X12_ABRIL2021

mas nunca a um corpo coletivo de judeus e gentios, combinados como estão na Igreja.

Entretanto, os pós-tribulacionistas não estão dispostos a aceitar que a Igreja é um corpo distinto de pessoas, e se apegam à palavra "eleitos" de Mateus 24.22,31 como prova de que a Igreja passará pela grande tribulação. Até mesmo os pré-tribulacionistas são confusos nessa questão.[37]

Os pré-tribulacionistas aceitam e ensinam uniformemente a ideia de que haverá eleitos, ou seja, pessoas salvas no período da grande tribulação. Porém, esse fato não oferece a menor prova de que os que são assim chamados pertençam à Igreja, o corpo de Cristo. Todos os salvos de todas as eras são eleitos como indivíduos. Israel é também uma nação eleita, isto é, especialmente escolhida para cumprir os propósitos divinos. A questão não é se há ou não os eleitos durante a tribulação, mas se há menção ao fato de tais eleitos serem chamados de Igreja, corpo de Cristo. No que diz respeito a essa passagem, não resta nenhuma prova de que a Igreja estará presente naquele período.

Frequentemente se dá uma atenção especial ao texto de Mateus 24.31, que diz: "E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus". Essa passagem é tomada por muitos pós-tribulacionistas como prova cabal de que o arrebatamento da Igreja ocorrerá depois da grande tribulação. MacPherson, citado anteriormente, declarou de maneira dogmática não haver "nada que indique quem são os eleitos, embora seja muito provável que o termo se refira à Igreja".[38] Reese classificou como "tolice desmedida" questionar se o termo "eleitos", conforme usado aqui, equivaleria à Igreja. Ele citou o fato de nosso Senhor

---

[37] Cf. PACHE, Rene, *The Return of Jesus Christ*, p. 110.

[38] MACPHERSON, Norman S., *Triumph Trough Tribulation*, p. 8.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

usar a mesa expressão — *eleitos* ou *escolhidos* — em sua parábola das bodas do filho do rei.[39] Parece ser incompreensível para Reese que santos na Igreja e santos que são israelitas ou gentios antes da Igreja possam ser todos eleitos e, ainda assim, não pertencerem à mesma comunidade. Argumentar que, em qualquer contexto, "eleitos" deve ser um termo includente é defender uma inverdade.

Há várias alternativas para explicar o termo "eleitos" em harmonia com a interpretação pré-tribulacionista. Alguns creem que o contexto limita a palavra "eleitos" aos santos vivos no período da segunda vinda (cf. Mt 24.22). Outros consideram a palavra "eleitos" de Mateus 24.31 como uma referência a Israel como nação eleita. Em ambos os casos, a passagem nada diz contra o pré-tribulacionismo e não inclui a Igreja.

Portanto, é possível harmonizar essa passagem com o pré-tribulacionismo, mesmo se, a bem do debate, a palavra "eleito" for tomada no sentido mais amplo e inclusivo dos santos de todas as eras. No segundo advento, de fato, há uma reunião entre a Igreja do céu e os santos do Antigo Testamento em ressurreição junto com os anjos eleitos e os eleitos na terra. Todos os eleitos de todas as eras convergem no cenário milenar. Enquanto Mateus declara que os eleitos serão reunidos "de uma à outra extremidade dos céus" (Mt 24.31), Marcos inclui "da extremidade da terra até a extremidade do céu" (Mc 13.27). O ponto é que o pré-tribulacionismo não é ameaçado de forma alguma pela expressão usada aqui, e o pós-tribulacionismo é culpado de forçar a questão ao assumir que essa passagem confirma sua posição.

Um número de considerações torna esse evento bem diferente do arrebatamento da Igreja. O fato é que, em nenhuma dessas passagens, a Igreja é mencionada por algum título distintivo, tal como *igreja* ou *corpo de Cristo* ou qualquer outro termo peculiarmente

---

[39] REESE, Alexander, *The Approaching Advent of Christ*, p. 207.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

relacionado à Igreja. Não está se afirmando que essa passagem prove o pré-tribulacionismo, mas é razoável afirmar que não oferece provas contrárias.

O argumento de Reese de que o ajuntamento dos eleitos é a prova positiva de que o arrebatamento dos santos ocorrerá neste momento é outro exemplo de ler no texto o que ele não diz. Reese declarou que

> a afirmação de Kelly em seu livro *The Second Coming* [A segunda vinda] (p. 211) de que não há arrebatamento em Mateus 24.31 é tão ousada quanto sem fundamento. Nosso Senhor, nessa passagem, deu um quadro perfeito do ajuntamento dos salvos dessa dispensação por meio do arrebatamento; até mesmo São Marcos usou, ao falar "ajuntará", a forma verbal da mesma palavra traduzida por "reunião" em 2Tessalonicenses 2.1, onde Paulo refere-se ao arrebatamento. Para mentes imparciais, a reunião dos salvos, ou eleitos, em Mateus 24.31, é um protótipo do ensino de Paulo em 1Tessalonicenses 4.16-17 e 2Tessalonicenses 2.1.[40]

A falácia teológica dessa declaração é aparente. Reese argumentou que, pelo fato de haver uma reunião no arrebatamento, toda menção a uma reunião deve ser o mesmo evento. A verdade é que haverá uma reunião da igreja, o corpo de Cristo, no arrebatamento antes da grande tribulação. Haverá também uma reunião, depois da grande tribulação, que será mais inclusiva. Mateus não diz nada sobre um arrebatamento, e a ideia é estranha a qualquer passagem que lida com a vinda de Cristo para estabelecer seu reinado. Dessa

[40] Ibidem, p. 208.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

forma, não haverá arrebatamento, embora haja uma ressurreição dos justos mortos. Mateus 24.31 também não diz nada sobre ressurreição. Deve ficar claro que a revelação de Mateus lida com a reunião dos eleitos como um evento subsequente a todos os que ocorreram antes.

O extenso tratamento dado ao período da tribulação em Apocalipse 4 a 18 apoia a ideia de que a Igreja não se encontra na tribulação. Novamente, termos familiares, tal como *Israel* e *santos*, são encontrados, mas não se faz referência à Igreja em qualquer uma das passagens sobre a tribulação. Após as exortações às sete igrejas históricas da Ásia, nos capítulos 2 e 3, a Igreja não é mais vista na terra até Apocalipse 19, em conexão com a segunda vinda de Cristo. O absoluto silêncio das Escrituras sobre a presença da Igreja na grande tribulação, enquanto não conclusivo em si, está certamente conectado à possibilidade de a Igreja ser arrebatada antes do início da tribulação. Seria muito estranho se, em meio a um tremendo movimento de eventos como os que ocorrerão na grande tribulação, não fosse feita qualquer menção à Igreja, considerando que ela estivesse presente nesse período e sofrendo as provações!

A TRIBULAÇÃO DIZ RESPEITO A ISRAEL, NÃO À IGREJA

O propósito da grande tribulação, conforme já discutido, nitidamente não é purgar a Igreja ou prepará-la para o céu. Ao invés disso, as Escrituras ensinam uniformemente que a tribulação é um prelúdio para a restauração e exaltação de Israel no reinado milenar, e também a fase final da dominação mundial gentílica, terminando com sua completa destruição na segunda vinda de Cristo.

Muito do contexto dos diferentes pontos de vista sobre o pré-tribulacionismo em oposição ao pós-tribulacionismo é encontrado nos diferentes conceitos sobre a Igreja. Enquanto seja difícil fazer

CAMP001_04X12_ABRIL2021

uma generalização precisa, comumente aqueles que nitidamente distinguem Israel da Igreja são pré-milenistas e pré-tribulacionistas, ao passo que aqueles que consideram Israel e Igreja como parte de um mesmo conceito, mesmo que sejam pré-milenistas, tendem a serem pós-tribulacionistas. O conceito da Igreja como entidade distinta, peculiar à presente era desde o dia de Pentecostes, comumente se une à ideia de que a Igreja será arrebatada antes da grande tribulação. O ponto de vista de Gundry é uma notável exceção à regra comum de que os pós-tribulacionistas não fazem distinção entre Israel e Igreja. Entretanto, o próprio Gundry é forçado a borrar um pouco a distinção e modificar seu ponto de vista dispensacionalista para acomodá-lo à sua posição pós-tribulacionistas.[41]

Caso seja aceito o ponto de vista de que a Igreja da presente era é distinta, conforme argumentamos na discussão anterior, há base para a ideia de que a Igreja não passará pela grande tribulação. Isso é visto, em primeiro lugar, na natureza da Igreja nominal, quando comparada com a nação de Israel. Conforme o pré-tribulacionismo, no momento do arrebatamento da Igreja, todos os crentes verdadeiros serão levados da terra para o céu, deixando somente a Igreja nominal, que não era genuinamente salva. Esses membros nominais, mas não salvos, da Igreja organizada do mundo continuarão na terra durante a tribulação e formarão o núcleo da Igreja ímpia, apóstata, da tribulação, a qual se tornará a religião mundial da época. Apenas nesse sentido a igreja passará pela tribulação. Semelhantemente, a nação de Israel entrará na tribulação na condição de povo não salvo e passará por um processo de purificação que culminará no segundo advento, no qual haverá a separação entre aqueles que, em Israel, se voltaram para Cristo nesse período, e aqueles que adoraram o anticristo.

---

41 GUNDRY. Robert, *The Church and the Tribulation*. p. 12-28.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Todos os pontos de vista aceitam a conclusão de que Israel e a Igreja nominal passarão pela grande tribulação. As muitas passagens do Antigo Testamento sobre a presença de Israel na tribulação, assim como a revelação do Novo Testamento, tornam isso claro e indiscutível. O pré-tribulacionismo encontra, nesses fatos, abundante evidência de que a verdadeira Igreja, o corpo de Cristo, não passará pela tribulação, pelo fato de que as próprias Escrituras que frequentemente mencionam Israel e a cristandade apóstata nunca mencionam a presença da verdadeira Igreja nesse período.

Isso é comprovado pelo contraste entre corpo de Cristo e Igreja nominal, os quais possuem consideráveis porções da Escrituras descrevendo seus respectivos planos. A distinção entre eles, em uma palavra, é a diferença entre mera profissão e realidade, entre conformidade externa e regeneração interna. A Igreja nominal caminha para seu completo estado de apostasia e terminará em terrível julgamento. A Igreja verdadeira será arrebatada para o céu para ser a noiva do Filho de Deus. A presença da Igreja apóstata na tribulação é uma de suas principais características. A presença da verdadeira Igreja é totalmente desnecessária. As distinções entre Igreja verdadeira e Igreja nominal justificam a grande diferença e seus programas e destinos.

Igualmente, há uma nítida diferença entre a Igreja verdadeira e o Israel verdadeiro ou espiritual. Na presente era, todos os israelitas por nascimento, ao receberem Cristo como Salvador, tornam-se membros da Igreja, o corpo de Cristo. Portanto, são excluídos das promessas e dos planos particulares para Israel e, em vez disso, são participantes do novo plano de Deus para a Igreja, nas mesmas bases que os crentes gentios. Em outras palavras, todos que são o Israel verdadeiro ou espiritual na presente era, por este mesmo fato, são membros da Igreja. Entretanto, imediatamente após o arrebatamento da Igreja, os israelitas que se voltarem para Deus e confiarem em Cristo terão o privilégio de ser salvo como indivíduos, mesmo naquele período de tribulação. Quando salvos

CAMP001_04X12_ABRIL2021

nesse período, os israelitas não perderão nenhuma das promessas nacionais. Sua esperança é a segunda vinda de Cristo, a vinda de Cristo como Rei e Messias. Embora salvos sob o mesmo fundamento da morte de Cristo, como os santos as presente era, seu programa para o futuro é totalmente diferente. Aqueles que foram martirizados serão ressurretos no segundo advento (Ap 20.4-6). Os que sobreviverem às perseguições desse período entrarão no milênio e serão objetos de favor e bênçãos divinos segundo as promessas do reino. Os contrastes fornecidos na palavra profética servem para distinguir o futuro do Israel espiritual na presente era do Israel espiritual na tribulação. As distinções são edificadas sobre as diferenças entre a Igreja da presente era e os santos de todos os períodos, anteriores ou posteriores.

Em resumo, antes do Pentecostes não havia Igreja, embora houvesse santos entre judeus e gentios, os quais, embora mantivessem suas características nacionais, foram mesmo assim verdadeiros santos de Deus. Do Pentecostes até o arrebatamento não há corpo de crentes entre os gentios ou Israel exceto o encontrado na verdadeira Igreja. Depois do arrebatamento da Igreja, não haverá crentes verdadeiro na Igreja apóstata e nominal, mas os crentes desse período de tribulação manterão suas características nacionais, como gentios salvos ou judeus salvos. Os santos da tribulação nunca recebem promessas especiais e particulares como recebem a Igreja da presente era. A natureza da Igreja, em contraste com Israel torna-se, portanto, um forte argumento para o ponto de vista pré-tribulacionista. Embora esses argumentos tenham força relativa, quando somados aos argumentos anteriores e apoiado pelos posteriores, eles se constituem em uma forte evidência.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O LIVRAMENTO DA TRIBULAÇÃO É PROMETIDO À IGREJA

Além de não haver nenhuma menção à Igreja em qualquer passagem que descreve a futura tribulação, são asseguradas promessas específicas à Igreja em termos de livramento daquele período. Conforme 1Tessalonicenses 5.9, aos cristãos é prometido: "Porque Deus não nos destinou para a ira, mas para recebermos a salvação por meio de nosso Senhor Jesus Cristo". A ira de Deus será derramada sobre o mundo durante a grande tribulação. Apocalipse 6.17 diz: "Pois chegou o grande dia da ira deles; e quem poderá suportar?". O caráter dos julgamentos que cairão é tal que afetarão a todos: fome, pestilência, espada, terremotos, estrelas caindo do céu. A única maneira de alguém se proteger do dia de ira é receber um livramento antecipado. O mesmo contexto em 1Tessalonicenses 5 também afirma que o crente não será surpreendido pelo dia da destruição, como um ladrão na noite, e que o crente não será incluído com os filhos das trevas, condenados à destruição. Ao invés de ser destinado à ira e à súbita destruição como os filhos das trevas, os crentes são declaradamente destinados à salvação e a viverem juntos com Cristo. A contribuição de 1Tessalonicenses 5 para a doutrina do arrebatamento será mais extensamente junto aos argumentos pós-tribulacionistas.

1Tessalonicenses 1.9-10 também afirma que os cristãos da presente era serão libertos da ira futura. 1Tessalonicenses 1.10 refere-se a "Jesus, que nos livra da ira que há de vir". A possibilidade de ser livre do futuro dia de aflição é predita em Lucas 21.36: "Estejam sempre atentos e orem para que vocês possam escapar de tudo o que está para acontecer, e estar em pé diante do Filho do homem".

À igreja de Filadélfia é prometido: "Visto que você guardou a minha palavra de exortação à perseverança, eu também o guar-

CAMP001_04X12_ABRIL2021

darei da hora da provação que está para vir sobre todo o mundo, para pôr à prova os que habitam na terra" (Ap 3.10). Conforme os tradutores têm deixado claro, a ideia no texto grego é "guardar da" e não "guardar em meio à". A promessa é para ser guardado "da hora" da prova, não apenas das provas daquele período. A promessa primária à igreja de Filadélfia era de que ela não entraria no período de provação. Em termos históricos, significou apenas isso. A igreja de Filadélfia não entraria no período de tribulação. Em termos de aplicação, se os estudiosos estão certos em encontrar nas sete Igrejas uma prévia da era da Igreja, a igreja de Filadélfia representa a Igreja fiel e verdadeira, para a qual é prometido o livramento do futuro período de tribulação. Embora possa ser debatido até que ponto isso se constitui em prova absoluta para o pré-tribulacionismo, a ideia não fornece nenhum consolo para o pós-tribulacionismo.[42] A relação de Apocalipse 3.10 com o pós-tribulacionismo será considerada amplamente mais adiante.

As Escrituras repetidamente indicam que os cristãos da presente era serão guardados da ira. Romanos 5.9 diz: "Como agora fomos justificados pelo seu sangue, muito mais ainda, por meio dele, seremos salvos da ira de Deus!". Esse princípio é ilustrado nas Escrituras com casos históricos, como o livramento de Ló de Sodoma, que é tomado como uma ilustração específica de livramento da ira em 2Pedro 2.6-9. Noé e sua família, livrados do dilúvio pela arca, constituem outro princípio de ilustração. Raabe, em Jericó, também foi livre da condenação da cidade. Embora as ilustrações não possam ser propriamente tomadas como provas, confirmam o pensamento de que Deus livra os crentes da ira designada para o julgamento dos ímpios. Se Deus livrar a Igreja antes do período de tribulação, isso se dará em linha com um princípio geral.

---

[42] Para mais discussão, cf. E. Schuyler English, *Re-Thinking the Rapture*, p. 85-91.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Outra evidência de que a Igreja será libertada antes que a tribulação surpreenda o mundo é citada por E. Schuyler English em sua interpretação bem original de 2Tessalonicenses 2.3. Em referência ao dia do Senhor, essa passagem diz: "Não deixem que ninguém os engane de modo algum. Antes daquele dia virá a apostasia e, então, será revelado o homem do pecado, o filho da perdição". A expressão "a apostasia" é a transliteração do termo grego *apostasia*, que normalmente é considerado em referência à apostasia doutrinária. English apontou que o termo é derivado do verbo *aphistemi*, usado quinze vezes no Novo Testamento, das quais apenas três relatam o abandono da fé. Em onze ocasiões, a palavra "partir" é uma boa tradução. Conforme English indicou em uma nota, algumas traduções antigas em inglês, como a Tyndale, a Coverdale Bible, a versão de Cranmer, A Bíblia de Genebra e a tradução de Beza — todas do século XVI — traduzem o termo como "partir".[43] Portanto, English sugeriu a possibilidade de traduzir 2Tessalonicenses 2.3 com o significado de que a partida deva "vir primeiro", ou seja, o arrebatamento da Igreja deve ocorrer antes que o homem do pecado seja revelado. Se essa tradução for admissível, constituirá uma declaração explícita de que o arrebatamento da Igreja ocorrerá antes da grande tribulação.

A natureza da tribulação, conforme revelada nas Escrituras, constitui um importante argumento que apoia o ensino de que a Igreja não passará pela grande tribulação. Já foi demonstrado que uma interpretação literal da tribulação não proporciona qualquer evidência de que a Igreja estará presente nesse período. Importantes passagens como Deuteronômio 4.29-30, Jeremias 30.4-11, Daniel 9.24-27, 12.1, Mateus 24.15-31, 1Tessalonicenses 1.9-10, 5.4-9, Apocalipse 4—18 não indicam que a Igreja estará na terra no período da tribulação. Foi demonstrado que o pro-

[43] Para mais discussão a respeito, veja ibidem, p. 66-70.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

pósito da tribulação é purificar e julgar Israel, punir e destruir o poder gentílico. Em nenhum aspecto a Igreja é alvo dos eventos daquele período. Em adição a esses argumentos gerais, as Escrituras também indicam que o crente da presente era será guardado da ira (1Ts 1.9-10; 5.4-10; 2Pe 2.6-9; Ap 3.10). Tomado como um todo, o estudo da grande tribulação, conforme revelado nas Escrituras, não proporciona nenhuma base para o arrebatamento pós-tribulacionista dos santos.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 6

A IMINÊNCIA DO ARREBATAMENTO

A discussão quanto à iminência do retorno de Cristo, no sentido de vir a qualquer momento, tem aumentado significantemente no atual debate do pós-tribulacionismo. Enquanto alguns, como J. Barton Payne, defendem o pós-tribulacionismo e sustentam que Cristo pode vir a qualquer momento, a maioria dos pós-tribulacionistas atuais sustentam que Cristo não virá qualquer dia e que, a bem da verdade, alguns eventos finais precedendo a segunda vinda devem ser literalmente cumpridos.[44] Isso contrasta com o ponto de vista dos reformadores protestantes, como João Calvino e Martinho Lutero, que encontraram nos eventos de seus dias o cumprimento da grande tribulação e sustentaram, então, o retorno iminente de Cristo.

---

[44] PAYNE. J. Barton., *The Imminent Appearing of Christ.*

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O problema da iminência, conforme é ensinado em relação ao arrebatamento, é de grande importância no debate entre pós e pré-tribulacionismo, e precisa ser considerado com mais detalhes junto aos argumentos pós-tribulacionistas. Todavia, apresentarmos primeiramente uma declaração preliminar da posição pré-tribulacionista, com passagens como João 14.3, 1Tessalonicenses 4–5 e 1 João 3.1-3 contribuindo com o conceito de iminência.

INDO PARA A CASA DO PAI

Uma das preciosas promessas deixadas como herança para os discípulos foi o pronunciamento de Cristo no cenáculo: "Eu voltarei." A literalidade dessa passagem, embora seja frequentemente criticada, é óbvia. Cristo disse: "E se eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver" (Jo 14.3). Assim como a ida de Cristo aos céus foi literal, ele virá outra vez para receber seus discípulos e levá-los à casa do Pai.

É um tanto estranho que a interpretação literal dessa passagem seja questionada. É muito óbvio que a partida de Cristo da terra para o céu, representada na expressão "se eu for" tratou-se de uma partida literal. Ele foi corporalmente da terra ao céu. Igualmente, "voltarei" deve ser entendido como um retorno físico e literal. Embora o futuro do indicativo na expressão "voltarei" enfatiza o futuro. Praticamente todas a traduções da Bíblia abordam esse fato como uma ação futura. A. T. Robertson a descreveu como "Voz média do presente do indicativo com aspecto de futuro, promessa definida da segunda vinda de Cristo."[45] Como English, o presente do indicativo é, algumas vezes, usado no grego para tratar de de-

[45] ROBERTSON. A. T., *Word Pictures in the New Testament*, 5:249.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

terminado evento furo apresentado como se já tivesse acontecido. Um exemplo similar se encontra na palavra de Cristo a Maria em João 20.17: "Estou voltando para meu Pai e Pai de vocês, para meu Deus e Deus de vocês". O presente do indicativo é usado para uma ação futura enfática.

A revelação dada em João 14 ressalta que a partida de Cristo da terra para o céu é necessária a fim de preparar um lugar aos discípulos na casa do Pai, expressão usada aqui como equivalente ao céu. A promessa de vir outra vez está conectada com o retorno de Cristo ao céu com seus discípulos. Cristo está prometendo levar os discípulos à casa do Pai quando ele voltar outra vez.

O que ocorre no momento do evento aqui descrito deve ser cuidadosamente definido: Cristo retorna ao cenário terreno para levar seus discípulos da terra para o céu. Isto está em absoluto contraste com o que ocorre quando Cristo retorna para estabelecer seu reino sobre a terra. Nessa ocasião, ninguém vai da terra para o céu. Os santos, no reinado milenar, estão na terra com Cristo. A única interpretação que se encaixa na declaração de João 14 é a que se refere ao momento do arrebatamento da Igreja. Assim, de fato, os discípulos irão da terra para o céu, para o lugar preparado na casa do Pai.

A ideia de ir para a casa do Pai no céu era bastante estranha ao entendimento dos discípulos. Sua esperança era que Cristo estabelecesse seu reinado na terra, e que eles permaneceriam na esfera terrena para reinar com ele. A ideia de ir primeiro para o céu foi uma revelação nova que aparentemente não foi compreendida. Em Atos 1.6, eles ainda estavam perguntando sobre a restauração do reino de Israel. No pronunciamento de João 14, Cristo apresentou aos discípulos uma esperança totalmente diferente em relação ao que havia sido prometido a Israel como nação. É a esperança da Igreja em contraste à esperança da nação judaica. A esperança da Igreja é ser levada para o céu; a esperança de Israel é que Cristo retorne para reinar sobre a terra.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O texto ensina tão claramente que os discípulos irão da terra para o céu que os negam o arrebatamento pré-tribulacionista da Igreja são forçados a espiritualizar a passagem e fazer da expressão "voltarei" se referir à vinda de Cristo para cada cristão no momento em que morrem. Marcus Dods disse que "a promessa se cumpre na morte do cristão, e isso mudou o aspecto da morte".[46]

É certamente um desespero exegético inventar não somente uma espiritualização de "voltarei", mas também postular uma vinda pessoal de Cristo na morte de cada santo, um ensinamento que não se encontra explicitamente nas Escrituras. O próprio Dods admitiu que essa era uma doutrina estranha quando acrescentou que "a segunda vinda pessoal de Cristo não é um tema frequente neste Evangelho".[47] O ponto de vista peculiar de Gundry, que faz de "a casa de meu Pai" a comunidade de crentes, referindo-se à habitação de Cristo, será analisado junto aos argumentos pós-tribulacionista.[48]

O ponto é que a vinda de Cristo aos indivíduos no momento de sua morte não está relatada em nenhuma parte do Evangelho de João, e nem nas demais Escrituras. Mais uma vez, demonstra-se que a espiritualização das Escrituras caminha lado a lado com a negação do arrebatamento pré-tribulacionista. Certamente, a esperança estabelecida diante dos discípulos não pode ser reduzida à fórmula "Quando vocês morrerem, irão para o céu". Isso não seria uma novidade. Em vez disso, Cristo está prometendo que, quando ele vier, levará os discípulos para o céu, onde estarão para sempre com ele, sem referência à morte.

O objetivo final do retorno de Cristo consiste em que os discípulos estejam para sempre com ele, "para que vocês estejam onde eu estiver". É verdade que os santos que morrem são levados

---

[46] DODS. Marcus, *The Expositor's Greek Testament*, 1:822.

[47] Ibidem.

[48] GUNDRY. Robert. *The Church and the Tribulation*, p. 152-55.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

imediatamente ao céu, no que diz respeito à sua natureza imaterial. Contudo, nas Escrituras, a esperança de estar com Cristo está ligada ao arrebatamento da Igreja, como se o estado intermediário não fosse a completa realização do que significa estar com Cristo. Consequentemente, em 1Tessalonicenses, tanto vivos como mortos ressurretos "seremos arrebatados com eles nas nuvens, para o encontro com o Senhor nos ares. E assim estaremos com o Senhor para sempre" (1Ts 4.17). Contudo, é verdade que o estado intermediário é descrito como "estar com Cristo" (Fp 1.23) e "habitar com o Senhor" (2Co 5.8). Mesmo assim, a expressão plena de comunhão com Cristo e de estar com ele onde ele estiver é condicionada à ressurreição do corpo para os que morrem em Cristo e a transformação dos santos vivos.

SEM EVENTOS INTERVALARES

A esperança da volta de Cristo para levar os santos para o céu é apresentada em João 14 como uma esperança iminente. Não há nenhum ensino de qualquer evento que se dê neste intervalo. A expectativa de ser levado para o céu na vinda de Cristo não é qualificada pela descrição de quaisquer sinais ou eventos condicionais. Aqui, como em outras passagens que lidam com a vinda de Cristo para a Igreja, a esperança é exposta como um evento iminente. Sobre esse fundamento, os discípulos são exortados a não se perturbarem. Se o ensino de Cristo pretendia dizer que sua vinda se daria depois da grande tribulação, é difícil ver como essa mensagem poderia ter sido fonte consolo para os corações turbados. Contraste-a com a mensagem de Cristo para os que estiverem vivos na tribulação, de fugir de seus perseguidores (Mt 24.15-22).

Outras exortações em relação ao retorno de Cristo para sua Igreja perdem seu significado se a doutrina da iminência for destruída. Deve

CAMP001_04X12_ABRIL2021

ser óbvio que apenas uma espiritualização flagrante das passagens que predizem o curso dos eventos durante o período da tribulação pode salvar o pós-tribulacionismo da doutrina da iminência. Se há acontecimentos específicos de horrível sofrimento e perseguição no futuro, antes do retorno de Cristo para estabelecer seu reinado, em nenhum sentido essa vinda pode ser declarada iminente. Quando Calvino antecipou a vinda iminente de Cristo, fê-lo com a base de que a tribulação já estava relegada ao passado — uma dedução que dependia da espiritualização das passagens da tribulação. Hoje, a maioria dos pós-tribulacionistas se opõe à doutrina da iminência e consideram que a vinda de Cristo está próxima, mas não é iminente. Na maioria das vezes, a prova bíblica da iminência atual comprova o ponto de vista pré-tribulacionista.

UM FUNDAMENTO CONSOLADOR

Em adição à exortação "Não se perturbe o coração de vocês", a declaração "Consolem-se uns aos outros com essas palavras" (1Ts 4.18) acopla-se com a doutrina da vinda do Senhor de João 14. A doutrina da vinda do Senhor era um consolo ou encorajamento para os cristãos de Tessalônica. Não era um mero consolo de que seus entes queridos seriam ressuscitados dentre os mortos — uma doutrina da qual não tinham dúvidas e já lhes era familiar — mas a verdade mais ampla de que eles seriam ressuscitados no mesmo evento em que os cristãos seriam transformados. Isso lhes foi ensinado como uma esperança iminente. Em 1Tessalonicenses 1.10, eles são descritos como aqueles que devem "esperar dos céus seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos: Jesus, que nos livra da ira que há de vir". Sua esperança repousava na vinda de Cristo, e eles seriam livres de toda ira vindoura, incluindo a ira do futuro período

CAMP001_04X12_ABRIL2021

de tribulação. No final dos capítulos 2 e 3, há novas confirmações quanto à esperança do retorno de Cristo.

UMA BASE PARA EXORTAÇÃO

Boa parte da relevância dessa esperança perderia sua importância se, de fato, a vinda de Cristo não ocorresse até que os tessalonicenses passassem pela grande tribulação. Em 1Tessalonicenses 5.6, eles são exortados: "estejamos atentos e sejamos sóbrios", e essa seria uma ordem irreal se não tivessem expectativas quanto à vinda de Cristo. Em 1Coríntios 1.7, Paulo exortou os coríntios a esperarem "que o nosso Senhor Jesus Cristo seja revelado", que é outra menção à vinda do Senhor, quando ele for revelado à Igreja em sua glória. Em Tito 2.13, nossa esperança futura é descrita: "Enquanto aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo". Enquanto a aparição da glória de Cristo ao mundo e a Israel não terá cumprimento até a segunda vinda para estabelecer o reinado na terra, a Igreja verá a glória de Cristo quanto o encontrar nos ares. Esse ensino é claro em 1João 3.2: "Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, pois o veremos como ele é". Mais uma vez, dificilmente a exortação de "aguardar" a "gloriosa manifestação" de Cristo será realista se, de fato, esse evento estiver separado de nós pelas grandes provas e perseguições que, com grande probabilidade, causarão nossa destruição física.

A passagem de 1João 3.1-3 traz a seguinte exortação: "Todo aquele que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, assim como ele é puro" (v. 3). A esperança de ver Cristo como ele é e ser como ele é uma esperança purificadora. Mais uma vez, só há esperança real se sua vinda for iminente. O dono da casa se aplica em

CAMP001_04X12_ABRIL2021

esforços especiais quando os convidados podem chegar a qualquer momento, ao passo que isso seria inconcebível se a visita fosse adiada. O ensino da vinda do Senhor para a Igreja é sempre apresentado como um evento iminente que deve ocupar o pensamento e a vida do cristão em grande escala.

Em contraste, a exortação para os que tiverem vivos durante a tribulação é de primeiramente olharem para os sinais e, então, depois dos sinais, atentarem para o retorno de Cristo para estabelecer seu reino. De acordo com o discurso do monte das Oliveiras, descrevendo a tribulação, eles são exortados a procurar pelo sinal do sacrilégio terrível (Mt 24.15) e esperar o aparecimento de falsos cristos. Assim, a exortação para eles é de "vigiar", isso é, depois que todos os sinais aparecerem (Mt 24.42; 25.13). A vigilância pelo retorno do Senhor para estabelecer o reino está relacionada aos sinais precedentes, enquanto a exortação para Igreja está fora desse contexto, e a vinda do Senhor é considerada um evento iminente. O único conceito que faz jus à espera da Igreja é o iminente retorno de Cristo. Para todos os propósitos práticos, desprezar o retorno pré-tribulacionista de Cristo é um descaso e abandono da esperança de sua vinda iminente. Se as Escrituras apresentam a vinda do Senhor para sua Igreja como iminente, da mesma forma elas também declaram que esse evento ocorrerá antes da grande tribulação. Os argumentos pós-tribulacionistas contra a iminência serão considerados adiante.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 7

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO NA PRESENTE ERA

No discurso do cenáculo, nosso Senhor predisse, entre outros importantes eventos, a vinda do Espírito Santo. Embora o Espírito estivesse imanente no mundo e ativo na criação, na providência e na salvação, um novo modo operante foi profetizado. Essa verdade está registrada em João 14.16-17: "E eu pedirei ao Pai, e ele lhes dará outro Conselheiro para estar com vocês para sempre, o Espírito da verdade. O mundo não pode recebê-lo, porque não o vê nem o conhece. Mas vocês o conhecem, pois ele vive com vocês e estará em vocês" Na distinção feita na última frase, "ele vive com vocês e estará em vocês", prediz-se uma tremenda mudança que teria efeito no Pentecostes. Enquanto anteriormente o Espírito vivia "com

CAMP001_04X12_ABRIL2021

vocês", posteriormente ele estaria "em vocês". A presença habitável do Espírito Santo seria uma das mudanças excelentes efetuadas na nova dispensação do Pentecostes. Enquanto anteriormente o Espírito Santo estava com os santos, habitando-os somente em casos extraordinários, agora a habitação em todos os crentes marcava a extensão da graça nessa nova era. A presente era é a dispensação do Espírito.

O ESPÍRITO SANTO COMO LIMITADOR DO PECADO

Assim como Cristo esteve onipresente no Antigo Testamento, encarnado e presente no mundo nos Evangelhos, e retornou aos céus em Atos, o Espírito Santo, após exercer seu ministério sobre a terra na presente era, retornará ao céu. O principal texto concernente ao retorno do Espírito Santo ao céu é encontrado em 2Tessalonicenses 2.6-8, em conexão com a revelação da vinda do iníquo, descrito como "homem do pecado" e "filho da perdição". Essa característica é comumente identificada com o futuro anticristo ou governante mundial do período da tribulação. O texto bíblico que lida com esse assunto afirma que o homem do pecado não pode ser revelado até "seja afastado aquele que agora o detém". Mas quem o detém?

Estudiosos de todas as classes se aventuraram em identificar "aquele que o detém". Ellicott citou Schott que sugeriu ser o próprio Paulo.[49] Em outra sugestão, Ellicott se referiu a Wieseler, que o identificou com um grupo de crentes em Jerusalém.[50] Ainda mais

---

[49] ELLICOTT, Charles J. *A Critical and Grammatical Commentary on St. Paul's Epistles to the Thessalonians*, p. 122.

[50] Ibidem, p. 122-23.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

"plausível", segundo Ellicott, é que seja a "sucessão de imperadores Romanos", que ele atribuiu a Wordsworth.[51] Em sua sugestão final, a qual ele pensou ser a melhor, consistia em uma mera "personificação" do que foi "anteriormente expresso de forma mais abstrata em *to katechon*".[52]

Thiessen observou que a visão mais popular é a que identifica aquele que detém o pecado como sendo o império romano.[53] Thiessen disse: "Denney, Findlay, Alford, Moffat sustentam que o seja uma referência à lei e à ordem, especialmente personificadas no império romano".[54] Outra sugestão dada por Thiessen, mas descartada, é posição de George C. Needham, que identificou o inibidor com o próprio Satanás.[55]

Contudo, todas essas sugestões desmoronam diante de um cuidadoso exame do texto. Se os estudantes da profecia estão corretos quanto ao reaparecimento do antigo império romano na tribulação futura, deve estar claro que dificilmente se conceberia o afastamento do império romano como prelúdio para o estabelecimento de seu líder supremo como homem do pecado. Em vez do afastamento do império romano, da lei ou da ordem em geral, durante o período de tribulação, este é revelado como uma era de governo totalitário, no qual tudo em termos de sociedade, religião e economia é controlado. Se aquele que restringe o pecado é afastado, deve ser algo relacionado a uma remoção divina e à liberação do mal satânico. Certamente o próprio Satanás não pode restringir o mal, embora ele possa disfarçá-lo em sua manifestação. A grande tribulação tem essa característica em parte porque Satanás é lançado do céu

---

51 Ibidem, p. 123.

52 Ibidem.

53 THIESSEN. Henry C., "Will the Church Pass Through the Tribulation?" *Biblliotheca Sacra*, p. 92 (Julho-Setembro 1935):301.

54 Ibidem.

55 Ibidem.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

à terra e estará mais ativo do que nunca porque ele sabe que lhe resta pouco tempo (Ap 12.9). O poder e sucesso do anticristo, ou o homem do pecado, estão relacionados ao poder satânico (Ap 13.4). A ação do governo ou o poder satânico são incapazes de remover a restrição ao pecado.

A exegese das palavras-chave dessa passagem, embora inconclusivas, é facilmente harmonizada com o conceito de que o poder inibidor é o do próprio Espírito Santo. Uma das principais dificuldades que tem confundido os estudiosos é a mudança de gênero, do neutro no verso 6 ("*o que* o está detendo") para o masculino no verso 7 ("*aquele* que agora o detém"). Contudo, isso é facilmente explicado. Essa pode ser a diferença entre o poder de Deus em geral, como uma força que restringe, em contraste com a pessoa do inibidor. Outra possível explicação é que a mudança de gênero é um reconhecimento do fato de que *pneuma*, a palavra "espírito" em grego, é gramaticalmente neutra, mas, em alguns casos, é considerada como masculino em reconhecimento ao fato de que se refere à pessoa do Espírito Santo. Daí advém o fato de, em João 15.26 e 16.13-14, o masculino ser livremente usado em referência ao Espírito Santo. Em Efésios 1.13-14, os pronomes relativos são usados no masculino.

A decisão final em relação ao restringidor nos remete à questão mais abrangente de quem, afinal de contas, é capaz de restringir o pecado de tal forma que o homem do pecado não pode ser revelado até que a restrição seja afastada. A doutrina da providência divina, a prova escriturística de que o Espírito tem a característica de restringir o pecado e resistir-lhe (Gn 6.3), e o ensinamento das Escrituras de que o Espírito reside no mundo e habita a Igreja de forma especial na presente era apontam para o Espírito de Deus como a única resposta adequada à dificuldade de identificar o inibidor. A falha em identificá-lo como o Espírito Santo é outro indício da compreensão inadequada da doutrina do Espírito Santo, em geral,

CAMP001_04X12_ABRIL2021

e de sua obra em relação aos grandes movimentos da providência de Deus na história humana.

Como será demonstrado na discussão da visão pós-tribulacionista acerca dessa passagem, a maioria dos pós-tribulacionistas não consideram que o inibidor seja o Espírito Santo. Gundry, entretanto, é uma exceção à regra, e se empenha em manter sua posição pós-tribulacionista ao mesmo tempo que identifica "aquele que o detém" como sendo o Espírito Santo.[56]

A CRONOLOGIA PRÉ-TRIBULACIONISTA RESULTANTE

Se o Espírito é identificado como o restringidor, estabelece-se uma cronologia que inconfundivelmente coloca o arrebatamento da Igreja antes da tribulação. A passagem ensina a seguinte ordem dos eventos: (1) o restringidor está agora engajado em restringir o pecado; (2) ele será removido em algum momento no futuro; (3) o homem do pecado será revelado. Uma vez que o homem do pecado é identificado como o governante do mundo — "o governante que virá" de Daniel 9.26 — deve estar claro para os estudantes de profecias que o restringidor deve ser tirado antes do início dos últimos sete anos da profecia de Daniel.

O próprio fato de que a aliança, da qual fala Daniel, será feita com o líder do Império Romano restaurado é um sinal inconfundível. Uma aliança envolvendo o ajuntamento de Israel na terra da Palestina e a proteção contra seus inimigos não será uma aliança secreta. Sua própria natureza é uma questão pública e requer uma declaração pública. O crente nas Escrituras será capaz de identificar

---

[56] GUNDRY. Robert., *The Church and the Tribulation*, p. 122-28.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

o homem do pecado assim que a aliança for feita. A cronologia exige, portanto, a remoção do restringidor antes da manifestação do homem do pecado no ato de fazer uma aliança com Israel.

Deve também ser notório que, se o Espírito de Deus habita na Igreja bem como individualmente nos santos nessa era, a remoção do Espírito envolveria uma mudança na dispensação e também na remoção a Igreja. Embora o Espírito Santo atue na grande tribulação, ele seguirá o padrão do período anterior ao Pentecostes em vez do padrão da presente era da graça. O Espírito Santo retornará ao céu depois de completar sua obra terrena, assim como o Senhor Jesus Cristo voltou ao céu após completar sua missão terrena. Em ambos os casos, a obra da segunda e da terceira pessoa da Trindade continua, mas em um contexto diferente e de maneira distinta.

Portanto, se "aquele que o detém" de 2Tessalonicenses 2 for identificado com o Espírito Santo, temos outra evidência indicando o arrebatamento da Igreja antes do período final de tribulação na terra. Apesar desse fato não ter apoio de outras referências bíblicas para se tornar conclusivo, ainda assim o ensino de que a Igreja será arrebatada antes da grande tribulação pode ser confirmado. As objeções pós-tribulacionistas a essa conclusão serão consideradas a seguir, junto aos argumentos pós-tribulacionistas.

CAPÍTULO 8

A NECESSIDADE DE EVENTOS INTERVALARES

Um estudo cuidadoso das Escrituras demonstrará que é absolutamente necessário um intervalo entre o arrebatamento da Igreja e a vinda de Cristo para estabelecer o reinado milenar porque certos eventos devem ocorrer nesse espaço de tempo. Comumente, o argumento depende de quatro linhas de evidências: (1) eventos intervalares no céu; (2) eventos intervalares na terra; (3) a natureza do julgamento de Israel; (4) a natureza do julgamento dos gentios.

EVENTOS INTERVALARES NO CÉU

Segundo 2Coríntios 5.10, todos os cristãos deverão comparecer diante do tribunal de Cristo para serem julgados conforme suas

CAMP001_04X12_ABRIL2021

obras: "Pois todos nós devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba de acordo com as obras praticadas por mio do corpo, quer sejam boas quer sejam más". Esse julgamento não é um julgamento geral — refere-se àqueles descritos como "todos nós", cujo contexto parece limitar aos crentes em Cristo na presente era.[57] O objetivo desse julgamento é conceder o galardão. Ao comparar esse texto com a passagem de 1Coríntios 3.14-15, fica claro que a questão não é punir os pecados, mas recompensar as boas obras: "Se o que alguém construiu permanecer, esse receberá recompensa. Se o que alguém construiu se queimar, esse sofrerá prejuízo; contudo será salvo como alguém que escapa através do fogo". A distinção entre obras boas e más em 2Coríntios 5 tem o propósito de determinar o galardão.

O caráter desse julgamento parece diferenciá-lo dos julgamentos que ocorrerão no segundo advento. As recompensas esperadas nesse julgamento são descritas como iminentes em diversas passagens. 1Pedro 5.4 diz: "Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória". Ainda, em Apocalipse 22.12 Cristo declara: "Eis que venho em breve! A minha recompensa está comigo, e eu retribuirei a cada um de acordo com o que fez".

Embora o momento do julgamento não está explicito nessas passagens, certas provas parecem exigir que que esse julgamento seja um precedente e um pré-requisito para o segundo advento. Se os 24 anciãos de Apocalipse 4.4 forem interpretados como uma referência à Igreja — um ponto controverso — esse fato poderia confirmar que o julgamento da Igreja já ocorreu, pois eles já estão coroados.[58] Outra prova é encontrada em Apocalipse 19.6-8, em

---

[57] Cf. CHAFER L. S., *Systematic Theology*, 4:404-6; E. Schuyler English, *Re-Thinking the Rapture*, p. 81-84.

[58] Apocalipse 5.9-10, de acordo com a versão King James, os vinte e quatro anciãos são descritos como redimidos pelo sangue de Cristo e feitos reis e sacerdotes. Isso os identificaria inequivocamente como santos e, com toda probabilidade, com a igreja

CAMP001_04X12_ABRIL2021

que se declara que a "noiva" do Cordeiro está vestida de "linho fino, brilhante e puro", com a explicação: "O linho fino são os atos justos dos santos" (Ap 19.8). A conclusão evidente é que aqueles, no céu, que compõe a "noiva" já foram arrebatados ou ressuscitados, e que seus atos de justiça foram determinados e recompensados. O anúncio do banquete do casamento indica que o casamento já aconteceu. Se a Igreja tiver de ser julgada, recompensada e unida a Cristo no símbolo do casamento antes do segundo advento, um intervalo de tempo é exigido.

George Ladd objetou ao argumento de que é necessário um intervalo de aproximadamente sete anos para que esses eventos ocorram, alegando ser um período muito curto. Ele declarou:

> Em segundo lugar, se deve haver um intervalo para esse julgamento ocorra, apenas sete anos seriam suficientes? Estima-se que há 200 milhões de cristãos vivos. Em sete anos há somente duzentos milhões de *segundos*. Quantas frações de segundos são necessárias para julgar cada crente? Se é necessário um intervalo, então será preciso muito mais que sete anos.[59]

---

em particular. No texto adotado para a maioria das traduções e versões modernas da Bíblia, o "nós" do versículo 9 é removido, e o "nós" do versículo 10 é transformado em "eles". Isso tornaria possível identificar os anciãos como anjos em vez de homens. Os estudiosos estão divididos sobre o assunto. Kelly declarou que os anciãos são a igreja. "Eles são claramente santos e estão em casa na glória", uma conclusão que ele declarou "poucos negarão" (*Lectures on the Book of Revelatton*, p. 98). James Moffatt no Testamento grego do Expositor (5:378) identificou os anciãos como anjos, e apelou à mitologia por apoio. A interpretação, em última análise, repousa na exegese, pois o texto revisado deixa a questão em aberto. Muitas considerações apontariam para a identificação com a igreja. Para uma discussão mais aprofundada, cf. E. Schuyler English, Re-Thinking the Rapture, p. 92-98.

[59] LADD. George, *The Blessed Hope*, p. 103.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Esse argumento beira o ridículo: Deus não está sujeito às mesmas limitações que os homens. A solução de Ladd é: "Possivelmente, o primeiro período do reino milenar será dedicado"[60] a esse julgamento. A questão lógica é: se sete anos é pouco tempo, cem anos seriam tempo suficiente para julgar cada um dos 200 milhões de crente estimados por Ladd — uma média de 14 segundos por pessoa? O problema se complica ainda mais, pois o cálculo de Ladd considera apenas os cristãos vivos e não inclui os ressuscitados dentre os mortos. Se sete anos é pouco tempo, então todo o milênio também o é. A refutação básica ao argumento de Ladd é que Deus não é limitado. Enquanto o julgamento da Igreja seja propriamente distinto dos julgamentos do milênio, podemos inferir de tais julgamentos, como o das ovelhas e dos bodes (Mt 25.31-46), que Deus não terá nenhuma dificuldade em julgar milhões de uma vez só. Indubitavelmente, somente uma fração dos sete anos entre o arrebatamento e o retorno do Senhor a terra será ocupada com julgamentos. O ponto é que esse julgamento, importante como tal, precede o retorno à terra, e dificilmente poderia ser realizado durante o processo da segunda vinda.

EVENTOS INTERVALARES NA TERRA

Se a interpretação pré-milenista da Escritura for aceita, fica evidente que o período da tribulação é um tempo de preparação para o milênio. Certos problemas surgem imediatamente se a Igreja não for arrebatada até o fim da tribulação. Nada é mais evidente na passagem que trata do arrebatamento da Igreja do que o fato de

[60] Ibidem.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

que *todos* os crentes naquela ocasião serão transformados, isto é, seu corpo perecível será transformado em corpo imortal e removido da terra. O próprio ato da trasladação constitui-se em uma separação total entre crentes e incrédulos. Em um momento, ocorrerá a maior separação que se possa imaginar.

Se o arrebatamento ocorrer *após* a tribulação, a questão que se coloca diante dos pós-tribulacionistas é muito óbvia é: Quem irá povoar a terra durante o milênio? As Escrituras são enfáticas ao afirmar que, durante o milênio, os santos edificarão casas, terão filhos e levarão uma vida normal e mortal sobre a terra. Se todos os crentes forem arrebatados, e se todos os incrédulos morrerem no início o milênio, não restará ninguém para povoar a terra e cumprir as profecias. Embora o pós-tribulacionismo possa satisfazer o amilenista, que nega um milênio futuro e literal, torna-se um difícil problema para o pré-milenista.

As Escrituras enfaticamente declaram que a vida sobre a terra no milênio está relacionada às pessoas não ressuscitadas e não arrebatadas, pessoas que permanecem em seus corpos mortais. Isaias 65.20-25 diz que haverá alegria em Jerusalém. A pessoa que morrer aos 100 anos naquela era será considerada como uma criança. Em relação aos habitantes é dito:

> Construirão casas e nelas habitarão; plantarão vinhas e comerão do seu fruto. Já não construirão casas para outros ocuparem, nem plantarão para outros comerem. Pois o meu povo terá vida longa como as arvores; os meus escolhidos esbanjarão o fruto do seu trabalho. Não labutarão inutilmente, nem gerarão filhos para infelicidade, pois serão um povo abençoado pelo SENHOR, eles e seus descendentes (Is 65.21-23).

A passagem se encerra com a descrição das condições milenar: "'Ninguém fará nem mal nem destruição em todo meu santo monte',

CAMP001_04X12_ABRIL2021

diz o SENHOR" (Is 65.25). Obviamente, somente pessoas em corpos mortais constroem casas, plantarão, trabalham e geram filhos. O capítulo final de Isaías segue o mesmo tema. Haverá julgamento aos perversos, mas paz a Jerusalém, como um rio. A descrição não é a de um povo arrebatado ou ressurreto, mas de um povo purificado e achado digno, embora na carne, de entrar no milênio terreno.

A melhor resposta para o problema de quem habitará a terra durante o milênio é muito óbvia. Se a Igreja for arrebatada antes da tribulação, haverá tempo suficiente para uma nova geração de crentes surgir dentro dos povos judeu e gentio e se qualificarem para entrar no reinado milenar por ocasião da segunda vinda de Cristo. O problema de povoar o milênio é, dessa forma, resolvido rapidamente, e muitas passagens bíblicas recebem de forma uma interpretação natural e literal. É significativo que Alexander Reese, em seu ataque bastante razoável à posição pré-tribulacionista,[61] tenha achado conveniente ignorar totalmente essa grande objeção ao pós-tribulacionismo. Isso também se aplica a Fromow[62] e Ladd.[63] Gundry tentou resolver esse problema postulando uma segunda chance para os não salvos no momento do arrebatamento. Isso será discutido na sequência, junto aos argumentos pós-tribulacionistas. A posição pós-tribulacionista conduz logicamente ao abandono do pré-milenismo ou exige a espiritualização do milênio, o que se confunde com a interpretação amilenista. O pré-milenismo exige um intervalo entre o arrebatamento e a segunda vinda para tornar possível uma geração de crentes que entrará no milênio.

---

61 REESE, Alexander. *The Approaching Advent of Christ.*

62 FROMOW. George H., *Triumph Through Tribulation.*

63 LADD, *Hope.*

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O JULGAMENTO DE ISRAEL

Essa conclusão é confirmada pelo estudo dos dois maiores julgamentos que ocorrerão ao lado do estabelecimento do Reino e dizem respeito a toda a raça humana: o julgamento de Israel (Ez 20.34-38) e o julgamento dos gentios (Mt 25.31-46). Esses julgamentos lidam com os judeus e gentios que estiverem vivos na terra no momento do segundo advento.

Segundo Ezequiel 20.34-38, no tempo do segundo advento haverá um ajuntamento da nação de Israel. Obviamente isso toma um tempo considerável — muitas semanas, senão meses — mas isso se cumprirá exatamente como foi predito pelos profetas. Isaias profetizou que todos os meios de transporte serão utilizados: "'De todas as nações trarão seus irmãos ao meu santo monte, em Jerusalém, como oferta ao SENHOR. Virão a cavalo, em carros e carroças, montados em mulas e camelos', diz o SENHOR" (Is 66.20). Esse ajuntamento só estará completo quando chegar a última pessoa — algo que não se cumpriu nos ajuntamentos anteriores — conforme está escrito em Ezequiel 39.25-29, que diz explicitamente: "Eu os reunirei em sua própria terra, sem deixar um único deles para trás", ou seja, entre as nações (v. 28).

Concluindo-se esse ajuntamento, um julgamento de Israel é descrito em Ezequiel 20.34-38. Deus declara: "Contarei vocês enquanto estiverem passando debaixo da minha vara, e os trarei para o vínculo da aliança. 38 Eu os separarei daqueles que se revoltam e se rebelam contra mim. Embora eu os tire da terra onde habitam, eles não entrarão na terra de Israel" (Ez 20.37-38).

À luz desses detalhes, deve estar claro para qualquer observador imparcial que o julgamento lida com Israel ainda na carne, não arrebatado ou ressurreto. Além disso, o processo levará tempo, uma vez que se trata de um ajuntamento geográfico. É um evento relacionado ao estabelecimento do reino milenar, mas subsequente,

CAMP001_04X12_ABRIL2021

em algumas semanas ou alguns meses, ao segundo advento. Trata-se apenas do Israel étnico e inclui crentes e incrédulos. O julgamento consiste em condenar à morte todos os rebeldes ou incrédulos, deixando apenas os crentes para entrar na terra prometida.

Todos esses detalhes fazem distinção entre o julgamento e o arrebatamento da Igreja na medida em que os dois eventos podem ser distinguidos. O arrebatamento ocorrerá em um piscar de olhos. Ele diz respeito apenas aos crentes, e deixa os incrédulos exatamente como estavam antes. O arrebatamento da Igreja não tem nenhuma relação com as promessas da terra de Israel. O julgamento descrito por Ezequiel contém promessas de posse da terra prometida como objetivo primário, determinando os que são qualificados para entrar. O arrebatamento da Igreja resulta na chegada ao céu. Os crentes de Ezequiel 20 entram na terra, não no céu, em corpos mortais, não imortais. O arrebatamento diz respeito a crentes judeus e gentios. O julgamento diz respeito apenas a Israel.

Deve ser mais que evidente que se o arrebatamento da Igreja ocorre simultaneamente com o segundo advento para estabelecer o reino, o julgamento narrado por Ezequiel seria tanto impossível como desnecessário, pois a separação dos crentes dentre os incrédulos já teria ocorrido. Portanto, pode-se concluir, da natureza do julgamento de Israel, que é necessário um intervalo entre o arrebatamento da Igreja e o julgamento de Israel, durante o qual uma nova geração de israelitas crerá em Cristo como Salvador e Messias e aguardarão sua segunda vinda à terra para estabelecer o reino milenar.

O JULGAMENTO DOS GENTIOS

Uma conclusão similar é obtida com o estudo do julgamento dos gentios descrito em Mateus 25.31-36. Ao colocar a o texto de Ezequiel

CAMP001_04X12_ABRIL2021

e Mateus lado a lado, na segunda vinda de Cristo tem-se em vista toda população da terra. Se Ezequiel lida com todos os israelitas, os demais, descritos como as "nações" ou os gentios, estão presentes no julgamento em Mateus. No texto de Mateus, como em Ezequiel 20, não há nenhuma menção à ressurreição ou ao arrebatamento, embora pós-tribulacionistas que desejam combinar as passagens encontrem isso no texto.

A separação de Mateus 25 é similar à de Ezequiel 20. Os incrédulos, descritos como "bodes", são lançados no fogo eterno por meio da morte física, enquanto as "ovelhas" entram no reino preparado para elas, o reino milenar. Enquanto o julgamento em Mateus 25, bem como em Ezequiel 20, está baseado em obras externas, é verdade que aqui, bem como em outras passagens, as obras são consideradas como prova de salvação. As boas obras das "ovelhas" em favorecer os "irmãos" (o povo judeu) é um ato de bondade que ninguém, senão um crente em Jesus, poderia realizar durante a tribulação, quando cristãos e judeus serão odiados por todo o mundo. Ironside deu a seguinte interpretação à passagem:

> Mas esse julgamento, como o outro, é segundo as obras. As *ovelhas* são aqueles cuja vida divina é manifesta por meio do cuidado amoroso para com os que pertencem a Cristo. Os *bodes* são privados disso, e fala-se de pessoas não arrependidas, que não responderam aos mensageiros de Cristo.[64]

O resultado do julgamento dos gentios é a expulsão de todos os incrédulos. Os crentes que tiverem restado terão o privilégio de entrar no reino.

---

[64] IRONSIDE. H. A., *Expository Notes on the Gospel of Matthew,* p. 337-38.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O julgamento dos gentios será individual, embora alguns pré-milenistas vejam nele a descrição de um julgamento nacional. Esse conceito errôneo surgiu da tradução da palavra grega *ethne* pelo vocábulo "nações". ela é, claro, a mesma palavra que seria usada para os gentios individualmente. Visto que a natureza do julgamento é individual, então o uso de "nação" em um sentido político é um engano. Nenhum grupo nacional pode ser qualificado como nação de "ovelhas" ou de "bodes", e nenhuma nação herdará o reino ou o fogo eterno por suas obras. O julgamento eterno deve necessariamente ser aplicado ao indivíduo.

Ao analisar o julgamento dos gentios fica comprovado que se trata de um evento totalmente diferente do arrebatamento da Igreja. Isso é demonstrado, em primeiro lugar, pelo momento do julgamento. Ele ocorrerá *depois* da segunda vinda e *depois* que um trono for estabelecido na terra. O arrebatamento da igreja, segundo os pré-tribulacionistas, ocorrerá *antes* do retorno de Cristo à terra. O julgamento dos gentios resulta na exclusão dos incrédulos dentre os crentes, e estes saem ilesos. Esse julgamento também distingue, em termos de raça, os indivíduos envolvidos. Os "irmãos" referem-se a Israel; as "nações", aos não israelitas. Diferentemente, no arrebatamento da Igreja não há nenhuma distinção racial. O julgamento dos gentios lida primeiramente com os incrédulos que serão lançados no fogo eterno. No julgamento dos gentios, os crentes serão recompensados com o direito de entrar no reino milenar. Os crentes da presente era entram no reino espiritual quando nascem de novo, e jamais entrarão em juízo para que entrem no milênio. Os crentes no julgamento dos gentios entrarão no reino milenar assim que forem julgados, logo após o segundo advento.

Gundry defende a posição de que o julgamento das nações será no final do milênio. A razão para essa visão peculiar é a tentativa de remover o problema da mistura de bodes e ovelhas no início do milênio, o que seria impossível se o arrebatamento da Igreja tivesse acontecido imediatamente antes. A grande dificuldade de harmonizar

CAMP001_04X12_ABRIL2021

a visão de Gundry com o texto de Mateus 25 será apresentada mais adiante na análise dos argumentos pós-tribulacionistas.[65]

No julgamento dos gentios e no julgamento de Israel, todos os detalhes apontam para o fato de que a separação dos salvos dentre os não salvos é composta por uma série de julgamentos que ocorrerão cronologicamente após o segundo advento. Esses julgamentos lidam somente com os que estiverem vivos na terra no momento da segunda vinda. Nenhum dos envolvidos será arrebatado ou ressuscitado. Sua recompensa é a entrada no reino milenar. Em todos os pontos de comparação, os detalhes apontam inequivocamente para o arrebatamento como um evento anterior e totalmente diferente em seu caráter, e que é preciso haver um intervalo de anos entre ele e os julgamentos dos gentios e de Israel. Portanto, podemos concluir que o intervalo entre o arrebatamento e a segunda vinda é absolutamente necessário para a criação de uma nova geração de crentes em Cristo, composta por judeus e gentios que manterão sua identidade nacional e aguardarão a segunda vinda de Cristo e posteriormente o reino milenar.

---

[65] Cf. GUNDRY, Robert. *The Church and the Tribulahon,* p. 163-71.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 9

CONTRASTES ENTRE O ARREBATAMENTO E A SEGUNDA VINDA

A discussão anterior ofereceu alguns contrastes entre o a arrebatamento da Igreja e a segunda vinda de Cristo para estabelecer seu reino milenar. Esses contrastes tornam impossível qualquer harmonia entre os dois eventos. Aqueles que se esforçam para fazê-lo são obrigados a espiritualizar detalhes conflitantes e a ignorar diferenças acentuadas de caráter geral.

Os contrates ficam evidentes ao se comparar os detalhes do arrebatamento — designado por "A" — e os detalhes da segunda vinda — designado por "B":

CAMP001_04X12_ABRIL2021

A No momento do arrebatamento, os santos se encontrarão com o Senhor nos ares.

B No momento da segunda vinda, Cristo retornará ao monte das Oliveiras, o qual, na ocasião, sofrerá uma grande transformação, com um vale tendo sido formado ao leste de Jerusalém, onde o monte das Oliveiras estava localizado (Zc 14.4-5).

A Na vinda se Cristo para a Igreja, os crentes vivos serão arrebatados.

B Na vinda de Cristo para estabelecer seu reino, não haverá nenhum arrebatamento.

A No arrebatamento da Igreja, Cristo retorna ao céu com os crentes.

B Na segunda vinda, Cristo permanece na terra e reina como Rei.

A No momento do arrebatamento, a terra não será julgada, e o pecado continuará.

B No momento da segunda vinda, o pecado será julgado e a terra se encherá de justiça.

A O arrebatamento precede o dia da ira, do qual a Igreja tem promessa de livramento.

B A segunda vinda será após a grande tribulação e o derramar do juízo, que atinge seu ápice e culmina no estabelecimento do reinado milenar.

A O arrebatamento é descrito como um evento iminente.

B A segunda vinda se seguirá a sinais definidos em profecias.

A O arrebatamento da Igreja é revelado somente no Novo Testamento.

B A segunda vinda de Cristo é assunto de ambos os Testamentos.

A O arrebatamento diz respeito somente aos salvos dessa era.

B A segunda vinda Cristo lida com salvos e não salvos.

A No arrebatamento, somente aqueles que estão em Cristo serão afetados.

B Na segunda vinda, não apenas os homens serão afetados, mas Satanás e suas hostes serão derrotadas e Satanás será aprisionado.

Mesmo que algumas similaridades nesses dois eventos sejam evidentes, isso não prova que sejam o mesmo evento. Há também similaridades entre a primeira e segunda vinda de Cristo, mas esses eventos estão separados por, pelo menos, dois mil anos. Essas similaridades confundiram os profetas do Antigo Testamento, mas são facilmente compreendidas por nós hoje. Indubitavelmente, depois que a Igreja for arrebatada, os crentes da grande tribulação serão capazes de ver com similar clareza a distinção entre a vinda de Cristo para arrebatar a Igreja e sua vinda para estabelecer o reino.

Embora o pré-tribulacionismo encontre oposição por parte de várias escolas de pensamento, incluindo a meso-tribulacionista e a interpretação do arrebatamento parcial, a maior parte dos oponentes é classificada como pós-tribulacionista. Como o pós-tribulacionismo

CAMP001_04X12_ABRIL2021

não consiste em uma única escola de pensamento, mas contém, pelo menos, quatro linhas principais, cada uma contraditória às demais, uma análise detalhada dos argumentos pós-tribulacionistas em contraste com pré-tribulacionismo parece apropriada a essa altura. Um estudo bíblico e histórico do pós-tribulacionismo, feito por este autor, já foi publicado separadamente sob o título *The Blessed Hope and the Tribulation* [A bendita esperança e a grande tribulação]. A abordagem no presente texto, embora utilize algo do outro material, se dá necessariamente a partir de uma perspectiva diferente. Com o devido reconhecimento da diversidade de visões pós-tribulacionistas, deve ser considerar um resumo dos seus argumentos. Dessa forma, realizaremos um estudo dos textos bíblicos pertinentes, contrastando a interpretação pré-tribulacionista com a pós-tribulacionista. A questão, no fim das contas é: O que as Escrituras ensinam? Embora o assunto seja complexo e envolva muitos detalhes, as questões importantes surgirão do estudo das Escrituras. Como pré-tribulacionismo e pós-tribulacionismo não podem estar certos ao mesmo tempo, o estudante das Escrituras deve decidir com base no peso das provas que apoia cada posição. Entretanto, antes de nos voltarmos ao pós-tribulacionismo, as posições divergentes quanto ao arrebatamento parcial e o meso-tribulacionismo serão consideradas.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 10

A TEORIA DO ARREBATAMENTO PARCIAL

DEFINIÇÃO DA TEORIA

Geralmente é afirmado entre os pré-tribulacionistas que toda a Igreja, composta por todos os crentes da presente era, será arrebatada e ressuscitada na vinda Cristo, antes da grande tribulação. Entretanto, no último século tem surgido um pequeno grupo de pré-tribulacionistas afirmando que somente os fiéis na Igreja serão arrebatados ou trasladados, e os demais serão arrebatados em algum momento durante a tribulação ou no final dela. Conforme declarou um de seus defensores: "Os santos serão arrebatados em grupos durante a tribulação, na medida em que estiverem preparados para

CAMP001_04X12_ABRIL2021

irem".[66] Ele disse ainda: "O fundamento do arrebatamento deve ser graça ou retribuição [...]. Cremos que as frequentes exortações nas Escrituras para vigiar, ser fiel, estar pronto para vinda de Cristo, viver cheio do Espírito sugerem que o arrebatamento é uma recompensa".[67] A teoria inclui ainda o conceito de que somente os santos fiéis serão ressuscitados na primeira ressurreição.

CONTEXTO HISTÓRICO

A moderna teoria do arrebatamento parcial parece ter se originado nos escritos de Robert Govett, que publicou um livro lançando a teoria em 1853.[68] Nessa obra, ele defendeu sua visão de que a participação no reino é condicional e depende de boa conduta. O principal expoente dessa teoria no século XX foi G. H. Lang.[69] Outros têm feito contribuições significativas para propagá-la. D. M. Panton, como editor do *The Dawn* (Londres), fez uso de suas publicações para promover esse ensino. Escritores como Ira E. David, Sarah Foulkes Moore, Willian Leask e C. G. A. Gibson-Smith contribuíram com o *The Dawn* por meio de artigos em apoio à teoria. Contudo, no geral, essa visão está limitada a alguns defensores que geralmente são tratados como heterodoxos por outros pré-tribulacionistas.

---

[66] DAVID. Ira E., "Translation: When Does It Occur?" *The Dawn*, p. 358.

[67] Ibidem, p. 258-59.

[68] Cf. GOVETT, Robert, *Entrance into the Kingdom.*

[69] Cf. LANG, G. H, *The Revelation of Jesus Christ; Firstborn Sons: Their Rights and Risks.*

CAMP001_04X12_ABRIL2021

PRINCÍPIOS GERAIS PARA REJEITAR O ARREBATAMENTO PARCIAL

Os cristãos evangélicos normalmente sustentam que a salvação se dá pela graça ao invés de ser uma recompensa por boas obras. O crente em Cristo é justificado pela fé e recebe os muitos venefícios da salvação totalmente à parte de méritos ou dignidade própria. Isso normalmente é carregado para a doutrina do arrebatamento e da ressurreição. A maior parte dos pré-tribulacionistas, bem como dos pós-tribulacionistas, considera o arrebatamento e a ressurreição dos santos a partir dessa base. Por contraste, o ensino do arrebatamento parcial transfere tanto o arrebatamento como a ressurreição da obra da graça para a obra de recompensa por fidelidade. Ao contender dessa forma, eles forçam os principais textos e fazem má aplicação de outros. A oposição à visão do arrebatamento parcial surge não somente de determinados textos, mas da própria doutrina da salvação, mais ampla. Portanto é mais do que uma discussão sobre profecia. Trata-se de uma discussão profundamente enraizada nas perspectivas teológicas de cada partido.

A oposição à visão do arrebatamento parcial também está relacionada à eclesiologia, ou doutrina da Igreja. Muitos evangélicos fazem distinção entre a Igreja verdadeira da meramente nominal. Entende-se que a conformidade e a membresia organizacional externas não são garantias de bênção no plano profético. Pré-tribulacionistas, bem como os pós-tribulacionistas, distinguem a forma com que Deus trata os genuinamente salvos e a forma com que lida com os que apenas se dizem ser salvos. Entretanto, os defensores do arrebatamento parcial divergem desse ponto de vista comumente aceito, pois creem que há duas classes de pessoas genuinamente salvas: os que são dignos de serem arrebatados e os que não são dignos. Portanto, dividem o corpo de Cristo em dois grupos sob

CAMP001_04X12_ABRIL2021

o princípio das obras. Em contraste, as Escrituras ensinam que o corpo de Cristo é composto por todos os crentes verdadeiros, que se trata de uma unidade e que recebeu promessas no caráter de unidade. Se a Igreja é formada pela graça, é inconcebível que seja dividida por obras.

As passagens escriturísticas que lidam com o arrebatamento e a ressurreição da Igreja não ensinam um arrebatamento parcial. Aqueles para os quais Cristo voltará, segundo João 14.3, são identificados como crentes em João 14.1. Os que serão ressuscitados e transformados ao soar da última trombeta, em 1Coríntios 15.52, são descritos como "todos nós" em 1Coríntios 15.51. De acordo com 1Tessalonicenses 4.13-18, aqueles que ressuscitarão são descritos como "mortos em Cristo" (v. 16), e o "nós" que serão arrebatados são identificados com os que creem que "Jesus morreu e ressurgiu" (v. 14). O ensino explícito das Escrituras aponta para a conclusão de que o arrebatamento incluiu todos os crentes vivos, e a ressurreição inclui todos os "mortos em Cristo". Outras passagens confirmam que o arrebatamento não depende de vigilância (1Ts 1.9-10; 2.19; 5.4-11; Ap 22.12). Contudo, os defensores do arrebatamento parcial mantêm seu ponto vista usando vários textos bíblicos que são interpretados de uma maneira que sustente sua doutrina. Esses textos devem ser examinados antes que se explicite o caráter de seu ensino.

BASES BÍBLICAS PARA A TEORIA DO ARREBATAMENTO PARCIAL

A maioria dos textos usados como defesa para a teoria do arrebatamento parcial encontra-se em exortações para vigiar ou atentar à vinda do Senhor, junto com ensinamentos que dizem que aqueles que não vigiarem não estarão prontos quando o Senhor voltar.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

As passagens mais comumente usadas incluem Mateus 14.40-51; 25.13; Marcos 13.33-37; Lucas 20.34-36; 21.36; Filipenses 3.10-12; 1Tessalonicenses 5.6; 2Timóteo 4.8; Tito 2.13; Hebreus 9.24-28; Apocalipse 3.3; 12.1-6. Em citar essas passagens pouca distinção é observada entre referências a Israel e referências à Igreja, e passagens referente à segunda vinda de Cristo para estabelecer o reinado milenar são livremente aplicadas ao arrebatamento. De fato, alguns pontos mantidos pelos adeptos do arrebatamento parcial são mantidos pelos pós-tribulacionistas. Um estudo dessas passagens conforme interpretadas pelos defensores do arrebatamento parcial demonstrará que tal interpretação é confusa.

Mateus 24.40-51; Marcos 13.33-37

A passagem de Mateus é essencialmente uma exortação a vigiar. O tema é afirmado: "Portanto, vigiem, porque vocês não sabem em que dia virá o seu Senhor" (v. 42). Mais um alerta é dado: "Assim, vocês também precisam estar preparados, porque o Filho do homem virá numa hora em que vocês menos esperam" (v. 44). Aquele que não vigiar será "punido" e colocado "com os hipócritas" (v. 51). Essa passagem é corretamente interpretada como referência à segunda vinda, ao invés do arrebatamento da Igreja, embora os estudiosos divirjam sobre isso. O povo em vista aqui é a nação israelita. Dentre estes, alguns estarão vigiando e serão fiéis, cuidando da casa de Deus. Eles são contrastados com os que espancam os conservos e passam a "comer e a beber com os beberrões" (v. 49). É óbvio que está em vista algo além de negligência. A fidelidade daqueles que vigiam é a prova da verdadeira fé em Cristo, enquanto a infidelidade dos bêbados indica que estes falharam em crer na salvação da alma. Embora as obras estejam em vista, elas são um indicativo da presença ou da ausência da fé vital. Em todos os casos, não se diz absolutamente nada sobre o arrebatamento ou transformação dos

CAMP001_04X12_ABRIL2021

fiéis nessa passagem. É duvidoso que haja uma referência específica ao arrebatamento ou à transformação em todo o contexto de Mateus 24 e 25.

Os defensores do arrebatamento parcial comumente se apegam a Mateus 24.41 para defender sua posição: "Duas mulheres estarão trabalhando num moinho: uma será levada e a outra deixada". Argumenta-se que o que será tomado é aquele que será arrebatado. Robert Govett afirma que o termo grego traduzido por "levada" (*paralambano*) significa "levado como companhia" — "geralmente como resultado de uma amizade".[70] Nisso ele encontrou um contraste ao termo grego "levou" (*eren*), que descreve o julgamento sobre os incrédulos nos dias de Noé (Mt 24.39). Govett afirma que *paralambano* é usado em João 14.3 em referência ao arrebatamento: "Os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver". Quem for deixado, segundo Govett, passará pela grande tribulação.

Contudo, um estudo cuidadoso dos termos não sustenta essa exegese. O contexto é judaico, e de maneira alguma se refere à Igreja. O assunto diz respeito ao fim da era, ou seja, todo o período entre as vindas de Cristo, não ao período da Igreja. O evento final é a segunda vinda, não o arrebatamento da Igreja. O termo grego *paralambano* não se refere especificamente a uma relação de amizade. É usado também em João 19.16-17: "Então os soldados encarregaram-se de Jesus. Levando a sua própria cruz, ele saiu para o lugar chamado Caveira". O ato de tomar Jesus certamente não foi uma relação amigável, mas de ira. O ato de levar em Mateus 24.41 é mais bem interpretado no mesmo sentido do verso 39. Em ambas as passagens, aquele que é tirado é levado em julgamento. Isso é exatamente o que ocorrerá na segunda vinda de Cristo, quando os que forem deixados entrarão nas bênçãos do milênio, e

---

[70] GOVETT, Robert, "One Taken and One Left", *The Dawn*, p. 12, nº 11:516. O artigo lista o autor unicamente com as iniciais "R. G.".

CAMP001_04X12_ABRIL2021

os que forem tirados sofrerão o juízo. Dessa forma, a evidência para o arrebatamento parcial nessa passagem se dissolve completamente mediante o exame das provas. A passagem paralela de Marcos 13.33-37 contém menos provas do que o relato de Mateus, e se responde da mesma maneira.

Lucas 21.36

Essa passagem é citada por Lang como uma das provas conclusivas para a teoria do arrebatamento parcial.[71] A exortação apresenta outra ordem para vigiar: "Estejam sempre atentos e orem para que vocês possam escapar de tudo o que está para acontecer, e estar em pé diante do Filho do homem". Um apelo é feito particularmente na versão Almeida Revista e Corrigida, que usa a expressão: "para que sejais havidos por dignos de evitar todas essas coisas que hão de acontecer". Lang resumiu seu argumento nessas palavras:

> Isso diz claramente que: (1) É possível escapar de todas essas coisas que Cristo havia proferido, isto é, de todos os eventos dos fins dos tempos; (2) O dia de teste será universal e inevitável para todos na terra, o que envolve remover da terra qualquer um que tiver de escapar desse dia; (3) Aqueles que escaparem serão levados aonde ele, o Filho do Homem, estará, ou seja, ao trono do Pai nos céus. Eles permanecerão ali diante dele. (4) Há o perigo de os discípulos se tornarem mundanos em seus corações e, assim sendo, se percam naquele período. (5) Por esses motivos, é necessário vigiar e orar incessantemente, a

[71] LANG. *Revelation*, p. 88-89.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> fim de prevalecermos sobre todos obstáculos e perigos, e assim, escaparmos dessa era.[72]

Todos os pré-tribulacionistas estarão de acordo que o escape do futuro tempo de aflições será provido para os crentes em Cristo. Todos também concordam que aqueles que crerem em Cristo durante a tribulação, embora atravessando-a, serão livres dela na vinda do Senhor para estabelecer seu reino. O ponto da disputa repousa totalmente sobre a conclusão de que alguns crentes verdadeiros serão deixados na grande tribulação, enquanto outros serão arrebatados antes de ela começar.

Embora a exegese dessa passagem seja admitidamente difícil, um cuidadoso estudo do contexto provê uma dica para sua interpretação. O contexto relaciona-se com sinais que precedem a segunda vinda, que obviamente diz respeito às pessoas que estiverem vivas na terra naquele período. Uma possível interpretação baseada no contraste entre "vocês", no verso 36, e "todos os que habitam na face de toda a terra", no verso 35, provavelmente é uma exortação dirigida à Igreja nos dias que precedem a grande tribulação. Entretanto a frequente mudança entre "vocês" e "eles" em toda passagem não provê base sólida para essa distinção (cf. vs. 27-28). Todo o contexto lida com os que estiverem vivos nos dias dos sinais, a as exortações dizem respeito a eles, e não à Igreja da presente era. Portanto, alguns acham melhor identificar o verso 36 com aqueles que estiverem vivos na tribulação que antecipará a segunda vinda de Cristo para estabelecer seu reino. Eles realmente estarão "vigiando", pois, sua vinda é a única esperança. Eles certamente orarão, pois somente com a ajuda divina sobreviverão àquele período. Se essa interpretação for adotada, a passagem não estará falando de livramento do *período*

---

[72] Ibidem.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

ou da *hora* do julgamento (cf. Ap 3.10), mas somente do livramento de "tudo o que está para acontecer".

Deve-se observar que aqui, como em outras passagens usadas pelos defensores do arrebatamento parcial, o arrebatamento não é especificamente mencionado; de fato, não há menção. Lang inseriu no texto o que o texto não diz, quando afirmou que estar em pé diante do Filho do Homem deve necessariamente significar o céu. Todos os homens estarão em pé diante de Cristo *na terra* em sua segunda vinda (cf. Mt 25.32) Concluir a ideia de livramento do juízo a partir dessa passagem, a fim de provar um arrebatamento parcial, requer acrescentar algo sobre o principal ponto da doutrina.

Mateus 25.1-13

A parábola das virgens é, às vezes, interpretada de diferentes formas pelos pré-tribulacionistas; uns a consideram uma referência aos santos da tribulação,[73] enquanto outros entendem que se trata da Igreja.[74] Os defensores do arrebatamento parcial, assumindo que se refere à Igreja, encontram nessa passagem o conceito de um arrebatamento seletivo — as virgens tolas serão deixadas para trás por não estarem preparadas, as virgens sábias serão arrebatadas por estrem preparadas.

A resposta a ser dada aos defensores do arrebatamento parcial depende da interpretação dessa passagem como um todo. Se L. S. Chafer estiver certo ao dizer que a passagem lida com o final da era entre as duas vindas de Cristo, com a tribulação em vez de a Igreja, então o texto não tem relação com a doutrina do arrebatamento parcial. A posição de Chafer é bem plausível. Normalmente, a Igreja é a noiva e, em uma ilustração de uma festa de casamento, seria

---

[73] CHAFER. L. S., Systematic Theology, 5:131 ss.

[74] IRONSIDE. H. A., *Expository Notes From Gospel of Matthew*, p. 327.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

incongruente imaginar que a Igreja é representada pelas virgens participando da festa. A passagem em si não usa nenhum dos termos característicos da Igreja, tais como *noiva, corpo* ou a expressão *em Cristo*. Não há referência ao arrebatamento ou à ressurreição. O noivo chega ao local em que as virgens o aguardam, em um cenário terreno, e permanece no cenário, no que diz respeito à ilustração. Essas e muitas outras observações indicam que tal passagem não deve ser considerada.

Entretanto, mesmo que as virgens representem a Igreja na presente era, onde está a prova de que essa é a verdadeira Igreja, a comunidade dos que são salvos? Conforme escritores como H. A. Ironside[75] comumente interpretam, as virgens representam a Igreja nominal. Os crentes verdadeiros são identificados por terem óleo em suas lâmpadas, uma tipificação do Espírito Santo. Cristãos meramente nominais têm a aparência, mas não o óleo, ou seja, não são genuinamente regenerados e habitados pelo Espírito Santo. Se a vigilância é necessária para ser achado digno, como normalmente argumentam os defensores do arrebatamento parcial, então nenhuma das dez virgens é, portanto, qualificada, pois, "todas ficaram com sono e adormeceram". A ordem para "vigiar", no verso 13, tem o significado específico de estar preparado com óleo — ser genuinamente regenerado e habitado pelo Espírito Santo, ao invés de ter uma espiritualidade falsa. O ensino claro é que "vigiar" não é suficiente. Essa passagem, na verdade, serve para refutar a teoria do arrebatamento parcial ao invés de sustentar seu ponto de vista. Somente pelo poder e pela presença do Espírito Santo alguém pode estar qualificado a entrar na festa de casamento, mas *todas* as virgens prudentes entram na festa.

---

[75] Ibid.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Lucas 20.34-36

Essa passagem geralmente é usada pelos defensores do arrebatamento parcial devido à expressão "Aqueles que forem considerados dignos de tomar parte na era que há de vir e na ressurreição dos mortos [...] são filhos de Deus, visto que são filhos da ressurreição" (Lc 20.35-36). O contesto indica que essa passagem lida com a condição daqueles que ressuscitarão dos mortos. Aqueles que são julgados dignos da ressurreição dos justos no início do era milenar, conforme indicada na passagem, evidentemente são os salvos que, naquele momento, serão ressuscitados dentre os mortos. Além de a teoria do arrebatamento parcial ser estranha à passagem, esta não lida com o tema do arrebatamento de forma alguma. O arrebatamento acontece antes da grande tribulação. Essa cena relaciona-se à ressurreição pós-tribulacionista dos santos do Antigo Testamento e dos justos que serão mortos durante a grande tribulação. Conforme Daniel 12.1-2, naquele tempo — o fim da tribulação — "todo aquele cujo nome está escrito no livro, será liberto", esteja vivo ou morto. Não há arrebatamento parcial aqui e, da mesma forma, a ressurreição dos justos não acontece com base no princípio de ser digno. Portanto esse texto pode ser totalmente excluído do debate.

Filipenses 3.10-12

Nessa passagem, Paulo fala de seu ardente desejo de conhecer Cristo, "para, de alguma forma, alcançar a ressurreição dentre os mortos" (v. 11). Os defensores da teoria do arrebatamento parcial argumentam que Paulo tem em mente a necessidade de ser fiel na esperança de merecer a ressurreição no momento da primeira ressurreição, ou seja, antes do milênio, ao invés de ter de esperar até mais tarde. Govett traduziu Filipenses 3.10-11 da seguinte forma: "Que eu

CAMP001_04X12_ABRIL2021

possa conhecer a ele, e o poder de sua ressurreição, e a participação em seus sofrimentos, sendo como ele em sua morte, se, de alguma forma, eu puder alcançar a melhor ressurreição dentre os mortos".[76]

Comumente se aceita, entre os pré-tribulacionistas, que a ressurreição à que Paulo se refere, era de fato uma "melhor ressurreição", mas a tradução de Govett é uma interpretação ao invés de uma tradução. Uma tradução literal seria: "para alcançar a ressurreição daquele que saiu dentre os mortos". É óbvio que essa passagem se refere à ressurreição que inclui apenas os mortos que são justos, embora isso seja comumente negado pelos amilenistas. Não resta dúvidas de que a ressurreição em vista aqui é a ressurreição dos "mortos em Cristo" (1 Ts 4.16). O desejo de Paulo não era, entretanto, que ele viesse a morrer e então, por acaso, fosse considerado digno da ressurreição naquele momento. Sua esperança era de alcançá-la no sentido de ainda estar vivo quando ocorresse o evento, ou seja, que pudesse ser arrebatado ao invés de ressuscitado. Paulo não tinha dúvidas de que ele estaria incluído no evento. Mais tarde, ele escreveu a Timóteo: "mas não me envergonho, porque sei em quem tenho crido e estou bem certo de que ele é poderoso para guardar o que lhe confiei até aquele dia" (2Tm 1.12).

A ressurreição da qual Paulo falou não é de recompensa, como argumentou Govett, que escreveu:

> À primeira vista, é evidente que a ressurreição que Paulo sinceramente tem em vista não era a ressurreição geral. Os ímpios participarão dela, desejando ou não. Assim Paulo não poderia expressar qualquer dúvida de sua participação nela, nem falar dela como um objeto de esperança. Resta então que essa seja uma ressurreição

[76] GOVETT. *Kingdom*, 1:31.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

especial: *a ressurreição da recompensa*, obtida pelos justos, enquanto os ímpios permanecem em seus túmulos. [77]

1Tessalonissences 4.16 é claro na refutação desse erro: a ressurreição incluirá todos os mortos em Cristo, todos aqueles que, pela graça mediante a fé, creram em Cristo e mesmo agora receberam uma nova posição em Cristo em lugar de seu antigo estado em Adão. Não há justificativas para concluir, a partir da esperança de Paulo, uma ressurreição meritória a ser obtida apenas por uma pequena porção da Igreja de Cristo, nascida do Espírito e lavada pelo sangue do Cordeiro. A ressurreição é uma parte do dom de Deus, nunca uma recompensa por obras humanas; entretanto, pode justificar a fidelidade e até mesmo o martírio por parte dos crentes. O ponto de vista de Paulo é que se a ressurreição é certa, pouco importa se a estrada diante dele é de sofrimento e morte. Os meios, por mais difíceis que sejam, são justificados pelo fim.

A visão do arrebatamento parcial dessa passagem traz, em forte destaque, que sua posição não somente envolve um arrebatamento parcial, mas uma ressurreição parcial dos crentes. Embora nem todos os crentes serão ressuscitados ao mesmo tempo, o princípio para os estágios da ressurreição — alguns no arrebatamento da Igreja, outros depois da tribulação — está baseado no plano soberano de Deus para Igreja e para os santos do Antigo Testamento, e não no fundamento das obras ou na avaliação da fidelidade dos santos. Haverá recompensas, mas a ressurreição é prometida para todos os crentes.

1Tessalonicenses 5.6

Nessa passagem há outra exortação para vigiar: "Portanto não durmamos como os demais, mas estejamos atentos e sejamos

[77] Ibid., p. 34.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

sóbrios". O contraste aqui, novamente, não é entre crentes que vigiam e outros que não o fazem. Ao invés disso, os crentes são exortados a fazer o que está de acordo com sua expectativa — vigiar quanto à vinda do Senhor. Os que dormem, obviamente, são os não salvos, conforme está escrito em 1Tessalonicenses 5.7 "Pois os que dormem, dormem de noite, e os que se embriagam, embriagam-se de noite". Em contraste, os que são "filhos do dia", ou seja, os que são verdadeiramente crentes, devem viver de acordo com sua fé. Essa passagem não ensina nada que se assemelhe à teoria do arrebatamento parcial de alguns crentes. A distinção é entre os salvos e os não salvos.

2Timóteo 4.8

Esse verso é uma gloriosa afirmação da esperança de Paulo na recompensa: "Agora me está reservada a coroa da justiça, que o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos os que amam a sua vinda". Essa passagem claramente profetiza a recompensa para Paulo e para todos que "amam a sua vinda". Essa revelação nada diz sobre um arrebatamento parcial como parte da recompensa. Antes, ensina que todos os crentes em Cristo serão arrebatados e, então, receberão as recompensas de acordo com as obras de cada um.

Tito 2.13

A esperança do crente é expressa vividamente neste conhecido verso: "Enquanto aguardamos a bendita esperança: a gloriosa manifestação de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo". Essa atitude de expectativa é normal para os cristãos verdadeiros, mas nem aqui, nem em outro lugar, fala-se de uma condição para ser arrebatado.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Apenas se a passagem for lida a partir de uma doutrina preconcebida é que o arrebatamento parcial poderá ser encontrado.

Hebreus 9.24-28

A entrada de Cristo no céu e seu retorno quando ele voltar pela "segunda vez, não para tirar o pecado, mas para trazer salvação aos que o aguardam" (v. 28) é o tema desse trecho bíblico. Os defensores da teoria do arrebatamento parcial se apegam à frase "aos que o aguardam" como indicativo de que somente os crentes que estiverem ativamente esperando a volta de Cristo serão arrebatados. A resposta óbvia é que os aqui descritos são identificados como cristãos retratados na atitude característica de aguardar, ou ter expectativa, quanto à completude da salvação, da qual têm, agora, os primeiros frutos. Todos os cristãos dignos desse nome esperam pela conclusão futura do plano de Deus para sua salvação. A frase à qual que os defensores do arrebatamento parcial dão toda ênfase é mais um complemento do que a revelação principal do texto. O ponto principal é que Cristo irá voltar e completar, em sua segunda vinda, a salvação que providenciou com sua morte, na primeira vinda. A figura é a de um sacerdote, que tendo oferecido sacrifício, entra nos santos dos santos e, então, aparece uma segunda vez para aqueles em favor dos quais tem ministrado. No sentido usado nesta passagem, todos os crentes verdadeiros estão aguardando por Cristo em sua segunda vinda.

Apocalipse 3.3

Essa passagem, endereçada à igreja de Sardes, é outra ordem para vigiar: "Lembre-se, portanto, do que você recebeu e ouviu; obedeça e arrepende-se. Mas se você não estiver atento, virei como um ladrão

CAMP001_04X12_ABRIL2021

e você não saberá a que hora virei contra você". Essa passagem é dirigida a uma igreja local em Sardes na qual, sem dúvidas, havia tanto cristãos verdadeiros como cristãos meramente nominais. A Igreja deu, por um momento, um testemunho vivo, mas entrou em decadência (vs. 1-2). O desafio agora é corrigir essa grande falha espiritual para que Cristo não venha em juízo em um momento em que eles não o esperam. O julgamento que cairá sobre a igreja de Sardes obviamente diz respeito àqueles que não são salvos. Aqueles que não guardam a mensagem de Cristo e ignoram a repreensão estão, desta forma, demonstrando sua total falta de fé e salvação.

Apocalipse 3.10

Esse texto, que é o favorito dos defensores do arrebatamento parcial, trata de uma promessa à igreja de Filadélfia: "Visto que você guardou a minha palavra de exortação à perseverança, eu também o guardarei da hora da provação que está para vir sobre todo o mundo, para pôr à prova os que habitam a terra". D. M. Panton, com base nesse texto, fez a seguinte declaração em defesa ao arrebatamento parcial:

> [Jesus] baseia-somente na palavra "guardada". Ele abrirá as portas para o arrebatamento ao céu. [...] A verdade sobre o segundo advento, na qual nosso Senhor baseia o escape do Anjo, está longe de ser "retida" de todos os filhos de Deus [...] o Senhor, assim, baseia o arrebatamento firmemente na fidelidade, não na conversão.[78]

Essa passagem revela com clareza que a teoria do arrebatamento parcial depende do princípio das obras — o arrebatamento são é

[78] PANTON. D. M., "Na Open Door", *The Dawn*, 26:327.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

fruto da salvação, mas uma recompensa por boas obras. Como em outras passagens, o problema é se esse ensino é central nas Escrituras. A salvação frequentemente está ligada à fé somente — como em Romanos 4 — e, em outras passagens, a prova da salvação, as obras, são apontadas como necessárias à salvação (Tg 2.21-26). A promessa de Apocalipse 3.10 se encaixa na mesma categoria de Tiago 2. A prova da fé — guardar a Palavra de Deus — é a base para a promessa. Contudo, aqui como em outros textos, a distinção não é entre crente com obras e crente sem obras. A ideia central dessa passagem é que aqueles que não possuem boas obras não são crentes verdadeiros. Aceitar o princípio do arrebatamento com base nas obras contraria toda a doutrina da justificação e da ausência de condenação sobre o crente. Além disso, essa teoria destrói todas as promessas dadas à Igreja em relação à ressurreição e ao arrebatamento. A proeminência das obras como evidência de fé não pode ser usada como prova para negar a fé como a única base para a graça de Deus.

O princípio das obras não se sustenta quando perguntamos: Quantas obras? É evidente que nenhum cristão vive de maneira perfeita, e a Igreja de Filadélfia não era exceção. Fazer da doutrina da vinda do Senhor o mesmo que "suportar pacientemente" é totalmente injustificado. Muitos comentaristas identificam essa frase como uma simples referência à perseverança dos crentes de Filadélfia diante das provas.[79]

James Moffatt escreveu:

> O sentido preciso, portanto, não é "minha palavra da paciência" (ou seja, meu conselho de que a paciência é a virtude suprema dos dias finais, como afirmam Weiss, Bousset e outros), mas "a palavra, ou a pregação, da paciência que se refere a mim" (ou seja, a paciente per-

[79] Cf. GRANT, F.W. *Revelation of Jesus Christ*, p. 206.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> severança com que se deve servir a Cristo, em meio às presentes tribulações; conforme dizem Alford, Spitta, Holtzm). Veja Salmos 18.19 [...] O segundo motivo pelo qual os cristãos de Filadélfia são elogiados é sua paciência leal em meio às perseguições, bem como sua confissão leal de Cristo (v. 8), a qual possivelmente lhes trouxe tal perseguição.[80]

A interpretação do arrebatamento parcial é, então, uma identificação arbitrária de uma expressão que parece claramente ter um significado mais amplo do que a esperança pelo retorno do Senhor. O centro da discordância, entretanto, é se o cristão salvo pela graça pode ter a ressurreição ou o arrebatamento, negados, uma vez que ele foi unido ao corpo único de Cristo.

Apocalipse 12.1-6

Essa última passagem a ser considerada será suficiente para demonstrar os principais fundamentos escriturísticos da teoria do arrebatamento parcial, embora não tenhamos exaurido todos os textos usados por seus defensores. A revelação da mulher a descreve como "vestida do sol, com a lua debaixo de seus pés e uma coroa de doze estrelas sobre a cabeça" (v. 1). A criança gerada por essa mulher é descrita como "um homem, que governará todas as nações com cetro de ferro. Seu filho foi arrebatado para junto de Deus e de seu trono" (v. 5). A interpretação mais óbvia é que a mulher é Israel e o menino é Cristo. Os defensores do arrebatamento parcial afirmam que mulher é a Igreja e o filho representa os fiéis que serão arrebatados antes da tribulação. Diante do arrebatamento dos fiéis, a besta é apresentada

---

[80] MOFFATT. James. *The Expositor's Greek Testament*, 5:367-68.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

em guerra ao "restante de sua descendência" (v. 17). G. H. Lang, apresentando esse ponto de vista, reivindica que a interpretação de Apocalipse 12 é crucial para todo livro:

> O capítulo 12 é a *crux interpretum* [*o tormento dos intérpretes*] de todo o Apocalipse e do fim dos tempos, especialmente em relação ao povo de Deus que estará vivo na época. [...] As duas principais escolas de estudiosos futuristas têm falhado; uma insiste que todos os cristãos devem ser arrebatados da terra antes do tempo da besta, e a outra insiste que nenhum santo poderá escapar desse período.[81]

A aparente dificuldade com a interpretação dos defensores do arrebatamento parcial é que seu ponto de vista é desnecessário. Se a mulher é obviamente Israel, e o filho é obviamente Cristo, por que tentar dar-lhes outro significado? A descrição de Cristo em Apocalipse 12.5 é tão nítida que não deve haver discussão quanto a isso. Israel, de fato, tem uma descendência física, representada em Apocalipse 12.17. Não há justificativa para afirmar que a mulher é a Igreja, pois essa é composta amplamente por gentios, em termos de origem racial.

É verdade que a Igreja está posicionada em Cristo, e alguns pré-tribulacionistas têm argumentado que a Igreja em Cristo também é tomada, e que o arrebatamento é prefigurado em Apocalipse 12.5. Ironside disse: "O filho homem simboliza ambos, Cabeça e corpo — Cristo completo".[82] Mesmo que essa interpretação seja possível, é óbvio que o todo, e não apenas uma parte, do filho homem é tomado.

---

[81] LANG. *Revelation*, p. 219; cf. 197-219, discussão na íntegra.

[82] IRONSIDE. H. A. *Lectures on the Book of Revelation*, p. 212.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O "restante de sua descendência" não diz respeito a Cristo e nem à Igreja, mas à descendência física do Israel não salvo no momento do arrebatamento e, portanto, lançado no período da tribulação, sobre o qual a passagem fala. O contexto não fornece qualquer prova de que o filho homem represente o elemento espiritual da Igreja arrebatada, enquanto o elemento não espiritual é ignorado.

CONCLUSÃO

A oposição ao arrebatamento parcial, junto à refutação de sua intepretação das Escrituras, baseia-se em três amplos princípios. Primeiro, a visão do arrebatamento parcial se baseia no princípio das obras em oposição ao ensino bíblico da graça. A ressurreição e o arrebatamento da Igreja são uma parte da salvação providenciada pela graça, e é uma recompensa somente no sentido de que é um fruto da fé em Cristo. Aceitar o princípio das obras para esse importante aspecto da salvação é minar todo o conceito de justificação pela fé por meio da graça, a presença do Espírito Santo como selo de Deus "para o dia da redenção" (Ef 4.30), e a totalidade da tremenda obra de Deus em benefício daqueles que nele confiam. A questão das recompensas é definida de modo adequado no julgamento do tribunal de Cristo, não antes, e, dessa forma, não resultará em um arrebatamento parcial, resultando na tribulação dos que não forem arrebatados.

Segundo, a visão do arrebatamento parcial divide o corpo de Cristo. As Escrituras retratam as diferenças na maneira de Deus lidar com os santos do Antigo Testamento em relação ao trato com os santos da presente era, e também uma diferença entre a Igreja e os santos da tribulação. Entretanto, não há qualquer justificativa bíblica para dividir a unidade divina do corpo de Cristo, que é formado pela união orgânica de Cristo e todos os crentes dessa era.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Tal divisão, ensinada pelos defensores dessa teoria, é inimaginável, tendo em vista a doutrina do corpo único de Cristo.

A terceira objeção aos defensores do arrebatamento parcial é que eles ignoram o claro ensino que diz respeito ao arrebatamento de todos os crentes verdadeiros, quando ocorrer o evento. Já chamados a atenção em relação ao "nós [...] todos" de 1Coríntios 15.51, e à expressão "os mortos em Cristo" de 1Tessalonicenses 4.16. A identidade dos arrebatados é descrita como aqueles que "creem que Cristo morreu e ressuscitou" (1Ts 4.14). Esse ensino bíblico que é confirmado em outras passagens (1Ts 1.9-10; 2.9; 5.4-11; Ap 22.12). O ponto de vista do arrebatamento parcial tem sido aceito apenas por um pequeno grupo de cristãos evangélicos, e não tem sido reconhecido por nenhum grupo evangélico protestante.[83] É uma interpretação limitada a alguns, e não pode ser considerada como pertencente aos limites do pré-milenismo bíblico normativo.

[83] Para um tratamento moderno sobre o rapto parcial, veja Raymond M. Kincheloe, *A Personal Adventure in Prophecy*.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 11

O MESO-TRIBULACIONISMO

DEFINIÇÃO DA TEORIA

O meso-tribulacionismo é uma interpretação relativamente nova das Escrituras sobre o arrebatamento. Seu principal expositor é Norman B. Harrison. Adotando algumas premissas básicas do pré-tribulacionismo, tal como o caráter futuro da 70ª semana de Daniel (Dn 9.27), o meso-tribulacionismo localiza o arrebatamento da Igreja na metade dessa semana, ao invés de alocá-lo no início, como faz o pré-tribulacionismo. Em contraste com o pós-tribulacionismo, essa teoria sustenta o arrebatamento antes do período da ira e da grande tribulação, ao invés de ser depois.

O meso-tribulacionismo é, portanto, uma visão intermediária entre pré-tribulacionismo e pós-tribulacionismo. Como tal, a teoria recomenda a si mesma àqueles que, por uma razão ou outra, estão

CAMP001_04X12_ABRIL2021

insatisfeitos com o pré-tribulacionismo ou com o pós-tribulacionismo. A teoria tem também encontrado espaço para que certas profecias se cumpram antes do arrebatamento e não após, e ao mesmo tempo que é capaz de reivindicar as promessas de consolo e bênção, que parecem ter sido negadas pelo pós-tribulacionismo que afirma a presença da Igreja em todo o período da tribulação.

Os meso-tribulacionistas normalmente não aplicam o termo a si mesmos e preferem se classificar como pré-tribulacionistas — pré-tribulacionistas no sentido de que Cristo voltará antes da "grande tribulação" que caracteriza a última metade da 70ª semana de Daniel. Harrison refere-se a seu ponto de vista como "a vinda pré-tribulacionista de Cristo".[84] O termo "meso-tribulacionismo" é justificado pela designação comum de a totalidade da 70ª semana de Daniel ser um período de tribulação, apesar de que os próprios pré-tribulacionistas concordem que somente a última metade da semana é a grande tribulação propriamente dita.

QUESTÕES IMPORTANTES

A interpretação meso-tribulacionista está cercada de problemas exegéticos, teológicos e práticos, e difere radicalmente do pré-tribulacionismo normal. Dentre os principais problemas, podemos destacar os seguintes:

1. A sétima trombeta do Apocalipse marca o início da grande tribulação?

2. Apocalipse 11 relata o arrebatamento da Igreja?

---

[84] HARRISON. Norman B. *The End*, p. 118.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

3. A sétima trombeta é a "última trombeta" no que diz respeito à Igreja?

4. Os planos de Deus para Israel e para a Igreja se sobrepõem?

5. A esperança do retorno iminente de Cristo é antibíblica?

Em geral, a posição meso-tribulacionista exige uma interpretação diferente dos mais importantes relatos bíblicos em relação à vinda de Cristo para buscar sua Igreja.

1. A sétima trombeta do Apocalipse marca o início da grande tribulação?

Uma das questões cruciais para a teoria meso-tribulacionista é se a sétima trombeta de Apocalipse marca o início da grande tribulação. Na realidade, não é exagero afirmar que todo o ensino dos meso-tribulacionistas depende desse texto. Contudo, seus defensores também utilizam outras passagens bíblicas. Harrison apela para as seguintes passagens: Êxodo 25 a 40; Levítico 23; Salmos 2; Daniel 2, 7 e 9; Mateus 13.24-25; 1Tessalonicenses 4.13—5.10; 2Tessalonicenses 2.[85] Entretanto, fica claro, ao ler seus escritos, que essas são passagens ou problemas de apoio que precisam ser solucionados na visão meso-tribulacionista, em vez de se tratar do centro da questão.

O ponto de vista meso-tribulacionista exige a interpretação de que a primeira metade do livro de Apocalipse não seja a grande tribulação. No geral, o lema de seus adeptos é que a Igreja irá passar pelos "início das dores" (Mt 24.8), mas não pela "grande tribulação"

[85] Ibidem, p. 35.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

(Mt 24.21) conforme afirmou Harrison em seu "Esboço Harmonizado" de Mateus 24 e 25 e Apocalipse 1 a 20.[86] Harrison defende que os eventos dos sete selos, bem como os julgamentos das seis primeiras trombetas, têm relação com os primeiros três anos e meio da 70ª semana de Daniel e, portanto, não descrevem a grande tribulação.

Harrison afirmou: "'Ira' é uma palavra reservada para grande tribulação — veja a ira de Deus em Apocalipse 14:10,19; 15.7; 16.1 etc.".[87] Ele sugere que não há menção à ira de Deus durante o período dos sete selos e das seis primeiras trombetas. Ao comentar Apocalipse 11.18, ele afirmou: "O Dia da ira tem seu início *apenas agora* (11.18). Isso significa que nenhum evento que ocorreu antes, nos selos ou nas trombetas, pode ser considerado como ira".[88] Além disso, ele definiu a tribulação como equivalente à ira de Deus: "Tenhamos em mente, de forma clara, a *natureza da tribulação*, ou seja, a 'ira' divina (11.18; 14.8,10,19; 15.1,7; 16.1,19) e o 'julgamento' divino (14.7; 15.4; 16.7; 17.1; 18.10; 19.20)".[89] Nas duas ocasiões em que Harrison fornece extensas listas da ocorrência de "ira" no Apocalipse, ele propositalmente omitiu Apocalipse 6.16-17 e Apocalipse 7.14.[90] A primeira referência diz respeito à ira em conexão com o sexto selo; a segunda é a única referência no livro à "grande tribulação" exatamente nesses termos. As duas referências se encontram em seções em Apocalipse que tratam de períodos que precedem ao toque das trombetas.

A explicação dada sobre a "ira" em Apocalipse 6.16-17 certamente é inadequada para uma questão tão crucial como essa.

---

86 Ibidem, p. 54.

87 Ibidem, p. 91.

88 Ibidem, p. 119.

89 Ibidem, p. 120.

90 Ibidem, p. 91, 120.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Harrison interpretou o sexto selo "como abrangendo o dia da ira",[91] como se estivesse no tempo verbal futuro, em vez de no aoristo, como de fato está no texto. Mesmo se interpretado como incentivo, o tempo verbal no grego seria inapropriado para expressar o pensamento de Harrison, pois o aoristo, no geral, se refere a uma ação pontual, no que diz respeito ao tipo de ação, e se expressa no presente ou pretérito do indicativo, no que diz respeito ao tempo verbal. Se "chegou o grande dia da ira deles" (Ap 6.17), é certo que esse momento não pode ser adiado, tendo seu início apenas após a abertura do sétimo selo e o derramamento de diversos juízos, anunciados pelas sete trombetas, sobre a terra.

Harrison não somente exclui a ira como também declarou que os primeiros três anos e meio seriam um tempo relativamente agradável. Ele escreveu:

> A primeira metade da semana, ou período de sete anos, foi uma expectativa "doce" para João, como é para eles; sob um tratado de proteção, eles [Israel] estarão "agradavelmente seguros", como se diz. Mas a segunda metade — essa será realmente "amarga".[92]

Os pré-tribulacionistas concordam que os primeiros três anos e meio da 70ª semana de Daniel será um tempo de proteção para Israel, mas não encontram tal período descrito em Apocalipse 6 a 11.

Mesmo uma leitura casual sobre os selos e as seis primeiras trombetas tornará claro que a grande tribulação se inicia com os primeiros selos, e não com a sétima trombeta. Certamente a fome (Ap 6.5-6); a morte de um quarto da população mundial

---

[91] Ibidem, p. 91.

[92] Ibidem, p. 111.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

(Ap 6.8); terremotos, quedas de estrelas do céu, a lua torando-se como sangue e a remoção das ilhas e dos montes de seu lugar (Ap 6.12-14), sem dúvidas, retratam "o grande dia da ira deles" — a "ira do Cordeiro" (Ap 6.16-17). Esse não é um período de "uma expectativa 'doce' para João",[93] mas um tempo de tribulação sem precedentes. Acrescente a esses fatos as seis primeiras trombetas com todo o derramamento de sangue, as catástrofes na terra e no mar e o envenenamento dos rios, que resultaram na morte de muitas pessoas (Ap 8.11), atingindo seu ápice com as grandes ais de Apocalipse 9—10, e tem-se um quadro da grande tribulação, como o mundo nunca experimentou antes. Segundo as Escrituras, naquele tempo, "A agonia que eles sofreram era como a da picada do escorpião" (Ap 9.5). Alguns procurarão a morte como escape, mas em vão (Ap 9.6). No sexto selo, um terço da população restante da terra morrerá. Se as palavras significam alguma coisa, esse é o tempo de tribulação sem precedentes que foi predito.

Os meso-tribulacionistas são obrigados não apenas a encontrar outra explicação para a referência explícita da ira em conexão com sexto selo (Ap 6.16-17), como também devem ignorar a única referência específica sobre a grande tribulação que há em todo o livro de Apocalipse (7.14). Ela é feita em meio a uma visão profética do período que segue a grande tribulação. À luz dessas referências à ira e à grande tribulação, em um contexto de imagens tão assustadoras como os eventos dos selos e o soar das primeiras seis trombetas, fica óbvio que todo o fundamento da teoria meso-tribulacionista está edificado sobre a areia. Poucas teorias são tão claramente contraditas pelas mesmas Escrituras nas quais buscam ter apoio.

Os esforços para fugir desses quadros narrados pelas Escrituras forçam os meso-tribulacionistas a espiritualizar e, assim, anular a força dos julgamentos. Harrison tentou encontrar o cumprimento

---

[93] Ibidem.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

dos juízos das trombetas nos eventos da Segunda Guerra Mundial. Ele afirmou, no que diz respeito à segunda trombeta: "A 'grande montanha ardendo em fogo' parece ser uma clara referência à Alemanha, que foi subitamente 'lançada no mar' das nações".[94] No mesmo parágrafo, ele repentinamente faz do "mar" um mar literal, no qual embarcações literais afundaram: "A referência seguinte sobre 'mar' e 'navios' (8.9) deve ser tomada literalmente".[95] Deve ser óbvio que essa interpretação também pede por um cronologia em que a sétima trombeta soe dentro do intervalo de alguns anos, envolvendo uma data estabelecida para o arrebatamento, que o desenrolar da história demonstrou estar errada.

A evidente falácia de toda interpretação meso-tribulacionista de Apocalipse 1 a 11 é que sua visão obriga a espiritualização de toda a passagem a fim de que haja um cumprimento contemporâneo em vez de futuro. Por esse motivo, os meso-tribulacionistas fazem uma exegese da passagem que é difícil por ser subjetiva e arbitrária. Uma simples leitura dessa seção dará a impressão de um nítido julgamento divino sobre um mundo ímpio que transcende tudo o que a história tem registrado. Se há a intenção de que a passagem seja considerada com alguma literalidade, então seu cumprimento ainda é futuro.

A grande tribulação, na verdade, tem início em Apocalipse 6, não em Apocalipse 11. A sétima trombeta marca um ponto próximo ao fim, e não ao seu início. Os pós-tribulacionistas veem na sétima trombeta o fim da grande tribulação.[96] Eles chegam a isso ao ignorar o fato de que as sete taças da ira de Deus sucedem a sétima trombeta. Entretanto, é curioso que os oponentes do pré-tribula-

---

94 Ibidem, p. 218.

95 Ibidem.

96 REESE. Alexander, *The Approaching Advent of Christ*, p. 73.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

cionismo adotam visões opostas em relação à sétima trombeta e, na verdade, anulam uma à outra.

2. Apocalipse 11 relata o arrebatamento da Igreja?

Em nenhuma outra passagem o meso-tribulacionismo manifesta seu dogmatismo mais do que na interpretação de Apocalipse 11. Determinado meso-tribulacionista defende o ponto de vista de que a grande tribulação é a primeira parte da 70ª semana de Daniel; que o arrebatamento ocorre na metade da semana logo após a tribulação, e que a última metade da semana dá início ao Dia do Senhor. O arrebatamento, segundo essa visão, ocorre no sexto selo de Apocalipse 6.12-17.[97] Esse ponto de vista é atualmente uma variação do pós-tribulacionismo, peculiar ao autor. A posição comum do meso-tribulacionismo é localizar o arrebatamento em Apocalipse 11.

J. Oliver Buswell tem apresentado o meso-tribulacionismo nas seguintes palavras:

> Eu não acredito que Igreja passará por qualquer parte daquele período que as Escrituras especificamente designam como ira de Deus, mas creio que o sacrilégio terrível será um sinal específico para uma fuga apressada, seguida por uma perseguição muito breve mas muito terrível, e isso rapidamente será seguido pelo arrebatamento da Igreja, *antes* do derramamento das taças da Ira de Deus.[98]

---

[97] Cf. HENDRICKSEN, William. *The Church and the Great Tribulation*, p. 46.

[98] Extraído de carta publicada em *Our Hope* (Junho 1950): 720.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Estamos em dívida com Norman B. Harrison pela exposição explícita desse ensino. Sua intepretação de Apocalipse 11 afirma que "todos os elementos envolvidos na vinda estão aqui".[99] Ele forneceu a seguinte tabela:

Apocalipse 11.3 As testemunhas	Atos 1.8
11.4 O Espírito	Atos 1.8; 2Tessalonicenses 2.7
Moisés-Elias Os dois grupos	"Mortos" — "Vivos
11.7-10 Os mortos	1Tessalonicenses 4.13-14
11.11 A ressurreição	1Tessalonicenses 4.16
11.12 A nuvem	Atos 1.9-11; 1Tessalonicenses 4.17
11.12 A grande voz	1 Tessalonicenses 4.16
11.12 A ascensão	1 Tessalonicenses 4.16-17
11.15 A trombeta	1 Tessalonicenses 4.16
11.15-17 A posse do reino	Lucas 19.15
11.18 O galardão dos servos	Lucas 19.15-17
11.18 O tempo da ira	Apocalipse 3.10-11
11.19 O santuário no céu	1Coríntios 3.16

Essa tabela[100] é complementada pela discussão que traz à tona a interpretação meso-tribulacionista. As duas testemunhas são símbolos de Moisés de Elias. Elas "representam a lei e os profetas" e,

[99] HARRISON, *End*, p. 117.

[100] Ibidem

CAMP001_04X12_ABRIL2021

de forma mais específica, conforme a descrição em Apocalipse 11, "as duas oliveiras e os dois candelabros" (Ap 11.4), elas representam o testemunho dos santos da antigo e da nova aliança.[101] Harrison não foi tão claro quanto ao significado dessa definição, e pareceu instável entre a ideia de que as duas testemunhas representam todos os santos, judeus e gentios, e a ideia de que representam Moisés e Elias, "Os dois grupos 'Mortos' — 'Vivos'".[102] Aparentemente, ele quis dizer que as duas testemunhas são a Igreja viva e os santos ressuscitados no tempo do arrebatamento. Ele afirmou: "Se as duas testemunhas são um símbolo de um 'grupo maior de testemunhas', então sua ressurreição e ascensão deve ser símbolo da ressurreição e do arrebatamento de todos os crentes em Cristo".[103]

Essa interpretação é apoiada mais adiante pela identificação da "nuvem" como símbolo do arrebatamento: "A nuvem"(11.12) é uma referência precisa à presença do Senhor — a *parousia*".[104] Como o tempo futuro é omitido na descrição de Cristo em Apocalipse 11.17, Harrison concluiu que "isso quer nos comunicar: Ele vem".[105] A referência ao "reino" de Cristo foi considerada, por Harrison, como pertencente ao futuro, não ao presente, uma vez que o terceiro ai, as taças, devem ser derramados primeiro.[106] A afirmação "chegou a tua ira" (Ap 11.18) é interpretada como "somente agora chegou tua ira" (11.18). Isso significa que nada que acontece anteriormente nos selos e nas trombetas pode ser considerado como "ira".[107] Harrison omitiu que "chegou" está no aoristo, o que enfatiza o fato, mas

---

101 Ibidem, p. 114-15

102 Ibidem, p. 117

103 Ibidem, p. 116-17

104 Ibidem, p. 117.

105 Ibidem, p. 118.

106 Ibidem.

107 Ibidem.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

não o momento da ação. E isso pode muito bem se referir a todo o curso da ira de Deus nos selos e nas trombetas que os precederam.

Sua interpretação da abertura do santuário (Ap 11.19) é "uma referência ao arrebatamento. 'Não sabeis que vós sois o templo de Deus?'".[108] De que forma a Igreja será "aberta no céu" ele não explicou. A identificação final é que "a sétima trombeta é tocada para derramar as taças da ira. Enquanto ela traz glória à igreja, traz um ai (o terceiro) para o mundo".[109] A Igreja passa por dois ais que não são identificados com a grande tribulação, mas não pelo terceiro, pois esse pertence à tribulação.

A falácia dessa exegese do texto é que não há evidência positiva de que qualquer identificação esteja correta. Similaridades não provam identificação. O caráter das duas testemunhas parece indicar que são indivíduos, não representantes de todos os santos, vivos e mortos. Os crentes, como um todo, não realizam milagres nem são pregadores. (Ap 11.5-6). Muito menos serão os crentes ressurretos, mortos pela besta. Se todos os santos estão mortos, então nenhum poderia estar vivo para ser arrebatado. Se as testemunhas são meros símbolos, como símbolos podem ser literalmente mortos e ficarem expostos nas ruas? As pessoas estarão olhando para os "corpos" dos crentes por "três dias e meio", recusando sepultá-los (Ap 11.9)? Tais identificações são estranhas e insustentáveis pelo texto.

Uma das maiores dificuldades que os meso-tribulacionistas ignoram é a cronologia da passagem. A sétima trombeta é tocada *após* os eventos descritos em Apocalipse 11.3-14. Assim, eles deveriam assumir que o arrebatamento ocorre na sexta trombeta, e não na sétima, mas isso poderia atrapalhar a identificação da trombeta de Apocalipse 11 com a "última trombeta". Conforme 1Tessalonicenses 4.13-18, a cronologia é: primeiro a trombeta, em seguida,

---

[108] Ibidem, p. 119.

[109] Ibidem.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

ressurreição e arrebatamento. Deve ficar claro para qualquer um que não seja meso-tribulacionista que a identificação depende de similaridades acidentais, em não em paralelismos diretos. Assim, não há nenhum arrebatamento da Igreja em todo esse capítulo. A melhor opção é a ressurreição de duas testemunhas que são mais bem identificadas como duas pessoas literais que estarão vivas e morrerão como mártires naquele tempo.

3. A sétima trombeta é a "última trombeta" no que diz respeito à Igreja?

O ponto mais importante da toda a argumentação meso-tribulacionista é a identificação da "última trombeta" de 1Coríntios 15.52 com a sétima trombeta de Apocalipse 11. Já foi observado que todos os eventos que eles conectam à sétima trombeta tem relação com a sexta trombeta ao invés da sétima, e esse erro primário torna toda a teoria insustentável. Porém, se esse argumento for ignorado, a identificação da sétima trombeta e, assim, da última trombeta de em Apocalipse 11 parece ter alguma ligação com a última trombeta de 1Coríntios. Pelo menos, os meso-tribulacionistas estão bem seguros nesse ponto, e muitos pós-tribulacionistas mantêm a mesma visão. Eles diferem apenas quanto ao tempo da sétima trombeta, os meso-tribulacionistas a localizam na metade da sétima semana de Daniel, os pós-tribulacionistas, no final.

Oswald J. Smith, embora não seja meso-tribulacionista, escreveu no início de seu ministério: "O arrebatamento ocorrerá, segundo 1Coríntios 15.52, ao soar da sétima trombeta".[110] Sua interpretação se baseia no conceito de que a sétima trombeta de Apocalipse é a última trombeta de 1Coríntios.

---

[110] SMITH. Oswald J., *The Book of Revelation*, p. 37.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Harrison fez uma afirmação ousada de que negar a identificação da última trombeta de 1Coríntios 15.52 com a sétima trombeta de Apocalipse 11 é negar a infalibilidade das Escrituras:

> Situar o arrebatamento aqui [em Ap 4.1] é negar a *unidade das Escrituras*. O apóstolo Paulo, por inspiração do Espírito, definitivamente situa a ressurreição e o arrebatamento da Igreja na vinda de Cristo, "*ao som da última trombeta*" (1Co 15.51-52). Esse é o momento exato desse evento. O Espírito Santo inquestionavelmente revelou esse fato e inspirou seu registro. Como alguém se atreve contrariá-lo? Fazemos bem em nos desafiar como estudiosos da Santa Palavra*: Podemos situar o arrebatamento em algum outro lugar além do que foi situado pelo apóstolo Paulo e ainda dizer que mantemos a integridade da Palavra de Deus*? De fato, não! Dito isso, a única questão é de interpretação: Qual o significado de "última trombeta"? "Última" só pode significar uma das duas possibilidades: última quanto ao tempo, ou última em uma sequência.[111]

Harrison passou a rejeitar "última quanto ao tempo" como pós-tribulacionista, deixando apenas uma opção para os meso-tribulacionistas.

Embora a identificação da última trombeta com a sétima trombeta não tenha se originado com Harrison,[112] ela certamente está aberta a sérias dúvidas que não dizem respeito à integridade das Escrituras, mas somente à sua interpretação.

---

[111] HARRISON, *End*, p. 74-75, itálicos no original.

[112] Cf. OLSHAUSEN, Hermann. *Biblical Commentary on the New Testament*, 4:398.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

As Escrituras contêm inúmeras referências a trombetas, como qualquer concordância demonstrará. Em meio a todas essas referências, escolher duas trombetas sem relações uma com a outra, e exigir tal identificação devido à palavra última é, certamente, uma arbitrariedade. Outros, sem qualquer partido em relação a pré-tribulacionismo versus meso-tribulacionismo, rejeitam tal identificação. Ellicott afirmou, por exemplo: "Não há base suficiente para supor que há, em 1Coríntios 15.52, alguma referência à sétima trombeta de Apocalipse (Ap 11.15)"[113]. As trombetas de Apocalipse são totalmente diferentes de qualquer outra série de trombetas nas Escrituras. Elas são trombetas tocadas por anjos. A trombeta no arrebatamento é a "trombeta de Deus". As trombetas em Apocalipse estão todas conectadas com o julgamento divino sobre o pecado e a incredulidade. A trombeta de 1Tessalonicenses 4 e de 1Coríntios 15 é um chamado aos eleitos, um ato de graça, uma ordem para que os mortos ressuscitem.

O fato mais prejudicial em todo a discussão, entretanto, é que a sétima trombeta de Apocalipse 11, depois de tudo, não é a última trombeta das Escrituras. Segundo Mateus 24.31, os eleitos serão reunidos, na vinda do Senhor para estabelecer seu reino terreno, "com grande som de trombeta". Enquanto os pós-tribulacionistas afirmam que se trata da mesma sétima trombeta, os meso-tribulacionistas não podem fazer o mesmo. De fato, não é exagero dizer que essa única referência, na verdade, é a ruína do meso-tribulacionismo.

O uso de "última" em relação à trombeta de 1Coríntios 15 é facilmente explicado sem recorrer aos exageros do meso-tribulacionismo. H. A. Ironside interpreta como uma expressão militar familiar.

---

[113] ELLICOTT. Charles J., *St. Paul's First Epistle to the Corinthians*, p. 325.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> Quando o acampamento romano estava prestes a ser desmontado, fosse no meio da noite, fosse durante o dia, uma trombeta era tocada. O primeiro toque significava "Desarmem as tendas e preparem-se para partir". O segundo significava "Fiquem em prontidão", e quando tocavam o que era chamada de "a última trombeta", isso significava "Marchem adiante".[114]

A última trombeta de Deus para Igreja, seguindo o chamado para o evangelho e o chamado para preparação, será o chamado para estar com o Senhor. Independente da aceitação dessa interpretação, ela ilustra que não há necessidade de relacionar a última trombeta, direcionada para Igreja, com as trombetas de juízo sobre os não salvos. Cada trombeta deve ser relacionada com os eventos que lhe dizem respeito. Qualquer criança de escola sabe que o último sino em uma hora pode ser seguido por um primeiro sino para a próxima hora. "Última" deve ser entendido em relação à sequência de tempo indicada pelo contexto.

Portanto, os meso-tribulacionistas fazem a identificação indevida da sétima trombeta com a última trombeta de 1Coríntios. A sétima trombeta não é a última trombeta das Escrituras, de qualquer forma, e os eventos que afirmam estar relacionados a ela ocorrem antes do soar da sétima trombeta, segundo a cronologia de Apocalipse 11. Em nenhum ponto tal identificação é recomendável.

---

114 IRONSIDE. H. A. *Address on the First Epistle to the Corinthians*, p. 529.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

4. Os planos de Deus para Israel e para a Igreja se sobrepõem?

Outra objeção à interpretação meso-tribulacionista é confundir Israel e Igreja, e isso requer que seus respectivos planos sejam sobrepostos. O argumento de Harrison de que a existência do templo no ano 70 prova que o plano da Igreja se sobrepõe ao de Israel é insustentável.[115] Segundo as Escrituras, a dispensação da lei terminou na cruz (2Co 3.11; Gl 3.25; Cl 2.14). A maioria dos estudantes das setentas semanas de Daniel, os quais creem que a 70ª semana é futura, também creem que 69ª teve seu cumprimento antes da crucificação de Cristo. Portanto, o plano para Israel foi pausado, e a existência do templo ficou sem relevância. Israel, como povo e nação, teve continuidade até a presente era, mas o que foi predito sobre seu plano, não teve nenhum progresso desde o Pentecostes. A necessidade de sobrepor os planos não é bíblica, antes, é apenas uma necessidade para a intepretação meso-tribulacionista.

A ênfase que as Escrituras dão aos 42 meses que precedem a segunda vinda de Cristo favorecer o arrebatamento meso-tribulacionista?

Uma adição recente aos argumentos comuns em favor do meso-tribulacionismo foi oferecida por Gleason Archer.[116] Archer chamou a atenção para o fato de que em ambos, Antigo e Novo Testamento, os últimos três anos e meio antes da batalha do Armagedom e a segunda vinda de Cristo são enfatizados. Ele afirmou:

---

[115] HARRISON, *End.* p. 50-53.

[116] Cf. LINDSEY, Hal, et al., *When Is Jesus Coming Again?*, p. 43-52.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> Em primeiro lugar, isso significa que os capítulos 7, 9 e 12 de Daniel, bem como os capítulos 11 e 12 de Apocalipse, dão ênfase aos três anos e meio (42 meses) como o período em que um grande evento marcará a metade do período de sete anos que precede o reinado histórico de mil anos. É razoável supor que que esse evento seja nada menos que o cumprimento de 1Tessalonicenses 4.15-17, a súbita remoção da Igreja do cenário mundial. Há muitas passagens relacionadas a esse evento.[117]

Archer então cita Daniel 7.25; 9.27 e 12.7,11. Que as Escrituras enfatizam que a grande tribulação está no período de três anos e meio, isso é óbvio e admitido. Que isso coloca o arrebatamento imediatamente antes dos últimos três anos e meio é a questão que se tem em vista.

Archer encontrou apoio ao seu pensamento no discurso do monte das Oliveiras, conforme registrado por Mateus 24, Marcos 13 e Lucas 21. Ele argumentou:

> Não há nenhuma referência explícita para a recepção da Igreja na presença de Cristo antes da batalha final do Armagedom, e muitos que defendem que o arrebatamento pode ocorrer a qualquer momento questionam se há qualquer alusão a esse evento nessa mensagem profética de Cristo proferida durante a semana da Paixão. Entretanto, é muito significativo que o mesmo termo usado para a vinda do Senhor seja usado no discurso do monte das Oliveiras da mesma forma que foi usado na passagem sobre o arrebatamento de

[117] Ibidem, p. 43-44.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> 1Tessalonicenses 4. Compare com Mateus 24.27 [...] e 1Tessalonicenses 4.15.[118]

É óbvio que aqui Archer igualou a segunda vinda de Cristo em Mateus 24 com o arrebatamento meso-tribulacionista, o que não é a interpretação comum.

Archer também argumentou que figueira florescida em Mateus 24.32-33 é a conversão de Israel, e não deve ser limitada ao Israel pós-arrebatamento. De fato, muitos não creem que a figueira representa Israel, mas que, em vez disso, é apenas uma ilustração comum.

Ao ler o material de Archer, percebemos que, embora ele tenha sido sugestivo, de maneira alguma apresentou qualquer evidência sólida de que o arrebatamento será meso-tribulacionista, e também não discutiu os problemas apresentados no ponto de vista de Norman Harrison. Algumas das objeções que são levantadas contra o meso-tribulacionismo são silenciadas em Archer. Aparentemente, ele não percebe que essas objeções têm peso.

5. A esperança do retorno iminente de Cristo é antibíblica?

Uma importante razão para os pré-tribulacionistas crerem que é necessário refutar o meso-tribulacionismo é o fato de essa teoria atacar diretamente a iminência do retorno de Cristo para Igreja, como faz a doutrina pós-tribulacionista. Contudo, o meso-tribulacionismo tem uma característica a mais que é muito questionável. Estabelece uma cronologia definida que exige a fixação de datas. Os eventos dos primeiros três anos e meio da profecia de Daniel são específicos. Eles se iniciam com a aliança entre um governante gentio

[118] Cf. HARRISON, *End*, p. 50-53.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

e Israel, na qual serão prometidas a Israel proteção e a devolução do território palestino. Tal aliança não pode ser secreta por sua própria natureza, pois seria divulgada por todo povo judeu e teria grande interesse para todo o mundo. Tal pacto, por outro lado, tornaria impossível a vinda de Cristo durante três anos e meio, segundo os meso-tribulacionistas, e, por outro lado, tornaria impossível sua vinda iminente em qualquer tempo antes do pacto. Se o inibidor de 2Tessalonicenses é o Espírito Santo, tal cronologia se trona impossível — o Espírito Santo seria tirado do mundo antes da Igreja.

O caráter meso-tribulacionista de estabelecer datas no é manifesto nas exposições de Harrison. Ele identificou a Primeira Guerra Mundial especificamente "como aquela que nosso Senhor previu, distinguindo-a de outras guerras ao longo dos anos".[119] Seu cálculo é detalhado:

> A evidência de que as trombetas de guerra de Apocalipse 8 encontram seu cumprimento inicial, no mínimo, na Segunda Guerra Mundial é impressionante e conclusiva. Aqui estão alguns pontos de identificação (desejo que o leitor se familiarize com o capítulo 8):
>
> *Sua origem* (v. 1): as trombetas seguem-se aos selos. A Segunda Guerra Mundial definitivamente seguiu-se após a Primeira; praticamente como um segundo estágio.
>
> *Seu sincronismo* (v. 1): "cerca de meia hora". Algumas notações de tempo são gerais; essa é específica. A chave para o cálculo divino está na afirmação de Pedro: "para o Senhor um dia é como mil anos". Meia hora é 1/48 de um dia; dividido por mil anos, o resultado é 20 anos e 10 meses. Esse é o "espaço" ou o "silêncio" entre

[119] Ibidem, p. 20.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> a Primeira e Segunda Guerra Mundial. Esse cálculo é feito da trégua de 11 de novembro de 1918 até 11 de setembro de 1939. Mas o texto diz "cerca"; a Segunda Guerra começou em 1º de setembro de 1939; Hitler "se precipitou" em dez dias.[120]

Essa interpretação complicada é, em si mesma, sua própria refutação.

Além disso Harrison identificou a segunda trombeta com a Alemanha.[121] Deve ser óbvio, segundo sua cronologia, que se isso ocorrer durante os primeiros três anos e meio da última semana de Daniel, o arrebatamento estará muito atrasado. Essa refutação a partir da História parece não impedir os meso-tribulacionistas de fazerem alterações em seu sistema e realizarem conjecturas identificando os eventos atuais com os selos e trombetas de Apocalipse.

CONCLUSÃO

Para a maioria dos estudantes de profecia, o visão meso-tribulacionista não se sustenta por falta de provas em sua três intepretação estratégicas: o ensino de que a grande tribulação não começará até que soe a sétima trombeta; a identificação da sétima trombeta com a metade da 70ª semana de Daniel; e o outro erro de exigir a identificação da sétima trombeta com a última trombeta de 1Coríntios 15.52. Seus argumentos contra o retorno iminente[122] são repetições dos familiares argumentos pós-tribulacionistas, refutados com frequência. Embora a questão do tempo do retorno do Senhor para a

---

120 HARRISON, *His Coming*, p. 42-43.

121 *The End*, p. 218.

122 Ibidem, p. 231-33.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Igreja não seja um princípio estrutural da teologia como um todo, certamente tem influência vital sobre a interpretação de boa parte das Escrituras e é parte do ensino do arrebatamento iminente. A maioria dos estudiosos continua dividida entre a posição pós-tribulacionista e pré-tribulacionista, enquanto uma minoria representa os pontos vista meso-tribulacionista e do arrebatamento parcial.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 12

VARIAÇÕES DO PÓS-TRIBULACIONISMO

O pós-tribulacionismo tem sido considerado uma doutrina comum na Igreja. Entretanto, hoje, a maior parte dos pré-milenistas defende o arrebatamento pré-tribulacionista da Igreja. Como normalmente é definido, o pós-tribulacionismo é uma teoria cujo ensino afirma que a Igreja será arrebatada após a tribulação prevista para os últimos dias; portanto, seus adeptos creem que a Igreja deve passar por esse período de tribulação. O pós-tribulacionismo é a visão geralmente comum a todos os amilenistas e pós-milenistas. É também a posição defendida pelo catolicismo romano e grego; e seguida por muitos protestantes conservadores, bem como por teólogos liberais. O pós-tribulacionismo, considerando a Igreja como um todo, é a visão majoritária.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Entretanto, entre os pré-milenistas, a maioria aceita a posição pré-tribulacionista, embora atualmente haja um ressurgimento do pós-tribulacionismo. De um modo geral, o pré-tribulacionismo é resultado da interpretação pré-milenista das Escrituras, e é corretamente considerado um ensino dentro desse ponto de vista. Muito raramente é encontrado fora do pré-milenismo. Em grande medida, o pré-tribulacionismo depende dos mesmo argumentos e princípios de interpretação pré-milenista, enquanto o pós-tribulacionismo se harmoniza com as outras visões de milênio.

O pós-tribulacionismo é um tipo de interpretação escatológica que merece um estudo especial. Esse estudo foi feito pelo autor da presente obra em outro livro, no qual lida com o ressurgimento do pós-tribulacionismo, suas quatro principais formas interpretativas e considera as principais questões e as importantes passagens bíblicas relacionadas ao pós-tribulacionismo. Na presente obra será apresentado um resumo dos principais pontos do pós-tribulacionismo e serão consideradas outras visões do arrebatamento, oferecendo uma análise detalhada dos principais textos bíblicos que lidam com o arrebatamento. Os leitores que desejarem mais informações sobre o pós-tribulacionismo, as encontrarão neste outro livro.[123]

INTERPRETAÇÕES PÓS-TRIBULACIONISTAS DA GRANDE TRIBULAÇÃO

Embora o pós-tribulacionismo, em si, seja um conceito simples, tantas variações são encontradas dentro do ensino geral que tornam difícil estabelecer um padrão. Pelo menos quatro diferentes escolas de pensamento prevalecem entre os pós-tribulacionistas quanto

[123] WALWOORD. John F., *The Blessed Hope and the Tribulation.*

CAMP001_04X12_ABRIL2021

à interpretação da tribulação. Tais escolas são chamadas de: (1) pós-tribulacionismo clássico; (2) pós-tribulacionismo semiclássico; (3) pós-tribulacionismo futurista, e; (4) pós-tribulacionismo dispensacionalista. Essas posições são analisadas em detalhes na obra já mencionada.[124]

O pós-tribulacionismo clássico e o semiclássico têm a tendência de espiritualizar a tribulação. O pós-tribulacionismo clássico afirma que a grande tribulação já ocorreu; o pós-tribulacionismo semiclássico sustenta que se cumpriu parcialmente. O pós-tribulacionismo futurista e o dispensacionalista, entretanto, entendem que a tribulação já está avançada, e há um período de, pelo menos, sete anos entre o presente e o cumprimento do arrebatamento e a segunda vinda.

Todas as formas de pós-tribulacionismo, entretanto, sustentam que o arrebatamento ocorre no final da grande tribulação. Todavia, isso contradiz parcialmente a visão de alguns pós-tribulacionistas futuristas e dispensacionalistas, segundo a qual certos juízos serão derramados após o arrebatamento, mas que precedem a inauguração formal do reino milenar. Devido às discordâncias existentes entre os próprios pós-tribulacionistas sobre como se cumprirá a grande tribulação, há grande confusão em sua interpretação quanto a como o arrebatamento se encaixa no plano profético. Quase todos os tipos de espiritualização, em oposição ao método literal de interpretação, prevalecem no pós-tribulacionismo hoje. Também não é difícil encontrar ilustrações.

George L. Rose, ao defender o pós-tribulacionismo, declarou de maneira clara que a tribulação começou com Igreja primitiva:

> O livro de Atos nos deixou o registro que os apóstolos não tinham dúvidas de que a "tribulação" começou assim

[124] Ibidem.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> que a Igreja nasceu. [...] No tempo da morte de Estevão, "desencadeou-se GRANDE PERSEGUIÇÃO contra a igreja em Jerusalém. [...] Saulo, por sua vez, devastava a igreja. Indo de casa em casa, arrastava homens e mulheres e os lançava na prisão" (At 8.1-3). *Essa "grande perseguição" mencionada em* Atos 8.1 é chamada de "tribulação" em Atos 11.19, portanto, "grande perseguição" é "grande tribulação". A mesma palavra grega *thlipsis*, é usada no mesmo sentido que Jesus a usou em Mateus 24.21, ao falar da "grande tribulação".[125]

Com base nesse conceito de tribulação, não há espaço para debate: a Igreja já está passando pela grande tribulação que teve início no primeiro século. A questão toda se estabelece ao identificar a grande tribulação com as provas enfrentadas pelas Igreja no decorrer dos séculos.

Fromow desprezou o argumento pré-tribulacionista da mesma forma que fez Rose. Ele afirmou:

> A Igreja *já* está passando pela "grande tribulação". [...] O termo *grande* abrange todo o período da Igreja sobre a terra, e não deve ser confinado aos últimos três anos e meio, ou à segunda metade da semana de Daniel, de intensiva tribulação. A tribulação começou com os primeiros santos depois da queda, e inclui todos os que lavaram suas vestes, tornando-as brancas no sangue do Cordeiro até o momento do segundo advento de Cristo.[126]

---

125 ROSE. George L., *Tribulation Till Translation.*

126 FROMOW. George H. *Will the Church Pass Through the Tribulation?* p. 2.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Fromow fez com que Rose parecesse melhor. Em vez de começar na presente era, ele inicia a tribulação a partir de Adão. Com base nessa visão, a Igreja com certeza deve passar pela grande tribulação.

Entretanto, a maioria dos pós-tribulacionistas não tenta resolver essa questão de maneira tão simples assim. Ao passo que pontuam, como os pré-tribulacionistas também fazem, que haverá tribulação ao longo dos séculos, as muitas predições a respeito de uma tribulação peculiar, jamais vista em termos de severidade (Jr 30.7; Dn 12.1; Mt 24.21), são consideradas, pelos pós-tribulacionistas, uma indicação de um período futuro de grande tribulação, que ocorrerá antes do segundo advento de Cristo. Esse ponto de vista tem sido aceito por todos que são capazes de ver o mínimo de literalidade nas passagens bíblicas que descrevem o período, o que torna impossível colocar todo o período da raça humana como parte da grande tribulação.

George Ladd é um representante desse ponto de vista. Ele interpretou passagens como Mateus 24.4-14; 2Tessalonicenses 2 e Apocalipse 8 a 16 como referências ao futuro, e ignorou o argumento de outros pós-tribulacionistas, que defendem o cumprimento contemporâneo dessas passagens.[127]

O amilenista Louis Berkhof apontou cinco sinais específicos que precedem o segundo advento, um dentre os quais é a grande tribulação. Ele afirmou: "Jesus certamente mencionou a grande tribulação como um dos sinais de sua vinda e do fim do mundo, Mateus 24.3".[128] Norman S. MacPherson, um pré-milenista que defende a posição pós-tribulacionista, escreveu de forma similar:

> Essa grande tribulação é descrita como um tempo inédito de sofrimento que virá sobre o mundo. A tribulação

---

127 LADD. George. *The Blessed Hope*, p. 72-77.

128 BERKHOF. Louis. *Systematic Theology*., p. 700.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> se iniciará assim que o sacrilégio terrível, predito por Daniel, seja colocado no Santo Lugar do templo judeu restaurado. Esse episódio será seguido pelo glorioso aparecimento de Cristo, o qual virá com o intuito de reunir seus eleitos em meio a esse mundo.[129]

Portanto, podemos afirmar que há pontos de vista bastante diferentes entre os pós-tribulacionistas quanto à definição do que significa a Igreja passar pela grande tribulação. Alguns entendem que a tribulação se refere às tribulações da presente era, outros consideram-na um evento futuro.

Entretanto, as diferenças entre os posicionamentos pós-tribulacionista são nominais. Rose, após argumentar com convicção que a Igreja já está na grande tribulação, fez uma nítida distinção entre "a grande tribulação"; "o 'período de tribulação' jamais visto"; e "'o grande dia de ira' que virá sobre os ímpios".[130] Resumindo, segundo Rose, a grande tribulação é todo o período de perseguição aos eleitos desde Adão; o "período de tribulação" é um tempo futuro em que os eleitos serão provados; e o "grande dia de ira" é um momento futuro de julgamento dos ímpios. Por meio desse artifício, Rose afirma que a Igreja, por um lado, já está na grande tribulação, e, por outro lado, caminha para um tempo futuro de tribulação. Portanto, ele pode afirmar que a Igreja passará pela tribulação, que já está na tribulação e, ao mesmo tempo, negar que a segunda vinda é iminente.

Há um ponto em que todos os pós-tribulacionistas concordam. Se há um tempo futuro de tribulação que precede o segundo advento, a Igreja precisará passar por esse período para que Cristo possa vir pela segunda vez e trazer livramento. Por outro lado, os

---

[129] MACPHERSON. Norman S., *Triumph Through Tribulation*, p. 13.

[130] ROSE. *Tribulation*, p. 76-77.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

pré-tribulacionistas afirmam que a Igreja será arrebatada da grande tribulação. Conforme já foi dito antes, os pós-tribulacionistas estão divididos em quatro principais pontos de vista. Uma breve consideração de cada um se faz necessária antes de tratarmos dos principais argumentos pós-tribulacionistas.

O PÓS-TRIBULACIONISMO CLÁSSICO

Uma das principais visões de pós-tribulacionismo, que pode ser traçada desde os primeiros séculos da Igreja até o presente, é a interpretação de que a Igreja sempre esteve na grande tribulação e que, portanto, a grande tribulação, em certa medida, já teve seu cumprimento.

Atualmente o principal representante do pós-tribulacionismo clássico é J. Barton Payne. Sua posição é apresentada na obra *The Imminent Appearing of Christ* [O retorno iminente de Cristo].[131] Em seu mais recente escrito ele se referiu à tribulação como um "evento passado".[132] A posição de Payne também é encontrada em sua principal obra sobre profecia, *Encyclopedia of Biblical Prophecy* [Enciclopédia de profecia bíblica], que apresenta uma exposição de todas passagens proféticas da Bíblia.[133] No geral, Payne defende que as profecias bíblicas em relação à grande tribulação já se cumpriram ou estão se cumprindo de tal modo que a vinda de Cristo pode ocorrer a qualquer momento. Sua posição pode ser resumida em quatro afirmações:

---

131 PAYNE. J. Barton. *The Imminent Appearing*, p. 15-16.

132 LINDSEY. Hal., et al., *When Is Jesus Coming Again?* p. 64.

133 PAYNE, J. Barton. *Encyclopedia of Biblical Prophecy.*

CAMP001_04X12_ABRIL2021

1. A segunda vinda de Cristo é iminente e inclui o arrebatamento;

2. A segunda vinda é pós-tribulacionista;

3. A tribulação será cumprida de forma não literal, antes da segunda vinda;

4. Após a segunda vinda haverá um milênio literal.[134]

Payne deriva seu conceito de iminência dos pais antenicenos: "Os pais antenicenos [...] sustentavam duas convicções básicas em relação à segunda vinda de Cristo: ela era iminente e ela era pós-tribulacionista".[135] Ele afirma, na sequência: "Em primeiro lugar, [a Igreja] esperava que o Senhor aparecesse nas nuvens em qualquer dia de suas vidas. Os pais antenicenos, em outras palavras, estavam comprometidos com o conceito do retorno iminente de seu Senhor".[136] Payne apela para vários pais da Igreja para apoiar a questão da iminência, dentre os quais estão os autores de *Primeira epístola de Clemente*, *Epístola de Barnabé*, *Epístola aos efésios* e *Epístola a Policarpo* (ambas de Inácio de Antioquia).

Payne concluiu que, pelo menos, parte dos primeiros pais esperavam a vinda de Cristo para qualquer momento. Sua posição está em contraste com o que defende Robert Gundry que nega que os primeiros pais da Igreja sustentassem a ideia de iminência. Gundry dedicou todo um capítulo para refutar esse conceito.[137] A conclusão real parece ser, de forma ampla, que os primeiros pais da Igreja acreditavam na iminência, e assim foram interpretados pelos

---

134 Cf. exposição detalhada dessa visão em Walvoord, *Blessed Hope*, p. 21-30

135 PAYNE. *Imminent Appearing*, p. 15-16.

136 Ibidem, p. 12-13.

137 GUNDRY, Robert. *The Church and the Tribulation*, p. 29-43

CAMP001_04X12_ABRIL2021

reformadores protestantes, embora alguns não tenham sido claros. Payne representa a visão majoritária dentro do pós-tribulacionismo até o século XX, quando então uma visão mais futurista da tribulação foi adotada por teólogos como George Ladd e Robert Gundry.

Payne foi bem explícito ao afirmar que o arrebatamento é iminente. Ele escreveu: "A cada manhã, quando os cristãos lançam seus olhares ao céu azulado, eles podem vibrar com a seguinte afirmação: 'Pode ser hoje!'"[138]

No século XX, muitos pós-tribulacionistas deixaram o ponto de vista defendido por Payne em favor de uma visão mais literal da tribulação como um período futuro. Os que estavam especialmente comprometidos com o amilenismo rejeitam a perspectiva profética adotada pela igreja primitiva, que era pré-milenista ao mesmo tempo que esperava pelo retorno iminente de Cristo.

Entretanto, assim como todos os outros pós-tribulacionistas Payne sustenta que a segunda vinda de Cristo inclui o arrebatamento e é pós-tribulacionista. Dessa forma, embora concordasse com os pré-tribulacionistas quanto à iminência do arrebatamento, Payne discorda que o arrebatamento seja pré-tribulacionista. O fato de parte dos pais terem sido pós-tribulacionistas, mas sustentarem a doutrina da iminência, é atualmente ignorado pelos pós-tribulacionistas que querem defender o pós-tribulacionismo desses pais, sem aceitar, contudo, a ideia de um retorno iminente de Cristo conforme foi defendido nos primeiros séculos da Igreja.

Um dos maiores problemas do pós-tribulacionismo clássico — o qual tem influenciado muitos pós-tribulacionistas a abandoná-lo — é a impossibilidade de explicar todos os eventos previstos, que antecedem a segunda vinda, situando-os no passado ou no presente. Payne tentou resolver esse problema citando inúmeros textos bíblicos que apoiam a doutrina do retorno iminente do Senhor. Contudo,

---

[138] PAYNE. *Imminent Appearing*, p. 161.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

ao fazê-lo, ele não distinguiu as passagens que dizem respeito ao arrebatamento das passagens que se referem à segunda vinda. Payne observou que há certas predições que já se cumpriram como, por exemplo, a execução de Pedro, as afirmações de que deveria haver um longo período de tempo entre a primeira e segunda vinda de Cristo, e a morte de Paulo. Ele também defende que a destruição de Jerusalém já teve seu cumprimento, e, portanto, todas essas profecias estão longe de ser um obstáculo para iminência. Nesse ponto, ele pode concordar com os pré-tribulacionistas.

O problema mais sério com que Payne lidou é o cumprimento de Daniel 9.27. Para resolver esse fato, ele seguiu o padrão de interpretação amilenista, localizando essa profecia no passado, como tendo sido cumprida, seja na destruição de Jerusalém no ano 70, seja posteriormente. Dessa forma, ele não espera qualquer cumprimento futuro e literal do fim dos sete anos preditos em Daniel 9.27. Até mesmo o problema do surgimento do anticristo foi entendido por Payne como tendo relação com algum líder contemporâneo. Em 1962, quando escreveu sua principal obra sobre o assunto, ele pensava que Nikita Khrushchev poderia ser um bom candidato para o anticristo.[139] Na verdade, Payne não faz menção a ninguém que pudesse ser o anticristo, mas sentia que algum líder contemporâneo poderia cumprir tal papel.

Para apoiar sua posição, Payne também ofereceu uma análise do livro de Apocalipse na qual tenta fazer "uma síntese dos sistemas de intepretação preterista, histórica, e futurista, aplicando cada método nos pontos em que eles parecem se harmonizar mais com o contexto".[140] Qualquer intérprete do livro de Apocalipse deve perceber que tal abordagem é ilógica e subjetiva, e não fornece uma explicação razoável para o livro de Apocalipse. No geral, a visão

---

[139] Ibidem, p. 121.

[140] Ibid., p. 170.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

clássica exige a espiritualização de todas as profecias conflitivas de uma forma seletiva que apoie suas conclusões. Por esse motivo, a maioria dos pós-tribulacionistas atuais rejeita a visão clássica de Payne. Sua visão se torna ainda mais inconsistente por ele defender um milênio literal. Obviamente, se os primeiros dezoito capítulos de Apocalipse devem ser lidos segundo uma interpretação não literal, porque os últimos quatro capítulos são muito literais? A inconsistência dessa posição tem levado muitos pós-tribulacionistas a abraçarem o amilenismo também.

No geral, a visão clássica é rejeitada devido à sua aplicação inconsistente de princípios de interpretação da Bíblia, à sua incapacidade de explicar os problemas, e ao seu caráter subjetivo, que permite ao intérprete explicar quaisquer dificuldades da forma que bem lhe aprouver. Payne, embora reconheça que os primeiros pais da Igreja estavam errados em suas premissas quanto ao pós-tribulacionismo, mesmo assim quer aceitar suas conclusões.

A INTERPRETAÇÃO PÓS-TRIBULACIONISTA SEMICLÁSSICA

Comumente, a maioria dos pós-tribulacionistas atuais segue o que pode ser chamado de pós-tribulacionismo semiclássico. Entre eles estão os pós-tribulacionistas que acreditam que a tribulação é, em alguma medida contemporânea, mas que também percebem que ainda há alguns aspectos a serem cumpridos futuramente. Diante do fato de haver profecias que precedem a segunda vinda de Cristo, mas as quais ainda não se cumpriram, eles argumentam que sua volta não pode ser iminente. Por outro lado, se a Igreja já está no

CAMP001_04X12_ABRIL2021

período descrito como a grande tribulação, é inútil discutir se ela será arrebatada antes desse período.

Há uma grande variedade de opiniões na escola de pensamento pós-tribulacionista semiclássica. Alguns, semelhantes a Alexander Reese, sustentam que um período específico de sete anos necessariamente precisa ter cumprimento antes da segunda vinda, segundo Daniel 9.27. Outros, por outro lado, afirmam que as profecias sobre a grande tribulação já estão se cumprindo ou tiveram seu cumprimento no passado.[141] Há uma nítida confusão entre os pós-tribulacionistas quanto à interpretação de alguns dos principais pontos de seu pensamento, o que é bem diferente em relação aos pré-tribulacionistas, que geralmente divergem apenas em detalhes menores.

O pós-tribulacionismo semiclássico se vale do argumento de que o pré-tribulacionismo é recente. Alexander Reese, cuja obra provavelmente é o mais abrangente tratado pós-tribulacionista já publicado, escreveu:

> Essa visão, que começou ser propagada pouco mais de cem anos atrás, em meio ao movimento separatista de Edward Irving e J. N. Darby, tem se espalhado rapidamente por todo o mundo, e encontrou apoio na maioria das igrejas reformadas da Cristandade, incluindo o campo de missões.[142]

Isso será considerado adiante, junto ao argumento histórico do pós-tribulacionismo. No geral, a discussão é qualificada pelo

---

[141] REESE. Alexander, *The Approaching Advent of Christ*, p. 30-33.

[142] Ibid., p. xi

CAMP001_04X12_ABRIL2021

fato de que muitos dos argumentos dos pós-tribulacionistas são mais recentes do que os dos pré-tribulacionistas.[143]

A escola pós-tribulacionista semiclássica deixa evidente o quanto os pós-tribulacionistas estão confusos em relação a natureza e extensão da grande tribulação. Alguns sustentam que toda a história da raça humana, ou pelo menos toda a era da Igreja, é o período da grande tribulação, e que, portanto, é tolice discutir se a Igreja será poupada dela. Contudo, existem variações nesse pensamento, pois há aqueles que defendem que embora a Igreja já esteja na tribulação, ainda aguarda um período futuro de provação mais intensa. Em contraste com a escola pós-tribulacionista semiclássica, a escola futurista sustenta que toda a grande tribulação é futura, e às vezes a identificam com os sete anos da 70ª semana de Daniel 9.27, que precede a segunda vinda de Cristo e, com isso, geralmente seguem uma interpretação futurista de Apocalipse, considerando que os eventos do capítulo 4 até o 18 dizem respeito ao futuro.

A confusão também reina quanto ao fato de a Igreja ser identificada com Israel, ou se ambos são membros da uma comunidade espiritual. Como todos concordam que haverá pessoas salvas durante o período de tribulação, os pós-tribulacionista pensam ser essa a prova de que a Igreja estará naquele período.

Um texto usado de forma comum é Mateus 24.31: "E ele enviará seus anjos grande som de trombeta, e estes reunirão os seus eleitos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade do céu".[144]

Embora muito mais pudesse ser dito sobre as variações existentes na interpretação do pós-tribulacionismo semiclássico, o maior problema é não haver um acordo interno quanto até onde

---

143 Para um debate mais aprofundado sobre esse assunto veja Walvoord, *Blessed Hope*, p. 32-33

144 Para mais discussão veja ibidem, p. 34-38.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

a profecia deve ser interpretada literalmente. Muitos deles não utilizam o método literal em determinadas passagens, pois assim teriam de assumir que o arrebatamento será antes da grande tribulação. É óbvio que os pós-tribulacionistas, em sua maioria, são amilenistas e rejeitam um milênio literal. Mais adiante serão dadas maiores considerações a esses argumentos e como são encontrados por meio da exposição de várias passagens e argumentos.

A interpretação pós-tribulacionista semiclássica tem seu maior problema, no entanto, ao tentar afirmar uma sequência razoável dos eventos relacionados à segunda vinda de Cristo. Esse problema comum do pós-tribulacionismo aparece em quase todas as principais correntes pós-tribulacionistas. O fato é que não há referência clara ao arrebatamento da Igreja em qualquer uma das passagens proféticas de Mateus 24, Judas ou Apocalipse 19, as quais lidam especialmente com a segunda vinda. Outro problema surge quando a ressurreição de Apocalipse 20.4 é limitada aos santos que foram martirizados durante a grande tribulação, em contraste à Igreja, e é posicionada, na sequência de eventos, logo após à segunda vinda, ao invés de ser considerada parte dela.

Outro problema central, não solucionado pela interpretação pós-tribulacionista semiclássica, é o motivo de haver um arrebatamento na segunda vinda. De forma peculiar aos pós-tribulacionistas que são pré-milenistas, a inserção do arrebatamento à época da segunda vinda não se encaixa com os eventos que se seguem a ele, e o silêncio diante de qualquer referência específica em passagens que lidam detalhadamente com o segundo advento constitui-se num forte argumento que pós-tribulacionismo não tem respondido. Os problemas exegéticos que desafiam a interpretação pós-tribulacionista semiclássica, juntamente com suas outras visões, serão examinados em conexão com os textos bíblicos que lidam com o assunto.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

A INTERPRETAÇÃO PÓS-TRIBULACIONISTA FUTURISTA

Embora o conceito de uma futura tribulação não ser peculiar ao século XX, é justo dizer que foi somente nesse século que essa posição se tonou predominante no pós-tribulacionismo. Tanto em meio aos primeiros pais da Igreja como entre os reformadores protestantes, essa visão não recebeu a devida consideração.

É provável que o principal propagador da visão futurista seja George E. Ladd, que publicou o livro *The Blessed Hope* [A bendita esperança] em 1956. Ladd defendeu o pré-milenismo ao estabelecer um período futuro de sete anos ou, pelo menos, de três anos e meio, entre o presente e a segunda vinda de Cristo. Ao fazer isso, ele buscou interpretar as profecias da forma mais literal possível, especialmente Apocalipse 8 a 18, o que está em harmonia com o pré-milenismo como um todo. Sua posição, claro, difere em alguns aspectos importantes do que foi defendido pelos pais da Igreja e pelos reformadores protestantes. A posição de Ladd é que o pré-tribulacionismo depende do dispensacionalismo, como foi popularizado na Bíblia de Estudo Scofield, e, ao rejeitar o dispensacionalismo, Ladd crê ter minado os fundamentos da interpretação pré-tribulacionista.

Embora o argumento de Ladd, de um período futuro de tribulação, contraste com a visão normal da história da Igreja, ele dedicou um terço de seu livro ao argumento histórico do pós-tribulacionismo. Seu principal argumento é a alegação de que o pré-tribulacionismo era desconhecido até o surgimento do movimento Irmãos de Plymouth, no início do século XIX, que o pré-tribulacionismo teve início com o afastamento da fé, e não a partir de estudos bíblicos sérios, e, dessa forma, deve ser descartado por ser uma invenção recente. Contudo, ao apresentar sua opinião, Ladd encobriu o fato de que seu próprio ponto de vista é bem diferente daquele defen-

CAMP001_04X12_ABRIL2021

dido pelos pais de Igreja e pelos reformadores protestantes, e que se o pré-tribulacionismo é um erro por ter menos de dois séculos de idade, suas visões pós-tribulacionistas também são. A relevância e a força do argumento histórico serão consideradas adiante, mas é significativo que Ladd tenha enfatizado o argumento histórico como base para o pós-tribulacionismo.[145]

A INTERPRETAÇÃO PÓS-TRIBULACIONISTA DISPENSACIONALISTA

Um novo formato de pós-tribulacionismo futurista surgiu quando Gundry publicou sua obra *The Church and the Tribulation* [A Igreja e a tribulação]. Em seu livro, Gundry desenvolveu ideias nunca antes vistas na história da Igreja, as quais tentam combinar dispensacionalismo com pós-tribulacionismo. Em sua tese, ele se distanciou ainda mais da vinda iminente de Cristo e, em grande medida, foi além do que George E. Ladd havia apresentado em seu livro *The Blessed Hope*.

Embora Gundry siga, de maneira geral, muitos dos principais argumentos do pós-tribulacionismo, ele foi forçado por suas premissas a adotar argumentos exegéticos e lógicos incomuns, os quais não foram trabalhados dessa forma por ninguém antes. Nesse sentindo, sua obra é de grande contribuição para os vários conceitos do pós-tribulacionismo existentes hoje.

A singularidade de sua obra é que ele se empenhou em distinguir Igreja e Israel de uma forma que nunca havia sido feita pelos pós-tribulacionistas que o antecederam. Entretanto, a característica

---

145 Para considerações adicionais sobre as minúcias do argumento de Ladd, cf. ibidem, p. 40-59.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

principal de seu argumento consiste no esforço de combinar a distinção entre Igreja e Israel com a conclusão de um arrebatamento pós-tribulacionista.

Em sua obra, ele ataca de modo específico a doutrina da iminência conforme é defendida por pré-tribulacionistas e pós-tribulacionistas como J. Barton Payne. Em apoio a seus argumentos, ele recorre a algumas definições dogmáticas como, por exemplo, considerar a grande tribulação como um período de ira satânica, mas não como um tempo de ira divina, uma distinção que não se sustenta diante de uma análise mais detalhada. Sua visão sobre o dia do Senhor também é única, pois ele localiza seu início no Armagedom, no final da grande tribulação, mas, de alguma forma, consegue deixar a Igreja fora dos juízos pertencentes àquele dia. O ponto principal de eu argumento é que a Igreja é o foco do discurso proferido no monte das Oliveiras, e não Israel, e Gundry consegue enxergar o arrebatamento em Mateus 24. Ele tenta resolver o problema dos vários julgamentos dos justos, apresentados nessa passagem como acontecendo em diferentes períodos de tempo, combinando-os em um único julgamento no final do milênio.[146] Ele também aborda a questão dos pós-tribulacionistas que são pré-milenistas com algumas sugestões originais sobre como e quem entrará no reino milenar. Outra novidade em sua posição é a afirmação de que o arrebatamento ocorrerá um pouco antes do Armagedom, mas, ainda assim, faz parte da segunda vinda de Cristo propriamente dita.

Embora Gundry acuse os pré-tribulacionistas de serem ilógicos e basearem sua visão em raciocínios errados e na falta de provas, muitos pré-tribulacionistas devolvem o elogio, pois Gundry, como um hábil debatedor, frequentemente parece desconsiderar a lógica. Seu ponto de vista será considerado posteriormente em

[146] Ibidem, p. 163-71.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

mais detalhes, junto a várias outras passagens que ele ofereceu em apoio à sua posição.

Na visão de Gundry, mais do que na de qualquer outro pós-tribulacionista, há um claro rompimento com que o tradicionalmente tem sido considerado argumentos pós-tribulacionistas. Em contraste a praticamente todos os outros pós-tribulacionistas, Gundry se empenha em combinar dispensacionalismo com pós-tribulacionismo, enquanto outros pós-tribulacionistas percebem que o dispensacionalismo logicamente conduz ao pré-tribulacionismo. Se o pré-tribulacionismo pode ser questionado por ter menos de dois séculos de idade, a teoria de Gundry é também vulnerável por ser bem mais recente.[147]

O fato de os pós-tribulacionistas estarem divididos em pelo menos quatro escolas de interpretação, que se contradizem no tocante a importantes pontos de sua visão, é um grande problema para o pós-tribulacionismo. Como muitos argumentos dessas quatro posições são semelhantes, passaremos a considerar os principais deles, fazendo um estudo exegético que trata sobre o assunto.

---

[147] Para um estudo mais completo sobre a posição de Gundry como um todo, veja Walvoord, *Blessed Hope*, p. 60-69.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 13

ARGUMENTOS DO PÓS-TRIBULACIONISMO

Todos os pós-tribulacionistas concordam que, se há um futuro período de tribulação que antecede o segundo advento, a Igreja necessitará passar por esse período pois a segunda vinda de Cristo trará livramento. Assim, eles concordam em se opor aos pré-tribulacionistas, que afirmam que Igreja será arrebatada antes da grande e final tribulação. Pelo menos dez argumentos são desenvolvidos em apoio ao pós-tribulacionismo; e embora os pós-tribulacionistas divirjam em algum deles, uma breve consideração dos mesmos será essencial para o entendimento geral dessa posição. Consideraremos também alguns argumentos pós-tribulacionista zerão considerados na exegese dos principais textos utilizados pelo pós-tribulacionismo para apoiar sua posição.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O ARGUMENTO AD *HOMINEM*

Uma característica lamentável na argumentação pós-tribulacionista é a tendência geral de se utilizar do argumento *ad hominem*, no qual o ataque pessoal contra os pré-tribulacionistas substitui argumentos sólidos das Escrituras. Embora os pós-tribulacionistas não sejam os únicos a manterem essa prática, qualquer observador imparcial perceberá que a literatura pós-tribulacionista, principalmente as do tipo controverso, é abundante nesse tipo de referência.

Alexander Reese, que produziu a defesa clássica do pós-tribulacionismo, dedicou um considerável espaço em sua tese para injúrias contra os pré-tribulacionistas. Hogg e Vine, em sua análise dos argumentos *ad hominem* utilizados por Reese, fizeram o seguinte resumo:

> O Sr. Reese parece não estar certo em sua mente se aqueles a quem ele ataca com tanta veemência são tolos ou somente tratantes; suas palavras frequentemente sugerem que sejam ambos! Aqui estão algumas coisas que ele diz sobre eles, tomadas ao acaso das páginas de seu livro: Eles são culpados de "sofismas em excesso e fanatismo exegético" e de "raciocínio fraco". Eles preferem "qualquer tolice a explicações verdadeiras e óbvias" de uma passagem, e "distorcem as Escrituras". Sua preferência por uma linha de ensino que os favoreça "não é questão exegética. [...] É simplesmente uma questão de ética". Eles não são leitores da Bíblia que temem a Deus, mas "teóricos", demonstrando pouco conhecimento com grande exegese". Seu ensino é "inconsistente e enganador" em "seu caráter absurdo". "Eles escreveram seus

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> erros em grandes filactérios". Eles "são equivocados e mestres enganadores".[148]

Fromow escreveu: "Gostaríamos de perguntar com amor: não há uma certa fraqueza, um sentimento de covardia nessa ideia de escapar da grande tribulação?"[149] Oswald T. Allis, em sua discussão sobre o pré-tribulacionismo, tomou como seu único e principal ponto: "*1. O Pré-tribulacionismo apela para motivos indignos.*"[150] Ele descreveu o pré-tribulacionismo como "uma característica essencial do dispensacionalismo"[151] que conduz a "resultados trágicos".[152] Allis atacou em suas palavras iniciais:

> Antes de examinar as provas apresentadas em favor dessa doutrina, parece ser bom notar o quanto ela é calculada de maneira singular para apelar à àquele impulso egoístas e indignos dos quais nenhum cristão está totalmente imune" [isto é, evitar o sofrimento da grande tribulação].[153]

Além disso, ele acusou os pré-tribulacionistas de serem "encorajados a ver o atual estado pecaminoso do mundo com compostura em que não há nenhum sinal de complacência".[154]

---

148 HOGG and VINE, *The Church and the* tribulation, p. 9-10

149 FROMOW, George H. *Will the Church Pass Through the Tribulation?*

150 ALLIS, Oswald T., *Prophecy in the Church,* p. 207.

151 Ibid., p. 216

152 Ibid.

153 Ibid.

154 Ibid.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Embora alguns dos argumentos de Allis sejam direcionados contra a doutrina, e não aos seus adeptos, seu principal argumento é que os pré-tribulacionista apelam para "impulsos egoístas e indignos", e adotam uma doutrina que tem consequências "trágicas" e "radicais" que influenciam a doutrina ortodoxa como um todo. A não ser que o martírio seja algo a se desejar ardentemente e procurar alegremente, é difícil perceber por que é tão contrário aos princípios cristãos o desejo de evitar essas contingências. Embora seja feita a acusação de que isso tenha influenciado os pré-tribulacionistas, nem Allis nem qualquer outra pessoa conseguiu demonstrar que o desejo natural de evitar a grande tribulação é um fator influente nas doutrinas relacionadas ao pré-tribulacionismo. Pelo contrário, o pré-tribulacionismo é baseado somente em princípios razão exegética e interpretativa, como Allis admitiu, de modo inadvertido, ao definir o pré-tribulacionismo como "uma característica essencial do dispensacionalismo."[155]

O apelo à paixão e ao preconceito, e a tentativa inicial de acusar os pré-tribulacionistas de motivações indignas e não espirituais trata-se de uma calúnia contra muitos homens piedosos que defenderam essa posição com sinceridade depois de piedosamente analisarem as passagens bíblicas relacionadas a essa doutrina. Deve ser óbvio para qualquer observador imparcial que a diferença entre pré-tribulacionismo e pós-tribulacionismo é doutrinária e exegética, e não espiritual, e que homens dignos e piedosos são encontrados de ambos os lados do debate. Isso foi demonstrado na obra *The Blessed Hope*, de Ladd, ao se referir à "piedosa influência de homens como James M. Gray, A. C. Gaebelein, R. A. Torrey, W. B. Riley, I. M. Haldeman, H. A. Ironside, L. S. Chafer, e muitos outros" que eram pré-tribulacionistas.[156] O próprio Ladd se aventurou em citar os

---

[155] Ibid., p. 216.

[156] LADD, George E., *The Blessed Hope*, p. 8.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

oponentes "sempre com espírito amável e generoso" e a "promover um debate cortês do problema", [157] o que certamente é recomendável.

A abordagem *ad hominem*, que recebeu tanta notoriedade dos pós-tribulacionistas, contudo, promoveu mais mal do que bem à sua causa, e levanta a questão de por que tal abordagem é usada se sua doutrina tem uma base exegética sólida. Uma vez que alguns pós-tribulacionistas dão a esse argumento o primeiro lugar, foi necessário apresentá-lo nessa ordem. Na verdade, o pós-tribulacionismo está fundamentado em premissas doutrinárias que agora podem ser discutidas.

O ARGUMENTO HISTÓRICO

Um dos argumentos mais fortes do pós-tribulacionismo é afirmação de que o pré-tribulacionismo é uma doutrina nova. Reese, depois de citar inúmeros acadêmicos antigos e recentes que eram pós-tribulacionistas, afirmou:

> O fato de muitos e importantes homens, depois de estudarem as Escrituras de forma independente, chegarem a conclusões similares em relação à segunda vinda de Cristo e ao seu reinado, cria um forte presunção — segundo os pressupostos pré-milenistas — de que tal visão é bíblica, e de que nada abertamente ensinado nas Escrituras, essencial à esperança da Igreja, tenha sido esquecido.[158] Ele continua, rastreando o surgimento do pré-tribulacionismo: "Contudo, em cerca de 1830, uma

[157] Ibid., p. 13.

[158] REESE. Alexander, *The Approaching Advent of Christ*, p. 19.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> nova escola surgiu no seio do pré-milenismo, a qual buscou derrubar o que, desde os tempos apostólicos, tem sido ensinado por todos os pré-milenistas como uma verdade estabelecida, e a instituir, em lugar disso, uma série de doutrinas nunca antes ensinadas. A escola a que me refiro é a dos "Irmãos" ou "Irmãos de Plymouth," fundada por J. N Darby.[159]

Múltiplas citações similares poderiam ser obtidas de outros pós-tribulacionistas. Ladd dedicou dois longos capítulos, quase um terço de toda sua obra, para provar esse ponto.[160]

A afirmação de que o pré-tribulacionismo, em sua forma moderna, pode ser traçado em alguma medida até Darby, é apoiada pelos próprios escritos de Darby. Em sua busca pela verdade pré-milenista, Darby chegou à conclusão de que a Igreja é uma obra especial de Deus, distinta de seu plano para Israel. Isso, por sua vez, conduz à posição de que o arrebatamento é um evento especial apenas para Igreja.

Contudo, na tentativa de desacreditar o pré-tribulacionismo, numerosas afirmações têm sido feitas de que Darby não extraiu tal ensino de seus próprios estudos, como parece ser o caso, mas de vários indivíduos instáveis, incluindo figuras como Edward Irving e uma mulher por nome de Margaret MacDonald. Essa acusação tem sido feita por anos, mas tem sido propagada de forma particular por Dave MacPherson, filho de Norman MacPherson, que também é pós-tribulacionista.

Em uma série de publicações, inicialmente feita em folhas mimeografadas, que mais tarde foram agrupadas em uma série de livros, Dave MacPherson atacou o pré-tribulacionismo, afirmando

---

159 Ibid.

160 LADD. *Hope*, p. 19-60

CAMP001_04X12_ABRIL2021

que este se originou em meio a ensinamentos pentecostais heréticos, criados especialmente por Margaret MacDonald, a qual disse ter tido uma visão, embora estivesse sob influência demoníaca.

O resumo mais recente dos argumentos de Dave MacPherson é encontrado em sua obra *The Incredible Cover-Up* [O disfarce incrível], que combina material de dois livros anteriormente publicados, *The Unbelievable Pre-Trib Origin* [A inacreditável origem do pré-tribulacionismo] e *The Late Great Pre-Trib Rapture* [O grande e tardio arrebatamento pré-tribulacionista]. Seu trabalho mais recente surge de intensa pesquisa para obter informações sobre Edward Irving e Margaret MacDonald. Dave MacPherson havia feito suas acusações muitos anos antes de fazer a pesquisas que apoiaria seus argumentos.

Como um jornalista, Dave MacPherson elaborou um importante caso para defender sua posição, com um jornalismo um tanto fascinante. Ele tentou provar que os pré-tribulacionistas são culpados de um complô para encobrir a verdadeira origem do pré-tribulacionismo, cujas origens remetem a Irving e Margaret MacDonald, e que os fatos mostram que o pré-tribulacionismo é uma heresia proveniente de um contexto totalmente duvidoso. Seus argumentos têm sido discutidos em detalhes por muitos autores, incluindo R. A. Huebner e em o autor do presente texto, na obra *The Blessed Hope.*[161]

Conforme foi dito em *The Blessed Hope,* há pelo menos cinco críticas que respondem adequadamente ao argumento de MacPherson.

Primeiro, MacPherson não provou qualquer "disfarce". A maioria dos pós-tribulacionistas se tornou pré-tribulacionistas por meio da exegese bíblica, e não pela história da doutrina, e eles não estão cientes de alguns dos ataques feitos por MacPherson. Provar que a crença generalizada no arrebatamento pré-tribulacionista se

---

161 HUEBNER, R. A. *The Truth of the Pre -Tribulation Rapture Recovered;* John F. Walvoord, *The Blessed Hope and the Tribulation,* p. 42-48.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

fortaleceu a partir de uma fonte incerta é mais inacreditável do que as acusações de MacPherson.

Segundo, MacPherson foi obviamente parcial nas citações em apoio à sua posição, pois todos os citados são pós-tribulacionistas. Por exemplo, ele menciona Samuel P. Tregelles, o qual afirma que o pré-tribulacionismo teve origem na igreja de Edward Irving, em 1832. Há evidência de que essa é uma história falsa contada por Tregelles em 1864, trinta e dois anos após o incidente. R. A. Huebner demonstrou, por meio de uma cuidadosa análise dos documentos atribuídos a Irving e MacDonald, que nove anos antes de Tregelles inventar essa história, ele havia atribuído a origem do pré-tribulacionismo aos judaizantes, e aparentemente ainda não havia falado começado sua hipótese posterior. Ambas as afirmações de Tregelles não possuem qualquer fundamento, e fica óbvio que ele era uma testemunha preconceituosa.

Terceiro, uma das mais importantes falhas de MacPherson é que as fontes que ele ofereceu como prova da controvérsia de que Margaret MacDonald e Edward Irving eram pré-tribulacionistas não provam nada, ainda que MacPherson tenha feito extensa pesquisa sobre o assunto. Nenhuma de suas citações constitui evidência suficiente para provar que qualquer um dos acusados era pré-tribulacionista. Na verdade, há provas de que eles não eram pré-tribulacionistas. Como Huebner concluiu, "Aconteceu, sob a boa mão de Deus, que ele decretou que um pós-tribulacionista descobrisse a refutação dessa calúnia, na medida em que isso tivesse a ver com a Escócia, com senhorita Margaret MacDonald e com 1830."[162]

As extensas citações de MacPherson, embora interessantes, não provam que MacDonald ou Irving eram pré-tribulacionistas. Ele pode ser capaz de demonstrar que eles não eram pós-tribulacionistas tradicionais, mas isso não prova que fossem pré-tribulacionistas.

---

[162] HUEBNER, *Rapture Recovered*, p. 14.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

MacPherson agiu ansiosamente ao tentar provar que Margaret MacDonald foi a fonte da nova doutrina, e para esse intento, citou Norton, que é um pós-tribulacionista convicto. Margaret MacDonald supostamente teve uma visão da vinda do Senhor e ouviu a trombeta de Deus e as hostes celestiais cantando.[163] Norton também deu detalhes em relação à segunda experiência de Margaret MacDonald e, em relação a isso, citou uma de suas irmãs, a qual descreveu a experiência de cura de MacDonald e afirmou que houve um derramamento do Espírito Santo sobre seu irmão, James. Contudo, em meio a esse material, é inútil a busca sobre qualquer ensino claro sobre o pré-tribulacionismo.

É surpreendente, que ao ler a literatura pós-tribulacionista, encontremos muitos estudiosos sérios, que atribuem a origem do pré-tribulacionismo a MacDonald e Irving, sem fazer uso de uma fonte digna. Entre esses podemos incluir Ladd, Reese e Payne. O que essas fontes têm demonstrado, como, por exemplo, a obra do próprio MacPherson, é que MacDonald e Irving não eram pré-tribulacionistas, e isso demonstra o quão longe se pode ir uma controvérsia sem fundamento.

Em contraste à afirmação de que Irving era pré-tribulacionista, Huebner demonstrou que aquilo em que Irving realmente acreditava era que o arrebatamento aconteceria no final da grande tribulação, depois do sétimo selo, depois da sétima trombeta e depois da sétima taça mencionados no livro de Apocalipse, o que praticamente todo pós-tribulacionista reconhece que trará o fim da grande tribulação. Segundo Huebner, Irving publicou uma declaração em *The Morning Watch* de dezembro de 1831, na qual diz:

> Que o sétimo selo foi aberto, que a sétima trombeta soou, que a sétima taça foi derramada: mas é somente a

---

163 MACPHERSON. Dave, *The Incredible Cover-Up,* p. 49-52.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> essa última parte da profecia mencionada que devemos dirigir nossa atenção. Bendito seja Deus, pois temos vivido para ver o cumprimento da sétima taça, *e durante o seu derramamento, o Senhor virá!*[164]

À luz dessas declarações, como poderia alguém afirmar que Irving era pré-tribulacionista? É também digno de nota que essa declaração foi feita um ano após ele supostamente ser o propagador do arrebatamento pré-tribulacionista. A controvérsia de MacPherson, segundo a qual Irving era pré-tribulacionista, demonstrou, por sua própria pesquisa, exatamente o contrário.

Da mesma forma, não há nenhum registro claro de que Margaret MacDonald fosse pré-tribulacionista. É possível, a partir de algumas de suas declarações, chegar à conclusão de que sua visão sobre profecias era distorcida, e pode possivelmente ser identificada com a visão do arrebatamento parcial. Contudo, nenhuma de suas afirmações coloca o arrebatamento antes do início da grande tribulação. Na melhor das hipóteses, é demonstrado que o arrebatamento estaria incluído em uma série de eventos que teriam seu auge na grande tribulação.

Quarto, a alegação de MacPherson e outros de que Darby derivou sua visão de Irving ou de MacDonald não tem apoio de qualquer evidência factual. Obviamente, se eles não eram pré-tribulacionistas, como poderia Darby derivar sua visão a partir da deles? Mesmo que fossem pré-tribulacionistas, não há nenhuma prova que ligue um ao outro, exceto o fato de viverem na mesma época.

Quinto, Darby foi um escritor profícuo e um eficiente professor de Bíblia e evangelista, levando centenas de pessoas a Cristo. Qualquer estudante cuidadoso de Darby rapidamente descobrirá,

---

[164] HOOPER, "The Church's Expectation," *The Morning Watch* 4 (Dec. 183 l): 321. Citado por Huebner, *Rapture Recovered,* p. 22-23. Itálico meu.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

a partir de suas muitas obras, que ele retirou sua visão escatológica dos próprios estudos bíblicos e de sua conclusão de que a Igreja é o corpo de Cristo, e não a obteve a partir de alguma fonte humana. As ideias de Darby foram se formando gradualmente, mas estão baseadas na Bíblia.

Em tais circunstâncias, parece que o senso comum convoca Dave MacPherson a escrever outro livro confessando que todo seu ponto de vista não possui qualquer base factual, pelo menos no que diz respeito a Irving e MacDonald. Ao acusarem o pré-tribulacionismo de ser uma doutrina recente, os pós-tribulacionistas preferem ignorar os fatos, e isso limita a pertinência desse argumento. Os próprios pós-tribulacionistas consideram que a doutrina do segundo advento é uma série de eventos, ao invés de um único e grande ato de Deus. Rose, em seu argumento pós-tribulacionista, estabeleceu um período de tempo entre o arrebatamento da Igreja e o segundo advento, no qual "o grande dia de ira" cai sobre os ímpios. Ele acreditava que, entre o arrebatamento e o julgamento das nações (Mt 25), muitos receberam Cristo como seu Salvador:

> Mas quando Cristo vier em poder e grande glória, e todo olho o vir; duas coisas acontecerão em um curto espaço de tempo. Primeiro, os deliberadamente ímpios serão destruídos pelo resplendor de sua vinda no conflito que ocorrerá imediatamente. Segundo, "multidões que estarão no vale da indecisão" imediatamente receberão a Cristo.[165]

Segundo Rose, os justos, no julgamento das nações, são aqueles que receberam a Cristo no período entre o arrebatamento e o

[165] ROSE, *Tribulation Till Translation,* p. 282.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

julgamento. Se é possível, em meio ao esquema pós-tribulacionista, ter uma série de eventos na qual o arrebatamento ocorre "no início da manhã do dia do Senhor",[166] por que seria inconcebível situá-lo um pouco antes nessa série, para que preceda a grande tribulação? Se a Igreja deve ser diferenciada dos justos que estão nas nações no julgamento de Mateus 25, por que não distinguir a Igreja de todos os santos do período da tribulação?

O fato é que Reese, citado anteriormente, exagerou a importância que a Igreja primitiva deu a essa questão. Não existiram ensinamentos sobre essa questão que pudessem ser considerados como "verdade estabelecida". A Igreja primitiva acreditava em um período de tribulação futuro, na iminente vinda do Senhor e, em seguida, o milênio. De que forma a vinda do Senhor poderia ser uma expectativa diária, conforme é indicado pelos primeiros pais da Igreja, e, ao mesmo tempo, haver uma longa série de eventos precedendo a segunda vinda não foi aparentemente resolvido na Igreja primitiva. Sem dúvidas, alguns eram pós-tribulacionistas, mas outros não foram claros. Se doutrinas mais importantes, como a Trindade e a procedência do Espírito Santo, levaram séculos para receberem uma declaração aceitável, dificilmente poderia se esperar que problemas escatológicos fossem resolvidos já nos primeiros séculos. A influência dos princípios de espiritualização de Orígenes, que causou o enfraquecimento do pré-milenismo nos terceiro e quarto séculos, e o afastamento das Escrituras, que caracterizou a Igreja organizada até o período da Reforma Protestante, dificilmente poderiam proporcionar condições para que um intrigante problema como pré-tribulacionismo versus pós-tribulacionismo pudesse ser resolvido.

A Igreja primitiva estava longe de ter resolvido detalhes escatológicos, embora fosse definidamente pré-milenista. Era im-

---

[166] Ibid., p. 277.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

possível que a questão da tribulação fosse até mesmo discutida, de maneira inteligente, até que a Reforma Protestante tivesse restaurado o fundamento teológico que poderia baseá-la. Infelizmente, os reformadores recorreram a Agostinho e sua escatologia em vez de aos primeiros pais do milenarismo; e até que o pré-milenismo tenha sido estabelecido novamente no período pós-reforma, o avanço na interpretação de profecias teve de aguardar. Em poucas palavras, os primeiros pais não eram especificamente pré-tribulacionistas, muito menos pós-tribulacionistas no sentido moderno do termo. Eles simplesmente não levantaram as questões que essa controvérsia envolve.

Henry C. Thiessen deu um bom resumo do testemunho dos primeiros pais da Igreja sobre essa questão:

> Permita-nos primeiro observar que, segundo Moffat, "piedade Rabínica (*Sanh.* 98b) esperava a isenção da tribulação dos últimos dias somente para aqueles que estivessem envolvidos na prática de boas obras e nos estudos sagrados". [Cf. Possível alusão feita por Cristo a esse ensino em Lucas 21.36.] Dessa forma, havia um contexto judaico que esperava que alguns não passassem pela tribulação. Quando voltamos aos primeiros pais, encontramos um silêncio total quanto ao período da tribulação. Eles testificaram bastante sobre o fato de haver tribulações, mas falaram pouco sobre o período futuro período chamado, de modo específico, de A Tribulação. Esse não deve causar-nos nenhuma perplexidade. Esses escritores viveram durante o segundo e o terceiro séculos, e todos sabemos que esses foram séculos de grande perseguição por parte de Roma. A Igreja estava passando por dolorosas provações e, assim, não se preocupava com a questão da tribulação

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> que ainda estava por vir. Talvez, não tenha havido um entendimento da natureza exata do período.[167]

Deste modo, podemos concluir que, embora a Igreja primitiva não tenha ensinado o pré-tribulacionismo do século XX, ela também não ensinou de forma clara o pós-tribulacionismo moderno. A posição futurista de Ladd quanto aos eventos de Apocalipse 8 a 18 ocorrerem antes da segunda vinda de Cristo, e a recente posição de Robert Gundry, similar a essa, mas que distingue Israel e Igreja, são, em grande parte, conceitos desenvolvidos no século XX. Se os pós-tribulacionistas são livres para inovar, como fez Gundry, e ainda sustentar que estão ensinando a verdade, por que escritores como Ladd e Gundry continuam afirmando que o pré-tribulacionismo está errado por ter menos de dois séculos? A verdade ou o erro do pré-tribulacionismo deve ser estabelecido na exegese das Escrituras em vez de na opinião dos pais da Igreja ou na tentativa de desacreditar a doutrina afirmando que ela teve origem em indivíduos de vida questionável.

O ARGUMENTO DA NATUREZA DA TRIBULAÇÃO

Grande parte da controvérsia da tribulação surge da falha em concordar sobre a definição da natureza da tribulação. Entre os pós-tribulacionistas há total confusão nesse ponto. Alguns insistem que toda a presente era é a grande tribulação; outros, como os pré-tribulacionistas, a consideram um período ainda futuro. Ob-

---

[167] THIESSEN, Henry C. "Will the Church Pass Through the Tribulation?" *Bibliotheca Sacra* 92 (April-June 1935): 189-90.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

viamente não pode haver uma discussão objetiva quanto à Igreja passar ou não pela tribulação até que haja algum acordo sobre os termos básicos.

Os pré-tribulacionistas concordariam com os pós-tribulacionistas que a Igreja sempre passou, em alguma medida, por aflições e tribulações. Isso é mencionado com muita frequência nas Escrituras para que haja dúvidas (Mt 13.21; Jo 16.33; At 14.22; Rm 2.9; Ap 2.10). Resumindo, nas palavras de Cristo, "Neste mundo vocês terão aflições" (Jo 16.33). Contudo, muitos pós-tribulacionistas concordam com os pré-tribulacionistas no fato de que a grande tribulação da qual Cristo falou (Mt 24.21) deve ser distinta das experiências gerais de tribulações. A grande tribulação, dessa forma, é um período futuro, corretamente identificado com os últimos três anos e meio que precedem a vinda de Cristo para estabelecer seu reinado sobre a terra. Logo, o fato de a Igreja estar passando por muitas aflições não serve de base para determinar se passará também por um período ainda futuro de tribulação.

Norman MacPherson, o pós-tribulacionista pai de Dave MacPherson, corretamente iniciou a discussão sobre os argumentos do pós-tribulacionismo lidando com a definição da tribulação em si. Ele percebeu que, das 55 ocorrências do verbo *thlibo* e do substantivo *thlipsis*, somente três se referem especificamente à grande tribulação.[168] Assim, ele concluiu que, embora muitas dessas passagens se refiram à presente era, há três que se referem especificamente a um período futuro.

Os poucos pós-tribulacionistas que querem resolver a questão dizendo que as Escrituras se referem às tribulações do dia a dia parecem ser influenciados por um desejo de ridicularizar o pré-tribulacionismo. Os argumentos de Fromow e Rose nesse ponto, mencionados anteriormente, são desse tipo. Contudo, seguindo essa

---

[168] MACPHERSON, Dave. *Couer-Up*, p. 13.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

linha de raciocínio, eles não encaram o fato evidente de que um período de tribulação não pode ser inédito e, ao mesmo tempo, comum ao longo dos anos. O tempo de tribulação, referido por Cristo como a grande tribulação, deveria ter uma característica específica, tornando-o um sinal da aproximação da segunda vinda. A tendência do pós-tribulacionismo de obscurecer a descrição bíblica sobre a natureza e os propósitos da grande tribulação surge da necessidade de defender o pós-tribulacionismo de algumas contradições. Uma delas é motivo pelo qual os santos da presente eram perfeitamente justificados pela fé, colocados em uma posição de perfeita santificação e declarados estando em Cristo, deveriam sofrer "o grande dia da sua ira" durante a tribulação. Embora os cristãos possam ser disciplinados e punidos, eles não podem ser meramente expostos à ira de Deus.

Essa aparente dificuldade dentro do pós-tribulacionismo é tratada de várias formas, mas a solução normalmente é distinguir, como fez Rose, o período da tribulação do "grande dia da ira".[169] O pensamento é que os cristãos desse tempo futuro de tribulação experimentarão perseguições e aflições, mas não a ira.

Harold J. Ockenga, em defesa do pós-tribulacionismo, fez a mesma distinção:

> A Igreja suportará a ira dos homens, mas não sofrerá a ira divina. [...] Essa distinção, que tem sido de grande ajuda para mim, geralmente é negligenciada pelos dispensacionalistas pré-tribulacionistas. [...] Os pré-tribulacionistas identificam a tribulação com a ira de Deus. Se isso for provado, devemos crer que a Igreja será retirada

169 ROSE, *Tribulation*, p. 76-77.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> do mundo antes da grande tribulação, pois nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.[170]

A resposta para esse argumento é encontrada no estudo das passagens que descrevem a grande tribulação. Não restam dúvidas acerca de juízos específicos que sobrevirão somente aos não salvos. Em Apocalipse 9, por exemplo, a distinção é feita entre salvos e não salvos em um julgamento que recai sobre a terra. Em Apocalipse 7, de igual modo, um grupo de 144 mil é selecionado dentre as doze tribos de Israel, e estes são aparentemente protegidos. Todavia, muitos outros juízos, por sua própria natureza, não distinguem salvos de não salvos. Os juízos de fome e espada, ou terremoto e estrelas que caem do céu, guerra e pestilência, não são, por sua natureza, discriminatórios. Eles podem recair tanto sobre justos como sobre injustos.

A principal dificuldade desse argumento pós-tribulacionista não está na questão de a Igreja experimentar a ira como tal, mas, em vez disso, se ela entrará no *dia* da ira, ou seja, o período de tempo em que a ira será derramada. Em 1Tessalonicenses 5.5, os cristãos recebem a confirmação de que eles são "filhos da luz, filhos do dia. Não somos da noite nem das trevas." O contexto trata do período de tempo denominado "o dia do Senhor.". E mais uma vez, ligado a esse fato, é dito: "Porque Deus não nos destinou para a ira" (1Ts 5.9). Para a igreja de Filadélfia foi prometido: "Eu também o guardarei da hora da provação que está para vir sobre todo o mundo, para pôr à prova os que habitam na terra" (Ap 3.10). Foi-lhes prometido livramento do *período* de futura tribulação. Cristo, em Lucas 21.36, exortou: "Estejam sempre atentos e orem para que vocês possam escapar de tudo o que está para acontecer e estar em pé diante do

---

[170] OCKENGA, Harold. "Will the Church Go Through the Tribulation? Yes." p. 22.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Filho do homem". A única maneira de alguém escapar do "tudo que está para acontecer" mencionado no contexto só poderia ser escapando do período em que essas coisas ocorrerem, ao estar em outro lugar, ou seja, "diante do Filho do homem", o qual, antes da segunda vinda, estará no céu. Entretanto, embora haja diferença no propósito da aflição para o cristão e do julgamento sobre os ímpios, não há justificativa para acreditar que os horrores da grande tribulação serão aliviados para aqueles que creem em Cristo naquele dia. Ao invés disso, eles sofrerão perseguição e martírio, além das catástrofes que caracterizarão aquele período.

Portanto, de forma geral, embora os pré-tribulacionistas aceitem o fato de haver diferenças na maneira de Deus lidar com salvos e não salvos naquele período, cremos que haverá pouco alívio para os santos. É de pouco consolo aos crentes esperar por um futuro em que há uma diferença nominal na maneira de Deus lidar com os salvos e não salvos na tribulação.

O ARGUMENTO DA NATUREZA DA IGREJA

Uma das principais diferenças que separam o pós-tribulacionismo do pré-tribulacionismo é a discordância em relação à natureza da Igreja. Os pós-tribulacionistas tendem a incluir na Igreja os crentes de todas as eras. As poucas exceções incluem Robert Gundry, que se empenha em manter a distinção entre Israel e Igreja, e Willian Hendriksen, que, pelo menos em alguns pontos, também distinguiu a Igreja e Israel. As Escrituras claramente indicam que haverá crentes no período da grande tribulação. Se os crentes de todas as eras pertencem à Igreja, então a Igreja necessariamente deve passar pela grande tribulação. Contudo, muitos pré-tribulacionistas acreditam que a palavra "igreja", quando se refere ao

CAMP001_04X12_ABRIL2021

corpo de Cristo — a totalidade dos salvos na presente era — está limitada, nas Escrituras, aos santos da presente dispensação. Os santos do Antigo Testamento e todos que serão salvos durante grande tribulação e no milênio são distintos da Igreja, segundo a visão dispensacionalista. Essa diferença quanto à definição é crucial para decidir se a Igreja passará pela grande tribulação, porque a palavra *ecclesia* (igreja) nunca é usada em passagens que descrevem a tribulação. Somente a identificação dos crentes que passarem pela grande tribulação com a Igreja é que permite aos pós-tribulacionistas oferecerem alguma prova da presença da Igreja nesse período.

A seguinte declaração de Fromow tipifica a posição pós-tribulacionista:

> Uma pesquisa detalhada quanto às menções veterotestamentárias de "santos", "graciosos", "assembleia" ou "grande congregação", termos empregados em todos os salmos e profecias do Antigo Testamento, poderia dissipar a noção de que o povo de Deus redimido da atual era, a Igreja, não são se encontra nos registros do Antigo Testamento e nas profecias. Nós e eles somos todos membros do *mesmo* corpo.[171]

Fromow seguiu o raciocínio a ponto de identificar o termo "eleitos" como outro sinônimo.[172]

Norman MacPherson apresentou o mesmo argumento quanto ao termo "eleitos" de Mateus 24.22. Ele escreveu:

---

171 FROMOW, *Tribulation,* p. 6.

172 Ibid., p. 7

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> Não há nada aqui para indicar quem são os eleitos, embora haja uma grande probabilidade de o termo se referir à Igreja, uma vez que, das outras quinze ocorrências da palavra "eleitos" no Novo Testamento, uma se refira a Cristo, outra a certo grupo de anjos, e não hão nenhuma boa razão para supor que as outras treze vezes não se refiram à Igreja ou a membros individuais da Igreja.[173]

A resposta sobre a definição pós-tribulacionista da Igreja já foi discutida junto à relação do pré-tribulacionismo com a Igreja, e não necessita ser repetida aqui. Foi destacado que, embora a palavra *ecclesia*, traduzida por "Igreja", seja encontrada com frequência na tradução da Septuaginta do Antigo Testamento, e também no Novo Testamento, referindo-se a vários tipos de *congregações* reunidas geograficamente, a palavra nunca é usada no sentido de um corpo de salvos, exceto nessa dispensação. Além disso, o termo *ecclesia* não aparece em nenhuma das passagens que descrevem a grande tribulação. Esses argumentos frequentemente são deixados de lado pelos pós-tribulacionistas sem nenhum esforço em respondê-los, conforme demonstram as citações de Fromow e MacPherson.

Um fato de grande importância e que permanece sem refutação por parte dos pós-tribulacionistas é que *ecclesia*, a Igreja como corpo de Cristo, nunca é mencionada em meio à tribulação em importantes passagens como Apocalipse 4 a 8 e Mateus 24 e 25, nem em qualquer outro texto que descreva a tribulação. O ônus da prova não pertence aos pré-tribulacionistas. Se a Igreja passará pela grande tribulação, por que os pós-tribulacionistas não citam os textos em que o termo *ecclesia* é usado? Embora o argumento pelo silêncio não seja definitivo em si mesmo, o pós-tribulacionismo

---

[173] MACPHERSON, Norman. *Triumph Through Tribulation,* p. 8.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

poderia ser validado por uma única referência que colocasse a Igreja na grande tribulação.

Ladd tentou provar que a Igreja passará pela grande tribulação ao apelar para o fato de que a Igreja aparece como a "noiva" do "Cordeiro" em Apocalipse 19.7. Ele argumentou que o pré-tribulacionismo afirma que a noiva é a Igreja, ainda que o termo "igreja" não apareça; seguindo a mesma lógica, o termo "igreja" aparece nos primeiros capítulos de Apocalipse, ou seja, na tribulação, com outros títulos tais como "santos". Ladd afirmou:

> Se o argumento está seguro de que os "santos" de Apocalipse 13.7,10; 16.6; 17.6 e 18.24, que sofrem nas mãos do anticristo, não é a Igreja por não ser usado o termo *ecclesia*, então a noiva de Apocalipse 19.6 não pode ser a Igreja, pois o termo não é usado; o povo envolvido é chamado de "santos" (v. 8).[174]

A falácia desse argumento deve estar evidente. O texto refere-se ao "casamento do Cordeiro" e à "noiva". É com base nisso, e não no uso da palavra "santos", que os pré-tribulacionistas identificam a Igreja nesse capítulo.

Contudo, o ponto principal do argumento de Ladd é que as bodas são anunciadas como um evento ainda futuro. Pelo fato de os pré-tribulacionistas conectarem as bodas com o arrebatamento, ele concluiu que o arrebatamento deve ocorrer nesse momento, ou seja, depois da tribulação. Como um estudioso do Novo Testamento, não há dúvidas de que Ladd está bem familiarizado com os detalhes relacionados ao casamento hebraico, o que torna toda essa posição inaceitável. Conforme tem sido observado por Lenski

---

[174] LADD. *Hope*, p. 99

CAMP001_04X12_ABRIL2021

e outros, um casamento hebraico tem três estágios: (1) o casamento legal é consumado pelos pais da noiva e do noivo; (2) o noivo vai e retira a noiva da casa de seus pais; (3) acontece a ceia ou a festa do casamento. A maioria dos estudiosos do grego toma o termo grego *gamos*, traduzido por "casamento" em Apocalipse 19.7, com o significado de "ceia do casamento". Com exceção de Hebreus 13.4, esse significado é o padrão no Novo Testamento. O próprio Ladd fez alusão a isso, ao referir-se ao evento como "o banquete do casamento" e "a ceia do casamento."[175] Então deveria estar claro que se a ceia do casamento está em vista aqui, o casamento já foi legalmente consumado e o noivo já veio para sua esposa. Quando aplicado à Igreja, Romanos 7.4 indica que a Igreja é legalmente a esposa de Cristo. No arrebatamento, Cristo virá para sua noiva. No retorno à terra, a festa do casamento será consumada. A partir dos fatos que geralmente são aceitos em relação a um casamento hebraico, não há base acadêmica para sustentar a interpretação de Apocalipse 19 feita por Ladd. A festa do casamento é futura, mas os dois estágios anteriores tiveram seu cumprimento antes de Apocalipse 19. Em vez de demonstrar que a Igreja está na tribulação, essa referência à ceia do casamento deixa claro que Cristo já veio para sua noiva.

Os pós-tribulacionistas costumam perguntar, em tom triunfante, como P. Jones:

> Jesus nos alertou a esperá-lo *antes da grande tribulação*? Algum dos apóstolos escreveram uma única frase dizendo de Jesus virá *antes da grande tribulação*? Capítulo e versículo, por favor! Se não pode ser encontrado um único verso dizendo que Jesus virá antes da grande

[175] Ibid.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> tribulação, por que então essa doutrina é amplamente ensinada?[176]

Jones segue dizendo que a Bíblia ensina que Cristo voltará após a grande tribulação.

Todo pré-tribulacionista ensina que Cristo voltará à terra após a tribulação — isso não é disputado. Esse fato não define quando ocorrerá ao arrebatamento. O tipo de lógica desenvolvida por Jones só aumenta a confusão e não resolve nada. Para responder no mesmo tom, poderia se perguntar: "Onde, na Bíblia, é afirmado que o arrebatamento ocorrerá após a grande tribulação?" "Onde, na Bíblia, diz que a *ecclesia* está na tribulação?" "Capítulo e versículo, por favor!"

Ladd, ao contrário de Jones, concordou que o arrebatamento pós-tribulacionista é uma inferência, em vez de ser uma revelação explícita das Escrituras, ao afirmar: "Nem mesmo as Escrituras colocam o arrebatamento explicitamente no final da grande tribulação".[177] O fato é que o pós-tribulacionismo é uma interpretação das Escrituras que, segundo creem os pré-tribulacionistas, entra em contradição com muitas outras passagens bíblicas. O pré-tribulacionismo se fundamenta em textos bíblicos que permitem harmonizar o arrebatamento com o segundo advento. A distinção entre o arrebatamento e o retorno de Cristo à terra permite que cada evento, que são diferentes, tenha seu próprio lugar. Isso resolve o problema dos detalhes confusos e contraditórios da interpretação pós-tribulacionista, ilustrada na dificuldade de os próprios pós-tribulacionistas harmonizarem as profecias em relação ao segundo advento.

---

176 JONES. Orson P., "Plain Speaking on the Rapture Question," Tratado não publicado.

177 LADD, *Hope*, p. 165.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

A doutrina da Igreja é, assim, determinante na questão de a Igreja passar ou não pela grande tribulação. Todos concordam que haverá crentes durante a grande tribulação. O pré-tribulacionismo necessariamente exige uma distinção entre esses crentes e os crentes da presente era, que formam a Igreja. Essa diferença de opinião raramente recebeu um tratamento por parte dos pós-tribulacionistas, que normalmente adotam o pensamento de que "Não, não, é claro que a Igreja incluiu todos os santos". A posição pré-tribulacionista é descartada como "dispensacionalista", como se isso fosse o golpe de misericórdia do pré-tribulacionismo. Não somente o pré-tribulacionismo depende de uma eclesiologia que reconheça o lugar exclusivo da Igreja no presente século, como também é verdade que pré-milenismo se estabelece por distinguir Israel e a Igreja a partir da mesma base teológica. Primeiro, deve-se chegar a um acordo quanto à pertinência da eclesiologia para a escatologia antes que haja um debate relevante em relação ao pós-tribulacionismo *versus* pré-tribulacionismo.

A NEGAÇÃO DO RETORNO IMINENTE DE CRISTO

O ensino de que Cristo pode vir a qualquer momento para sua Igreja é um dos pontos do pré-tribulacionismo frequentemente atacado pelos pós-tribulacionistas. Obviamente, se a Igreja deve passar pela grande tribulação, o arrebatamento iminente é uma vã esperança. Portanto, os pós-tribulacionistas se empenham para negar a iminência ou para aplicar outro sentido ao termo, dando um significado diferente que não envolva o sentido de proximidade. A

CAMP001_04X12_ABRIL2021

negação da iminência é a principal característica dos argumentos contra o pré-tribulacionismo.

Os pós-tribulacionistas estão acostumados a dar um espaço considerável para esse argumento, mais do que seria permitido em uma refutação.[178] Os argumentos seguintes normalmente são incluídos nas premissas pós-tribulacionistas:

1. A promessa de Cristo a Pedro, de que este morreria em idade avançada (Jo 21.18-19);

2. Várias parábolas que ensinam sobre um longo intervalo entre o momento em que o Senhor partiu e momento de seu retorno (Mt 25.14-30);

3. Sugestões de que o plano para a presente era é extensivo (Mt 13.1-50; 28.19-20; Lc 19.11-27; At 1.5-8);

4. Os planos de longa data para as viagens missionárias de Paulo e seu conhecimento da proximidade da morte é uma negação clara de que ele acreditasse no retorno iminente de Cristo;

5. A profecia da destruição de Jerusalém, precedendo a segunda vinda (Lc 21.20-24);

6. Os sinais específicos da segunda vinda dado aos discípulos (Mt 24.1–25.30).

O problema se complica ainda mais para os pré-tribulacionistas visto que se passaram mil e novecentos anos, indicando que

---

[178] Cf. CAMERON, Robert, *Scriptural Truth about the Lord's Return,* p. 21-69.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

era parte do plano de Deus haver um longo período de tempo até a vinda do Senhor. Como podemos, então, responder a essas objeções?

De início, deve ser observado que já não existe mais a maioria dos obstáculos para a vinda repentina do Senhor no primeiro século. Um longo período já se passou; Pedro e Paulo já partiram para casa do Senhor; apenas os sinais específicos de Mateus 24 e 25 faltam se cumprir. Muitas das dificuldades para uma vinda iminente já foram resolvidas.

Entretanto, a questão é se os cristãos do primeiro século acreditavam e ensinavam sobre a vinda iminente de Cristo, no sentido de que poderia ocorrer a qualquer momento. A maioria das dificuldades levantadas pelos pós-tribulacionistas não sobrevive a um exame rigoroso. Pedro estava na meia idade no momento em que a profecia de João 21.18-19 foi dada. No período em que a pregação do arrebatamento iminente da Igreja foi feita e aceita pela Igreja, Pedro já estava na fase final de sua vida. A profecia, como registrada em João 21, aparentemente não era de interesse comum da Igreja até a morte do apóstolo, e isso não constituiu um obstáculo para que a maioria dos cristãos cresse no retorno iminente do Senhor. Mesmo que fosse do conhecimento de todos, os perigos do martírio, conforme demonstrado pela súbita morte de Tiago, e as dificuldades de comunicação poderiam deixar a maior parte da Igreja sem saber se Pedro ainda estava vivo ou não.

O longo período descrito nas parábolas certamente poderia se alinhar com a doutrina da iminência. Uma longa jornada pode levar apenas alguns anos, o quanto os primeiros cristãos pudessem determinar. A pregação extensiva do evangelho nos primeiros séculos poderia claramente satisfazer o plano de pregação até os confins da terra. A vinda do Senhor não estava subordinada à pregação do evangelho a todas as pessoas. Na interpretação pré-tribulacionista, às vezes permite-se tempo suficiente para que alguns eventos tenham cumprimentos após o arrebatamento da Igreja. Embora a destruição de Jerusalém tenha ocorrido no ano

CAMP001_04X12_ABRIL2021

70, no que diz respeito aos cristãos do primeiro século, ela poderia ter sido postergada até depois do arrebatamento. Em todo caso, os sinais específicos da segunda vinda poderiam ocorrer após o arrebatamento. O fato de Paulo receber uma revelação específica imediatamente antes de sua morte, dizendo que ele morreria em vez de arrebatado, pode ter removido o retorno iminente do Senhor para ele em seus últimos dias de vida, mas nada além disso.

Como já foi demonstrado na exposição anterior sobre a doutrina da iminência junto aos argumentos pré-tribulacionistas, permanece o fato positivo de que as Escrituras abundam em exortações para o crente ficar atento quanto ao retorno do Senhor. Essas ordens positivas, que são grandemente significativas em relação à iminência, são provas que superam em muito as dificuldades levantadas contra a doutrina. A iminência do retorno do Senhor justifica palavras como *abençoado*, *consolo*, *purificado* e outras. Se os pós-tribulacionistas estiverem certos, a esperança do retorno do Senhor é reduzida apenas à esperança da ressurreição, pois poucos crentes, durante a grande tribulação, escapariam do martírio.

Robert H. Gundry acrescentou uma nova observação ao ataque à doutrina da iminência, ao tentar definir a iminência como possível, mas não necessária. Ele afirmou:

> Devemos, antes de tudo, observar a falta de correlação entre crer na iminência, por um lado, e ser pré-tribulacionista, por outro. [...] Por consenso, iminência significa que, até onde sabemos, nenhum evento predito irá *necessariamente* preceder a vinda de Cristo. O conceito contém três características essenciais: repentino, inesperado ou imprevisto, e a possibilidade de ocorrer a qualquer momento. Mas esses elementos requerem apenas que Cristo *volte* antes da tribulação, não que ele *deva* voltar. A iminência levantaria a possibilidade

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> do pré-tribulacionismo somente em uma escala média com o meso e pós-tribulacionismo. É um tanto estranho que o argumento mais popular do pré-tribulacionismo sofra de uma limitação crítica e óbvia como essa.[179]

Embora a declaração de Gundry seja uma observação perspicaz, ela carece de força. Um pós-tribulacionista como J. Barton Payne, que espiritualiza a tribulação, pode muito bem dizer que o arrebatamento é iminente, mas não é o que Gundry defende, pois claramente sustenta que há uma série de eventos, cobrindo um período de anos, que devem ocorrer antes do arrebatamento. Essa sequência de eventos, incluindo a grande tribulação, impossibilita a iminência, em qualquer definição razoável do termo. Gundry falha ao dizer que "esses elementos requerem apenas que Cristo volte antes da tribulação, não que ele deva voltar".[180] Na visão de Gundry, é absolutamente impossível o arrebatamento ocorrer a qualquer momento. Ele, de fato, nega a iminência. Seus argumentos pouco contribuem para um entendimento claro do problema, e confundem a questão ao invés de torná-la clara.

O estudo que Gundry fez das várias palavras usadas na Bíblia para expressar expectativa, embora seja interessante, é bem irrelevante. O problema é que a solução depende não apenas da definição das palavras, mas do contexto em que elas são usadas. Gundry confundiu totalmente o assunto ao unir passagens sobre o arrebatamento e a segunda vinda, como se a expectativa para cada situação fosse exatamente a mesma. Contudo, ele finalmente admitiu, na conclusão de seu estudo, que isso não prova nada: "Visto que as palavras para expectativa não resolvem a questão da iminência de uma maneira ou de outra, seus respectivos contextos se tornam

---

179 GUNDRY. Robert H., *The Church and the Tribulation,* p. 29.

180 Ibid.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

decisivos".[181] Se esse é o caso, por que ele não se empenhou para discutir o problema ? Embora os argumentos de Gundry pareçam ser interessantes, quem analisar cuidadosamente suas declarações perceberá que ele exagerou a questão.[182]

Para sermos justos, o pós-tribulacionismo, conforme apresentado por Gundry e Ladd, envolvendo eventos claramente definidos que cobrem um período de anos, torna a iminência impossível. Por outro lado, pós-tribulacionistas como Payne, que sustenta que a tribulação já ocorreu, ou aqueles que creem que foi parcialmente cumprida, podem afirmar, com certa sensatez, que sua visão se detém na iminência da vinda do Senhor. A afirmação de Gundry de que "Um intervalo de tribulação não elimina a expectativa mais do que o atraso necessário durante o período apostólico"[183] é apenas outro exemplo de dogmatismo que não é apoiado por qualquer argumento razoável. Se a visão do pós-tribulacionismo de Gundry estiver correta, o arrebatamento jamais será iminente.

O ARGUMENTO PARA A RESSURREIÇÃO PÓS-TRIBULACIONISTA

Alexander Reese, em sua principal obra contra o pré-tribulacionismo, usou como seu principal argumento a ressurreição dos santos, que considera ser um evento posterior à tribulação.[184] Reese observou que Darby acreditava que a ressurreição dos santos do Antigo Testamento ocorreria no mesmo momento que a ressurreição da

---

181 Ibid., p. 33

182 Para mais discussão sobre o assunto, veja Walvoord, *Blessed Hope,* p. 70-74.

183 Gundry, *Church and Tribulation,* p. 43.

184 REESE, *Advent of Christ,* pp. 34-94.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Igreja. Portanto, se for provado que os santos do Antigo Testamento ressuscitarão *depois* da tribulação, isso provará que a Igreja é arrebatada no mesmo momento. Reese afirmou:

> Em relação ao arrebatamento, há somente três textos que indiscutivelmente lidam com o assunto: 1Tessalonicenses 4.17; 2Tessalonicenses 2.1 e João 14.3. Mas há muitas passagens em ambos Testamentos que falam da ressurreição dos santos mortos, textos que, os darbystas nos asseguram, acontecem em conexão imediata com o arrebatamento.[185]

Na sequência, Reese reúne provas de que a ressurreição dos santos do Antigo Testamento ocorre após a grande tribulação.

Ladd, à semelhança de Reese, encontra na doutrina da ressurreição, especialmente no que é revelado em Apocalipse 20, uma explícita prova do pós-tribulacionismo. Ladd afirmou que essa é a única e *explícita declaração de pós-tribulacionismo na Bíblia*:

> Com exceção de uma passagem, o autor garante que as Escrituras, em nenhum outro lugar, afirmam explicitamente que a Igreja passará pela grande tribulação. O povo de Deus é visto na tribulação, mas eles não são chamados de Igreja, mas sim eleitos ou santos. Nem as Escrituras colocam o arrebatamento explicitamente no fim da tribulação. A maior parte das referências sobre esses eventos finais carece de precisão cronológicas [...] Contudo, em uma passagem, Apocalipse 20, a ressurrei-

[185] Ibid., p. 34

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> ção é posicionada junto ao retorno de Cristo em glória. Isso é mais do que uma dedução.[186]

A resposta a Ladd e Reese nesse ponto está ligada a uma questão mais ampla, que ambos parecem não compreender, a saber, se haverá ou não uma ressurreição tanto no início como no final da tribulação. Embora muitos pré-tribulacionistas tenham se empenhado em defender a posição de Darby, há uma crescente tendência em rever a questão de se os santos do Antigo Testamento vão, de fato, ressuscitar no mesmo momento que a Igreja. A maior parte das passagens do Antigo Testamento, das quais Daniel 12.1-2 é um exemplo, parece estabelecer uma cronologia em que a tribulação ocorre primeiro e, depois, a ressurreição dos santos do Antigo Testamento. Por outro lado, as passagens no Novo Testamento que lidam com a ressurreição da Igreja parecem incluir somente a Igreja. A expressão "Os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro" (1Ts 4.16) parece incluir somente a Igreja.

Os santos do Antigo Testamento nunca são descritos pela frase "em Cristo". O fato de que a "voz do arcanjo" — o guardião de Israel — ser ouvida no arrebatamento da Igreja não constitui uma prova de que os santos do Antigo Testamento vão ressuscitar naquele momento. A tendência dos seguidores de Darby em espiritualizar a ressurreição de Daniel 12.1-2, vendo-a meramente como a restauração de Israel, refutando assim seu caráter pós-tribulacionista, é abandonar a interpretação literal para ganhar um ponto, uma concessão deveras custosa para o pré-milenismo, que é edificado sob a base da interpretação literal das profecias. A melhor resposta para Reese e Ladd é admitir que a ressurreição dos santos do Antigo Testamento se dará após a grande tribulação, e separá-la totalmente da ressurreição e do arrebatamento da Igreja.

---

[186] LADD, *Hope,* p.165

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O argumento de Reese, cuidadosamente construído, apenas prova que Darby se precipitou ao afirmar que a ressurreição dos santos do Antigo Testamento seria no mesmo momento do arrebatamento da Igreja. Se o arrebatamento da Igreja é um evento totalmente diferente, Reese não provou nada com seu argumento.

O xis da questão é quando ocorrerá a ressurreição e o arrebatamento da Igreja. Não há um único texto, seja no Antigo, seja no Novo Testamento, que relacione o arrebatamento da Igreja à vinda pós-tribulacionista de Cristo. Embora os crentes do Antigo Testamento possam ser ressuscitados na vinda de Cristo após a grande tribulação, nenhuma menção é feita sobre o arrebatamento dos crentes que estiverem vivos. O motivo para os pós-tribulacionistas tentarem empurrar o ônus da prova de um arrebatamento pré-tribulacionista sobre seus oponentes é que eles mesmo não conseguem provar o contrário. O fato de os crentes do Antigo Testamento e os da grande tribulação ressuscitarem após a grande tribulação, conforme textos explícitos (Dn 12.1-2; Ap 20.4) levanta a questão de por que o arrebatamento ou a ressurreição da Igreja não são mencionados nesse evento. Embora o silêncio não seja explícito, nesse caso, ele é eloquente. Se os pós-tribulacionistas tiverem um único texto que demonstre o arrebatamento no final da grande tribulação, isso os pouparia de toda explicação complicada.

O ARGUMENTO A PARTIR DA TERMINOLOGIA PARA O RETORNO DE CRISTO

Pré-tribulacionistas e pós-tribulacionistas são culpados de confundir a questão central ao injetarem significados técnicos em certas palavras que se referem ao retorno de Cristo. As principais palavras citadas são *parousia*, que normalmente é traduzida por

CAMP001_04X12_ABRIL2021

"vinda", *apokalupsis*, traduzida por "revelação", e *epiphaneia*, traduzida por "manifestação".

Os pós-tribulacionistas têm argumentado que todos esses três termos são usados em conexão com o retorno de Cristo após a grande tribulação. O erro reside em tentar fazer com que essas expressões técnicas se refiram à segunda vinda de Cristo. Uma simples concordância demonstrará que essas palavras são termos gerais e não específicos, e que as três são usadas para descrever a vinda de Cristo no arrebatamento e também podem ser usadas para sua vinda no segundo advento. O uso comum de tais termos não prova que os dois eventos sejam um e o mesmo, assim como qualquer outro termo.[187]

A "vinda de Estéfanas, Fortunato e Acaico," amigos de Paulo (1Co 16.17), "a chegada de Tito" e a "vinda dele" (2Co 7.6-7), a "presença" do próprio Paulo (Fp 1.26),, a "vinda" do perverso (2Ts 2.9) e a "vinda" do "dia de Deus" (2Pe 3.12) certamente não são a mesma "vinda". O uso de *parousia* nessas passagens prova que não se trata de um termo técnico. A mesma palavra é usada para a vinda do Senhor no arrebatamento (1Co 15.23; 1Ts 2.19; 4.15; 5.23; 2Ts 2.1; Tg 5.7-8; 1Jo 2.28). Alguns pré-tribulacionistas têm errado ao afirmar que o palavra *parousia* é um termo técnico que se refere ao arrebatamento. Que isso está errado é demonstrado pelo uso da palavra em referência à vinda de Cristo após a tribulação (Mt 24.3,27,37,39; 1Ts 3.13; 2Ts 2.8; 2Pe 1.16).

O termo *apokalupsis*, traduzido por "revelação", comumente é usado para ambos os eventos. *Apokalupsis* é usado em inúmeras passagens para falar da revelação de Cristo à Igreja no arrebatamento (1Co 1.7; 1Pe 1.7,13; 4.13). A Igreja o verá "como ele é" (1Jo 3.2). O

---

[187] Cf. John F. Walvoord, "New Testament Words for the Lord's Coming," *Bibliotheca Sacra* 101 (July-September 1944):283-89.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

mundo verá o Cristo glorificado quando ele retornar após a grande tribulação (Lc 17.30; 2Ts 1.7; cf Mt 24.27-30).

O termo *Epiphaneia*, traduzido por "manifestação", refere-se ao aparecimento de Cristo. É usado em relação à encarnação do Filho de Deus (Lc 1.79; 2Tm 1.10). Quanto à vinda de Cristo, a referência é encontrada em 2Timóteo 4.1 e Tito 2.13. Muitos pré-tribulacionistas interpretam esses textos como sendo a segunda vinda de Cristo após a grande tribulação. Um exame cuidadoso, contudo, não indicará nada que demonstre de maneira específica que se refiram a uma vinda pós-tribulacionista. No arrebatamento, ou imediatamente após, Cristo julgará vivos e mortos conforme indicado em 2Timóteo 4.1. A passagem indica que ali haverá um julgamento separado em relação a seu reino, que poderia muito bem se referir à vinda após a tribulação. Em Tito 2.13 a expressão "a gloriosa manifestação" tem sido tomada para se referir â vinda de Cristo para estabelecer seu reino por causa da palavra "gloriosa". Contudo, a Igreja verá a glória de Cristo em sua vinda antes da tribulação, e não há um motivo válido para que a expressão "gloriosa manifestação" não possa ser uma referência ao arrebatamento. Embora seja muita presunção afirmar dogmaticamente que todas as ocorrências de *epiphaneia* em conexão com a vinda do Senhor sejam referências ao arrebatamento, também é justo afirmar que não há prova de que qualquer uma delas se refira à vinda do Senhor após a grande tribulação. A palavra *epiphaneia* é comum, e não se trata de um termo técnico. É seu uso dentro do contexto que determinará se o significado diz respeito ao arrebatamento.

O argumento pós-tribulacionista quanto a esses termos apenas prova que são usados para ambos os eventos. Não prova que ambas vindas são a mesma e, portanto, isso é inútil como refutação do pré-tribulacionismo. Embora os pós-tribulacionistas frequentemente ridicularizem o ensino de que deve haver mais de uma "vinda" de Cristo, não há menos razão para haver mais de uma futura vinda do que há para refutar sua própria doutrina de uma vinda passada e

CAMP001_04X12_ABRIL2021

uma vinda futura. Para os crentes do Antigo Testamento, a divisão em uma vinda para o sofrimento e outra para glória e julgamento era igualmente difícil de compreender.

A PARÁBOLA DO JOIO E DO TRIGO

Os pós-tribulacionistas frequentemente citam a parábola do joio e do trigo, de Mateus 13, devido a seu ensino geral e específico. Uma atenção especial é dada ao fato de que o joio é colhido primeiro.

Como isso será discutido sob o tema do arrebatamento nos Evangelhos, considerações quanto aos argumentos pós-tribulacionistas e pré-tribulacionistas serão reservadas para mais tarde.

O DIA DO SENHOR

Existem poucos temas proféticos sobre os quais haja mais confusão que que o tema do dia do Senhor. Antigos pré-tribulacionistas como Darby e escritores dentre os Irmãos, em geral, identificaram o dia do Senhor com o milênio e dataram seu início no retorno do Senhor para estabelecer seu reinado terreno, uma interpretação que mais tarde foi popularizada pela Bíblia de Estudo Scofield.[188] Sob esse ponto de vista, o dia do Senhor começa após a grande tribulação. Os Irmãos foram pressionados a explicar como o dia do Senhor poderia ser um evento que viria como "um ladrão à noite" (1Ts 5.2), ou seja, inesperadamente e sem aviso prévio, uma vez que seria precedido de eventos como a grande tribulação e outros sinais notáveis. Além disso, seu ensino foi prejudicado com o fato de que

[188] *Scofield reference Bible*, p. 1272, nota de rodapé.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

o arrebatamento da Igreja era unicamente um evento sem anúncios e iminente. Passagens como 1Tessalonicenses 5, discutindo o dia do Senhor, parecem estar ligadas com o arrebatamento da Igreja nos versos precedentes (1Ts 4.13-18). Os pós-tribulacionistas não demoraram para tirar vantagem dessa área confusa para favorecer seus argumentos. Reese, por exemplo, dedicou um capítulo inteiro ao assunto, no qual ele tirou proveito dessa aparente fraqueza.[189] O argumento de Reese, embora bem detalhado, é resumido da seguinte forma: *todas* as referências ao "dia" nas Escrituras fazem menção ao dia do Senhor.[190]

O problema, deixado sem solução pelos primeiros pré-tribulacionistas em suas discussões sobre o dia do Senhor, tem, portanto, uma solução muito simples, a qual derruba de uma só vez os argumentos pós-tribulacionistas nesse ponto do debate. O dia do Senhor, como apresentado no Antigo e Novo Testamentos juntos, inclui os terríveis eventos da grande tribulação (cf. Is 2.12-21; 13.9-16; 34.1-8; Jl 1.15—2.11; 2.28-32; 3.9-21; Am 5.18-20; Ob 15-17; Sf 1.7-18). Nessas passagens há provas de que o dia do Senhor começa no mesmo momento que o arrebatamento da Igreja (cf. 1Ts 5.1-9). O mesmo evento que arrebata a Igreja dá início ao dia do Senhor. Os eventos do dia do Senhor começam a se desdobrar a partir disso : primeiro, o período preparatório, a primeira metade dos últimos sete anos de Daniel para cumprir o plano de Deus para Israel precedendo a segunda vinda — a revelação do homem do pecado, a formação do Império Romano restaurado, finalmente alcançando o estágio de governo mundial, possivelmente no início da última metade de dos sete anos. Então haverá um derramamento de juízos do alto, os selos de Apocalipse 6.1–8.1 serão rompidos, as trombetas de juízos serão tocadas, as taças da ira de Deus serão derramadas. O evento

---

189 REESE, *Advent of Christ,* p. 167-83.

190 Ibid., p. 167.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

culminante é a segunda vinda de Cristo para estabelecer seu reinado, e o período milenar que dará continuidade ao dia do Senhor terá seu início. (cf. Zc 14.1-20). Em resumo, o dia do Senhor começa *antes* da grande tribulação. Quando o tempo da graça terminar com o arrebatamento da Igreja, o dia do Senhor terá seu início no mesmo momento. Essa interpretação oferece uma explicação sólida das inúmeras referências que relacionam o dia do Senhor ao período da tribulação, ao mesmo tempo que resolve todos os problemas levantado pela visão pós-tribulacionista do dia do Senhor.

Um estudo mais detalhado sobre esse importante problema será feito na exposição das referências ao dia o Senhor nas epístolas aos tessalonicenses.

"AQUELE QUE O DETÉM" DE 2 TESSAONICENSES

Pós-tribulacionistas e pré-tribulacionistas discutem extensivamente 2Tessalonicenses 2 com sua referência à vinda do homem do pecado e daquele que o detém. Ambos os grupos alegam que esse texto dá base para seus pontos de vista.

Tendo em vista uma discussão posterior sobre esse assunto, que ocorrerá em conexão com o pós-tribulacionismo, a discussão dessa importante passagem e como a mesma se relaciona com o pós-tribulacionismo será reservada para mais tarde.

A DOUTRINA DO FIM

Reese, em seu argumento em defesa da posição pós-tribulacionista, citou a doutrina do fim como evidência favorável.[191] Seu argumento

[191] Ibid., p. 120-24.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

é que o termo "o fim" sempre é usado nas Escrituras como o fim dos tempos, em outras palavras, a segunda vinda de Cristo à terra. Ele afirmou estar de acordo com os Irmãos de Plymouth nesse ponto. Como o termo é usado em referência à Igreja, seu sentido prova que a esperança da Igreja não é ser arrebatada antes da tribulação, mas receber livramento no fim. Reese citou cinco textos em apoio a seu argumento (1Co 1.7-8; Hb 3.6,14; 6.11; Ap 2.26). Depois de dizer que os Irmãos defendem a mesma posição e concordam com ele, Reese então os repreende por não dizerem nada sobre a maioria dessas passagens — o que parece contradizer sua afirmação de que há concordância nesse ponto.

A resposta a Reese é bastante simples. O fim, em cada uma dessas passagens, tem de ser determinado pelo contexto. Nenhum dos cinco textos citados pode ser positivamente ligado com uma vinda pós-tribulacionista do Senhor. Há uma menção da vinda de Cristo e do fim (1Co 1.7-9) mas aqui pode se tratar do arrebatamento. Em outras palavras, mais uma vez, seu argumento depende de uma generalização precipitada e sem fundamento. Como todas as palavras comuns, o contexto deve determinar o significado de "o fim," e os versos citados por Reese não apresentam nenhuma dificuldade para o pré-tribulacionismo.

A DOUTRINA DO ARREBATAMENTO

Os pós-tribulacionistas normalmente não apelam para a doutrina do arrebatamento em si para apoiar sua posição. Ladd, por exemplo, pareceu evitar qualquer exegese específica das principais passagens sobre o assunto (Jo 14.3; 1Co 15.51-52; 1Ts 4.13-18). É óbvio que a razão para isso é que tais textos em nada contribuem para o pós-tribulacionismo. Embora Reese não apele para esses textos, ele citou

CAMP001_04X12_ABRIL2021

várias referências que, segundo ele acredita, o ensino das Escrituras coloca o arrebatamento após a grande tribulação.

O pós-tribulacionismo, dependendo de sua linha de argumentação, frequentemente oferece prova, como fez Reese, de que o arrebatamento ocorrerá após a grande tribulação referindo-se a textos como Mateus 24.1,40-41. Gundry junta-se a Reese e outros ao argumentar a partir dessas bases doutrinárias. Em vista de uma exegese posterior dessas passagens, na qual esses argumentos serão considerados, pode ser dito aqui que, em termos de uma interpretação pré-tribulacionista, nenhuma dessas passagens se refere ao arrebatamento; portanto, elas não constituem prova alguma de que o arrebatamento será após a grande tribulação. Ao invés disso, até mesmo pós-tribulacionistas como Ladd concordam que não há nenhuma afirmação explícita de um arrebatamento pós-tribulacionista.

O argumento de Reese é o seguinte:

> Em seus discursos o Senhor nos mostrou os eleitos sendo alcançados para ele por meio da pregação do evangelho por todo o mundo (Mt 22.4); nos mostrou o eleito em meio às provas (Mt 24); descreveu as próprias provas; retratou o eleito como uma viúva pobre, clamando em meio ao sofrimento ao Justo Juiz para que venha logo e se lembre dela em sua aflição; demonstrou-nos que, quanto os eleitos parecem sem forças, quando todos parecem fracos e sujeitos a serem enganados pelas terríveis desilusões dos fins dos tempos, ele não a suportará mais; ele abrevia os dias de sua aflição; ele se levanta em sua piedade, sua majestade, seu poder e resgata seus eleitos ao reuni-los para si mesmo (Mt 24.21-31, 40-41) [...]. A afirmação de Kelly em *Second Coming* (p. 211) de que não há arrebatamento em Mateus 24.31 é ousada e infundada, Nosso Senhor, nessa passagem, ofereceu um

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> quadro perfeito da reunião dos salvos dessa dispensação por meio de um arrebatamento; Marcos, para falar de "reunir", usou a forma verbal da mesma palavra usada para "reunião" em 2Tessalonicenses 2.1, onde Paulo se refere ao arrebatamento.[192]

A resposta a Reese é que o cumprimento de Mateus 24.31 não impede o cumprimento do arrebatamento pré-tribulacionista. Embora até mesmo os pré-tribulacionistas divirjam sobre a referência aos "eleitos", qualquer uma das várias referências poderia suficientemente se harmonizar com a posição pré-tribulacionista. Os "eleitos" poderiam ser todos os eleitos — os eleitos de todas as eras, vivos, ressurretos ou arrebatados. Obviamente, haverá uma grande confluência de todos os eleitos no início do reino milenar — todos os pontos de vista concordam com isso. Alguns pensam ser uma referência aos eleitos de Israel — eles também serão reunidos, no céu ou na terra. A questão é que tal reunião não exclui um arrebatamento prévio da Igreja, tanto quanto o arrebatamento de Enoque e Elias não tornaria essa reunião impossível.

A maior fraqueza do argumento de Reese é que o mesmo não prova sua afirmação. Não há menção a nenhum arrebatamento; também não se fala de ressurreição nessa passagem. Tudo o que é dito é que os eleitos serão reunidos. A fim de provar um arrebatamento pós-tribulacionista, a passagem é inútil. O ponto de vista de Kelly de que não há arrebatamento aqui, o qual Reese afirmou ser "ousada e infundada",[193] é fiel ao texto bíblico. É Reese que está lendo na passagem mais do que ela diz.

Outra passagem citada por Reese em apoio ao arrebatamento pós-tribulacionista é Mateus 24.40-41. Isso será analisado mais adiante,

---

192 Ibid., p. 207-08.

193 Ibid. p. 208.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

na discussão sobre o arrebatamento nos Evangelhos. A maioria dos pós-tribulacionistas usa esse texto como uma referência explícita ao arrebatamento da Igreja, enquanto os pré-tribulacionistas ensinam que o texto revela exatamente o contrário.

CONCLUSÃO

Devido à discussão posterior dos argumentos pós-tribulacionistas com base na exegese, é suficiente dizer aqui que os pré-tribulacionistas creem ter uma resposta adequada para cada argumento pós-tribulacionista. Os pós-tribulacionistas não possuem uma única passagem bíblica em que a Igreja, como corpo de Cristo, seja encontrada nos eventos da grande tribulação, precedendo a segunda vinda. O ensino preciso sobre o arrebatamento da Igreja nunca é encontrado em passagens que lidam com o retorno de Cristo à terra para estabelecer seu Reinado. Foi demonstrado que os argumentos pós-tribulacionistas dependem da identificação da Igreja com os crentes da grande tribulação, algo que eles presumem, mas que nunca foram capazes de demonstrar. Frequentemente todos seus argumentos são baseados na confusão entre a grande tribulação, ainda futura, com as tribulações comuns dos crentes através dos séculos. Uma análise dos argumentos pós-tribulacionistas mais comumente desenvolvidos revelou que não há necessidade de recuar um passo sequer da bendita esperança de um retorno iminente de Cristo para os seus.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 14

O ARREBATAMENTO NOS EVANGELHOS

Um dos problemas a ser abordado tanto pelo pré-tribulacionismo como pelo pós-tribulacionismo é o fato de que seus pontos de vista se tratam de uma inferência baseada em textos bíblicos, e não de uma declaração explícita das Escrituras. Pós-tribulacionistas frequentemente desafiam os pré-tribulacionistas a fornecer uma afirmação bíblica sobre o arrebatamento pré-tribulacionista que seja clara. Contudo, ao fazer isso, eles estão tentando fugir do seu próprio problema, isto é, eles não possuem uma única afirmação bíblica explícita sobre o arrebatamento pós-tribulacionista. O problema do pós-tribulacionismo é muito mais sério do que o do

CAMP001_04X12_ABRIL2021

pré-tribulacionismo em sua incapacidade de apresentar um texto bíblico explícito.

Se os pré-tribulacionistas estão certos, o próximo evento de maior importância na profecia é o arrebatamento, que levará a Igreja da terra para o céu. Consequentemente, a Igreja não estará envolvida nos eventos que se seguirão, isso é, os eventos da grande tribulação, especialmente os eventos dos últimos três anos e meio que precedem a segunda vinda de Cristo. Sob essas circunstâncias não há necessidade de discutir a relação do arrebatamento com tais eventos.

Por outro lado, os pós-tribulacionistas que afirmam que Igreja passará pela grande tribulação estão diante de um grande problema, pois não há menção ao arrebatamento na importante sequência de eventos que culminam na segunda vinda de Cristo. Diante de detalhadas profecias que relatam os eventos que culminarão na segunda vinda de Cristo à terra, é muito estranho que não haja nenhuma menção, seja de arrebatamento, seja de transladação dos crentes vivos naquele período, pois, na verdade, esse é o evento mais importante dos tempos finais. Dessa forma, é correto afirmar que, diante desses fatos, a dificuldade do pós-tribulacionista é muito mais séria que a do pré-tribulacionista.

Embora tanto pré-tribulacionistas como pós-tribulacionistas tenham se afadigado para encontrar alguma referência específica em apoio a seu ponto de vista, a maioria dos adeptos de ambas as posições concordam que não há nenhuma referência explícita; contudo, o constrangimento dos pós-tribulacionistas em admitir a ausência de uma referência específica para um arrebatamento pós--tribulacionistas tem conduzido muitos estudiosos dessa corrente a grandes extremos, ao tentarem encontrar alguma prova para o arrebatamento pós-tribulacionista. Defensores do pós-tribulacionismo como Alexander Reese e, recentemente, Robert Gundry, têm defendido que referências explícitas ao arrebatamento pós-tribula-

CAMP001_04X12_ABRIL2021

cionista podem ser encontradas nos Evangelhos. As duas principais passagens citadas são Mateus 13 e Mateus 24.

MATEUS 13 FALA DE ARREBATAMENTO?

Mateus 13 é um dos mais importantes discursos de Cristo que lida com o período entre o primeiro e o segundo advento. Essa seção sucede, no Evangelho de Mateus, o fato de Cristo ter sido rejeitado como o Messias de Israel, seu pronunciamento de juízo sobre a nação de Israel devido à sua incredulidade, e o estabelecimento do cenário para a revelação concernente à presente era. Grosso modo, Mateus 13 responde à questão sobre o que vai acontecer como consequência de Cristo ter sido rejeitado em sua primeira vinda. Nosso Senhor usou sete parábolas para descrever os vários aspectos do período entre ambas as vindas.[194]

Ao analisar Mateus 13, devemos primeiramente observar que a realidade sobre a Igreja como Corpo de Cristo ainda não tinha sido apresentada, pois não há menção de igreja até Mateus 16.18. Além disso, a doutrina do arrebatamento ainda não tinha sido mencionada, e os discípulos ainda não possuíam conhecimento sobre o arrebatamento da Igreja no final dos tempos. Consequentemente, a verdade apresentada em Mateus 13 diz respeito a todo período entre o primeiro e o segundo advento.

Devido ao fato de algumas parábolas de Mateus 13 lidarem com julgamentos e separação de justos e ímpios no fim dos tempos, alguns pós-tribulacionistas se apegam a isso como referência ao arrebatamento da Igreja. Alexander Reese fez um longo estudo

---

194 Para a exposição minha sobre Mateus 13, veja John F. Walvoord, *Matthew: The Kingdom Come*, p. 94-108.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

de Mateus 13 e dedicou um capítulo todo a essa questão, dando uma atenção especial à parábola do joio e do trigo. Em Mateus 13.30, nosso Senhor interpretou a parábola nas seguintes palavras: "Então direi aos encarregados da colheita: Juntem primeiro o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro'". Reese acreditava que a ordem dos fatos era importante e refutava o conceito de um arrebatamento pré-tribulacionista. Ele escreveu:

> Se faltava algo para refutar a explicação dada pelos Darbistas sobre essa parábola, é encontrado no fato de o joio ser ceifado e queimado. As palavras da parábola: 'Juntem *primeiro* o joio e amarrem-no em feixes para ser queimado; depois juntem o trigo e guardem-no no meu celeiro' (v. 30), e as palavras da interpretação do Senhor (vs. 41-43), de que os crentes nominais sejam ajuntados para o julgamento na mesma ocasião em que os justos serão transfigurados, naturalmente causa grande embaraço para aqueles que separam esses eventos por um intervalo de vários anos.[195]

O que Reese negligenciou, claro, é o problema de esse verso para o pós-tribulacionismo, caso seja uma revelação da ordem dos eventos. Segundo os pós-tribulacionistas, a ordem descrita em Apocalipse 19 é que Cristo vem primeiro arrebatar sua Igreja, e depois lida com o julgamento do mundo. O pós-tribulacionismo também exige que o arrebatamento ocorra antes do julgamento do mundo ímpio, o que entra em contradição com a parábola do joio e do trigo. Se a ordem é um problema ao pré-tribulacionista, é igualmente

---

[195] REESE, Alexander. *The Approaching Aduent of Christ*, p. 98.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

um problema para o pós-tribulacionista. Além disso, Reese falhou em observar que a ordem oposta é dada em conexão com os peixes bons e ruins que são separados em Mateus 13.48, quando os peixes bons são selecionados primeiros. Robert Gundry, em sua discussão sobre o assunto, embora insistindo ser esse um problema para os pré-tribulacionistas, evitou elaborar um argumento sólido para o pós-tribulacionismo.[196] O fato é que não há arrebatamento em vista nessas passagens. Embora a complexa explicação de Gundry sobre a questão seja inaceitável para os pré-tribulacionistas, pelo menos ele concordou que não há evidência consistente para um arrebatamento pós-tribulacionista em Mateus 13.

MATEUS 24 FALA DE ARREBATAMENTO?

Muitos pós-tribulacionistas encontram em Mateus 24 uma afirmação explícita de um arrebatamento pós-tribulacionista. Gundry foi além em relação aos outros, ao desenvolver seu argumento, junto à sua visão peculiar de Mateus 25, que registra o julgamento das nações.

A exegese de Mateus 24—25 frequentemente é feita de maneira inadequada, seja por pré-tribulacionista, seja por pós-tribulacionistas. A principal falha diz respeito a tentar ler nessas passagens referências à Igreja como corpo de Cristo. Um cuidadoso estudo de Mateus 24–25 demonstrará que o assunto principal é o fim dos tempos, e o período em vista é o mesmo de Mateus 13, a saber, todo período entre o primeiro e o segundo advento de Cristo. Isso fica claro a partir de uma exegese dessas passagens, que descreve o

---

[196] GUNDRY, Robert. *The Church and the tribulation*, p. 142-45.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

curso geral da presente era, culminando na grande tribulação e na segunda vinda de Cristo.

Uma ilustração da abordagem confusa frequentemente feita a Mateus 24 é encontrada nas considerações de Gundry quanto ao fato de o discurso proferido no monte das Oliveiras ter sido direcionado para Igreja ou para Israel. Ele afirmou: "A qual grupo de redimidos pertencem os santos judeus, interpelados por Jesus e representados apóstolos: Israel ou a Igreja?".[197]

Gundry aumentou o problema desnecessariamente, pois é óbvio que os apóstolos, em certo sentido, pertencem a ambos os grupos. A questão não é quem eles representam, mas o que o próprio texto diz. O Evangelho de Mateus, embora trate da questão de por que Jesus não trouxe seu reino milenar já na primeira vinda, apresenta três dispensações em seu ensino: às vezes se refere à Lei de Moisés no Antigo Testamento; às vezes à presente era da Igreja, como a referência à sua existência ainda futura em Mateus 16.18; às vezes ao fim dessa era e ao subsequente reino milenar. Todas essas fases da verdade foram apresentadas aos seus discípulos.

O mais importante nessas considerações de Mateus 24 é o que muitos estudiosos negligenciam, isto é, que o discurso do monte das Oliveiras é uma resposta a perguntas específicas dos apóstolos, um fato que Gundry preferiu ignorar. Depois da predição de Cristo sobre a destruição do templo, conforme Marcos 13.3, Pedro, Tiago, João e André fizeram três perguntas a Jesus. As perguntas são detalhadas em Mateus 24.3, da seguinte forma: "Tendo Jesus se assentado no monte das Oliveiras, os discípulos se dirigiram a ele em particular e disseram: Dize-nos quando acontecerão essas coisas? e qual será o sinal de sua vinda e do fim dos tempos?".

A resposta de Cristo que diz respeito à destruição do templo de Jerusalém no ano 70 é encontrada em Lucas 21.20-24. A

---

[197] Ibid., p. 129.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

resposta de Cristo quanto aos sinais de sua vinda e ao fim dos tempos está registrada em Mateus 24.4-30 e incluiu a dramática descrição de sua segunda vinda. A segunda e a terceira pergunta, para propósitos práticos, são uma só, pois lidam com o mesmo evento, a segunda vinda de Cristo. O que os discípulos estavam buscando saber eram os sinais que poderiam indicar que o reino prometido estava prestes a ser inaugurado.

Embora alguns estudiosos compreendam que toda a passagem lida com o fim dos tempos, há alguns indícios de que Mateus 24.4-14 descreva os sinais gerais que apontam para a segunda vinda de Cristo, sinais que podem ser observados ao longo de toda a presente era. Começando com Mateus 24.15, um sinal específico é dado, isso é, o início da grande tribulação, a qual, segundo Daniel 7.25; 9.27; 12.11 e Apocalipse 13.5, tomará um período de 42 meses, ou três anos e meio. Detalhes sobre a grande tribulação são encontrados em Apocalipse 4 a 18.

Em seu discurso, Cristo não revelou um arrebatamento pré-tribulacionista, e os pós-tribulacionistas levantam a questão do motivo pelo qual esse importante assunto foi omitido. A resposta, é óbvio, é que, até aquele momento, o arrebatamento ainda não tinha sido revelado, e o assunto desse texto não tinha a ver com arrebatamento. Não é incomum, tratando-se de eventos profético, incluir apenas alguns eventos selecionados. No Antigo Testamento, por exemplo, a primeira e a segunda vinda de Cristo são apresentadas de tal maneira que que poucos, ou nenhum, santos do Antigo Testamento entenderam que haveria um longo intervalo entre os dois eventos. A pergunta que os discípulos fizeram não diz respeito ao arrebatamento, mas sim quanto aos sinais específicos que conduzem à segunda vinda de Cristo. A essa altura de sua educação espiritual, os discípulos ainda não tinham entendido o arrebatamento mais do entenderam sobre a morte e ressurreição de Jesus. Os pré-tribulacionistas creem corretamente que, aqui, o silêncio é

CAMP001_04X12_ABRIL2021

compreensível. A maioria dos pré-tribulacionistas crê que não há menção ao arrebatamento em Mateus 24.

Contudo, os pós-tribulacionistas fazem a pergunta de quando o arrebatamento deve ocorrer na sequência de eventos. Gundry, por exemplo, questionou: "Onde posicionamos o arrebatamento no discurso do monte das Oliveiras? Não há menção de nenhum arrebatamento antes da tribulação".[198] Os pré-tribulacionistas concordam que não há nenhuma menção de arrebatamento *pré-tribulacionista* nessa passagem. A verdadeira questão que desafia os pós-tribulacionistas é se os eventos descritos, que conduzem imediatamente ao auge da segunda vinda de Cristo, mencionam algum arrebatamento *pós-tribulacionista*. Como o assunto é a segunda vinda de Cristo, a menção a um arrebatamento pós-tribulacionista seria apropriada.

Embora os pós-tribulacionistas concordem que não há nenhum arrebatamento pré-tribulacionista nesse capítulo, eles conseguem encontrar um arrebatamento pós-tribulacionista em conexão com a segunda vinda de Cristo em Mateus 24.31: "E ele enviará seus anjos com grande clamor de trombeta, e esses reunirão seus eleitos dos quatro ventos, de uma a outra extremidade dos céus." Segundo Gundry, "Os pós-tribulacionistas igualam o arrebatamento com o ajuntamento dos eleitos feito pelos anjos, ao soar da trombeta (Mt 24.31)".[199] Gundry fundamentou sua tese ao traçar paralelos com outras passagens sobre o arrebatamento, dizendo: "O pós-tribulacionismo obtém maior apoio com a terminologia paralela no discurso de Paulo aos tessalonicenses sobre o arrebatamento da Igreja, onde lemos sobre uma trombeta, nuvens e o ajuntamento dos eleitos, como no discurso do monte das Oliveiras(1Ts 4.16-17; 2Ts 2.1)".[200]

---

198 Ibid., p. 134.

199 Ibid., p. 135.

200 Ibid.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Gundry disse mais: "O termo geral 'eleitos' pode se referir a Israel, à Igreja ou a ambos".[201]

A maior objeção a fazer disso um equivalente ao arrebatamento é o fato de não haver menção tanto de transladação como de ressurreição, as duas principais características do arrebatamento da Igreja. Os pré-milenistas geralmente concordam que haverá um ajuntamento de todos os eleitos, tanto os eleitos de Israel como os eleitos dos gentios, que estiverem vivos na terra no momento da segunda vinda de Cristo, bem como todos os que foram ressuscitados e transladados anteriormente. O milênio inclui todos os crentes de todas as eras. Nisso os pré-milenistas estão de acordo. Entretanto, fica faltando a prova de que o registro desses eventos segundo Mateus inclui a trasladação ou a ressurreição.

Gundry tentou rebater isso apontado que João 14.1-3, da mesma forma, não menciona ressurreição. Mas essa passagem menciona especificamente o arrebatamento e o destino, que é a casa do Pai, o que a maioria dos estudiosos reconhece como uma referência ao céu.

Os pós-tribulacionistas nunca responderam as principais objeções ao fato de fazerem do ajuntamento dos eleitos em Mateus 24 o equivalente ao arrebatamento da Igreja. Ao invés de o ônus da prova recair sobre os pré-tribulacionistas, para que provem que a predição de Mateus não é sobre o arrebatamento, como propõe Gundry, na verdade, a obrigação recai sobre os pós-tribulacionistas, para que provem que essa passagem fala de arrebatamento.

Uma referência mais explícita ao arrebatamento é encontrada pelos pós-tribulacionistas em Mateus 24.40-41. Nos versos anteriores, a vinda de Cristo é comparada aos dias de Noé. Mateus 24.37-39 revela: "Como foi nos dias de Noé, assim também será na vinda do Filho do homem. Pois nos dias anteriores ao Dilúvio, o povo vivia comendo e bebendo, casando-se e dando-se em casamento,

---

201 Ibid.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

até o dia em que Noé entrou na arca; e eles nada perceberam, até que veio o Dilúvio e os levou a todos. Assim acontecerá na vinda do Filho do homem". Então vem a seguinte afirmação em Mateus 24.40-41: "Dois homens estarão no campo: um será levado e outro será deixado. Duas mulheres trabalhando num moinho: uma será levada e a outra será deixada". Os pós-tribulacionistas veem nesse texto uma clara indicação de arrebatamento, e o momento desse evento se dará após a segunda vinda de Cristo.

Contudo, o contexto argumenta claramente contra isso. Na ilustração dos "dias de Noé", aqueles que foram levados pelo dilúvio são os que se afogaram, e os que foram deixados são colocados em segurança na arca. Seria estranho uma ilustração tão clara como essa ser completamente revertida na aplicação dos versos 40-41.

Como Reese observou, duas palavras gregas diferentes são usadas: *paralambano*, nos versos 40-41, em contraste com *airo*, no verso 39. Em relação a *paralambano*, ele afirmou que

> Darby, em uma das poucas vezes em que permitiu que pontos de vistas particulares influenciassem (e desfigurassem) sua tradução admirável, literal, traduziu *paralambano* em Lucas 22.34-35 por *raptar.* O uso desse termo no Novo Testamento é absolutamente o contrário; esta é uma boa palavra; uma palavra usada exclusivamente com o sentido de 'levar embora' ou 'receber' ou ainda 'levar pra casa'.[202]

Como Reese e outros têm observado, a mesma palavra *paralambano* é usada em Mateus 24.41 e em Lucas 17.34-35, e é usada em relação ao arrebatamento em João 14.3.

---

[202] REESE, *Adtent of Christ,* p. 215.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O fato é que *paralambano* é uma palavra comum e não traz, em si mesma, um conceito teológico. O argumento de Reese é que o termo sempre é usado em um sentido amigável, contudo, tal argumento é destruído quando o mesmo termo é usado em João 19.16-17 em referência a Jesus ser levado para cruz, um óbvio ato de julgamento que contradiz a afirmação de que tal palavra sempre é usada em relações amigáveis. Gundry foi mais cauteloso ao lidar com essa passagem, e notou que aparecem duas palavras diferentes, a saber, *airo* (v. 39) e *paralambano* (vs. 40-41), e concluiu de forma completamente dogmática:

> Mesmo concordando que o contexto indica juízo, não somos forçados a concluir que "um será levado" em juízo e "outro será deixado" em segurança. O inverso pode ser facilmente entendido: "um será levado" no arrebatamento e "outro será deixado" para o julgamento.[203]

Leitores cuidadosos perceberão que Gundry chegou a essa conclusão a partir de um ponto de vista totalmente dogmático, sem oferecer qualquer evidência. Embora Gundry tenha achado impressionante o fato de *paralambano* ser usado para o arrebatamento vários dias depois, em João 14.3, ele ficou indisposto a aceitar o contexto imediato como o fator determinante nesse caso. Na segunda vinda de Cristo, de fato, muitos serão levados em juízo e alguns serão deixados para entrar no reinado milenar. Isso é exatamente o oposto do que acontece no arrebatamento.

Gundry tentou fugir da força desse argumento ao observar que o julgamento das nações, que ocorrerá mais tarde, é um julgamento diferente. O problema é facilmente resolvido pelos pré-tribulacio-

---

[203] Ibid., p. 138.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

nistas, que veem aqueles que são levados em Mateus 24 como os mesmos que são reunidos em Mateus 25.31-46. O argumento de Gundry aqui é ainda mais complicado, porque ele quer que os não salvos, deixados para trás, entrem no milênio, um conceito que muitas passagens das Escrituras contradizem.[204]

Quando todos os fatos são reunidos, os pós-tribulacionistas não têm argumentos. Eles não têm provas de que o ajuntamento de Mateus 24.31 incluiu uma ressureição ou um arrebatamento, e também não têm provas de que Mateus 24.40-41 seja paralelo ao arrebatamento. Em vez disso, é um tempo de julgamento sobre todos considerados indignos de entrar no reino milenar.

Se ainda há alguma dúvida sobre essa questão, esta deve ser sanada com a referência de Lucas 17.34-37, onde é dito: "Eu lhes digo: naquela noite duas pessoas estarão numa cama, uma será tirada e outra será deixada. Duas mulheres estarão moendo trigo juntas, uma será tirada e a outra deixada". Gundry achou conveniente encerrar a citação nesse ponto, mas Lucas segue, no verso 37, dizendo: "'Onde, Senhor?' perguntaram eles. Ele respondeu: 'Onde houver um cadáver, ali se ajuntarão os abutres'". Por que Gundry omitiu o verso 37? A resposta óbvia é que esse verso contradiz todo seu argumento, pois aí é dito com clareza que aqueles que foram levados são mortos, e seus corpos estão expostos aos abutres. Se ainda resta alguma dúvida sobre a exposição de Mateus 24.40-41, a mesma é resolvida pelo texto de Lucas 17.37. Chegamos à conclusão de que os esforços desesperados dos pós-tribulacionistas em encontrar, no texto de Mateus 24, uma referência explícita ao arrebatamento na sequência da segunda vinda de Cristo não são apoiados pelo texto corretamente interpretado.

---

[204] Cf. Ibid., p. 137-38.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

MATEUS 25 FALA DE ARREBATAMENTO?

A maioria dos pós-tribulacionistas acha conveniente ignorar Mateus 25, onde há o relato do julgamento das nações, pois os fatos parecerem contradizer a ideia de um arrebatamento pós-tribulacionista.

No registro do julgamento das nações, que Cristo pregou em discurso do monte das Oliveiras, o julgamento que ocorre após a segunda vinda de Cristo é descrito como uma separação entre ovelhas e bodes. Nessa passagem, as ovelhas são julgadas dignas de entrar no reino por terem tratado amigavelmente os irmãos. A provável explicação é que elas demonstraram bondade aos judeus durante a grande tribulação que precedeu a segunda vinda de Cristo. Em contraste, os bodes são descritos como aqueles que não foram amigáveis com os judeus, e eles são lançados no fogo eterno.

A relevância das obras nesse contexto provém de características típicas do período que antecede à segunda vinda de Cristo. Na grande tribulação haverá um antissemitismo mundial e os judeus serão perseguidos como foram nos dias de Hitler. Como seria incomum um gentio ser amigável a um judeu nessas circunstâncias, isso indicaria que o gentio reconhece o povo judeu como o povo escolhido de Deus, além de compreender o plano e o propósito de Deus para os judeus no milênio. Portanto, embora atos de bondade para com os judeus em outras dispensações não tivessem tanta relevância, no contexto da grande tribulação, tornam-se uma inconfundível característica de uma pessoa que é cristã.

Praticamente todos os estudiosos, amilenista ou pré-milenista, situam o julgamento das nações como um evento imediatamente após a segunda vinda de Cristo. Gundry é uma notável exceção. Seu ponto de vista, seguindo o entendimento de Alford, é que o julgamento das nações, bem como o tribunal de Cristo, ocorre no final do milênio. Sua motivação em manter esse ponto de vista peculiar é óbvio, devido à dificuldade que há para os pós-tribulacionistas

CAMP001_04X12_ABRIL2021

manterem o julgamento dos bodes e ovelhas após a segunda vinda de Cristo se, de fato, o arrebatamento tem de ocorrer imediatamente antes do segundo advento.

O ponto é que se o arrebatamento ocorre logo após a segunda vinda de Cristo, deveria então ser o primeiro evento, e automaticamente separaria os salvos dos não salvos antes de os pés de Cristo tocarem o monte das Oliveiras e seu reinado ser instituído. Em Mateus 25.31-46, contudo, as ovelhas e os bodes, representando os salvos e os perdidos, estão misturados e exigem uma separação por meio de um julgamento especial logo após a segunda vinda de Cristo. Tal julgamento seria desnecessário se um arrebatamento pós-tribulacionista tivesse ocorrido, embora tal julgamento possa ser facilmente harmonizado com um arrebatamento pré-tribulacionista. Por esse motivo, mesmo pós-tribulacionistas clássicos como Reese não fazem menção sobre o julgamento das nações nem fazem qualquer esforço para resolver o problema.

Gundry deve ser elogiado por tentar resolver o dilema, mas ele o faz por alguns métodos extremos, a saber, movendo o julgamento das nações para o fim do milênio, quando, de fato, ambos, salvos e não salvos, estarão presentes no mundo. Embora tenha admitido que essa é uma visão recente no que diz respeito ao pós-tribulacionismo atual, ele buscou apoio em Biederwolf, Alford e Lang.[205]

Entretanto, qualquer tentativa de posicionar esse julgamento no final do milênio viola o texto. Mateus 25.31 diz que tal julgamento ocorrerá "Quando o Filho do homem vier em sua glória, com todos os anjos". A implicação correta é que tal julgamento ocorrerá imediatamente a segunda vinda de Cristo, e não mil anos depois.

A natureza das boas obras das ovelhas também parece não permitir que esse texto seja uma referência à condição milenar, na qual elas são descritas como irmãs amigáveis de quem está injus-

---

[205] GUNDRY, *Church and Tribulation*, p. 163.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

tamente na prisão, ou nus e com fome. Esse certamente não é um retrato de Israel durante o milênio e, ainda assim, Gundry ficou estranhamente em silêncio sobre essa contradição que o texto oferece ao seu ponto de vista. O escritor da presente obra não conhece nenhum estudioso contemporâneo que sustente a posição de Gundry, embora ela fosse mantida por alguns pré-milenistas antigos, cuja posição era frequentemente bem similar ao amilenismo em seu conceito dos julgamentos finais.

O julgamento das nações em Mateus 25 refere-se aos que sobreviveram à grande tribulação e ainda estão em seus corpos naturais. É digno de nota que nessa passagem não haja menção ao arrebatamento ou à ressurreição, ao passo que o julgamento daqueles que são ressurretos no final da grande tribulação (Ap 20.4) é totalmente diferente. Se os detalhes do registro de Mateus sobre o julgamento das nações forem tomados literalmente, revelará que o julgamento diz respeito a quem é digno de entrar no reino milenar.

Logo, se o texto for tomado em seu sentido simples, constitui-se em um grande problema para o pós-tribulacionismo, o qual a maioria dos pós-tribulacionistas prefere evitar. Assim, a não ser que a visão extrema de Gundry seja adotada e o julgamento seja colocado no fim do milênio, esse julgamento entra em contradição com um arrebatamento pós-tribulacionista, tornando-o impossível. Considerando o todo, a evidência para um arrebatamento no Evangelho de Mateus não se sustenta diante de uma análise cuidadosa. A única passagem que indica um arrebatamento de forma clara está em João 14.1-3.

O ARREBATAMENTO EM JOÃO 14

Embora escrito muito depois da revelação paulina sobre o arrebatamento, conforme registrada nas epístolas de Paulo, o registro que

CAMP001_04X12_ABRIL2021

João faz das palavras proferidas por Cristo no cenáculo, na noite que antecedeu sua crucificação, é considerado por muitos a primeira menção clara sobre o arrebatamento a partir de um ponto de vista cronológico. Em João 14.2-3, Cristo disse: "Na casa de meu Pai há muitos aposentos; se não fosse assim, eu teria dito a vocês. Vou preparar lugar para vocês. E, quando eu for e preparar lugar, voltarei e os levarei para mim, para que vocês estejam onde eu estiver".

Há um grande contraste entre essa revelação e a de Mateus 24.27-30, na qual a segunda vinda de Cristo é descrita como um evento glorioso, semelhante ao relâmpago de sai do oriente e se mostra no ocidente. Em João 14.1-3, ao invés de Cristo descrever uma vinda dos céus para a terra, ele descreve uma vinda para seus discípulos, para levá-los à casa do Pai. Em contraste aos esforços pós-tribulacionistas de localizar o arrebatamento em Mateus 13 ou Mateus 24—25, o esforço pós-tribulacionista aqui é o de eliminar a referência ao arrebatamento, pois isso contradiz todo o seu ponto de vista.

Uma explicação comum para essa passagem é que ela se refere à morte do crente e à vinda de Cristo para levá-lo ao céu. Embora essa seja uma interpretação normal em meio à teologia liberal, é também sustentada por alguns conservadores como J. Barton Payne, que a afirma ser uma referência à morte dos cristãos.[206] A maioria dos estudiosos conservadores, contudo, concorda com Gundry, o qual afirmou o seguinte sobre essa passagem: "Nada é dito em relação à morte dos crentes em geral".[207]

Tomada em seu entendimento comum, a passagem diz que Cristo vem para seus discípulos e os leva para a casa do Pai nos céus. Esse é um evento totalmente diferente da vinda de Cristo à Terra para estabelecer seu reinado. Deve ser observado que nenhuma das

---

[206] PAYNE J. Barton, *The Imminent Appearing of Christ,* p. 74.

[207] GUNDRY, *Church and Tribulation,* p. 152, footnote.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

características fenomenais que estão atreladas à segunda vinda são mencionadas aqui.

Entretanto, para apoiar sua visão pós-tribulacionista, Gundry, embora normalmente adote uma interpretação literal, ofereceu uma interpretação não literal extraordinária para essa passagem. Em sua argumentação, ele primeiro negou explicitamente que se trata de um movimento do céu para terra.[208] Sua explicação é:

> A fim de consolar os discípulos em relação à sua partida, Jesus lhes disse que sua partida lhes traria benefícios. Ele está indo lhes preparar *moradas espirituais dentre de sua própria pessoa*. Ao habitar nessas moradas, eles estariam na casa do Pai. [...] Assim, o arrebatamento não tem seu propósito de levá-los ao céu. Ele deriva do fato de estarem em Cristo, em quem cada crente já tem sua morada.[209]

Quando o leitor, diante de tais afirmações, pedir alguma prova ou evidência do contexto de que esse é o significado do texto, será deixado sem qualquer evidência. A passagem não lida com a habitação do crente em Cristo, ao contrário, descreve o crente estando no mesmo lugar que Cristo, isso é, a casa do Pai. Essa passagem, quando tomada literalmente, indica que o crente é levado para o céu no momento da vinda de Cristo para os seus. A interpretação incomum de Gundry, tensa como é, indica a forma com a qual os pós-tribulacionistas, mesmo os que usam o método literal de interpretação, espiritualizam a passagem quando o texto claramente contradiz sua posição.

---

208 Ibid., p. 153.

209 Ibid., p. 154.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Ao examinar todas a provas do arrebatamento nos Evangelhos, os pós-tribulacionistas tentam inserir um arrebatamento pós-tribulacionista em Mateus 13, 24 e 25, onde não há nenhuma referência ao arrebatamento; e alguns deles, como Gundry, evitam uma passagem clara como João 14.2-3 porque ela contradiz nitidamente um arrebatamento pós-tribulacionista. Não é exagero dizer que a evidência nos Evangelhos depõe contra o pós-tribulacionismo. Quando todas as provas são apresentadas, elas não apoiam seu ponto de vista e demonstram sua prática comum de evitar os detalhes de todas passagens que contradizem suas interpretações.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 15

O ARREBATAMENTO EM 1 TESSALONICENSES 4

Em contraste com a breve introdução do arrebatamento em João 14.2-3, 1Tessalonicenses, que provavelmente foi a primeira epístola que Paulo escreveu, contribui mais para a doutrina do arrebatamento do que qualquer outro livro do Novo Testamento. É muito significativo que essa verdade tenha destaque e seja ensinada a uma jovem igreja que está aprendendo verdades básicas da fé. O arrebatamento é mencionado de diversas formas em cada capítulo desse livro (1.10; 2.19; 3.13; 4.13-18; 5.1-11, 23).

Devido a frequente referência e extensa revelação em relação ao tema do arrebatamento, a maioria dos pré-tribulacionistas encontram base para sua posição em 1 Tessalonicenses. Ao contrário, os pós-tribulacionistas estão diante de um problema, que é sobre o que fazer com as evidências para o arrebatamento apresentadas nessa

CAMP001_04X12_ABRIL2021

epístola. Embora pós-tribulacionistas como Gundry argumentem extensivamente na tentativa de relacionar a revelação dessa epístola com o pós-tribulacionismo, a maioria dos pós-tribulacionistas tende a ignorar os detalhes do texto de 1 Tessalonicenses. Obviamente, se a Grande tribulação precederá o arrebatamento, o normal seria dizer isso em um livro dedicado a exposição sobre a doutrina do arrebatamento. O problema para os pós-tribulacionistas é que esse livro apresenta o arrebatamento como um evento iminente, como se jamais a Grande tribulação o precedesse.

O pano de fundo de 1 Tessalonicenses é significativo. Paulo, Silas, e Timóteo foram à cidade de Tessalônica no sudeste da Europa e ministraram por três sábados na sinagoga. O resultado, segundo o livro de Atos (17.4), é que "alguns dos judeus foram persuadidos a se juntarem a Paulo e Silas, bem como um grande número de gregos tementes a Deus, e não poucas mulheres de alta posição." O sucesso de Paulo e Silas ao propagar a nova fé provocou o ciúme dos judeus, os quais "com a multidão iniciaram um tumulto na cidade" (At 17.5). Sob tais circunstâncias Paulo e seu companheiro acharam melhor deixar Tessalônica para não serem mortos.

Logo depois, Paulo enviou Timóteo de volta para ver como os tessalonicenses estavam. Depois de permanecer com eles por um tempo, Timóteo retornou a Paulo e relatou que os mesmos estavam firmes na fé, dando um bom testemunho, e pregando o evangelho para toda comunidade. Paulo muito se alegrou com essas boas novas e escreveu 1 Tessalonicenses. Ao voltar para Paulo Timóteo trouxe algumas questões teológicas, e algumas estão relacionadas ao arrebatamento da Igreja. Isso levou Paulo a expor essa doutrina mais detalhadamente.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O ARREBATAMENTO COMO UM EVENTO IMINENTE

Embora algumas das referências ao arrebatamento em 1 Tessalonicenses sejam breves, todas exortam os crentes daquela igreja a estarem atentos, pois o retorno de Cristo poderia ocorrer a qualquer momento. A primeira referência em 1 Tessalonicenses 1.10 é desse caráter, e descreve a expectativa de Paulo acerca disso, "A esperar dos céus seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos: Jesus, que nos livra da ira que há de vir." Aqui a esperança do Senhor é vista como um evento devidamente antecipado e que precede a ira vindoura. Paulo volta a se referir à ira novamente em 1 Tessalonicenses 2.16.

Nos versos finais de 1Tessalonicenses 2, Paulo descreveu sua alegria quando então todos estiverem na presença do Senhor: "Pois quem é nossa esperança, alegria ou coroa em quem nos gloriamos perante o Senhor Jesus na sua vinda? Não são vocês? De fato, vocês são nossa glória e nossa alegria" (1Ts 2.19-20). Novamente nessa passagem o arrebatamento é apresentado como um evento que pode ocorrer a qualquer momento, o que traria grande alegria para o apóstolo, e não há menção de eventos precedentes.

Em Tessalonicenses 3.13, um pensamento similar é apresentado. "Que ele fortaleça o coração de vocês para serem irrepreensíveis em santidade diante de nosso Deus e Pai, na vinda de nosso senhor Jesus Cristo com todos os seus santos." Alguns têm considerado isso como o momento do encontro com Cristo quando ocorrer o arrebatamento e Cristo volta à Terra. Outros descrevem isso como possivelmente se referindo a chegada da Igreja no céu, como indica a frase "na presença de nosso Deus e Pai." Embora não seja uma referência clara, está em harmonia com o arrebatamento pré-tribulacional onde a Igreja será tirada da Terra e apresentada no céu diante do Pai.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Esses conceitos são confirmados nos versos finais da epístola. Em 1 Tessalonicenses 5.23, Paulo orou, "Que o próprio Deus da paz os santifique inteiramente. Que todo espírito, alma e corpo de vocês sejam conservados irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo." Mais uma vez, nenhum evento precedente é mencionado, e fica implícito que a vinda do Senhor é iminente. Essas passagens, claro, são confirmadas e explicadas em maiores detalhes em 1 Tessalonicenses 4.13-18 e 5.1-11, textos mais relevantes sobre o arrebatamento.

A CONFORTANTE ESPERANÇA DE 1 TESSALONICENSES 4.13-18

A partir das frequentes referências ao arrebatamento em 1 Tessalonicenses, fica claro que Paulo tinha ensinado essa doutrina nas poucas semanas que ele esteve com esses novos convertidos em Tessalônica. Eles aparentemente entenderam que o Senhor estava voltando e que quando viesse, eles seriam levados ao encontro com ele.

Contudo, deve-se compreender que os Tessalonicenses eram novos na fé, que eles não tinham nenhuma porção das Escrituras para ler, e que todo seu conhecimento sobre a fé cristã tinha por base o que Paulo, Silas, e Timóteo tinham ensinado a eles. Não há nenhuma evidência de algum profeta em seu meio que pudesse ser um canal especial de revelação. Sob tais circunstâncias, é bem natural que eles tivessem perguntas sobre a sequência dos eventos e como o arrebatamento se encaixa no esquema geral dessa esperança.

A questão de como o arrebatamento e se encaixa no plano profético foi levantada pelo fato de que alguns tessalonicenses terem morrido algumas semanas após a partida de Paulo. O apóstolo esteve presente por um breve período somente para levá-los ao Se-

CAMP001_04X12_ABRIL2021

nhor. Contudo, tais mortes apresentaram um novo problema para os tessalonicenses, que aparentemente mantinham a expectativa de um retorno iminente do Senhor e que a possibilidade de morrerem antes, parecia sem sentido. Eles foram instruídos com uma ampla variedade de doutrinas, incluindo eleição (1.4), o Espírito Santo (1.5-6; 4.8; 5.19), conversão (1.9), segurança e salvação (1.5), santificação (4.3; 5.23), e muitas outras doutrinas relacionadas à vida cristã. Aparentemente eles também entenderam a doutrina da ressurreição e a doutrina de que alguns poderiam ser arrebatados sem experimentar a morte.

Entretanto o que os tessalonicenses não compreenderam era como a ressurreição dos crentes que tinham morrido se relacionava com o traslado dos crentes ainda vivos. Portanto, a questão era se o Senhor os arrebatasse antes da morte, eles deveriam esperar até um período posterior, isso é, após a tribulação, antes da ressurreição dos que tinham morrido.

Alguns deles vinham de um ambiente pagão, onde a ressurreição era questionada. Não parece ter havido por parte deles, qualquer questionamento sobre a ressurreição em si, mas tiveram dificuldades de entender quando isso ocorreria em relação aos crentes ainda vivos. Nesse sentido, precisavam de uma revelação adicional, e Timóteo foi incapaz de solucionar essas dúvidas.

Ao se dirigir a eles (1 Ts 4.13), Paulo observou que seus temores eram infundados. Quando o Senhor vier para os que ainda estiverem vivos, ele também ressuscitará os mortos, sem que haja necessariamente um período de espera. Portanto, eles não apenas tinham a esperança da ressurreição daqueles que morreram em Cristo, como a esperança de serem arrebatados, mas visto que ambos os eventos são iminentes, a separação de seus parentes pode ser breve.

Ao expor a doutrina, Paulo já no início afirma que não deseja que eles sejam ignorantes, como os incrédulos, em relação a essa bendita esperança. A expectativa deles sobre o arrebatamento da Igreja era tão certa como a historicidade da morte e ressurreição

de Jesus (1Ts 4.14). Ambas, por um período, foram o assunto das profecias. Agora já se cumpriu, e tornou-se a base da fé cristã. De igual modo, no futuro e possivelmente muito em breve, o arrebatamento ocorrerá; e quando Cristo vier, os mortos em Cristo serão ressuscitados e junto aos cristãos vivos serão todos arrebatados.

Paulo deixou claro que quando Jesus voltar, trará aqueles que morreram salvos. Assim ele se referiu aos cristãos que tinham morrido, e cujas almas tinham ido para o céu. Quando ele retornar dos céus nos ares acima da terra, ele trará as almas dos salvos junto dele. Isso tornará possível que as almas dos justos entrem novamente nos corpos agora ressurretos; e junto com os que serão transformados, encontrarão o Senhor nos ares.

A vinda do Senhor no arrebatamento será "com o ressoar da trombeta" (1Ts 4.16), em harmonia com a revelação anterior sob a autoridade de Cristo para ressuscitar os mortos (Jo 5.25). A voz do arcanjo Miguel (Jd 1.9) pode também ser ouvida, provavelmente como um grito de triunfo. Será uma grande vitória para o arcanjo que conduzirá o exército dos anjos do Senhor contra Satanás e seus demônios que têm atuado por esse mundo durante todas as eras.

O passo final será "a trombeta de Deus", o sinal para os mortos ressuscitarem e os vivos serem transformados. Nas Escrituras, a trombeta frequentemente é sinal de um evento importante; e há muitas outras trombetas mencionadas nas Escrituras, em ambos, Antigo e Novo Testamentos, que não devem ser confundidas com esse evento.

Segundo Paulo, sob o comando de Cristo e ao soar da trombeta, os cristãos que morreram serão ressuscitados dos túmulos; e os crentes ainda vivos na Terra nessa ocasião, "serão arrebatados junto com eles nas nuvens para se encontrarem com o Senhor nos ares. E assim, então, estarão com o Senhor para sempre" (1Ts 4.17). Com base nessa gloriosa esperança, Paulo escreveu: "Portanto, encorajem uns aos outros com essas palavras" (1Ts 4.18).

Os eventos relacionados ao arrebatamento são afirmados aqui com grande clareza, e descritos com detalhes como em nenhum outro lugar nas Escrituras. O fato de maior importância é que esse evento, conforme está descrito, é apresentado como um evento iminente sem nenhuma sequência de eventos precedentes que devam ocorrer. Embora as Escrituras deixaram claro que Pedro tinha que morrer e por último o próprio Paulo falou sobre a proximidade de seu martírio, tanto os tessalonicenses sabiam – como Paulo também tinha ciência nesse tempo – que o arrebatamento pode ocorrer a qualquer momento. Embora seja óbvio que no plano de Deus, o arrebatamento é um evento datado com eventos que o precedem e que se seguem, conforme a doutrina é exposta nas Escrituras, os cristãos são exortados a ficarem atentos para a vinda do Senhor. A iminência implícita no arrebatamento é uma faceta importante da interpretação pré-tribulacional, e é, ao mesmo tempo, o principal ponto de embaraço para o pós-tribulacionismo. Provavelmente esse seja o motivo do porque muitos pós-tribulacionistas não deem explicações detalhadas dessa passagem e tendem a passar por cima de todos os detalhes.

Entretanto, Gundry, dedicou todo um capítulo a essa passagem e tentou encarar aquele que o é o maior problema dos pós-tribulacionistas na exposição de 1 Tessalonicenses 4. O argumento pós-tribulacional em 1 Tessalonicenses 4 foi discutido extensamente pelo autor em sua obra: *Blessed Hope and the Tribulation*, nas páginas 96-107, e é brevemente resumido aqui.

A EXPLICAÇÃO PÓS-TRIBULACIONAL DE 1 TESSALONICENSES 4

Por que os tessalonicenses temiam que houvesse um atraso na ressurreição de seus entes queridos? Os pré-tribulacionistas têm

CAMP001_04X12_ABRIL2021

uma em explicação simples para esse problema. Os tessalonicenses tinham aprendido sobre o período da tribulação e entenderam que poderiam ser arrebatados antes que a ira surpreendesse o mundo. O que temiam era que no arrebatamento da Igreja eles não vissem de imediato seus parentes, pois como estes haviam morrido, eles imaginavam que a ressurreição pudesse ocorrer após a grande tribulação.

Gundry, representando a posição pós-tribulacional, descartou esse argumento pré-tribulacional alegando que o mesmo se baseia em uma suposição, oferecendo em lugar de, sua própria ideia, também baseada em uma suposição, ao afirmar que o temor deles era que os parentes crentes dos crentes tessalonicenses não pudessem ressuscitar até o final do reino milenar. Essa foi uma interpretação inédita para o pós-tribulacionismo e não tem qualquer evidência factual.

Embora os tessalonicenses tenham sido cuidadosamente instruídos sobre a Grande tribulação, não há evidência nas epístolas de que eles tenham sido ensinados sobre o milênio. É bem nítido que o ponto de vista de Gundry é muito mais motivado em livrar o pós-tribulacionismo de um problema, do que por alguma base bíblica sólida. É bastante óbvio também que se os tessalonicenses tivessem que passar pela grande tribulação antes do arrebatamento, isso poderia ser um problema maior do que o possível atraso na ressurreição de seus parentes crentes. É justamente a iminência do arrebatamento que coloca em foco sua preocupação em relação aos mortos em Cristo.

Paulo disse que a revelação do arrebatamento dependia da "própria palavra do Senhor" (1Ts 4.15). Isso é um problema para os pós-tribulacionistas, pois querem que o arrebatamento seja uma fase da Segunda Vinda, e não uma nova doutrina. Gundry deu uma explicação bem complicada, afirmando que Paulo recebeu essa verdade da tradição oral conforme ensinada por Jesus no sermão do monte das oliveiras. Esse complexo ponto de vista é contraditado

CAMP001_04X12_ABRIL2021

por todos os fatos que temos, especialmente por Gálatas 1.15-19, onde Paulo afirma não ter sido ensinado por outros apóstolos. Se a epístola aos Gálatas foi escrita depois de 1 Tessalonicenses, como a maioria dos eruditos crê, isso pode descartar qualquer possibilidade nesse sentido. O evangelho de João ainda não tinha sido escrito. O propósito da argumentação de Gundry é esvaziar tanto quanto possível o conceito de que o arrebatamento é uma nova doutrina distinta da Segunda Vinda. Partindo de um ponto de vista pré-tribulacional, é de bastante significativo que Paulo não tenha citado passagem alguma do Antigo Testamento sobre a segunda vinda de Cristo, mas, ao invés disso, tenha declarado que o arrebatamento era uma revelação direta. Aqui Gundry edificou um castelo na areia. Até mesmo Ladd, sendo pós-tribulacionista, não teve dificuldades em aceitar o conceito de que essa é uma nova doutrina. Todo problema decorre do fato de Gundry ser um pós-tribulacionista.

De acordo com 1 Tessalonicenses 4, no momento do arrebatamento, os santos serão levados da terra e encontrarão o Senhor nos ares. Como não há nenhuma outra passagem que ensine claramente a mesma verdade, essa se tornou o ponto principal para o debate entre pré e pós-tribulacionistas. Os pré-tribulacionistas têm uma explicação simples, ou seja, que se trata de uma ampliação do que já tinha sido revelado anteriormente em João 14.2-3 onde os santos são tirados da terra e levados para a casa do Pai.

Contudo, os pós-tribulacionistas têm um grande problema para harmonizar esse texto com as passagens sobre a Segunda Vinda de Cristo. Afinal, se Cristo está vindo à terra pra estabelecer seu reino milenar, por que os santos têm que sair da terra para encontrar o Senhor nos ares? e tendo-lhe encontrado nos ares, onde está a evidência de que eles tenham mudado de direção e voltado com Cristo para a terra?

Com o intuito de lidar com esse problema, Gundry não mediu esforços para provar que o termo grego traduzido por "descer"

CAMP001_04X12_ABRIL2021

significa "uma completa e ininterrupta descida".[210] Esse é mais um exemplo de como um termo comum é tomado por Gundry na tentativa de dar um significado técnico. O fato de a Igreja se encontrar com o Senhor nos ares, que é um evento extraordinário em si mesmo, implica no mínimo que o Senhor interromperá sua descida para então cumprimentar sua Igreja. Em 1 Tessalonicenses 4 não diz nada sobre prosseguir a jornada de volta à terra.

Aqui Gundry apelou para o argumento do silêncio afirmando ser estranho "que nessa passagem, a mais completa descrição sobre o arrebatamento, não haja qualquer menção de uma mudança direcional do céu para a terra, ou mesmo uma pausa. A ausência de uma frase específica tal como "para a terra" não pode ser muito significativa, pois não há nada nos registros do Novo Testamento sobre a segunda vinda que contenha tal frase."[211] Embora Gundry tenha argumentado vigorosamente contra qualquer argumento do silêncio usado pelos pré-tribulacionistas, aqui ele afirmou que seu ponto de vista deve estar correto porque a Bíblia silencia sobre a questão.

É muito mais razoável dizer que o silêncio indica que não há retorno à terra e que atualmente o propósito da vinda de Cristo é levar os salvos da Terra para o céu. Os esforços de Gundry para haver um movimento contínuo na mesma direção é contrariado por Marcos 14.13, ocasião na qual os discípulos encontram um homem carregando um jarro e passam a segui-lo, e em Lucas 17.12, onde os leprosos encontram Cristo, mas o Senhor não os acompanhou quando eles retornaram. É sempre perigoso estabelecer afirmações categoricamente arbitrárias sobre como e quando um termo é usado, quando, na verdade, o termo não passa de uma palavra comum.

---

[210] GUNDRY. Robert H., *The church and the tribulation*, p. 103.

[211] Ibid., p. 104.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Os pós-tribulacionistas também se deparam com o problema de como e porque a Igreja será tirada da terra de modo geral. Gundry explicou isso como uma delegação de cidadãos que saem ao encontro de um Rei e retornam como ele em sua jornada.[212] Contudo, mais uma vez, o problema é que o texto não diz nada sobre isso, é apenas uma sugestão. Os pós-tribulacionistas não tem uma boa explicação do porque é necessário aos crentes saírem da terra se de fato Cristo está vindo para reina sobre a terra.

Se os pré-tribulacionistas estão corretos, seria normal para Cristo encontrar sua Igreja nos ares. Caso os pós-tribulacionistas estejam certos, realmente não há nenhuma necessidade para tal encontro. Como já foi observado anteriormente, esse encontro deve separar os crentes dos incrédulos; e segundo Mateus 25.31-48, essa separação não ocorre até que se cumpram tais eventos como descritos nessa passagem.

A transformação dos crentes também está em contraste com a ressurreição. Uma das importantes verdades de 1 Tessalonicenses 4 é a junção de dois conceitos extraordinários envolvendo os crentes: (1) a transformação dos crentes ainda vivos e; (2) a ressurreição dos crentes que morreram. A exclusividade da revelação de Paulo é que os dois eventos ocorrem e são parte de um evento maior: o arrebatamento. Entretanto, isso é um problema para o pós-tribulacionismo, pois em nenhum dos textos do Antigo Testamento que falam da ressurreição e da segunda vinda de Cristo mencionam a transformação dos crentes vivos.

Mais adiante, em passagens que lidam com o assunto, como em Apocalipse 20.4, a ressurreição é um evento que ocorre indiscutivelmente depois que o Senhor chegar na Terra, ao invés de ser durante sua descida do céu. As ressurreições relacionadas a Segunda Vinda de Cristo nunca incluem qualquer fato específico sobre a

---

[212] Ibid., p. 104-5

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Igreja. Por exemplo, em Apocalipse 20.4, a ressurreição diz respeito apenas aos mártires que foram mortos durante a grande tribulação, ou seja, toda uma geração de crentes que perecerá naquele período. Novamente, os santos do Antigo Testamento, são mencionados especificamente em Daniel 12.2 como sendo ressuscitado após a grande tribulação. Nenhuma dessas ressureições inclui o arrebatamento relacionado aos santos da presente era, mas fazem parte de uma série de eventos conectados à segunda vinda.

Tudo isso está em harmonia com o ponto de vista pré-tribulacional, mas deixa os pós-tribulacionistas sem fatos sólidos em que basear sua posição quanto ao arrebatamento dos santos que estarão vivos naquele dia, e a ressurreição da igreja, o corpo de Cristo, no exato momento da segunda vinda. O fato é que não há nenhum arrebatamento de qualquer crente vivo no momento da segunda vinda de Cristo.

Outro problema é a expressão a "primeira ressurreição." Por haver ressurreição específica para os santos do Antigo Testamento após a grande tribulação e uma ressurreição específica para os mártires da grande tribulação não é um incidente ou um fato acidental. O cuidado do texto bíblico em evitar qualquer referência à Igreja sendo ressuscitada ou arrebatada após a grande tribulação está em total harmonia com o arrebatamento pré-tribulacional.

Entretanto, os pós-tribulacionistas frequentemente recorrem ao texto de Apocalipse 20.4-6, onde a ressurreição dos santos é denominada de "primeira ressurreição." Portanto, Ladd questionou, "A Palavra ensina de forma similar que a primeira ressurreição consistirá em dois estágios, e o primeiro deles ocorrerá no início da Tribulação? Tal ensino não aparece nas Escrituras." [213]

Nesse ponto tem surgido um mal entendimento quanto ao uso do termo *primeira*. Obviamente a ressurreição dos santos não é

---

[213] LADD, *The blessed hope*, p. 82.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

a primeira ressurreição ocorrida na história. Embora tenha havido inúmeras ressurreições de mortos, incluindo o caso memorável de Lázaro, Cristo foi o primeiro a ressuscitar corporalmente dentre os mortos de forma incorruptível. Uma ressurreição similar também ocorreu segundo Mateus 27.52-53, onde é dito que "os corpos de muitos santos que tinham morrido foram ressuscitados. E saindo dos sepulcros, depois da ressurreição de Jesus, entraram na cidade santa e apareceram a muitos." Ambas ressurreições, a de Cristo, e a desses santos, ocorreram há séculos.

Sob tais circunstancias, como pode o arrebatamento da Igreja, seja sob o ponto de vista pré ou pós-tribulacional, ser "primeiro" no sentido de nunca ter ocorrido anteriormente na história? Antes, o termo *"primeira"*, é usado em contraste com a ressurreição final mencionada em Apocalipse 20, isto é, a ressurreição dos ímpios. A ressurreição de todos os justos não é a primeira, não no sentido de ser a número um, mas no sentido de anteceder a ressurreição final.

Assim, há uma série de ressurreições que a Bíblia apresenta, a saber: primeiro a de Cristo, então a ressurreição de Mateus 27, e depois a do arrebatamento, em seguida a ressurreição dos santos do Antigo Testamento e, os santos da grande tribulação, que ocorrerá logo depois da tribulação. E não há contradição, pois, todas essas ressurreições são a primeira, isto é, são antes da ressurreição última e final que diz respeito aos ímpios. Portanto o argumento pós-tribulacionista é sem mérito, pois repousa sobre o significado distorcido da palavra *"primeira"*.

Um ponto importante a observar é que 1 Tessalonicenses 4 enfatiza o arrebatamento em relação a ressurreição, mas não apresenta esta como uma nova doutrina. A característica distintiva do arrebatamento, que o diferencia de outros eventos onde houve ressurreições, é que neste haverá transformação e traslado dos crentes que estiverem vivos. No que diz respeito às Escrituras, o arrebatamento ocorre apenas quando os santos vivos são transformados no mesmo momento em que ocorre a ressurreição dos crentes que

CAMP001_04X12_ABRIL2021

morreram. Nenhum outro evento que descreve a ressurreição inclui esses detalhes. Consequentemente, os pós-tribulacionistas estão diante de um sério problema para sustentar sua doutrina e provar que há um arrebatamento em qualquer uma das séries de eventos relacionados à segunda vinda de Cristo depois da grande tribulação.

Outro ponto importante é que não há nenhum aviso sobre a grande tribulação. Ao mesmo tempo que a Segunda Vinda de Cristo conforme apresentado na Bíblia seja claramente um evento que segue a Grande tribulação o que é demonstrado em passagens como Mateus 24 e Apocalipse 4–18, ao contrário, os textos que falam sobre o arrebatamento não fazem tal menção. Em João 14 é oferecida uma esperança iminente aos discípulos; e em 1Tessalonicenses 4 é dito para eles se confortarem e se encorajarem diante do fato do arrebatamento poder ocorrer a qualquer momento, e que assim, eles poderiam se juntar aos seus parentes que tinham morrido.

Para oferecer algum conforto para eles, teriam que sobreviver a grande tribulação para então serem arrebatados, tento o martírio como certo para muitos, o que faz da exortação de 1 Tessalonicenses 4.18 algo sem sentido se os pós-tribulacionistas estiverem certos.

Um ponto final é a exortação para serem consolados. Provavelmente o principal motivo que leva muitos pré-tribulacionistas a defenderem que o arrebatamento será antes da grande tribulação é a exortação de 1 Tessalonicenses 4.18. Em vista do fato que pós-tribulacionistas lidem com a tribulação de forma mais literal e com mais seriedade do que antes, torna-se mais evidente que a esperança do arrebatamento no final de um período de grandes aflições e sofrimentos onde provavelmente muitos cristãos morrerão, dificilmente seja uma expectativa confortante. Por isso, em vez de trazer consoladora exortação aos cristãos, os pós-tribulacionistas deveriam estar preparando os crentes para o martírio. E embora alguns pós-tribulacionistas como J. Barton Payne espiritualizem a tribulação e achem que já estamos nela, a maioria dos pós-tribulacionistas contemporâneos concorda que será um período real de

CAMP001_04X12_ABRIL2021

sofrimento humano, mesmo que todos eles, em alguma medida, tentem diminuir a severidade desse período de tempo.

Uma abordagem um tanto incomum oferecida por Gundry em que ele se esforça para definir a tribulação como um período de ira satânica em vez de ser a ira divina, tentando, com isso, torná-lo menos severo para os cristãos. Parece que Gundry esteve argumentando de forma contrária ao seu próprio ponto de vista, porque se a grande tribulação é um tempo de ira satânica, é óbvio que os crentes daquele período enfrentarão essa ira. Sendo exclusivamente um tempo de ira divina, pode ser que os salvos durante a tribulação sejam salvaguardados. Na tentativa de provar que se trata de um período de furor satânico, Gundry agravou o problema em vez de atenuá-lo.

Conforme foi observado anteriormente no tópico sobre a tribulação, esse período será um tempo de sofrimento sem paralelo para todo o mundo e para os cristãos em particular. Todos que vierem a Cristo durante aquele período estarão diante de um provável martírio. Um estudo do livro de Apocalipse, se levado a sério, mesmo levando em conta seu real simbolismo, uma situação de catástrofes sem paralelos é revelada. A luz desses fatos, parece que os pós-tribulacionistas têm um problema ainda maior: como podem explicar Paulo consolando a igreja de Tessalônica com a esperança do arrebatamento, o que é fato, se eles entrariam na grande tribulação, em que a maioria deles seria martirizada? Nem mesmo uma evasiva exegética diante desse texto pode evitar essa importante questão.

Uma perspectiva pós-tribulacionista poderia ter mudado a atitude dos cristãos tessalonicenses. Se realmente tivessem que enfrentar a Grande tribulação, eles deveriam se alegrar por aqueles que morreram em Cristo e escaparam desses sofrimentos. Em Apocalipse 14.13, aqueles que morrem são declarados bem-aventurados, pois escaparam das perseguições. Hiebert corretamente resumiu esse ponto dizendo: "Mas se foi ensinado que a igreja deve passar pela

CAMP001_04X12_ABRIL2021

grande tribulação, a reação lógica deles deveria ter sido de alegria por seus entes queridos terem escapado desse período de grande sofrimento, que imaginavam estar próximo de ocorrer."[214]

De forma geral, 1 Tessalonicenses 4 é uma das passagens mais fortes na defesa da interpretação pré-tribulacional, e, ao mesmo tempo, não oferece nenhum apoio ao pós-tribulacionismo. Mesmo que muitos tenham se esforçado, e Gundry empreendeu grandes esforços para resolver esse problema, o fato é que continua sendo uma dificuldade para os pós-tribulacionistas. Se essa fosse a única passagem que lidasse com o arrebatamento, os pós-tribulacionistas não teriam muitos problemas.[215] Entretanto, há outras passagens, das quais 1 Tessalonicenses é uma delas, nas quais os pós-tribulacionistas apresentam alguns embaraços que exigem consideração cuidadosa dos pré-tribulacionistas.

---

214 HIEBERT. D. Edmond. *The thessalonian epistles*, p. 205.

215 Para uma discussão adicional, veja John F. Walvoord, *The blessed hope and the tribulation*, p. 94-107.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 16

O ARREBATAMENTO EM 1 TESSALONICENSES 5

O quinto capítulo de 1Tessalonicenses, que segue a revelação concernente ao arrebatamento dos santos, naturalmente levanta a questão da conexão com o capítulo anterior. No texto grego original, é claro, não haviam divisões de capítulos, e este é introduzido pela partícula grega "*de*" que também foi usada para introduzir o arrebatamento em 1Tessalonicenses 4.13. Normalmente "de" indica uma mudança de assunto, mas não necessariamente um assunto inteiramente novo. Aqui o contraste parece ser entre a certeza do fato e os detalhes do arrebatamento revelado em 1Tessalonicenses 4.13-18, com a realidade de que o tempo do arrebatamento é incerto.

Hiebert traz isto à tona em sua exposição dos primeiros dois versículos:

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> A partícula conectiva 'Mas' (*de*) é novamente transitória; ela indica que um novo assunto está sendo introduzido. A maioria das nossas traduções modernas traduz, 'mas', sugerindo assim que uma ideia de contraste está sendo introduzida. Então esse contraste parece ser entre a certeza da volta de Cristo como estabelecido na seção anterior e a incerteza quanto ao seu tempo. Ao passo que alguns intérpretes sustentam que este parágrafo é simplesmente uma continuação da discussão em 4.13-48, parece claro que um novo aspecto da *parousia* está sendo considerado agora. Então a partícula (*de*) é mais bem traduzida, não como adversativa, mas transitiva e talvez melhor traduzida como 'agora'.[216]

Como Hiebert destaca, a tradução, 'mas' é usada por Conybeare, Darby, Goodspeed, Lattey, Phillips, Way, Weymouth, Williams, a RSV, e 20th Century[217], enquanto a New American Standard Version e a New International Version, usam 'agora'.

Seria natural, tendo sido ensinados na verdade do arrebatamento e o maravilhoso fato de que quando ele ocorresse, veriam seus parentes que haviam morrido, que os tessalonicenses fizessem a pergunta: quando isso ocorrerá? A resposta dada no capítulo 5 é que o tempo do arrebatamento é incerto. Pareceria, se a visão pós-tribulacionista estivesse correta, que este seria um bom momento para Paulo explicar que, na verdade, o arrebatamento não poderia ocorrer logo em seguida, e que ao menos um período de

---

[216] HIEBERT, D. Edmond. *The thessalonian epistles*, p. 207.

[217] O Novo Testamento do Século XX é uma tradução em inglês do Novo Testamento originalmente publicado em três partes entre 1898 e 1901. É considerada a primeira tradução da Bíblia para o inglês atual. Após novas revisões baseadas em sugestões de leitores, a versão final foi publicada em 1904 (**N. do E.**).

CAMP001_04X12_ABRIL2021

sete anos deveria transcorrer, incluindo a grande tribulação, antes de eles poderem esperar o cumprimento da esperança do retorno do Senhor. Ao invés disso, o apóstolo introduz o assunto do dia do Senhor como tendo um começo incerto, e ele parece ligar o início do dia do Senhor com o tempo do arrebatamento. O estudo desse capítulo, embora fosse o intento de Paulo primeiramente ter uma exortação prática aos tessalonicenses, também está relacionado à questão de se o arrebatamento é antes ou depois da tribulação predita.

A relação de 1Tessalonicenses com o arrebatamento tem sido debatida por pré-tribulacionistas e pós-tribulacionistas com uma surpreendente variedade de opiniões[218]. O problema está centrado na definição do que seja "o dia do Senhor" e sua relação com o arrebatamento. Por que se há diferenças de interpretações entre ambos, generalizações são desaconselháveis. O centro do problema é, antes de tudo, a questão sobre o significado do "dia do Senhor". Além do mais, uma segunda pergunta é sobre a razão de o dia do Senhor ser introduzido imediatamente após a discussão do arrebatamento. Por fim, uma terceira questão é a respeito do significado de afirmações específicas quanto ao tempo do arrebatamento.

O SIGNIFICADO DO DIA DO SENHOR

Referências ao dia do Senhor abundam no Antigo Testamento e ocorrem ocasionalmente no Novo Testamento. Aparentemente, todos aceitam que os julgamentos relacionados à segunda vinda são, em algum sentido, uma parte do dia do Senhor. Definições da palavra "dia" variam de um evento específico, assim como as

[218] A discussão a seguir é uma revisão e ampliação do material do autor encontrado em *The blessed hope and the tribulation*, p. 108-21.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

vinte e quatro horas do dia, a um extenso período estendendo-se desde o arrebatamento até o fim dos mil anos do reinado de Cristo. Genericamente falando, pré-tribulacionistas tem identificado o dia do Senhor como o reino milenar incluindo os julgamentos que introduzem esse reino. Essa visão foi popularizada pela edição de 1917 da *Bíblia Scofield*[219]. De acordo com esta interpretação, o dia do Senhor inicia no fim da, ou depois, da grande tribulação.

Pré-tribulacionistas que veem o dia do Senhor começando no fim da Tribulação tem dificuldade de harmonizar isto com o arrebatamento pré-tribulacional. Pós-tribulacionistas apontam que 1Tessalonicenses 5, se referindo ao dia do Senhor, imediatamente segue o capítulo 4, o qual revela o arrebatamento. Visto que o capítulo 5 está lidando com o início do dia do Senhor, a implicação é que o arrebatamento, e o início do dia do Senhor, ocorrem ao mesmo tempo. Tirando proveito da confusão entre pré-tribulacionistas em definir o dia do Senhor, Alexander Reese gastou um capítulo em sua obra clássica sobre pós-tribulacionismo estruturando a maior parte desse argumento[220].

Ele sustenta que o uso da expressão "o dia" indica que os eventos do fim dos tempos ocorrem em rápida sucessão, incluindo o arrebatamento da igreja e os vários julgamentos dos santos e dos ímpios. Ele assemelha o dia do Senhor em 1Tessalonicenses 5 com outras referências a "o dia", como encontradas em Romanos 13.11-12 e 1Coríntios 3.13.

Ele também da mesma forma equipara a expressão "naquele dia" (2Ts 1.10; 2Tm 1.18; 4.8); "o dia de Cristo" (Fp 1.6, 10; 2.16); e "o dia do Senhor" (1Co 5.4-5; 2Ts 2.1-3. Segundo Reese, todas se referem ao mesmo tempo e ao mesmo evento.

---

219 *Scofield reference Bible*, p. 1272, nota de rodapé.

220 REESE, Alexander. *The approaching advent of Christ*, p. 17-83, conforme a discussão por John F. Walvoord, aqui neste livro.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Reese e outros pós-tribulacionistas, conforme se desenrolam seus argumentos, juntam todas as referências a "o dia", ignorando o contexto, argumentando em círculo, assumindo que o pós-tribulacionismo é verdadeiro. Como é frequentemente o caso com pontos de exegese complexa, é da máxima importância que o contexto de cada passagem seja considerado antes que os termos possam ser comparados com palavras similares de outros lugares.

Ele dá pouca atenção à variedade do pano de fundo contextual. O problema central, no entanto, é de que este tipo de explicação presume que "o dia" é uma simples e descomplicada referência a um ponto no tempo, ao passo que, de fato, uma visão abrangente das Escrituras indica algo bem diferente.

O assunto sobre o dia do Senhor é tão extenso que uma exposição completa requereria uma obra maior e envolveria muitas referências tanto ao Antigo quanto ao Novo Testamento[221]. Apesar disso, o assunto pode ser simplificado se a verdade relacionada ao dia do Senhor for classificada em três categorias: (1) referências ao dia do Senhor como aludindo a qualquer período de tempo no passado ou futuro no qual Deus lida diretamente no julgamento do pecado humano; (2) um dia do Senhor no sentido de certos eventos futuros constituindo um julgamento divino; (3) e o mais amplo sentido do texto, indicando um tempo no qual Deus lida diretamente com o a situação humana, tanto em julgamento, quanto em benção, consequentemente, amplo o suficiente para incluir não somente julgamentos precedendo o milênio, mas também as bênçãos do próprio milênio.

Ao enfrentarmos o difícil problema de 1 Tessalonicenses 5, a definição mais ampla do dia do Senhor é indicada. Isto contrasta, por exemplo, com o uso do mesmo termo em 2Tessalonicenses 2,

---

221 PRICE. Walter K., *The prophet Joel and the day of the Lord*. Esta é maior contribuição da doutrina sobre o dia do Senhor.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

onde uma definição mais restrita como na segunda categoria é indicada. Como esta classificação não é reconhecida por muitos pós-tribulacionistas e alguns pré-tribulacionistas, atenção cuidadosa deveria ser dada a cada indicação em 1Tessalonicenses 5 quanto à natureza do dia do Senhor.

Como muitas referências ao dia do Senhor deixam claro, o período envolvido não é de vinte e quatro horas do dia, mas antes um período mais extenso – embora o simbolismo das vinte e quatro horas do dia esteja em vista. Significativamente o artigo "o" não é encontrado em 1Tessalonicenses 5, e por esse motivo a frase poderia ser traduzida "um dia do Senhor", em contraste com dias do Senhor já cumpridos no passado.

As referências ao dia do Senhor, não como dias literais, têm em mente o simbolismo de um dia iniciando à meia noite e se estendendo pelas vinte e quatro horas até a próxima meia noite. Neste simbolismo, os seguintes pontos podem ser destacados: (1) o dia do Senhor indica que o dia anterior terminou como um período de tempo e um novo período começou; (2) um dia comum é geralmente um período de tempo que, no seu início, é sem maiores eventos – ou seja, pessoas normalmente dormem da meia noite até o amanhecer; (3) com a chegada da luz do dia, ou depois que o período já está um pouco avançado, os principais eventos começam conforme o programa do dia se desenvolve – como, em certo sentido, o dia "ganha vida" com a luz do dia ao invés da meia noite; (4) conforme a luz do dia vai se mostrando, as maiores atividades do dia acontecem, culminando nos eventos das horas da noite; (5) assim como as vinte e quatro horas do dia terminam à meia noite, então um novo dia se segue com uma nova série de eventos.

Se o simbolismo de um dia de vinte e quatro horas for seguido, os vários fatos revelados nas Escrituras relacionados ao dia do Senhor começam a adquirir significado e relação. Em sua mais ampla dimensão, o dia do Senhor segue o presente dia de graça no qual Deus cumpre ambos, sua obra de salvação pela graça e seu governo

CAMP001_04X12_ABRIL2021

de vida pela graça; Deus não está tentando lidar diretamente, de nenhuma maneira importante, com o pecado humano.

Consequentemente, o arrebatamento poderia ser muito bem o fim do dia de graça e o começo do dia do Senhor. O dia de graça, todos concordam, é seguido por um período no qual Deus lida diretamente com o pecado humano numa série de julgamentos continuando no reino milenar, que será também um tempo no qual Deus tratará diretamente com o pecado humano. Todos concordam que depois do milênio, o estado eterno se inicia, inaugurando o outro "dia" que alguns creem ser designado como "o dia de Deus" (2Pe 3.12), o dia eterno.

Antes de determinar o significado de 1Tessalonicenses 5 em relação com a escatologia como um todo, é necessário estabelecer firme e exatamente o que o dia do Senhor é tal qual está, de forma variada, descrito no Bíblia. É estranho que tantas exposições de 1Tessalonicenses 5 não estabeleçam uma definição do dia do Senhor e não levem em consideração fatos específicos apresentados no Antigo Testamento assim como no Novo.

A DOUTRINA DO DIA DO SENHOR NO ANTIGO TESTAMENTO

Um estudo de inúmeras referências do Antigo Testamento ao dia do Senhor e ao "dia", como são às vezes chamadas, deixariam claro para qualquer um que respeita os detalhes da profecia que a designação denota um extenso período de tempo de julgamento divino sobre o mundo. Entre os textos estão Isaías 2.12-21; 13.9-16; 34.1-8; Joel 1.15-2. 11; 28-32; 3.9-12; Amós 5.18-20; Obadias 15-17; Sofonias 1.7-18.

A verificação dessas referências indica, por exemplo, que Isaías 2 prediz que o julgamento divino cairá sobre os ímpios. A

CAMP001_04X12_ABRIL2021

passagem poderia ser aplicada ao cativeiro do Antigo Testamento, agora passado, ou poderia ser aplicada a um tempo futuro em conexão com a segunda vinda de Cristo. A característica principal que o dia do Senhor traz nesta passagem é sobre o julgamento contra os homens que têm vivido em rebelião contra Deus. É claro que este julgamento é mais do que um simples dia de vinte e quatro horas, é antes um extenso período de julgamento divino. Este é o dia do Senhor.

A dramática imagem de Isaías 13. 9-16, seguida imediatamente por predições concernentes à destruição de Babilônia pelos Medos e Persas, novamente dá detalhes gráficos às características do dia do Senhor. Ele é descrito como "destruição do todo-poderoso" (13.6). De acordo com o versículo 9, "eis que vem o dia do Senhor, dia cruel, com ira e ardente furor, para converter a terra em assolação e dela destruir os pecadores". Depois Isaías descreve as estrelas e o sol como escurecidos, uma profecia que literalmente será cumprida na grande tribulação. Em Isaías 13.11, Deus diz que castigará o mundo por causa da sua maldade e os perversos, por causa da sua iniquidade; e que fará cessar a arrogância dos atrevidos e abaterá a soberba dos violentos.

Começando com o versículo 17, Isaías descreve os Medos como destruindo a Babilônia. Em um sentido, isso já se cumpriu. Em outro sentido, isso não terá cumprimento completo até o tempo da grande tribulação. É esta figura mesclada do julgamento, independentemente de quando ocorre, que caracteriza o dia do Senhor. Qualquer período extenso de julgamento divino no Antigo Testamento é por isso "um dia do Senhor". Todos eles serão eclipsados, porém, com o julgamento final que culmina na grande tribulação e a batalha do dia do Deus Todo-Poderoso na segunda vinda de Cristo.

As outras referências citadas contêm material similar. Isaías 34. 1-8 parece indicar que o julgamento cairá sobre o mundo nos eventos que antecedem a segunda vinda.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Provavelmente, a figura mais ilustrativa é encontrada em Joel, muito do que é dedicado a descrever o dia do Senhor. Está incluída nisso a mais famosa profecia de derramamento do Espírito, citada em Atos 2.17-21, que ocorreu no dia de Pentecostes, mas terá seu total cumprimento nos dias anteriores à segunda vinda de Cristo. Os julgamentos divinos derramados sobre a terra, assim como perturbações nos céus, são graficamente descritos por Joel. Haverá grandes sinais nos céus dados em mais detalhes no livro do Apocalipse: "Mostrarei prodígios no céu e na terra: sangue, fogo e colunas de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor" (Jl 2. 30-31). O que se quer dizer aqui não é que o dia do Senhor começará depois dessas maravilhas no céu, mas que chegará ao clímax quando o julgamento for realmente executado.

O livro de Sofonias adiciona outros aspectos ao dia do Senhor. Depois de revelar com alguns detalhes os julgamentos que ocorrerão naquele tempo, a profecia descreve as bênçãos que se seguirão (1.7-18). Em Sofonias 3. 14-17 o profeta escreve,

> Canta, ó filha de Sião; rejubila, ó Israel; regozija-te e, de todo o coração, exulta, ó filha de Jerusalém. O Senhor afastou as sentenças que eram contra ti e lançou fora o teu inimigo. O Rei de Israel, o Senhor, está no meio de ti; tu já não verás mal algum. Naquele dia, se dirá a Jerusalém: Não temas, ó Sião, não se afrouxem os teus braços. O Senhor, teu Deus, está no meio de ti, poderoso para salvar-te; ele se deleitará em ti com alegria; renovar-te-á no seu amor, regozijar-se-á em ti com júbilo.

A verdade significativa revelada aqui é de que o dia do Senhor, que primeiro inflige terríveis julgamentos, finda com um extenso

CAMP001_04X12_ABRIL2021

período de bênção sobre Israel, e isto terá cumprimento no reino milenar. Baseada na revelação do Antigo Testamento, o dia do Senhor é um tempo de julgamento, culminando na segunda vinda de Cristo, seguido por um período especial de bênçãos divinas a se cumprirem no reino milenar.

PORQUE O DIA DO SENHOR ESTÁ INSERIDO EM 1TESSALONICENSES 5?

Uma das questões mais importantes que surgem no estudo de 1Tessalonicenses 5 diz respeito a introdução do dia do Senhor imediatamente antes da discussão do arrebatamento da igreja. O fato de o arrebatamento ser mencionado no capítulo 4 antes do dia do Senhor e apresentado no capítulo 5 é significativo. O assunto importante era o arrebatamento, incluindo a ressurreição dos mortos em Cristo e a trasladação dos crentes vivos. O arrebatamento não é introduzido como uma fase do dia do Senhor e parece ser distinto dele.

Como mencionado antes, 1Tessalonicenses 5 começa com a partícula grega *de,* que é normalmente usada para marcar o início de um novo assunto. Isto pode ser encontrado, por exemplo, quando o arrebatamento foi introduzido em 1Tessalonicenses 4. 13. Portanto, é claro que 1Tessalonicenses 5 não está falando especificamente sobre o arrebatamento, mas sobre outra verdade. Entretanto, a inserção deste material neste ponto, implica que há alguma relação com o contexto precedente. Por consequência, embora não esteja falando especificamente sobre o arrebatamento, está lidando com o assunto geral da escatologia, do qual o arrebatamento faz parte. Deste modo, seria um justo julgamento que, em alguma medida, Paulo estava continuando sua discussão ao lidar com o amplo programa

CAMP001_04X12_ABRIL2021

dos eventos do fim dos tempos como definido pelo termo "o dia do Senhor".

Por essa razão, Hiebert introduziu sua exegese de 1Tessalonicenses 5 com estas palavras:

> este parágrafo é uma peça que acompanha o precedente. Este é a segunda metade do bloco distintivo do material escatológico nesta epístola. O primeiro forneceu a instrução necessária concernente aos mortos em Cristo. Este dá uma palavra de indispensável exortação aos vivos[222].

O assunto do capítulo 5 é introduzido com a afirmação: "Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos escreva". Em contraste com a instrução sobre o arrebatamento, pela qual ele estava corrigindo a ignorância deles, Paulo aqui estabeleceu que não precisa instruí-los acerca de "tempos" (*chronoi*) e "datas" (*kairoi*). Embora esses termos sejam, às vezes, usados de forma equivalente, e ambos relacionados ao tempo, o primeiro parece indicar duração e, o segundo, a um tempo em particular.

Em resumo, Paulo está dizendo que eventos escatológicos envolvem uma série de períodos e eventos dos quais o arrebatamento faz parte, tal como já havia dito aos tessalonicenses, e que especificamente estes eventos dizem respeito ao dia do Senhor como um período com características especiais. No versículo 2, ele declara, "pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o dia do Senhor vem como ladrão de noite". Obviamente ele estava falando que os tessalonicenses sabiam que o dia do Senhor estava se aproximando, todavia, como a vinda de um ladrão na noite, não haveria como datar com precisão.

---

222 HIEBERT, *Thessalonian epistles*, p. 207.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Na discussão que se segue, é traçado um forte contraste entre o dia do Senhor no que diz respeito aos não salvos e, no que diz respeito aos cristãos. Isso vem à tona no uso da primeira e segunda pessoas – "nós", "nos" e "tu" (vv. 1, 2, 4-6, 8-11) – e da terceira pessoa, "eles" e "outros" (vv. 3, 6, 7). No versículo 3, o dia do Senhor é retratado vindo sobre os incrédulos como as dores de parto vêm sobre uma mulher grávida, de maneira que eles não possam escapar, assim como uma mulher não pode escapar das dores do parto. Paulo mais adiante declara que a destruição deles virá num tempo quando estiverem dizendo "paz e segurança". Isto se encaixa no tempo de paz que precede a grande tribulação, mas não o tempo de guerra ao fim da tribulação. Payne resolve o problema considerando-o como uma sensação de falsa segurança que existe hoje, apesar das bombas atômicas e do perigo de um holocausto[223].

A ideia que a expressão "dizendo", "paz e segurança" se refere ao desejo por paz e segurança por parte daqueles que estão na grande tribulação não é explicação aceitável e é rejeitada tanto por pós-tribulacionistas como pré-tribulacionistas. O fato é que todos os pós-tribulacionistas estão diante de um problema real de tentar ajustar ao seu esquema o dia do Senhor iniciando em seguida ao fim da grande tribulação. 1Tessalonicenses 5 diz que o povo dirá "paz e segurança" antes do início da grande tribulação. Isso está em harmonia com o pré-tribulacionismo, porém em completa desarmonia com seu rival.

Paulo diz que o dia o Senhor não surpreenderá os tessalonicenses como um ladrão. Por que um evento como a vinda de um ladrão viria inesperadamente sobre o mundo, mas com adequada expectativa para os crentes? Paulo explica isso nos versículos 4 e 5: "Mas vós, irmãos, não estais em trevas, para que esse dia como ladrão vos apanhe de surpresa; porquanto vós todos sois filhos da

---

223 PAYNE. J. Barton. *The imminent appearing of Christ*, p. 108.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

luz e filhos do dia; nós não somos da noite, nem das trevas". Este é um ponto crucial na explicação de Paulo: o ladrão virá durante a noite, mas os crentes estão declarando não pertencerem à noite ou às trevas. A implicação é muito clara de que os crentes estão em uma referência de tempo diferente; isto é, eles pertencem ao dia que precede as trevas.

Com base nisso, Paulo dá uma exortação. Se os tessalonicenses são do dia, eles não podem estar dormindo ou entorpecidos; antes, eles devem estar sóbrios ou autocontrolados, "revestindo-nos da couraça da fé e do amor e tomando como capacete a esperança da salvação" (v. 8). Paulo conclui no versículo 9, "porque Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação mediante nosso Senhor Jesus Cristo".

Nessa passagem, o crente em Cristo está assegurado de que sua destinação não é para este tempo de ira. Ao tentar de explicar isto, o pré-tribulacionista tem vantagem óbvia: se a igreja é arrebatada antes do tempo de tribulação, então tudo que é dito nessa passagem se torna muito claro; ou seja, o tempo de ira não alcançará a igreja de surpresa como um ladrão, porque a igreja não estará lá. Se o uso do argumento do silêncio é válido, pareceria aqui, que o silêncio de Paulo sobre se a igreja deve suportar este período é outra indicação de que ela não vai enfrentar a grande tribulação.

Quando consideramos o cenário mais abrangente dessa passagem, a razão para Paulo enxertar o assunto se torna mais clara. Embora os eventos do dia do Senhor não se iniciem imediatamente após o arrebatamento, o período como tal – seguindo o simbolismo de um dia iniciando à meia noite – pode facilmente ser entendido como iniciando com o arrebatamento em si.

As horas iniciais do dia do Senhor não contêm grandes eventos. Gradualmente os maiores eventos desse dia vão se desenrolando até culminarem nos terríveis julgamentos com os quais a grande tribulação terminará.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Visto como um todo, o ponto de vista pré-tribulacionista dá sentido e significado a 1Tessalonicenses 5 e explica por que isto está inserido depois do arrebatamento. Com efeito, Paulo estava dizendo que o tempo do arrebatamento não pode ser determinado mais que o tempo do início do dia do Senhor; mas essa não é a preocupação dos crentes porque nossa designação não é para a ira do dia do Senhor, e sim para a nossa salvação em Cristo.

Com essa abordagem de 1Tessalonicenses 5 é dada confirmação em um estudo de 2Tessalonicenses 2, ao qual o dia do Senhor é novamente introduzido, desta vez em um contexto ignorado pelos tessalonicenses, e que necessitavam de ensino.

INTERPRETAÇÃO PÓS-TRIBULACIONISTA DO DIA DO SENHOR

Geralmente, pós-tribulacionistas como Reese e Gundry iniciam o dia do Senhor no fim da grande tribulação. Gundry, que dedica um capítulo inteiro ao assunto, define o dia do Senhor da seguinte forma:

> O dia do Senhor", com sua consequência o "dia de Cristo", figura proeminentemente na discussão do arrebatamento. Nessas frases o termo "dia" não se refere ao dia com vinte e quatro horas, mas a um longo período que inclui o milênio e o julgamento final. Com referência ao tempo do arrebatamento, o ponto crucial do argumento reside no *terminus a quo*, o ponto inicial do dia do Senhor, não em sua extensão milenar.[224]

---

224 GUNDRY, Robert, *The Church and the tribulation*, p. 89.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

No raciocínio ele tentou refutar a ideia de que o dia do Senhor se inicia bem antes do término da grande tribulação. Seu argumento é um pouco difícil de acompanhar, mas em geral ele tentou refutar todas as controvérsias de que o dia do Senhor inicia antes do fim da grande tribulação.

Todos concordam que o clímax do dia do Senhor, no que diz respeito ao julgamento das nações, ocorre no Armagedom e é promovido pela destruição dos exércitos na segunda vinda, em Apocalipse 19. Muitos acreditam que o ponto culminante é o julgamento das nações depois da segunda, como registrado em Mateus 25.31-46. A questão que permanece é se isto é tudo que está envolvido nos julgamentos.

Mesmo uma leitura casual do livro do Apocalipse logo revela que os julgamentos divinos não iniciam no fim da tribulação, mas certamente incluem todo o próprio período tribulacional. Embora Gundry tente rearranjar o livro do Apocalipse de modo que os maiores julgamentos ocorram no seu final, é bastante claro, por exemplo, que o quarto selo descrito em Apocalipse 6.7-8 – onde 1/4 da população da terra é destruída – não está no final, mas em uma fase anterior à grande tribulação. Certamente que a destruição de 1/4 da população se qualificaria como dia do Senhor para a terra.

O sexto selo descreve em detalhes vívidos as mesmas coisas que o Antigo Testamento atribui ao dia do Senhor. Ele afirma:

> Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar (Ap 6.12-14).

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Isto pode ser comparado tanto a Joel 2.30-31, como a Joel 2.10-11. A menos que os selos sejam distorcidos fora da sequência cronológica, este não é o fim da grande tribulação; antes, a grande tribulação está em progresso.

Gundry tentou fazer com que todos os julgamentos catastróficos dos selos, as trombetas, e os cálices, ocorressem de algum modo simultaneamente. Contudo, a mesma ordem de eventos descrita nas sete trombetas, assim como nas sete taças, indica que há uma sequência cronológica e que todos esses julgamentos não podem ser colocados juntos. A implicação clara é que os grandes julgamentos do dia do Senhor se estendem por toda a grande tribulação, embora todos concordem que chegue ao seu clímax no seu fim.

O motivo de Gundry colocar o dia do Senhor no final da tribulação é fazer com que a igreja seja arrebatada antes que os grandes eventos do dia do Senhor ocorram. Na verdade, ele estava tentando alcançar um arrebatamento pré-dia-do-Senhor, com os grandes julgamentos no Armagedom ocorrendo imediatamente depois. Se Gundry está errado ao limitar o dia do Senhor ao final da grande tribulação, porém, sua visão pós-tribulacionista do arrebatamento significa que a igreja vai passar pelos mais terríveis julgamentos, ainda que seja arrebatada pouco antes do clímax. O pós-tribulacionismo de Gundry é construído sobre um conceito defeituoso do dia do Senhor, conceito não apoiado pelas Escrituras que definem o que ocorre naquele período.

Os pós-tribulacionistas, especialmente, discordam da interpretação pré-tribulacionista de 1Tessalonicenses 5.9. Eles insistem que a igreja não está destinada para a ira, e sobre isso todos os pré-tribulacionistas estariam de acordo. Todavia, o que a passagem está falando, não é de uma ira abstrata, ou de um ato único, mas de um *tempo* de ira. Os julgamentos derramados na tribulação não caem apenas sobre não salvos, pois guerra, pestilência, fome, terremotos, queda de estrelas dos céus, afligem toda população,

CAMP001_04X12_ABRIL2021

exceto os 144.000 em Apocalipse 7 escolhidos por Deus para serem especialmente protegidos.

Consequentemente, a promessa de ser guardado da ira, é uma promessa de ser guardado de um futuro tempo de ira, isto é, a grande tribulação. É marca dos pós-tribulacionistas que, embora levem a igreja durante a tribulação, eles tentem mitigá-la como um tempo de ira, especialmente como um tempo de ira divina, e frequentemente minimizam os seus efeitos sobre os santos. Se por um lado, Gundry se apega a uma grande tribulação muito literal, por outro lado, tenta mitigar a severidade dela ao negar que é um tempo de ira divina até o fim.

NEGAÇÃO DA IRA DIVINA NA GRANDE TRIBULAÇÃO

Gundry começou seu capítulo "Ira e arrebatamento" com a acusação de que os pré-tribulacionistas apelam erradamente para o medo da vinda da grande tribulação[225]. Ele diz que "às vezes o argumento é apresentado de tal modo que é estragado por um apelo ao medo"[226]. Allis, de maneira similar, em sua tentativa de refutação ao pré-tribulacionismo, apresenta todos os seus argumentos sob o subponto *pré-tribulacionismo apela para motivos indignos*, e debate toda sua perspectiva pré-tribulacionista nessas bases[227].

É um motivo indigno desejar escapar da grande tribulação? Na verdade, não é mais do que o desejo de escapar do inferno. O ponto

---

225 Esta discussão é uma demonstração revisada do material que está em Walvoord, *Blessed hope*, p. 74-80.

226 GUNDRY, *Church and tribulation*, p. 44.

227 ALLIS, Oswald T. *Prophecy and the church*, p. 207.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

em qualquer caso não se refere às nossas vontades ou desejos, mas à questão de como as Escrituras garantem. Os pré-tribulacionistas esperam escapar da grande tribulação porque este é expressamente um tempo de julgamento divino em um mundo que tem rejeitado a Cristo. Entretanto, as Escrituras também revelam a grande tribulação como um período de ira satânica contra Israel e aos crentes em Cristo que estiverem vivos naquele tempo. A grande tribulação é um tempo de ambos, de ira divina e ira satânica. Os pré-tribulacionistas acreditam que passagens do arrebatamento prometem um livramento que ocorre antes deste período de julgamento alcançar um mundo ímpio.

A introdução de Gundry ao assunto da ira e arrebatamento é uma tentativa de fazer da grande tribulação um tempo de ira satânica, mas não um tempo de ira divina, com o claro objetivo de aliviar a severidade desse período em relação aos crentes. Seu argumento aqui é confuso. O título principal é "A isenção de todos os santos da ira divina"[228]. Este argumento, comum entre pós-tribulacionistas, é construído sob a falsa suposição de que, se a tribulação não é um tempo de ira divina, neste caso, os cristãos devem escapar da severidade do período.

Gundry está errado em ambos os aspectos. Não somente faz os santos sofrerem severamente a grande tribulação, mas este também é um tempo de ira divina. Toda a abordagem de Gundry falha em fazer justiça aos fatos e é defeituosa em sua lógica.

Ainda que a grande tribulação fosse puramente um tempo de ira satânica, por que esse fato asseguraria escape aos cristãos? Jó certamente não escapou da ira satânica uma vez que Deus permitiu que satanás o infligisse. Deveria estar claro para qualquer leitor, que os santos na grande tribulação sofrem severamente como objetos da

---

[228] GUNDRY, *Church and tribulation*, p. 43.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

ira satânica, ao passo que o mundo como um todo sofre duramente por causa da ira divina.

Muitos estudiosos conservadores concordam que a grande tribulação nas Escrituras é definitivamente revelada como um tempo de ira satânica. Isto está expressamente dito em Apocalipse 12.12, e a ira de satanás é vista na perseguição aos crentes em Cristo, evidencia em si que cristãos não escapam. Muitos mártires são vistos em Apocalipse 6.9-11, e muitos conservadores interpretam Apocalipse 7. 9-17 como se referindo também àqueles que morreram como mártires.

É típico dos pós-tribulacionistas tentarem diluir e enfraquecer, de toda forma possível, a extensão do sofrimento da grande tribulação relacionada aos santos. Gundry arbitrariamente moveu Apocalipse 7.9-17 da tribulação para o estado eterno sem qualquer suporte contextual. Essa visão é um tanto necessária para os pós-tribulacionistas porque eles afirmam que a igreja passa pela tribulação; e se a grande maioria for martirizada, fica claro que não passarão pela tribulação.

Consequentemente, mesmo um pós-tribulacionista relativamente literal como Gundry tem evitado toda a força de profecias relacionadas aos julgamentos dos santos na grande tribulação. Sejam quais forem os julgamentos, pós-tribulacionistas e pré-tribulacionistas concordam que eles resultam de ira satânica em vez de ira divina. Gundry, no entanto, tenta dar suporte à ideia de que todos os julgamentos da tribulação são satânicos em sua origem e não uma questão de ira divina sobre um mundo ímpio.

A opinião dele sobre este ponto é nebulosa porque se o mundo é objeto da ira satânica, então a igreja passando pela tribulação experimentaria isso também. Este ponto assegura que a igreja não escapará do martírio se ela tiver que passar pela tribulação.

Além do mais, é dito expressamente na Escritura que a grande tribulação é um tempo de ira divina, e Gundry está errado em negar isto. O sexto selo (Ap 6.16) introduz a "ira do Cordeiro", e o selo

CAMP001_04X12_ABRIL2021

anterior registra julgamentos divinos devastadores. Guerra, fome, morte e martírio, ocorrem nos primeiros cinco selos de Apocalipse 6. Muitos estudiosos também sustentam que o sexto e sétimo selos incluem as trombetas e as taças de julgamentos. Gundry afirmou que o sexto selo ocorre ao fim da tribulação e que o sétimo selo lida com a segunda vinda. Assim, ele conclui que "a ira divina não se estende por todo o período de tribulação"[229]. Essa declaração bastante dogmática não leva em conta o que já tem sido descrito nos selos dos julgamentos anteriores. Enquanto o clímax da ira de Deus pode ser bem situado pelo sexto selo, não é de forma alguma o começo da ira de Deus sobre o mundo.

O próprio Cristo declarou que a tribulação é um tempo de aflição sem precedentes. Como dito em Mateus 24.15-22, a grande tribulação inicia com a quebra da aliança judaica, que ocorre no começo dos últimos três anos e meio precedendo a vinda de Cristo, e é chamado em Jeremias 30.7 como o "tempo de aflição de Jacó". O mesmo período é descrito em Apocalipse 13.5 como os últimos quarenta e dois meses antes da segunda vinda.

Muitos estudiosos que interpretam essa questão literalmente reconhecem-no como um período de ira satânica, que se inicia em Apocalipse 12.9 com a expulsão de Satanás dos céus. Cronologicamente, isto inaugura os três anos e meio antes do segundo advento. É claro, entretanto, pela natureza dos julgamentos derramados, que os últimos três anos e meio são também um tempo de ira divina sobre a terra. Isto é evidente pelas perturbações no céu, pelos grandes terremotos, e pelas catástrofes descritas sob os julgamentos das trombetas e os julgamentos das taças. Tudo isso não pode ser compactado para ser cumprido em um determinado dia, como o Armagedom; antes, descreve todo o processo dos três

[229] Ibid., p. 77.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

anos e meio que culminam nele. Este é o clímax imediatamente anterior à segunda vinda de Cristo.

Todo o período de três anos e meio é tão terrível que o próprio Cristo predisse que se eles não fossem finalizados com sua segunda vinda, toda a raça humana seria destruída (Mt 24.22). A tentativa de Gundry de suavizar a força desses julgamentos antes do Armagedom – aliviá-los do caráter de período de ira divina – é motivada pela sua interpretação de 1Tessalonicenses 5, em razão da promessa de livramento da igreja desse tempo de ira. Seu ponto de vista, no entanto, simplesmente não é apoiado pelos fatos do livro do Apocalipse, os quais indicam claramente que a ira de Deus é derramada sobre o mundo no decorrer de toda a grande tribulação; embora também esteja claro que ela se torna cada vez mais severa à medida que se aproxima do segundo advento.

Que esses julgamentos do tempo do fim se estendem por um período é revelado pelo fato de o próprio Cristo dizer que a grande tribulação começará com a abominável da desolação, que ocorre três anos e meio antes de sua segunda vinda (Mt 24.15). Isso também é apoiado por Apocalipse 9.5, pois é dito que a duração da quinta trombeta somente, é de cinco meses. A catástrofe retratada nos selos, trombetas e taças se estende por todo o período de três anos e meio que antecede a segunda vinda de Cristo. Alguns estudiosos chegam a estendê-la por todo o período de sete anos antecedente ao segundo advento.

Gundry foi forçado a uma posição extremadamente insustentável ao tentar situar a igreja *através* da grande tribulação sem que ela a *experimente*. Sua posição é bastante complicada porque a ira satânica é expressamente contra os santos e Israel. Em algum sentido, Gundry argumentou contra si mesmo, porque se é um período de ira satânica e a igreja é seu objeto, então alguém pode concluir que a igreja é poupada da tribulação, mesmo que passando por ela.

Uma avaliação sóbria da natureza das catástrofes que ocorrem nos últimos três anos e meio antes da segunda vinda de Cristo

CAMP001_04X12_ABRIL2021

indica que elas não poderiam ser todas causadas pelo próprio Satanás. Elas são retratadas nas Escrituras como julgamentos dirigidos principalmente contra os ímpios, nos quais os justos infelizmente também são pegos. Satanás não tem controvérsia com o ímpio e está tentando despejar sua ira somente contra o povo de Deus, não contra seus próprios sujeitos. Em contraste, a ira de Deus é mundial em sua extensão e lida com uma terra que rejeita amplamente a Cristo e adora o governante mundial do tempo do fim.

Embora muitos crentes sejam martirizados na Grande tribulação, muitos dos que perecem são na verdade incrédulos. Apocalipse 6.8 indica que a quarta parte da terra perece. Essas pessoas não morrem por causa de satanás, mas por causa do julgamento divino em forma de guerra, pestilência e fome.

Pode se concluir disso que toda a teoria de que a Tribulação é pura e simplesmente um tempo de ira satânica, e não de ira divina, é inadequada e realmente irrelevante porque não tem nada relacionado à questão de se a igreja vai passar pelo período. Algumas das afirmações de Gundry, de fato, vão de encontro à conclusão a que ele tenta chegar.

Não obstante a posição de Gundry sobre este ponto é perigosa para todo seu sistema. Para a igreja é prometido livramento do dia da ira divina, conforme 1Tessalonicenses 5.9. Por isso Gundry tentou sustentar o conceito de que esse período não é um dia de ira divina. Entretanto, seu ponto de vista requer que ele sustente ambas as ideias: a de que a igreja não é objeto da ira de Deus (que ninguém discorda) e a ideia de que a igreja nem mesmo entra no tempo de ira divina e é tirada antes de isso começar. É por isso que ele sustenta que a ira de Deus se inicia somente no Armagedom ao fim da Grande tribulação.

Esta posição incomum e extremada traz uma hipótese insustentável quando todos os fatos são considerados. Se a igreja passa pela Grande tribulação, ela passará pelo tempo de ira, destinado não a purificar a igreja, mas a lidar com o mundo que está rejei-

CAMP001_04X12_ABRIL2021

tando a Cristo. O problema é que tais catástrofes, como guerra e fome – como indicado no segundo e terceiro selos de Apocalipse 6 – não separa apenas pessoas não salvas. Um quarto da população será destruído, como indicado no quarto selo, e esse fato faz com que a ira divina se estenda a toda a raça humana. A perspectiva de a igreja passar triunfantemente pela Grande tribulação relativamente intocável não encontra base nas profecias do Apocalipse, como indicado pelos mártires nos capítulos 6 e 7.

O conteúdo de Apocalipse 7. 9-17, que Gundry tenta posicionar depois do Segundo Advento sem qualquer suporte evidente, é outra clara indicação do martírio dos santos na Tribulação. Essas passagens claramente dão uma imagem do Céu, não do milênio na Terra (comparar Ap 7.11 com 5.8). Os santos não estão mais em seus corpos naturais como aqueles que sobreviveram a Tribulação, mas antes são apresentados como aqueles que morreram nela e que "vêm da Grande tribulação". Projetar essa cena no período após a segunda vinda, tanto para o milênio quanto para o estado eterno, não tem suporte exegético no contexto.

Embora o livro do Apocalipse não tenha uma ordem cronológica estrita, seu contexto é relevante. No capítulo 7 o contraste é entre os 144.000 de Israel, que são selados e protegidos durante a grande tribulação, e a multidão de salvos (que nenhum homem pode contar), que não sobreviveram a tribulação nem estão selados. Parece que o ônus da prova recai sobre Gundry para provar que esta não é uma situação da tribulação, porque a implicação é que pertence a este período, embora Apocalipse 7 seja um parêntese. É muito significativo que a palavra *igreja* não seja usada de forma alguma, e que os santos são descritos simplesmente como aqueles que foram salvos pelo sangue do Cordeiro e saíram de grandes provações.

A conclusão de Gundry de que a grande tribulação não é um tempo de ira divina repousa somente em suas afirmações dogmáticas, não na evidência apresentada. Se a igreja deve passar por esse período, provavelmente a maioria não seria livre, mas martirizada.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Sua tentativa de sustentar a ideia de que este é um período de perseguição satânica, mas não divina, é aniquilada pelas evidências do que ocorre nos selos, nas trombetas e cálices. Visto que sua tese – que este é somente um tempo de ira satânica – não tem suporte, da mesma forma todo seu argumento carece de sustentação.

O maior problema com o pós-tribulacionistas é que eles devem fazer com que a igreja passe pela tribulação relativamente intocada, mas o único modo de fazerem isso é negar ou ignorar os ensinos integrais do livro do Apocalipse sobre esse assunto. Os mártires de Apocalipse 6 e 7 são eloquentes em seus testemunhos; significativamente não há evidência de que esses mártires estão relacionados à igreja como tal. O único modo de Gundry sustentar sua posição sobre este ponto é ser seletivo em seu material e ignorar as maiores profecias relacionadas à grande tribulação. Se seu argumento aqui é defeituoso e sem suporte, então as conclusões são igualmente infundadas. Se os pré-tribulacionistas estão corretos de que a grande tribulação é um tempo de ira divina – e 1Tessalonicenses 5 promete que cristãos não vão entrar no tempo dessa ira – esta é uma expressa refutação ao pós-tribulacionismo.

O DIA DE CRISTO

Mais uma palavra precisa ser dita com referência à relação do dia do Senhor com o "dia de Cristo". Gundry argumenta exaustivamente que as várias formas das seis ocorrências desta frase (1Co 1.8; 5.5; 2Co 1.14; Fp 1.6, 10; 2.16) não justificam qualquer distinção com o termo básico "o dia do Senhor". Este é um problema exegético que não afeta realmente a questão do pré-tribulacionismo e pós-tribulacionismo. Os contextos das passagens são tomados por muitos para se referir ao arrebatamento como um evento específico em contraste com o dia do Senhor como um período extenso. Se o

CAMP001_04X12_ABRIL2021

contexto de cada passagem, juntamente com todas as referências a "o dia" for levado em consideração, não haverá problema. Ainda que Gundry esteja certo ao sustentar que essas passagens façam referência ao dia do Senhor, elas podem ser entendidas como se referindo a um período estendido que se segue. É outra vez uma petição de princípio[230] assumir que isso combine com o pós-tribulacionismo, e Gundry o faz.

Ele resume seu ponto de vista de modo que deturpa a posição pré-tribulacionista. Ele diz que

> no Novo Testamento dezesseis expressões aparecem nas quais o termo "dia" é usado escatologicamente. A palavra "dia" ocorre vinte vezes sem uma frase que a qualifique. Em vista da grande variedade de expressões e os numerosos exemplos onde "dia" ocorre sem qualificação especial, parece um procedimento muito duvidoso selecionar cinco das dezesseis expressões, agrupar quatro das cinco como equivalentes umas às outras, e distinguir as quatro das restantes. Não há base sólida, então, para distinguir entre o dia de Cristo e o dia do Senhor.[231]

Porém é Gundry, e não os pré-tribulacionistas, que segue um "procedimento muito duvidoso" ao agrupar essas várias ocorrências da palavra *dia*. A palavra *dia* ocorre mais de duzentas vezes

---

230 A expressão latina *petitio principii* (petição de princípio) indica uma retórica falaciosa que consiste em afirmar uma tese, que se pretende demonstrar verdadeira na conclusão do argumento, já partindo do princípio de que essa conclusão é verdadeira e empregando essa pressuposição em uma das premissas. É quando as premissas utilizadas para justificar a conclusão precisam da mesma justificativa que a própria conclusão (N. do E.)

231 Ibid., p. 98.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

no Novo Testamento e só assume conotação escatológica quando o contexto indica. O único modo de todos esses termos escatológicos se referirem especificamente ao dia do Senhor é assumir que o pós-tribulacionismo está certo e argumentar a partir da premissa pós-tribulacionista. O procedimento correto é considerar o contexto e determinar, a partir do contexto, primeiro se o termo é usado em um sentido teológico e então em que sentido, já que obviamente há muitos dias na Escritura relacionados ao programa profético.

Gundry segue muito da mesma abordagem de Alexander Reese, que declara que todas as referências a "o dia" aludem ao dia do Senhor[232]. Ambos, Gundry e Reese, realmente não sustentam seus argumentos contextualmente. Enquanto 1Coríntios 5.5 é um problema textual, e alguns textos apresentam a expressão "o dia do Senhor", os pré-tribulacionistas estão justificados ao distinguir os cinco textos restantes do dia do Senhor porque a expressão "o dia do Senhor" não é expressamente usada. Embora a distinção entre o dia de Cristo e o dia do Senhor não seja essencial ao pré-tribulacionismo, pré-tribulacionistas podem apropriadamente reivindicar que se sua visão está estabelecida por outros fundamentos, essas referências ao "dia de Cristo" podem se referir especificamente ao arrebatamento ao invés de ao tempo do julgamento do mundo. Isto está fundamentado no que cada passagem diz. Portanto, é manifestamente injusto acusar os pré-tribulacionistas de englobar arbitrariamente questões que não têm características distintivas. A verdade é que pós-tribulacionistas estão fazendo precisamente o que eles acusam os pré-tribulacionistas de fazer, e no processo, estão ignorando o contexto e a redação precisa.

Visto como um todo, o ponto de vista pré-tribulacionista dá sentido e significado a 1Tessalonicenses 5 e explica por que este é

---

232 REESE, *Advent of Christ*, p. 167-83.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

inserido depois do arrebatamento. Na realidade, Paulo estava dizendo que o tempo do arrebatamento não pode ser determinado mais do que o tempo do começo do dia do Senhor, porém isto está fora da preocupação dos crentes porque nossa destinação não é para esse dia de ira, mas antes para a salvação que é nossa em Cristo.

Esta abordagem de 1Tessalonicenses 5 é confirmada pelo estudo de 2Tessalonicenses 2, onde o dia do Senhor é novamente introduzido, desta vez em um contexto em que os tessalonicenses compreenderam mal, e que precisavam, portanto, de ensino.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 17

O ARREBATAMENTO EM 2 TESSALONICENSES

Duas importantes passagens em 2Tessalonicenses têm vital relação com a interpretação da doutrina do arrebatamento. A primeira diz respeito ao conforto dirigido aos tessalonicenses em sua perseguição em 1.5-10; a segunda é a palavra de correção relacionada ao ensino de Paulo que havia chegado a eles, como está em 2.1-12. Uma terceira referência, 2Tessalonicenses 3.5, onde os crentes são exortados à "paciente espera por Cristo" (KJV) – é indecisa, pois é similar a muitas outras referências a esperança da volta do Senhor.[233]

---

[233] Este material é uma ampliação revisada da discussão publicada anteriormente em John F. Walvoord, *The blessed hope and the tribulation*, p. 122-129.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O ARREBATAMENTO E A TRIBULAÇÃO EM 2TESSALONICENSES 1. 5-10

É aparente para ambas as epístolas aos tessalonicenses que os cristãos em Tessalônica tinham sofrido muita perseguição. Isto surge da mesma causa que tinha forçado Paulo, Silas e Timóteo escaparem de Tessalônica para salvarem suas vidas. Este sofrimento é mencionado em 1Tessalonicenses 2.14: 3.3-5; e 2Tessalonicenses 1.4-5. Paulo exorta os cristãos a ter em mente que no devido tempo Deus puniria seus perseguidores. Ele escreveu:

> Sinal evidente do reto juízo de Deus, para que sejais considerados dignos do reino de Deus, pelo qual, com efeito, estais sofrendo; se, de fato, é justo para com Deus que ele dê em paga tribulação aos que vos atribulam e a vós outros, que sois atribulados, alívio juntamente conosco, quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus. Estes sofrerão penalidade de eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho) (2 Ts 1.5-10).

Aqueles que defendem um arrebatamento pós-tribulacionista propõem que os tessalonicenses serão libertos no final da tribulação pela vinda do Senhor e que isto contradiz a visão pré-tribulacionista. Na superfície, isso parece plausível. No entanto, de fato, eles não foram libertos pela segunda vinda de Cristo e na verdade morreram

CAMP001_04X12_ABRIL2021

antes que o arrebatamento ou a tribulação alcançasse o mundo. Os pós-tribulacionistas explicam isto afirmando que os tessalonicenses são representantes da última geração de cristãos. Mas como isto poderia consolá-los em qualquer sentido real?

A explicação pré-tribulacionista é mais convincente. A eles está sendo dito que Deus, no seu próprio tempo, vai destruir seus perseguidores. Realmente seus perseguidores não vão estar presentes na segunda vinda de Cristo, pois sua ressurreição será adiada até o final dos mil anos do reino milenar. Nesse tempo, eles vão ressuscitar dos mortos e serão lançados no lago de fogo. Mesmo que os pós-tribulacionistas estejam corretos, o julgamento dos perseguidores não ocorrerá na segunda vinda de Cristo. Somente se os tessalonicenses forem considerados como representantes dos santos no tempo da segunda vinda, e seus perseguidores também forem considerados como representantes dos ímpios naquele tempo, é que esta passagem terá alguma relação com o arrebatamento pós-tribulacionista. Os pré-tribulacionistas concordam que quando Cristo vier em seu segundo advento, ele punirá os incrédulos e libertará os crentes; no entanto, eles também sustentam que esses crentes não serão membros da igreja, mas aqueles que vieram a Cristo após o arrebatamento.

Quando todos os fatores são levados em consideração, o argumento pós-tribulacionista desmorona, porque aqueles que são de fato punidos na segunda vinda de Cristo, e os santos que de fato são livres, nem são os perseguidores dos tessalonicenses nem são necessariamente membros da igreja, o corpo de Cristo. O que resta é o consolo da certeza de que Deus vai tratar com os ímpios e, no devido tempo, infligir o julgamento divino sobre eles. Contudo, a passagem não contribui com o debate sobre a tribulação

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O ARREBATAMENTO E O DIA DO SENHOR EM 2TESSALONICENSES 2. 1-12

A exegese de 2Tessalonicenses 2.1-12 é um aspecto crucial do debate entre pós-tribulacionistas e pré-tribulacionistas, com ambos alegando que este capítulo faz uma grande contribuição a seus pontos de vista. A matéria é complicada porque a interpretação e exegese desta passagem dependem consideravelmente da compreensão do intérprete em detalhar o programa profético envolvido nos eventos do fim dos tempos, culminando na segunda vinda do Senhor. Sobre essas circunstâncias, é compreensível que a discussão deveria ser extensa, e que pós-tribulacionistas e pré-tribulacionistas deveriam discordar.

Gundry escreveu um longo capítulo sobre sua interpretação de 2Tessalonicenses[234]. Ladd trata com isso brevemente em sua obra[235], enquanto Reese fez referências esparsas levando em conta o tamanho de seu livro[236]. Em geral, eles ensinam que a grande tribulação está posta especificamente antes do arrebatamento da igreja nesta passagem.

O capítulo 2 da epístola trata sobre o dia do Senhor em relação ao homem do pecado. Ele inicia com um lembrete aos tessalonicenses de sua expectativa da "vinda do Senhor Jesus Cristo e da nossa reunião com ele". Aparentemente, alguns falsos mestres tinham ensinado a eles que já estavam no dia do Senhor (v. 2). A versão Almeida Revista e Corrigida se refere a esse dia como o dia de Cristo, porém, como em praticamente todos os manuscritos se lê "Senhor" ao invés de "Cristo", há concordância geral de que esta é a leitura correta. É muito significativo que Paulo aqui esteja

---

234 GUNDRY, Robert H. *The church and the tribulation*, 112-128.

235 LADD, George E. *The blessed hope*, p. 73-75, 94-95.

236 REESE, Alexander. *The approaching advent of Christ*, p. 126, 135, 166, 173, 244.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

escrevendo porque eles ficaram alarmados com o pensamento de que realmente estavam no dia do Senhor.

A situação descrita em 2Tessalonicenses 2 indica que o ensino de que a igreja passaria pela tribulação já estava em estágio avançado por certos mestres aos quais Paulo se opôs nesta passagem. Presume-se às vezes que no início do período apostólico somente a pura e precisa doutrina era ensinada. Nada poderia estar mais distante da verdade. Paulo tinha escrito sua epístola aos gálatas para corrigir o erro do legalismo. Ele escreveu muito aos coríntios para corrigir erros doutrinários e morais naquela igreja. Parece muito claro que muitas das heresias que posteriormente emergiram no segundo e terceiro séculos, iniciaram no seio da igreja apostólica.

Muitos estudantes de história concordam que houve pós-tribulacionismo no segundo século. Aqui em 2Tessalonicenses 2, entretanto, se torna evidente a presença daqueles ensinando que a igreja passaria pela tribulação, ou como está descrito aqui, o dia do Senhor. É muito importante observar que Paulo rotulou isto como uma falsa doutrina e admoestou os tessalonicenses a não serem enganados por esse ensino. A passagem claramente implica que Paulo havia ensinado a eles que não entrariam o dia do Senhor e que o arrebatamento viria antes da perseguição final aos santos. Aqui Paulo estava refutando esta primeira forma de pós-tribulacionismo.

De início, pós-tribulacionistas se deparam com um problema real aqui. Se os tessalonicenses tinham sido ensinados sobre pós-tribulacionismo, a iniciação do dia do Senhor teria sido para eles evidência de que o arrebatamento se desenhava próximo e seria causa de alegria. Ao invés disto, o início desse dia aparentemente gerou pânico em suas mentes, isto implica que, antes que os falsos mestres tivessem vindo, eles entenderam que não entrariam neste período.

Paulo continua,

> Ninguém, de maneira alguma, vos engane, porque não será assim sem que antes venha a apostasia e se

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> manifeste o homem do pecado, o filho da perdição, o qual se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou se adora; de sorte que se assentará, como Deus, no templo de Deus, querendo parecer Deus. Não vos lembrais de que estas coisas vos diziam quando ainda estava convosco? (vv. 3-5).

Aqui Paulo asseverou que os Tessalonicenses estavam errados em pensar que já estavam no dia no Senhor, porque não havia evidências para isto. Duas evidências principais são mencionadas: a primeira, o que a King James chama "queda" (*rebelião*, NVT); a segunda, que "o homem da iniquidade" (ARA) ou o "homem do pecado" (RC) não tinha sido revelado. Ambas seriam necessárias antes de o dia do Senhor realmente "vir".

A palavra traduzida "queda" ou "a rebelião" é o grego *apostasia*, da qual a palavra *apostasia* em português é derivada. Algum debate surgiu a respeito do exato sentido desta palavra, que poderia também ser traduzida "o arrebatamento". E. Schuyler English e outros têm sugerido que a palavra significa literalmente "partida e se refere ao próprio arrebatamento"[237]. Se esta interpretação for seguida ela explicitaria o arrebatamento como ocorrendo antes de o homem do pecado ser revelado, e é compreensível que os pós-tribulacionistas tentem refutar este argumento.

Gundry argumentou exaustivamente contra esta interpretação, a qual poderia explicitamente colocar o arrebatamento antes do dia do Senhor, e sua evidência é bastante convincente. Embora English seja acompanhado pelo estudioso grego Kenneth S. West[238], sua visão não teve aceitação geral por parte de ambos os lados. Embora vários pré-tribulacionistas interpretem a apostasia como arrebatamento

---

237 ENGLISH, E. Schuyler. *Re-thinking the rapture*, p. 65.

238 WUEST, Kenneth S. "The rapture – precisely when?" *Bibliotheca Sacra* 114 (janeiro – março, 1957); p. 64-67.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

da igreja, há algumas evidências contra essa tradução. Nesse caso Gundry, reforçado por Ladd, está possivelmente correto; a palavra provavelmente se refere a deserção doutrinária de caráter especial que será revelada no dia do Senhor. Nesta conclusão, pré-tribulacionistas podem concordar com os pós-tribulacionistas sem, no entanto, aderirem às conclusões sobre esta passagem como um todo.

O erro no qual os tessalonicenses tinham caído, segundo Gundry, era uma dessas duas possibilidades:

> primeira, os tessalonicenses, inconscientes de um arrebatamento pré-tribulacionista, foram levados a acreditar que tinham entrado na tribulação, que eles pensavam ser parte do dia do Senhor... Segunda, eles imaginavam que um arrebatamento pré-tribulacionista já havia ocorrido e que eles tinham sido deixados na tribulação, que (como na visão anterior) eles acreditavam ser parte do dia do Senhor.[239]

A segunda hipótese de Gundry – de que os tessalonicenses temiam ter sido deixados na tribulação – faz sentido somente se eles tivessem aprendido o pré-tribulacionismo. No entanto, se eles eram pós-tribulacionistas, não havia razão para se preocupar; então Gundry rejeita essa segunda hipótese e sua implicação pré-tribulacionista, e passa a adotar a visão de que os tessalonicenses criam terem entrado no período tribulacional. Gundry parece não se dar conta do problema que isto cria para ele como um pós-tribulacionista. Se os tessalonicenses tinham sido ensinados sobre o pós-tribulacionismo, por que eles estariam tão perturbados quando a evidência da iminência do retorno do Senhor parecia indicada em suas experiências de perseguição? Se os pós-tribulacionistas estiverem corretos, os tessalonicenses não teriam motivos para estar

---

[239] GUNDRY, *Church and tribulation*, p. 118-119.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

alarmados. Parece, entretanto, que o alarmismo deles era de que o novo ensino que tinham ouvido contradizia o ensino apostólico, isto é, que eles não entrariam nesse período.

Como um pós-tribulacionista, Gundry tentou desviar a atenção deste óbvio problema de seu sistema teológico e avançou na alegação de que a visão pré-tribulacionista aqui é impossível. Sob tais circunstâncias, ao corrigi-los, Paulo teria feito "uma afirmação categórica de que o arrebatamento ocorrerá antes da tribulação. No entanto, tal afirmação não aparece em nenhuma parte"[240]. Aqui, mais uma vez, Gundry argumenta a partir do silêncio da passagem.

Como a passagem prossegue, Paulo não ficou calado a respeito do arrebatamento, se seu ensinamento foi corretamente interpretado. Não obstante, Gundry continua a especulação no decorrer das páginas seguintes ao falar sobre a natureza do erro dos tessalonicenses. Essa especulação é desnecessária. Obviamente, o erro deles era que pensavam estar no dia do Senhor e na tribulação, porque isto tinha sido contrariado pelos primeiros ensinos de Paulo, eles estavam confusos e cheios de temor.

A afirmação de Gundry de que Paulo deveria ter assegurado que o arrebatamento aconteceria antes da tribulação é, na realidade, o que ele fez começando no versículo 6. Paulo os relembra o que ele tinha previamente lhes ensinado, que um evento tinha que acontecer primeiro, antes de o homem do pecado ser revelado e o dia do Senhor começar. Pré-tribulacionistas encontram nisto uma referência direta ao arrebatamento, demonstrando que os tessalonicenses tinham adotado um ponto de vista errado. Paulo escreveu,

> E, agora, sabeis o que o detém, para que ele seja revelado somente em ocasião própria. Com efeito, o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém; então, será, de fato,

[240] Ibid., p. 119.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> revelado o iníquo, a quem o Senhor Jesus matará com o sopro de sua boca e o destruirá pela manifestação de sua vinda (2Ts 2.6-8).

O que Paulo estava dizendo é que o dia do Senhor e sua consequente tribulação não poderia vir até que aquele que detém ou restringe o pecado seja tirado do caminho.

Os pós-tribulacionistas geralmente estão muito divididos quanto a apontar exatamente o agente responsável por deter/restringir o mal. Gundry apresenta um quadro indicando as várias visões de que aquele que restringe pode ser Deus, o Anticristo, ou Satanás, todas essas visões sustentadas por pós-tribulacionistas[241]. Como Gundry passa a dizer, uma visão popular é a de que o império romano, ou o próprio governo, é o poder que detém o mal.

Ao contrário de seus colegas pós-tribulacionistas, Gundry concorda que quem restringe o mal é o Espírito Santo, uma visão sustentada comumente por pré-tribulacionistas, mas incompatível com o pós-tribulacionismo. Em apoio, ele oferece evidência de que esta é uma antiga visão corroborada pela gramática e que é muito superior à visão alternativa de que a detenção é feita pelo mesmo que detém, seja o Império Romano, o governo humano hoje, ou o próprio Anticristo.

Entretanto, Gundry tentou se separar dos pré-tribulacionistas, que geralmente identificam o que detém como o Espírito Santo. Ele identifica o Espírito Santo como estando *na igreja*. Este é o ponto de vista que é precisamente sustentado pelos pré-tribulacionistas e é frequentemente rejeitado pelos pós-tribulacionistas, pois isto refuta o pós-tribulacionismo. Os pré-tribulacionistas geralmente sustentam que se o Espírito Santo for removido de sua atual posição dentro da igreja, então, a igreja tem de ser também removida, e por isso o arrebatamento deve ter seu lugar ao mesmo tempo.

---

[241] Ibid., 123.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Se esta retirada do Espírito Santo na igreja acontece antes de que o iníquo possa ser revelado, aponta para um evento que deve preceder a tribulação. Em resumo, isto está dizendo que o arrebatamento precede a tribulação. É muito estranho e contraditório que Gundry continue sustentando o pós-tribulacionismo enquanto abraça a interpretação pré-tribulacionista da remoção do Espírito Santo da igreja.

Em sua discussão, Gundry tentou definir sua posição como apoiando em vez de contradizendo o pós-tribulacionismo. No processo há considerável confusão entre habitação do Espírito, a plenitude do Espírito, e batismo do Espírito. Gundry tentou provar com base em Marcos 13.11 que o Espírito Santo habita em suas testemunhas durante a Grande tribulação; mas a passagem em Marcos ensina sobre a capacitação do Espírito Santo, nada dizendo sobre sua habitação.

Como um estudante meticuloso do dispensacionalismo, Gundry deve certamente saber que estava deturpando a visão pré-tribulacionista. Os pré-tribulacionistas sustentam que no arrebatamento nós testemunharemos uma inversão do que ocorreu no Pentecostes, a saber, que cada crente era habitado e batizado pelo Espírito Santo no corpo de Cristo. Certamente, antes de Pentecostes pessoas eram capacitadas pelo Espírito Santo e nasciam de novo, mesmo que todas não fossem necessariamente habitadas ou batizadas pelo Espírito.

Como uma prova ou apoio para o pós-tribulacionismo, o argumento de Gundry é excepcionalmente fraco, e que qualquer pessoa ao ler seus escritos sente que em sua argumentação ele estava ciente disto. Nenhuma das alegações ao refutar a hipótese de que o Espírito Santo é removido com a igreja fica de pé sob investigação. Os pré-tribulacionistas concordam que a remoção do Espírito não é completa, pois o Espírito Santo é ainda onipresente e ainda exerce alguma restrição, como o livro do Apocalipse deixa plenamente claro na proteção dos 144.000. Mas nem Gundry, nem ou qualquer outra pessoa pode provar que a obra do batismo no Espírito que forma a igreja é vista na tribulação.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Todos concordam que o Espírito opera na tribulação. Que o Espírito habita em todos os crentes na tribulação não é ensinado em parte alguma. Gundry, ao fazer a concessão de que o Espírito Santo é o que detém, coloca a si mesmo numa posição indefensável ao sustentar o pós-tribulacionismo nesta passagem. Sua declaração, "A incomum interpretação pré-tribulacionista de 2Tessalonicenses falha em cada ponto, "é simplesmente insustentável pelo argumento que ele apresentou; nem sustenta sua afirmação principal: "Em todos os pontos, a visão pós-tribulacional da passagem se recomenda"[242]. Isto é puro dogmatismo e não substitui um argumento sólido. Efetivamente é impossível harmonizar a posição de Gundry sobre o Espírito Santo com o pós-tribulacionismo.

O pós-tribulacionismo tem falhado em explicar o alarmismo dos tessalonicenses de que eles já estavam no dia do Senhor na grande tribulação. Se a eles foi ensinado o pós-tribulacionismo, eles não poderiam estar alarmados. A refutação de Paulo mostra que eles estavam errados ao sustentar essa posição. Se o pós-tribulacionismo estivesse correto, a abordagem do apóstolo ao corrigi-los teria sido inteiramente diferente.

Enquanto pós-tribulacionistas e pré-tribulacionistas continuarão a discutir esta passagem, na realidade não há nada nela que ensine o pós-tribulacionismo. A maior razão pela qual os pós-tribulacionistas mencionam esta passagem, é que ela é a maior prova para o sistema e, como tal, precisa ser refutada pelo pós-tribulacionismo. Contudo, a admissão de Gundry de que a retirada se refere ao Espírito Santo na igreja é extremamente prejudicial ao seu argumento e não é a abordagem comum do pós-tribulacionismo.

A referência final ao arrebatamento em 2Tessalonicenses 3.5, traduzida na Versão King James "a paciente espera por Cristo", é traduzida na NVI "O Senhor conduza os seus corações ao amor

---

[242] Ibid., p. 128.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

de Deus e à perseverança de Cristo". Na NVI, o conceito de vinda do Senhor é apagado.

Tomada como um todo, 2Tessalonicenses presta uma grande contribuição à doutrina do arrebatamento, rejeitando essa forma primitiva de pós-tribulacionismo. Paulo ensinou em 2Tessalonicenses 2 o importante fato que o homem do pecado, ou o iníquo, não pode ser revelado como tal até o arrebatamento, isto é, até a remoção da igreja habitada pelo Espírito Santo. Segundo às profecias de Daniel 7 e Apocalipse 13, o homem do pecado provavelmente será identificado com último governante mundial que emergirá primeiro como chefe de uma confederação de dez nações e então vai fazer aliança com Israel (Dn 9.27) sete anos antes da segunda vinda.[243] Quando esta aliança estiver estabelecida, será uma identificação inconfundível desse homem como o homem destinado que finalmente se tornará o regente mundial. Se isto ocorrer sete anos antes do segundo advento e for confirmado três anos e meio antes desse evento quando ele assumir o papel de governante mundial, deveria ser óbvio que a igreja tem de ser arrebatada antes de ele ser revelado. As verdades reveladas em 2Tessalonicenses 2 são um golpe devastador no pós-tribulacionismo, rotulando-o como um erro inicial na igreja que cresceu rapidamente e tornou-se evidente no segundo século da era cristã. Quando cuidadosamente examinada, a revelação de 2Tessalonicenses relacionada ao arrebatamento é uma confirmação, em vez de uma refutação, à tese do retorno pré-tribulacionista de Cristo.

---

243 Cf. WALVOORD, John F. *Daniel: the key to ptophetic revelation*, p. 145-177, 201-237; e do mesmo autor: *The revelation of Jesus Christ*, p. 197-212.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 18

O ARREBATAMENTO EM 1CORÍNTIOS

Uma das duas principais passagens sobre a doutrina do arrebatamento no Novo Testamento é encontrada em 1Coríntios 15.51-58. Em muitos aspectos, esta passagem complementa outra passagem maior que está em 1Tessalonicenses 4.13-18. Em 1Tessalonicenses 4, a questão era se aqueles que tinham morrido em Cristo teriam o mesmo benefício e experiência como aqueles que foram arrebatados. Em 1Coríntios 15, a questão é se aqueles que são arrebatados terão a mesma experiência e benefícios como aqueles que morreram e serão ressuscitados. As duas passagens juntas oferecem uma resposta completa à questão básica concernente ao arrebatamento como um importante evento profético.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Embora todos estejam de acordo que 1Coríntios 15 é a maior passagem sobre a doutrina do arrebatamento, há uma estranha relutância por parte dos pós-tribulacionistas em lidar com ela. Robert Gundry, por exemplo, que frequentemente prossegue por muitas páginas discutindo um ponto de conjectura menor, dedica somente quatro ou cinco páginas a esta passagem em conexão com a discussão geral da ressurreição. Um estudo de 1Coríntios 15 revelará a razão para essa negligência. A passagem, como tal, não contribui praticamente com nada para o conceito pós-tribulacionista de arrebatamento, e os pós-tribulacionistas têm que lidar com ela, sobretudo para refutar qualquer possível uso desse texto pelos pré-tribulacionistas.

Esta discussão do arrebatamento acontece ao fim de uma importante passagem teológica, lidando primeiro com a morte e ressurreição de Cristo, em seguida com a ressurreição dos crentes e da necessidade dela. Tendo estabelecido a doutrina da ressurreição, a discussão em 1Coríntios 15.51-58 é, em grande medida, uma apresentação factual de que o arrebatamento é a principal exceção à regra estabelecida, ou seja, da morte seguida pela ressurreição. Paulo revela que toda uma geração de cristãos não irá morrer, mas que será arrebatada e receberá corpos que irão durar para sempre, exatamente como os corpos daqueles que foram ressuscitados da sepultura. Sobre os principais fatos desta revelação, pré-tribulacionistas e pós-tribulacionistas estão de acordo.

A discussão se concentra em alguns dos principais termos usados nesta passagem. O arrebatamento é introduzido em 1Coríntios 15.51 como um mistério: "Eis que vos digo um mistério: nem todos dormiremos, mas transformados seremos todos". A palavra *mistério* ocorre vinte e sete vezes no Novo Testamento, muito frequentemente da pena de Paulo. Como George Ladd o define,

> este glorioso evento, o arrebatamento da igreja, é um mistério (1Co 15.51). Um mistério é uma verdade

CAMP001_04X12_ABRIL2021

> divina, proposta por Deus nas eras anteriores, mas revelado aos homens somente no seu devido tempo (Rm 16.25-26).[244]

De modo geral, os pós-tribulacionistas concordam que o arrebatamento é um mistério, que é, uma verdade não revelada no Antigo Testamento. Tendo propriamente definido esta verdade como mistério, entretanto, muitos pós-tribulacionistas tentam minimizar a força desse axioma. O problema deles é que a ressurreição dos santos não é um mistério, como está claramente ensinado no Antigo Testamento. Por que, então, o arrebatamento da igreja é, incluindo ressurreição e trasladação, declarada como uma verdade revelada no Novo Testamento e não no Antigo?

Ladd, depois de adequadamente definir o termo, diz que *o mistério do arrebatamento não é o tempo do arrebatamento* como os pré-tribulacionistas asseveram; é o *fato do arrebatamento*".[245]

Ladd foi um pouco exagerado no desejo de destruir a força deste termo em relação ao arrebatamento pré-tribulacionista. Obviamente se o arrebatamento não está revelado no Antigo Testamento, nada sobre isto está revelado ali, incluindo o tempo de sua ocorrência. Gundry, em sua discussão da igreja como mistério, dedica todo seu tempo tentando minimizar o fato de que o arrebatamento é uma verdade não predita no Antigo Testamento[246].

Todos os pós-tribulacionistas buscam evitar o ponto principal, que a ressurreição e o arrebatamento da igreja são declarados como um mistério e, como tais, não estão incluídos em qualquer passagem no Antigo Testamento que lidam com a segunda vinda de Cristo. O que os pós-tribulacionistas querem evitar é o fato de

---

244 *The blessed hope*, p. 80.

245 Ibid.

246 GUNDRY, Robert. *The church and the tribulation*, p. 12-14.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

que o arrebatamento da igreja não é mencionado em qualquer lugar no Novo Testamento nas passagens que falam claramente da vinda de Cristo depois da grande tribulação.

Na discussão de Gundry, mais uma vez, ele tentou transferir o ônus da prova para os pré-tribulacionistas para demonstrarem que o arrebatamento não ocorre no tempo da segunda vinda. Ele disse:

> Supondo que o ônus da prova recai melhor sobre os pré-tribulacionistas em mostrar que os santos da tribulação *não* pertencem à igreja, a "falha" dos escritores do Novo Testamento em destacar uma geração tribulacional da igreja na terra como possuidora dos "mistérios", não tem peso – a aplicação dos "mistérios" a todas as gerações da igreja é algo natural.[247]

Novamente, a pergunta que pode ser feita, por que o ônus de provar recai sobre pré-tribulacionistas se os pós-tribulacionistas querem asseverar que o arrebatamento ocorre na segunda vinda? [248] Parece que essa obrigação de provar isto recai sobre os ombros dos pós-tribulacionistas.

Um segundo aspecto da discussão gira em torno da frase "a última trombeta". Em 1Coríntios 15.52 está declarado que o arrebatamento vai ocorrer "num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados". Os pós-tribulacionistas tendem a identificar essa "última trombeta" com a sétima do anjo em Apocalipse 11.15 e com a grande trombeta de Mateus 34.31. Os meso-tribulacionistas também tendem a iden-

---

247 Ibid., p. 13.

248 WALVOORD, John F. *Revelation of Jesus Christ*, p. 150-186.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

tificar a sétima trombeta de Apocalipse com esta última trombeta de 1Coríntios 15, porém colocam-na três anos e meio antes da segunda vinda de Cristo, porque eles veem isto como a introdução da grande tribulação.

O problema aqui é que os pós-tribulacionistas estão assumindo o que estão tentando provar. A sétima trombeta de Apocalipse é um anúncio da vinda do reino de Cristo, mas não há identificação no texto que a segunda vinda efetivamente ocorra. Muitos intérpretes, incluindo Ladd, um pós-tribulacionista, veem a sétima trombeta como somente um anúncio, não a real vinda de Cristo, e colocam os eventos das taças da ira de Deus em Apocalipse 16 como seguindo a sétima trombeta. Ladd escreveu que

> os três capítulos precedentes (Ap 12–14) se constituem num interlúdio entre o soar das sete trombetas e o derramamento das sete taças. O tempo do soar da sétima trombeta anuncia o período do fim (10.7); mas quando a trombeta soar, que será o terceiro "ai" (11.14), nenhum ai ou praga ocorre; ao invés disso temos um anúncio proléptico da vinda do reino de Deus.[249]

A distinção entre as trombetas de 1Coríntios 15, de Apocalipse 11, e a de Mateus 24.31, não está, portanto, confinada ao pré-tribulacionismo, mas estudiosos cuidadosos veem que essas são trombetas totalmente diferentes. Em Apocalipse, elas se referem aos julgamentos e eventos dos fins dos tempos e são declaradas trombetas de anjos. Para a maior parte, elas estão relacionadas a um mundo não salvo. A grande trombeta de Mateus 24.31 lida com os santos de todas as eras que são reunidos no tempo da segunda vinda de

---

[249] LADD. George. *A commentary on the book of Revelation of John*, p. 203.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Cristo, mas nada é dito sobre ressurreição ou sobre arrebatamento, apesar de que alguma ressurreição possa estar envolvida.[250]

Em 1Coríntios 15, a "última trombeta" se relaciona aos crentes somente e é a trombeta de Deus que o contexto diz resultar imediata e instantaneamente na ressurreição e arrebatamento da igreja. A trombeta é usada no Antigo Testamento em diferentes situações, como sinal de um evento iminente, era também usada pelo exército romano para sinalizar suas manobras. Portanto, para tornar a expressão "última trombeta" em uma expressão técnica, incluindo todas as trombetas do fim dos tempos, é preciso estar baseado em uma suposição em vez de em uma evidência consistente. Os detalhes das trombetas de 1Coríntios 15, e seus resultados, são inteiramente diferentes das outras trombetas com as quais alguns pós-tribulacionistas tentam equipará-las.

Outra área de controvérsia com os pós-tribulacionistas é o fato de haver uma ressurreição no tempo do arrebatamento da igreja. Todos concordam que a doutrina da ressurreição é uma verdade revelada em ambos os testamentos. A singularidade em 1Coríntios 15 é que este é o único caso em que a ressurreição é conectada com o arrebatamento dos vivos. O ponto central da revelação paulina é que, no arrebatamento, os vivos serão arrebatados, isto é, terão novos corpos que serão exatamente os mesmos corpos novos dados àqueles ressurgentes dos mortos. Esses corpos, segundo o texto, terão como características principais o fato de serem imperecíveis e imortais; isto é, eles não vão apodrecer ou envelhecer, e eles morrerão. Outros textos bíblicos apoiam a ideia de que os corpos serão também sem pecado, e aqueles que ressurgiram e foram transladados nunca pecarão novamente (1Jo 3.2).

Paulo afirmou que isto vai cumprir a profecia na medida em que se relaciona à ressurreição dos mortos. Ele afirma que "quando

---

[250] WALVOORD. John F., *Matthew.- Thy Kingdom Come,* p. 190-91.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

este corpo corruptível se revestir de incorruptibilidade, e o que é mortal se revestir de imortalidade, então, se cumprirá a palavra que está escrita: Tragada foi a morte pela vitória". Esta citação é de Isaías 25.8. Paulo continuou a falar: "onde está, ó morte, o teu aguilhão?" A segunda citação é de Oséias 13.14. Todos concordam que o arrebatamento da igreja é um cumprimento parcial de antecipações da ressurreição no Antigo e Novo Testamentos. Chegar à conclusão de que isto deixa claro que pode haver somente um cumprimento disso e que isto requer a identificação do arrebatamento com a segunda vinda de Cristo é ir além do que o texto justifica.

Qualquer estudante das citações do Antigo Testamento no Novo logo descobre que o cumprimento é, às vezes, parcial. E neste caso, a ressurreição da igreja, embora seja um cumprimento da promessa geral de ressurreição, não justifica a conclusão de que todas as pessoas são ressuscitadas no tempo do arrebatamento. Por exemplo, Apocalipse 20.4 fala da ressurreição dos mortos da tribulação e desenha isso como ocorrendo consideravelmente mais tarde que o evento da segunda vinda. Mesmo se o arrebatamento for pós-tribulacionista, a ressurreição de Apocalipse 20. 4 acontece mais tarde na sequência dos eventos, no contexto demonstrado. O erro pós-tribulacionista aqui é a suposição do que eles estão tentando provar, que todas as ressurreições ocorrem ao mesmo tempo.

Outro elemento da revelação em 1Coríntios 15.51-58 é a exortação adicionada à doutrina do arrebatamento. No versículo 58 Paulo afirma: "Portanto, meus amados irmãos, sede firmes, inabaláveis e sempre abundantes na obra do Senhor, sabendo que, no Senhor, o vosso trabalho não é vão". A doutrina do arrebatamento, sempre que mencionada na Bíblia é relacionada à aplicação prática. Em João 14.2 o ponto é que não deveríamos nos perturbar tendo em vista a vinda do Senhor. Em 1Tessalonicenses 4 é um consolo e uma esperança encorajadora. Em 1João 3.2-3 é uma esperança purificadora. E aqui o arrebatamento é usado como uma exortação para sermos fiéis, a permanecermos firmes na nossa fé, não permitindo

CAMP001_04X12_ABRIL2021

que nada nos demova, entregando-nos em todos os momentos ao serviço do Senhor.

Os pós-tribulacionistas quase universalmente encobrem o fato óbvio desta exortação, ou seja, que os coríntios não foram de forma alguma avisados que este evento somente ocorre depois da grande tribulação. A implicação da passagem é que o arrebatamento é um evento iminente e que não há nada interferindo. Se a tese do arrebatamento pré-tribulacionista está correta, seria natural apresentar a doutrina desta forma, sem entrar em detalhes sobre o que vai acontecer às pessoas que não serão arrebatadas. Se, por outro lado, a perspectiva da igreja for passar pela grande tribulação e outros eventos do fim dos tempos, isso seria visto como uma incumbência de Paulo afirmar claramente que a esperança do arrebatamento, necessariamente, deveria ser adiada até que eventos precedentes se cumpram.

É um fato singular que em todas as passagens que tratam sobre arrebatamento, claramente identificadas como tais, aquele aviso não existe. Todos os avisos sobre os eventos iminentes do fim dos tempos se relacionam à vinda de Cristo, que é claramente pós-tribulacional.

Portanto, embora os pós-tribulacionistas tendam a ampliar os detalhes e objeções a pequenos pontos, eles ignoram o ponto principal da passagem, ou seja, que temos uma esperança maravilhosa de arrebatamento se estivermos vivos, ou de ressurreição, se tivermos morrido. O motivo de os pós-tribulacionistas tenderem a ignorar essa passagem, e darem somente um breve tratamento, é porque ela, na verdade, não contribui em nada para seu argumento.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 19

O ARREBATAMENTO EM APOCALIPSE

Em nenhum outro livro da Bíblia os eventos do fim dos tempos estão retratados com tantos detalhes do que no livro do Apocalipse. Aqueles que tomam esse livro como uma séria apresentação do futuro profético encontram, como em nenhum outro lugar na Bíblia, dados concernentes à grande tribulação e sua consumação na segunda vinda de Cristo. O título como livro da Revelação se relaciona ao fato de que no segundo advento do Senhor, ele será revelado. Isto é introduzido no início do próprio livro: "Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até aqueles que o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele. Certamente. Amém" (1.7).

O livro do Apocalipse, em muitos aspectos, é o complemento dos quatro evangelhos onde Cristo é apresentado em sua primeira

CAMP001_04X12_ABRIL2021

vinda. Em contraste com os evangelhos, o livro do Apocalipse apresenta Cristo em sua segunda vinda. Mesmo os grandes temas do milênio e o estado eterno, enquanto apresentados especificamente nos capítulos 20 a 22, servem somente como um breve epílogo adicionado ao livro que tem o propósito primário de apresentar os eventos do fim dos tempos em maiores detalhes, culminando com a segunda vinda de Cristo.

Uma das maiores falhas dos pós-tribulacionistas é seu tratamento da doutrina do arrebatamento e sua relação com o livro de Apocalipse. O problema deles é que o arrebatamento não é mencionado em relação à segunda vinda. Se o arrebatamento ocorre nessa vinda, seria uma característica maior dos eventos do fim; e o fato de não ser relacionado a ela é muito estranho se o pós-tribulacionismo estiver correto. Na descrição de Apocalipse 19, nem o arrebatamento, nem a ressurreição, estão indicadas como relacionados ao processo segunda da vinda de Cristo.

Os pós-tribulacionistas, se seguirem 1Tessalonicenses 4, devem colocar o arrebatamento da igreja na sequência de eventos conforme Cristo está vindo do céu para a terra. Ao invés disso, a única menção da ressurreição é encontrada em Apocalipse 20.4, muito depois da consumação da segunda vinda, e a especificação da passagem limita esta ressurreição àqueles que morreram na grande tribulação. Não há absolutamente nada em Apocalipse 19-20 que fundamente a ideia de que há um arrebatamento da igreja atrelado com o processo do segundo advento.

Os pós-tribulacionistas tentam inverter o argumento contra os pré-tribulacionistas ao dizerem que se houver um arrebatamento pré-tribulacionista, isso deveria ser afirmado no livro do Apocalipse. O oposto, antes é que é a verdade. Se, na verdade, o arrebatamento ocorreu mais cedo, antes da ocorrência da grande tribulação, então não haveria necessidade de discutir o arreba-

CAMP001_04X12_ABRIL2021

tamento na sequência dos últimos eventos. Se, por outro lado, o arrebatamento é uma parte dos eventos da segunda vinda, a estranha ausência de qualquer menção disso certamente é um golpe devastador no pós-tribulacionismo.

O melhor que os pós-tribulacionistas podem fazer para cobrir esta falta de evidência para um arrebatamento pós-tribulacionista é disputar certas passagens que parecem implicar um arrebatamento pré-tribulacionista, e ler em outras passagens o que elas não dizem, na tentativa de inserir uma ressurreição onde eles imaginam que ela deveria estar.

Por causa da grande variedade de abordagens no livro do Apocalipse, é difícil debater sua relevância para a doutrina do arrebatamento sem assumir uma exposição de todo o livro, o que está além o objetivo deste estudo. Se, contudo, consideração for dada àqueles que interpretam o livro do ponto de vista pré-milenista e adotada a visão de que os seus capítulos 4 a 18 estão lidando com eventos que ainda são futuros e relacionados aos anos imediatamente anteriores à segunda vinda de Cristo, então a discussão das várias passagens tem alguma força.

APOCALIPSE 2.25

Embora o arrebatamento da igreja não seja o objeto do livro do Apocalipse, há referências que pré-tribulacionistas podem interpretar como se referindo a ele. A exortação à igreja em Tiatira em Apocalipse 2.25 poderia ser interpretada como uma referência ao arrebatamento: "tão somente conservai o que tendes, até que eu venha". A passagem em Apocalipse 3.3 é menos clara e talvez não se refira nem ao arrebatamento nem à segunda vinda.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

APOCALIPSE 3.10-11

Uma clara referência ao arrebatamento é encontrada em Apocalipse 3.10-11:

> Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra. Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa.

Ambos, pós e pré-tribulacionistas, consideram essa passagem como relacionada ao arrebatamento.

Os pré-tribulacionistas têm considerado corretamente esta passagem como coincidindo com o conceito de que Cristo está vindo para a igreja antes da tribulação e vai retirá-la do mundo. Os pós-tribulacionistas, é claro, têm contra-atacado na tentativa de refutar nosso argumento; e embora a passagem em si não os conforte, eles são forçados a tentar explicá-la.

A abordagem comum dos pós-tribulacionistas é insistir que a palavra *de*; que é uma tradução da preposição grega *ek,* significa "fora do meio de" ao invés da forma simples "de". Gundry, por exemplo, cita Lucas 21.36, que fala de escapando da tribulação e tem a preposição *ek* como parte do verbo. Isto não tem influência sobre Apocalipse 3.10-11, contudo, tendo em vista a diferença verbal, Gundry presumiu que aqueles que são referidos na passagem, são a igreja[251].

Dedicando dez páginas a sua discussão de Apocalipse 3.10, Gundry insiste que a preposição significa "para fora de". Como um estudo de qualquer dicionário irá mostrar, esta é uma definição e

---

[251] GUNDRY, Robert. *The church and the tribulation*, p. 33.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

limitação arbitrárias. O fato é que muitas traduções reconhecidas traduzem *ek* pela palavra "de". A razão para isso é óbvia. A preposição está unida ao verbo *tereo* significando "guardar" ou "preservar". Enquanto a preposição *ek* possa significar "tirada do meio de" em certos contextos, quando unida com a palavra "guardada" ou "mantida", ela tem o significado de "a partir de" em vez de "tirada do meio", como exemplificado em praticamente todas as traduções em inglês.

Enquanto opiniões favoráveis e contrárias podem ser citadas, uma única passagem paralela é encontrada em João 17.15, decisiva em confirmar a tradução da partícula "*de*". Ali Cristo orou, "Não peço que os tires do (*ek)* mundo, mas que os livres (*tereo)* do (*ek)* mal". Quando usada com a palavra "tomar" (*airo),* a preposição *ek* significa "fora de", mas quando usada com a palavra guardar/proteger (*tereo*), a preposição *ek* é corretamente traduzida por "de". Em outras palavras, o crente está protegido do mal, e não que é tirado do meio do mal.

As alternativas diante de João quando ele escreveu Apocalipse 3.10-11 são óbvias. Se ele quisesse dizer que a igreja seria guardada durante grande tribulação, ele poderia ter usado a preposição *dia*. Se ele quisesse dizer que a igreja seria tirada da grande tribulação, ele poderia ter usado *airo* "tirar", mesma palavra encontrada em João 17.15. No entanto, ele usa o verbo "tomar", ao passo que não usa a preposição *dia* (através/por meio de) demonstrando que o significado pretendido era "livrar completamente de". Este significado provavelmente não seria desafiado se não fosse pelo constrangimento que causa ao argumento pós-tribulacionista.

Quando todos os fatos nesta passagem são levados em consideração, ela ensina que para a igreja de Filadélfia é prometido "também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para provar os que habitam sobre a terra". O propósito da promessa é de livrar da "hora da provação", um período, não simplesmente uma preservação durante as provas daquele período. A promessa à igreja de Filadélfia é que eles seriam preservados de um

CAMP001_04X12_ABRIL2021

tempo de angústia que estava por vir, não que eles seriam tomados do meio deste tempo.

Embora a passagem não dê qualquer conforto ao pós-tribulacionismo, sua força e apoio ao pré-tribulacionismo pode estar sujeita a qualificação. A carta a Filadélfia é endereçada à igreja em geral como as cartas paulinas aos gálatas, aos efésios, e aos colossenses, ou é limitada a uma igreja particular a qual se dirige? Muitos pós-tribulacionistas admitem que a expressão "a hora da provação", descrita como vindo sobre a terra, é a tribulação descrita em Apocalipse 6–18, e aqui a promessa dada a Filadélfia é dirigida a toda a igreja.

Entretanto, alguns levantam a questão se esta é a interpretação adequada. Ela estava em meio a uma perseguição do governador romano, e a promessa poderia ser interpretada de que Deus os manteria livres desta perseguição. O argumento contra isto, é claro, é que a promessa de os guardar do tempo de perseguição, não os guardar na perseguição, e isto parece descartar a experiência contemporânea de perseguição que eles viviam.

Outro fato é que os membros da igreja em Filadélfia muito antes do início da grande tribulação, é claro, foram livres dela em razão de suas mortes. Embora essas considerações qualifiquem de alguma forma a força desta passagem, uma vez que apoia o pré-tribulacionismo, não dá conforto algum para a visão pós-tribulacionista. Se, de fato, a igreja tinha sido ensinada que haveria uma grande tribulação pela frente, e à igreja de Filadélfia foi prometido que não entraria naquela hora de julgamento e provação, a única forma possível de poderem interpretar isto mantendo o conceito da iminência do arrebatamento, seria que não poderiam estar aqui quando a tribulação ocorresse. Se eles cressem no arrebatamento da igreja como uma possibilidade iminente, a conclusão natural seria que a promessa era que o Senhor viria primeiro se a tribulação fosse acontecer durante o decurso de suas vidas. Se por um lado, essa passagem não apoie decisivamente o pré-tribulacionismo, por outro lado, ela não oferece apoio algum para o pós-tribulacionismo, e é outra fonte de grande constrangimento.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Outra passagem debatida entre pré-tribulacionistas e pós-tribulacionistas ao argumentarem é quanto ao significado dos vinte e quatro anciãos em Apocalipse 5.8-10. Aqui um problema existe por causa da diferença entre o Texto Receptus e os manuscritos normalmente usados na Versão Revisada da Bíblia. Segundo a versão King James, os vinte e quatro anciãos são vistos no céu cantando uma nova canção que, segundo o Texto Receptus, é como segue: "E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue nos compraste para Deus de toda a tribo, e língua, e povo, e nação; e para o nosso Deus nos fizeste reis e sacerdotes; e reinaremos sobre a terra" (Ap 5.9-10). Se o texto da versão King James está correto, e os vinte e quatro anciãos são aqueles que foram salvos de cada nação do mundo, eles obviamente são representantes dos redimidos pelo sangue de Cristo, e neste caso, teriam de ser homens e não anjos. O fato de estarem no céu, endossa a ideia de um arrebatamento pré-tribulacionista.

A maioria das revisões da Bíblia, porém, seguem outras leituras que mudaram o texto desta passagem e colocam os salvos na terceira pessoa: "e entoavam novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro e de abrir-lhe os selos, porque foste morto e com o teu sangue compraste para Deus os que procedem de toda tribo, língua, povo e nação e para o nosso Deus os constituíste reino e sacerdotes; e reinarão sobre a terra". Porque os vinte quatro anciãos aqui estão descrevendo os redimidos em vez de reivindicarem ser os redimidos, muitos estudiosos têm concluído que isto é um grupo angelical e, portanto, não homens remidos da terra.

Visto que há divisão entre os estudiosos sobre qual a versão correta, o tema permanece discutível. Mesmo que o texto revisado seja usado, não prova, porém, que os vinte e quatro anciãos são anjos, mas, antes, deixa a questão aberta para mais discussão. Uma

das razões de os vinte e quatro anciãos serem considerados homens redimidos e recompensados é que eles são retratados como tendo coroas de ouro e vestidos em vestes brancas (Ap 4.4). Isto implicaria que já foram julgados e recompensados, como seria o caso se houvesse um arrebatamento pré-tribulacionista e um trono de julgamento em seguida no céu.

A evidência é um tanto pesada em favor de considerar os vinte e quatro anciãos como representantes da igreja, e, se assim for, seria uma indicação do arrebatamento pré-tribulacionista, pois isso veria a igreja como no céu durante o tempo da tribulação. Contudo, por causa da controvérsia sobre o texto, a matéria deve ser deixada em aberto. De qualquer forma, não é nenhum conforto para os pós-tribulacionistas. O melhor que eles podem fazer é refutar a ideia de que aqueles anciãos representam a igreja no céu. Por outro lado, não oferecem qualquer fundamento para a posição pós-tribulacionista. Embora, pós-tribulacionistas como Gundry deem atenção demasiada a esse argumento, tudo que eles podem fazer é levantar perguntas.[252]

O PROBLEMA DA AUSÊNCIA DA IGREJA EM APOCALIPSE 4-18

Enquanto passagens individuais podem ser debatidas, e nem sempre sejam claros seus pesos relativos em determinar uma conclusão pré ou pós-tribulacionista, o problema central com o livro do Apocalipse é que não há menção aberta ao arrebatamento da igreja entre os capítulos 4 a 18 de Apocalipse. O contexto relevante e que deve ser enfrentado novamente aqui, é o fato de um livro que apresenta

[252] Ibid., p. 7-74.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

importantes detalhes sobre os eventos que conduzem à segunda vinda de Cristo, omitir completamente qualquer esperança de arrebatamento da igreja para os santos da tribulação.

Gundry talvez possa ser tomado como ilustração de um pós-tribulacionista que lida com este problema, e dedica cinco páginas à dificuldade de que a igreja não é mencionada de Apocalipse 4–18. Sua resposta é negar que a expressão "depois disto" (Ap 4.1) significa depois da era da igreja.[253]

Apesar dos argumentos de Gundry terem alguma força, outros pós-tribulacionistas tais como George Ladd, admitem abertamente que o tempo condutor à segunda vinda, tem início no capítulo 4. Ladd disse que "depois da primeira visão do Cristo exaltado cuidando e protegendo sua igreja, a revelação de "o que vai acontecer depois disto", isto é, a vinda do reino de Deus, começa".[254]

Gundry também contra-ataca a ausência da igreja em Apocalipse 4–18 como sendo equilibrado pelo fato de não mencionar a igreja como que estando nos céus[255]. Isto, é claro, permanece na questão que Gundry supõe ter refutado, em definir se os vinte e quatro anciãos representam a igreja. Parece muito mais importante se a igreja for mencionada como estando realmente na tribulação, que ela seja encontrada nesses capítulos, do que ser referida como no céu, embora isso possa ser indicado pelos vinte e quatro anciãos. Gundry também encobriu o fato significativo de que, embora as igrejas locais sejam mencionadas nos capítulos 2 e 3, não há menção de qualquer igreja local em Apocalipse 4–18. Consequentemente, os pós-tribulacionistas têm que enfrentar não apenas o fato de que o corpo de Cristo, ou a igreja universal, não é mencionada, mas também de que não há igreja local na terra.

---

253 Ibid., p. 77-78.

254 LADD, George. *A commentary on the book of Revelation of John*, p. 70.

255 GUNDRY, Robert. *Church and tribulation*, p. 78.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Gundry respondeu apontando que a igreja não é mencionada em vários outros livros da Bíblia. No entanto, nenhum desses livros está lidando com eventos escatológicos, com a possível exceção de 2Pedro 3, além do que a omissão de Pedro em relação à igreja, se harmoniza com o pré-tribulacionismo. Outras objeções que Gundry levanta são caracteristicamente similares. O problema é que, no final das contas, não há realmente um modo de explicar a total ausência de qualquer menção, seja de uma igreja local, ou da igreja universal, em um registro detalhado de eventos escatológicos. A descrição dos santos como salvos de origem judaica e gentílica contrasta bastante com a referência a eles como reunidos em um corpo, a igreja, em grande parte do Novo Testamento.

APOCALIPSE 7.1-8; 14.1-5

Um dos maiores problemas que pós-tribulacionistas enfrentam é a designação dos 144.000 de Apocalipse 7.1-8 e 14.1-5. Muitos pós-tribulacionistas espiritualizam esta referência e a consideram representativa da igreja. Ladd, depois de considerar todas as possibilidades e confessar que a interpretação natural seria considerar os 144.000 como povo judeu, finalmente conclui haver "boas razões para acreditar que João queria identificar o Israel espiritual – a igreja.[256] Como muitos pós-tribulacionistas fazem, ele chama a atenção à omissão da tribo de Dan da lista, como se isto apoiasse o conceito de que é a igreja que é mencionada.

Um estudo de várias representações das dozes tribos, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, ilustra o fato que uma tribo é sempre omitida a fim de manter o número em doze. Às vezes esta é a tribo de Levi. Aqui isso acontece de ser a tribo de Dan. O problema

[256] LADD. *Revelation of John*, p. 114.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

é que os dois filhos de José, Efraim e Manassés, são considerados tribos separadas, totalizando o número em treze. Consequentemente, a omissão de Dan aqui não é realmente significativo e não oferece apoio para a negação que são realmente israelitas.

Em contraste com espiritualização normal do pós-tribulacionismo dos 144.000 como sendo representativos da igreja, Robert Gundry assume a posição, até onde sei nunca aventada por ninguém, que os 144.000 são judeus ortodoxos não convertidos, mas finalmente destinados à conversão no tempo do arrebatamento da igreja quando recebem uma segunda chance de salvação. Essa visão estranha é necessária para a tentativa de Gundry combinar dispensacionalismo com pós-tribulacionismo, na qual ele tenta manter que Israel é Israel, e não gentios cristãos. Em sua proposta, porém, ele assume a posição insustentável de que os 144.000, descritos como "os servos do nosso Deus", são, na verdade, judeus ortodoxos não salvos. Assim, ele convenientemente omite a frase "do nosso Deus" de sua discussão sobre estes servos.[257]

Não somente a identificação dos 144.000 como judeus ortodoxos não salvos é uma interpretação estranha, mas Gundry também depende de sua doutrina questionável de uma segunda chance de salvação após o arrebatamento. Ele apoia este conceito que os judeus vão ser "convertidos imediatamente depois do arrebatamento quando virem seu Messias descendo à terra"[258], embora eles tenham rejeitado a Cristo antes do arrebatamento, como é indicado por uma série de textos bíblicos (Zc 3.8-9; 12.9-13.1; Ml 3.1-5; Rm 11.26-27). Um exame desses textos, porém, não fornece apoio a qualquer ideia de segunda chance e, geralmente, os pós-tribulacionistas, assim como os pré-tribulacionistas, consideram bastante questionável o ponto de vista de Gundry.

---

257 GUNDRY. *Church and tribulation*, p. 81-83.

258 Ibid., p. 82.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

O livro de Apocalipse deixa bastante claro que aqueles que passam pela tribulação sem fé em Cristo recebem a marca da besta a como tais são destinados ao juízo de Deus. Em Apocalipse 14.9-11, é dito:

> Seguiu-se a estes outro anjo, o terceiro, dizendo, em grande voz: Se alguém adora a besta e a sua imagem e recebe a sua marca na fronte ou sobre a mão, também esse beberá do vinho da cólera de Deus, preparado, sem mistura, do cálice da sua ira, e será atormentado com fogo e enxofre, diante dos santos anjos e na presença do Cordeiro. A fumaça do seu tormento sobe pelos séculos dos séculos, e não têm descanso algum, nem de dia nem de noite, os adoradores da besta e da sua imagem e quem quer que receba a marca do seu nome.

Com base nesse texto, e segundo Apocalipse 7.3, é impossível harmonizar a marca da besta com um selo colocado na fronte dos 144.000, que os protege de dano. Como é possível que judeus ortodoxos não salvos, e nem convertidos, sejam chamados servos de Deus e não sejam contados como adoradores da besta? Esse ensinamento estranho é outra ilustração da incompatibilidade entre dispensacionalismo e pós-tribulacionismo, responsável também pela rejeição quase universal da posição de Gundry neste ponto.

Visto em seu próprio contexto, Apocalipse 7.1-8 apresenta as doze tribos de Israel milagrosamente preservadas durante a grande tribulação. Porque elas confiam em Cristo, são salvas e são servas de Deus. Elas são mostradas aqui como preservadas durante a grande tribulação em contraste com a multidão de cada nação que não foi preservada fisicamente, como está descrito em Apocalipse 7.9-17. Como a primeira metade de Apocalipse 7 trata daqueles não martirizados, a última metade trata com os mártires

CAMP001_04X12_ABRIL2021

por aceitarem a Cristo, e que são martirizados por causa da sua fé. Embora os 144.000 possam ser testemunhas, as Escrituras não indicam isso especificamente. Sua presença intacta no mundo é uma evidência dramática do poder mantenedor de Deus, e este é o ponto de sua preservação.

Tomada no todo, a questão da identidade e significado dos 144.000 é uma causa perdida para os pós-tribulacionistas. Ou eles tentam espiritualizar a identidade desse grupo, evitando o ponto central da revelação, ou têm de enfrentar o fato de que aqueles que são salvos de Israel são designados como israelitas salvos, não designados como a igreja no período da grande tribulação.

ARMAGEDOM EM RELAÇÃO AO ARREBATAMENTO

É preciso dizer também que uma das várias opiniões estranhas apresentadas por Gundry é que os julgamentos no livro do Apocalipse seguem o Armagedom em vez de precedê-lo. O Armagedom é descrito em Apocalipse 16.12-16 como sendo consequência da sexta taça da ira de Deus. Enquanto muitos estudiosos concordam que o livro do Apocalipse não é escrito em uma ordem estritamente cronológica, praticamente todos os estudiosos colocariam a sexta taça no final da grande tribulação e num ponto do tempo quase imediatamente antes da segunda vinda de Cristo. Mesmo Gundry admite que "o sexto selo nos conduz às catástrofes finais de julgamento quando Cristo volta, pois, a ira do Cordeiro está prestes a atingir o ímpio, aqueles que invocam as rochas e montanhas para escondê-los (6.12-17)". [259] Apesar desse julgamento decisivo, Gun-

[259] Ibid., p. 76.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

dry insiste em dizer que "a ira de Deus não vai se estender por toda a tribulação".[260] Como algum estudioso que encare com alguma seriedade os termos do livro de Apocalipse, pode ler dos capítulos 6 ao 16 e afirmar que não se trata da ira de Deus contra um mundo que se rebelou contra ele, é difícil de acreditar.

O problema de Gundry é que ele argumentou em 1Tessalonicenses 5 que o dia da ira não virá até o Armagedom, e, portanto, ele é forçado por sua posição prévia a ignorar o vasto caráter de julgamentos de Apocalipse 6 até a sexta taça da ira de Deus. Ele também tem que se mover em torno do cumprimento dos selos, trombetas e taças para acomodar essa abordagem bastante estranha. Mesmo com esta adaptação, no entanto, é difícil explicar como um quarto da população de terra pode ser destruída no quarto selo (Ap 6.7-8), seguido pela sexta trombeta onde um terço da população da terra é destruída (Ap 9.15), e responsável por todos os outros julgamentos terríveis, como discriminados nas primeiras cinco taças da ira divina. Segundo Apocalipse 15.7, todas as setes taças estão "cheias com a ira de Deus". Como, então, é possível a ira de Deus iniciar na sexta taça?

Deveria ser óbvio ao leitor objetivo que Gundry adotou uma exegese estranha e não natural no esforço de acomodar algo de sua visão em apoio ao pós-tribulacionismo. Seria muito mais consistente para Gundry espiritualizar todos esses julgamentos, como muitos pós-tribulacionistas fazem, em vez de tomá-los literalmente e movê-los cronologicamente para o tempo do fim exatamente antes da segunda vinda. Seu motivo era obviamente evitar o conceito que a igreja antes do Armagedom vai experimentar a ira divina. A natureza insustentável desta conclusão torna-se a sua própria refutação.

Gundry liga Armagedom em Apocalipse 16 com Apocalipse 14.14-20, no qual ele tenta encontrar uma descrição do arrebatamento. Mesmo uma leitura casual desta seção não revelará nenhuma

[260] Idid., p. 77.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

evidência em apoio, exceto que acontece de ser uma nuvem branca. Esta passagem lida quase completamente com julgamento e não diz nada sobre ressurreição ou arrebatamento. Somente um desesperado em sustentar o insustentável, apelaria para passagens como esta.

Inerente à visão de Gundry, contudo, é o conceito que os 144.000 são judeus ortodoxos que se convertem no período do arrebatamento. Gundry descreve os 144.000 com estas palavras: "aquela parte não convertida da nação judaica, que por especial proteção de Deus vai sobreviver fisicamente à tribulação (Ap 7.1-4), vai se arrepender, crer, e ser salva assim que virem seu Messias descendo. Mas eles terão perdido o arrebatamento".[261] Este ponto é totalmente sem base escriturística e é sustentado somente por Gundry entre os pós-tribulacionistas. A abordagem geral mais consistente do pós-tribulacionismo é espiritualizar os 144.000 e igualá-los com a igreja, tal qual Ladd propõe. Nada parece ser mais claro do que no tempo da segunda vinda – que inclui o arrebatamento na visão pós-tribulacionista – será muito tarde, e é uma hora de julgamento mais do que uma hora de salvação.

AS BODAS DO CORDEIRO EM APOCALIPSE 19.1-10

Precedendo imediatamente a segunda vinda de Cristo é anunciada a festa das bodas do Cordeiro. Era costume em um casamento a observância de três estágios. O primeiro era o casamento legal, no qual os pais dos noivos concordavam com o casamento. O segundo, imediatamente, ou às vezes mais tarde, era quando o noivo vinha chamar sua noiva, como ilustrado na parábola das dez virgens. O

[261] Ibid., p. 24.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

terceiro era a festa de casamento, que cronologicamente se seguia aos estágios um e dois. Se o estágio em desenvolvimento atingiu o estágio de festa de casamento no tempo da segunda vinda de Cristo, isso implica que houve uma vinda anterior do noivo à noiva, de acordo com a visão pré-tribulacionista.

Gundry abruptamente deixa isso de lado ao dizer que "não devemos esperar encontrar uma rígida compatibilidade no material bíblico quanto ao uso de metáforas. Pressionar rigidamente a relação marital de ambos, Israel e a Igreja, com o Senhor, seria dizer que Deus é bígamo".[262]

Os pré-tribulacionistas não pressionam esta analogia, mas simplesmente alegam que isso está de acordo com a visão pré-tribulacionista.

Se a passagem tem alguma influência em absoluto sobre a ordem escatológica de eventos, isto é uma evidência contra a visão pós-tribulacionista. Embora a força desta passagem possa ser debatida a respeito do argumento entre pós e pré-tribulacionistas, o ponto importante é que ela não oferece evidência para a visão pós-tribulacionista, e escritores como Gundry são reduzidos a chamá-la de interpretação "rígida", em vez de oferecer evidência consistente para o seu ponto de vista pós-tribulacional.

OMISSÃO DO ARREBATAMENTO NA SEGUNDA VINDA DE CRISTO EM APOCALIPSE 19.11-20. 6

Partindo de Apocalipse 19.11, os pré-milenistas encontram na revelação da segunda vinda de Cristo, uma sequência ordenada de

[262] Ibid., p. 85.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

eventos descrevendo os maiores aspectos e resultados dessa vinda.[263] Primeiro, a descida de Cristo do céu acompanhado por seus santos e anjos é retratada em Apocalipse 19.11-16. É digno de nota ressaltar que não há uma palavra sobre arrebatamento e ressurreição em conexão com este evento. Segundo, seguindo imediatamente sua vinda à terra, os exércitos reunidos num conflito mundial são destruídos. Terceiro, a besta e o falso profeta são presos e lançados no lago de fogo.

No capítulo 20 esta sequência de eventos é seguida em quarto lugar pela prisão de Satanás, e então, em quinto lugar, como um clímax aos eventos anteriores e a introdução ao próprio milênio, os santos da tribulação são ressuscitados. Visto que os eventos anteriores estão cronológica e casualmente ligados, parece que a ordem de eventos é estritamente cronológica.

Uma das porções mais prejudiciais das Escrituras ao entendimento do arrebatamento no sistema pós-tribulacionista, é o fato de que a ressurreição mencionada em Apocalipse 20.4-5 ocorre, não no tempo da segunda vinda, mas provavelmente alguns dias depois dela. Nesta passagem, a ressurreição é limitada àqueles que morreram na tribulação, um óbvio apoio para a argumentação de que o restante dos justos mortos ressuscitou antes, no tempo do arrebatamento. Para além disso, não há menção de qualquer arrebatamento dos crentes em qualquer detalhe dado nos capítulos 19 e 20 de Apocalipse.

Quando toda essa evidência é reunida, alguém pode concluir que na descrição mais compreensiva e detalhada a ser encontrada em qualquer lugar na Bíblia sobre a segunda vinda, não há ressurreição ou arrebatamento mencionados como um evento ocorrendo ali. O arrebatamento pós-tribulacionista, se isso fosse de fato uma parte

---

263 WALVOORD, John F. *Revelation of Jesus Christ*, p. 268-310; Cf. do mesmo autor: *The blessed hope and the tribulation*, p. 132-43.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

do grande clímax da segunda vinda de Cristo, deveria ter sido uma característica proeminente do livro do Apocalipse, mas está totalmente ausente na narrativa. Se detalhes como o lançar da besta e do falso profeta no lago de fogo são mencionados, e a específica ressurreição dos santos da tribulação é descrita, quanto mais o arrebatamento da igreja como um todo deveria ter sido incluída se, de fato, ela fosse parte deste grande evento. Os capítulos 19 e 20 de Apocalipse constituem o maior problema para os pós-tribulacionistas. Eles não têm prova na Escritura para um arrebatamento pós-tribulacional nas próprias passagens que deveriam incluí-lo.

CONCLUSÃO

Apesar de o livro de Apocalipse mencionar ocasionalmente o arrebatamento da igreja, e que este evento está implícito nas passagens como Apocalipse 2.25 e 5.8-10, bem como nas bodas do Cordeiro em Apocalipse 19.9, nenhuma dessas passagens está conectada com a segunda vinda, quando interpretadas adequadamente. Pelo contrário, esforços pós-tribulacionistas em enxergar o arrebatamento em passagens como Apocalipse 14, não encontram apoio nelas para o evento em questão. Efetivamente, não há um único versículo em todo o Apocalipse que ensine um arrebatamento pós-tribulacionista. Se o livro designado a descrever detalhadamente a segunda vinda não oferece nenhum apoio evidente, deveria ficar claro que o pós-tribulacionismo é destituído de apoio bíblico.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CAPÍTULO 20

CINQUENTA ARGUMENTOS FAVORÁVEIS AO PRÉ-TRIBULACIONISMO

Na discussão anterior do pré-milenismo em relação à tribulação, os argumentos respectivos para os pré-tribulacionistas, arrebatamento parcial, pós-tribulacionismo, e meso-tribulacionismo, foram examinados e a posição pré-tribulacionista em geral sustentada. Como conclusão e resumo, cerca de cinquenta argumentos em apoio ao pré-tribulacionismo podem agora ser propostos. Isto não presume que a afirmação desses cinquenta argumentos em si estabeleça sua validade, mas sim que a discussão anterior apoia ou justifica esse resumo das razões em favor da visão pré-tribulacionista.

Por amor à brevidade, o termo *arrebatamento* ou *trasladação* é usado para a vinda de Cristo para sua igreja, enquanto o termo *segunda*

CAMP001_04X12_ABRIL2021

vinda é uniformemente usado como referência a sua vinda à terra para estabelecer seu reino milenar, um evento que todos consideram pós-tribulacional. Embora as palavras *arrebatamento* e *trasladação* não sejam exatamente idênticas, elas se referem ao mesmo evento. Pelo termo *arrebatamento*, referência é feita ao fato de que a igreja é "arrebatada" da terra e levada para o céu. Pelo termo *trasladação* transmite-se a ideia de que aqueles que são assim raptados serão transformados em seus corpos físicos, naturais e corruptíveis, em corpos espirituais, incorruptíveis e imortais. Estritamente falando, os mortos são ressuscitados enquanto os vivos são transladados. No uso comum, no entanto, esta distinção não é normalmente mantida.

No debate, a visão pós-tribulacionista é considerada a principal opositora da visão pré-tribulacionista e é ela que está principalmente em mente na reformulação dos argumentos. As outras posições, contudo, são também mencionadas na medida em que se opõem ao pré-tribulacionismo em algum ponto específico. A discussão anterior destacou a superioridade dos argumentos em apoio à posição pré-tribulacionista, e a seguinte reafirmação seria para esclarecer a questão envolvida.

ARGUMENTO HISTÓRICO

1. Embora o pós-tribulacionismo apareceu já em 2 Tessalonicenses 2, muitos na igreja primitiva acreditavam na doutrina da iminência, que é a posição principal do pré-tribulacionismo.

2. O desenvolvimento detalhado da verdade pré-tribulacionista durante os últimos séculos não prova que a doutrina é nova ou inédita. Seu desenvolvimento é

CAMP001_04X12_ABRIL2021

similar ao daquelas outras doutrinas importantes na história da igreja.

HERMENÊUTICO

3. O pré-tribulacionismo é a única visão que permite interpretação literal de todas as passagens sobre a grande tribulação no Antigo e Novo Testamentos.

4. O pré-tribulacionismo distingue claramente entre Israel e a igreja, bem como seus respectivos programas.

NATUREZA DA TRIBULAÇÃO

5. O pré-tribulacionismo mantém a distinção escriturística entre a Grande tribulação é a Tribulação em geral que a precede.

6. A grande tribulação é propriamente interpretada pelos pré-tribulacionistas como um tempo de preparação para a restauração de Israel (Dt 4.29-30; Jr 30.4-11). Não é o propósito da tribulação preparar a igreja para a glória.

7. Nenhuma das passagens do Antigo Testamento sobre a tribulação menciona a igreja (Dt 4.29-30; Jr 30. 4-11; Dn 8.24-27; 12.1-2).

8. Nenhuma das passagens do Novo Testamento sobre a tribulação menciona a igreja (Mt 13.30, 39-42, 48-50; 24.15-31; 1Ts 1.9-10; 5.4-9; 2Ts 2.1-11; Ap 4–18).

CAMP001_04X12_ABRIL2021

9. Em contraste com o meso-tribulacionismo, a visão pré-tribulacionista fornece uma explicação adequada do começo da grande tribulação em Apocalipse 6. O meso-tribulacionismo é plenamente refutado pelo ensino da Escritura de que a grande tribulação começa bem antes da sétima trombeta de Apocalipse 11.

10. A distinção apropriada é mantida entre as trombetas proféticas descritas na Bíblia, de acordo com o pré-tribulacionismo. Não há fundamento próprio para o argumento central do meso-tribulacionismo de que a sétima trombeta de Apocalipse é a última, e que não há conexão estabelecida entre a sétima trombeta de Apocalipse 11, a última trombeta de 1Coríntios 15.52, e a trombeta de Mateus 24.31. Considerando-as como três eventos distintos.

11. A unidade das setenta semanas de Daniel é mantida pelo pré-tribulacionismo. Em contraste, o pós-tribulacionismo e o meso-tribulacionismo destroem a unidade da septuagésima semana e confunde o programa de Israel com o da igreja.

NATUREZA DA IGREJA

12. A trasladação da igreja nunca é mencionada em qualquer passagem que lida com a segunda vinda depois da tribulação.

13. A igreja não será destinada para ira (Rm 5.9; 1Ts 1.9-10; 5.9). A igreja, portanto, não pode entrar "no grande dia da ira deles" (Ap 6.17).

CAMP001_04X12_ABRIL2021

14. A igreja não vai ser surpreendida pelo dia do Senhor (1Ts 5.9), que inclui a tribulação.

15. A possibilidade de o crente escapar da Tribulação é mencionada em Lucas 21.36.

16. Para a igreja de Filadélfia foi prometido livramento "da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para pôr à prova os que habitam sobre a terra" (Ap 3.10).

17. É característica do tratamento divino livrar crentes antes de um julgamento divino ser infligido sobre a terra como ilustrado nos livramentos de Noé, Ló e Raabe (2Pe 2.5-9).

18. No tempo do arrebatamento da igreja, todos os crentes irão para a casa do Pai no céu (Jo 14.3) e não retornam imediatamente para a terra após se encontrarem com Cristo nos ares como o pós-tribulacionismo ensina.

19. Os pré-tribulacionistas não dividem o corpo de Cristo no arrebatamento em uma base de obras. O ensino do arrebatamento parcial é baseado na falsa doutrina que a transladação da igreja é uma recompensa pelas boas obras. Ele é antes um aspecto culminante da salvação pela graça.

20. As Escrituras claramente ensinam que toda a igreja, não apenas uma parte, será arrebatada na vinda de Cristo (1Co 15.51-52; 1Ts 4.17).

21. Como oposto à visão do arrebatamento parcial, o pré-tribulacionismo é fundado num ensino definitivo da Escritura, de que a morte de Cristo nos livra de toda condenação.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

22. O remanescente piedoso da tribulação está demonstrado como israelitas, não membros da igreja, como mantido pelos pós-tribulacionistas.

23. A visão pré-tribulacionista, como oposta ao pós-tribulacionismo, não confunde termos gerais como *eleito* e *santos*, que se aplicam aos salvos de todas as eras, com termos específicos como *igreja* e aquele *em Cristo*, que se referem aos crentes desta era apenas.

DOUTRINA DA IMINÊNCIA

24. A interpretação pré-tribulacionista ensina que a vinda de Cristo é atualmente iminente.

25. A exortação para ser consolado pela vinda do Senhor (1Ts 4.18) é muito significativo na visão pré-tribulacionista e é especialmente contraditada por muitos pós-tribulacionistas.

26. A exortação a olhar para o "glorioso aparecimento" de Cristo e os seus (Tt 2.13) perde a significância se a tribulação deve acontecer primeiro. Crentes, neste caso, deveriam buscar sinais.

27. A exortação de purificar-se a si mesmo em vista do retorno do Senhor tem mais significado se sua vinda for iminente (1Jo 3.2-3).

28. A igreja é uniformemente exortada a buscar a vinda do Senhor, enquanto os crentes na tribulação são instruídos a olhar para os sinais.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

A OBRA DO ESPÍRITO SANTO

29. O Espírito Santo como aquele que detém o mal não pode ser tirado do mundo a menos que a igreja, onde o Espírito habita, seja arrebatada ao mesmo tempo. A tribulação não pode começar até que, este que detém o pecado, seja retirado.

30. O Espírito Santo como protagonista que detém o pecado, deve ser tirado do mundo antes de o "iníquo", que domina o período da tribulação, possa ser revelado (2Ts 2.6-8).

31. Se a expressão "exceto que venha primeiro a apostasia" (Versão King James) for traduzida literalmente, "exceto que o arrebatamento venha primeiro", seria claramente comprovada a necessidade de o arrebatamento acontecer antes do começo da tribulação.

NECESSIDADE DE UM INTERVALO ENTRE O ARREBATAMENTO E A SEGUNDA VINDA

32. Conforme 2Coríntios 5.10, todos os crentes desta geração devem comparecer diante do tribunal de Cristo, um evento nunca mencionado nos relatos detalhados que estão conectados com a segunda vinda de Cristo.

33. Se catorze dos vinte e quatro anciãos de Apocalipse 4.1-5 representam a igreja, como muitos estudiosos

CAMP001_04X12_ABRIL2021

creem, o arrebatamento e a recompensa da igreja, devem acontecer antes da tribulação.

34. A vinda de Cristo para sua noiva deve ocorrer antes da segunda vinda para a festa das bodas (Ap 19.7-10).

35. Os santos da tribulação não são trasladados na segunda vinda de Cristo, mas continuam suas ocupações comuns tais como agricultura, construção de casas, e gerarão filhos (Is 65.20-25). Isto seria impossível se todos os santos fossem transladados na segunda vinda, como os pós-tribulacionistas ensinam.

36. O julgamento dos gentios que segue a segunda vinda (Mt 25.31-46) indica que ambos, salvos e não salvos, ainda estão em seus corpos naturais. Isto seria impossível se o arrebatamento ocorresse na segunda vinda.

37. Se a trasladação tiver conexão com a segunda vinda de Cristo, não haveria necessidade de separação entre ovelhas e bodes no julgamento seguinte, mas a separação teria ocorrido no momento da transladação dos crentes, antes que Cristo realmente estabelecesse seu trono na terra (Mt 25.31).

38. O julgamento de Israel (Ez 20.34-38), que ocorre em sequência à segunda vinda, indica a necessidade de reagrupar Israel novamente. A separação dos salvos dos não salvos, neste julgamento, obviamente tem lugar algum tempo depois da segunda vinda, e seria desnecessária se os salvos tivessem sido previamente separados dos não salvos pela trasladação.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

CONTRASTES ENTRE ARREBATAMENTO E SEGUNDA VINDA

39. No tempo do arrebatamento os santos encontram Cristo nos ares, enquanto na segunda vinda Cristo retorna ao monte das Oliveiras para se encontrar com os santos na terra.

40. No tempo do arrebatamento, o monte da Oliveiras é inalterado, enquanto na segunda vinda ele é dividido e um vale é formado ao leste de Jerusalém (Zc 14.4-5).

41. No arrebatamento, os crentes vivos são trasladados, enquanto nenhum dos crentes é trasladado em conexão com a segunda vida de Cristo.

42. No arrebatamento, os crentes vão para o céu, enquanto na segunda vinda eles permanecem na terra sem trasladação.

43. No tempo do arrebatamento o mundo não é julgado e continua a pecar, enquanto na segunda vinda, o mundo é julgado e a justiça é estabelecida na terra.

44. O arrebatamento da igreja é apresentado como livramento antes do dia da ira, enquanto a segunda vinda é seguida pela libertação daqueles que têm crido em Cristo durante a tribulação.

45. O arrebatamento é descrito como iminente, enquanto a segunda vinda é precedida por sinais bem definidos.

46. A trasladação dos crentes vivos é uma verdade revelada somente no Novo Testamento, enquanto a segunda

CAMP001_04X12_ABRIL2021

vinda, com seus eventos concomitantes, é uma doutrina proeminente de ambos os testamentos.

47. O arrebatamento diz respeito somente aos salvos, enquanto a segunda vinda lida com ambos, salvos e não salvos.

48. No arrebatamento, Satanás não é amarrado, enquanto na segunda vinda, ele é amarrado e lançado no abismo.

49. Nenhuma profecia não cumprida fica entre a igreja e o arrebatamento, enquanto muitos sinais devem ser cumpridos antes da segunda vinda.

50. Nenhuma passagem que lida com a ressurreição dos santos na segunda vinda menciona a trasladação dos santos vivos ao mesmo tempo.

A bendita esperança do retorno do Senhor para sua igreja é um precioso aspecto de fé e esperança. Embora santos eruditos e devotos nem sempre concordem com o conteúdo dessa esperança, a presente discussão tem tentando justificar esse importante aspecto da verdade. Que a promessa de nosso Senhor 'virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que onde eu estiver estejais vós também" (Jo 14.3) nos traga conforto e esperança no mundo moderno, como foi planejado para os discípulos no cenáculo naquela noite escura da crucificação. "O Espírito e a noiva dizem Vem! Aquele que ouve, diga: Vem! (...). Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente, venho sem demora. Amém! Vem, Senhor Jesus!" (Ap 11.17,20).

CAMP001_04X12_ABRIL2021

BIBLIOGRAFIA

ALBRIGHT, W. F., and Mann, C. S. *The Anchor Bible*, vol. 26, *Matthew.* Garden City, N. Y.: Doubleday, 1971.

ALFORD, Henry. *The Greek Testament,* 4 vols. Chicago: Moody, 1958.

ALLEN, Willoughby C. "A Critical and Exegetical Commentary on the Gospel According to Saint Matthew." in *International Critical Commentary,* 5rd ed. Edinburgh: T & T Clark, 1907.

ALLIS, Oswald T. *Prophecy in the Church.* Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1943.

ANDERSON, Sir Robert. *The Coming Prince.* Grand Rapids: Kregel, 1954.

The Ante -Nicene Fathers, vol. 7. New York: Christian Literature, 1896.

ARMERDING, Carl. "The Coming of the Son of Man," *Moody Monthly* 51 (1931): 787-88, 809.

_____. *The Oliuet Discourse.* Findlay, Ohio: Dunham, 1955.

ARNDT, William F., and Gingrich, F. Wilbur. *A Greek-English Lexicon of the New Testament.* Chicago: U. of Chicago Press, 1957.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

BERKHOF, Louis. *Systematic Theology.* Grand Rapids: Eerdmans, 1941.

BOICE, James Montgomery. *The Last and Future World.* Grand Rapids: Zondervan, 1974.

BOWMAN, John Wick. *The Drama of the Book of Revelation.* Philadelphia: Westminster, 1955.

BRUNNER, Emil. *Eternal Hope.* Philadelphia: Westminster, 1934.

BUIS, Harry. *The Book of Revelation.* Philadelphia: Presbyterian and Reformed, 1960.

CAMERON, Robert. *Spiritual Truth About the Lord's Return.* New York: Revell, 1922.

CHAFER, Lewis Sperry. *Major Bible Themes.* Revised by John F. Walvoord. Grand Rapids: Zondervan, 1974.

_____. *Systematic Theology,* 8 vols. Dalas. Dallas Seminary Pr., 1948.

DARBY, J. N. *Notes on the Apocalypse.* London: Morrish, 1842.

DAVID, Ira E. "Translation: When Does It Occur?" *The Dawn,* November 15, 1935.

DENNEY, James. *The Epistle to the Thessalonians.* New York: Doran, n.d.

DOUTY, Norman F. *Has Christ's Return Two Stages?* New York: Pageant, 1956.

EDWARDS, D. Miall. "Mystery," *International Standard Bible Ency- clopaedia,* James *Orr,* General Editor, vol. 3.

ELLICOTT, Charles J. *A Crifira/ and Grammatical Commentary on St. Paul's Epistles to the Thessalonians.* Andover: Draper, 1864.

_____. *Saint Paul's First* Apti//e *to the Corinthians.* London: Longman, Green, 1887.

ENGLISH, E. Schuyler. *Re-Thinking the Rapture.* Travelers Rest, S. C.: Southern Bible, 1954.

ERDMAN, Charles R. *The Epistles of Paul to the Thessalonians.* Philadel- phia: Westminster, 1935.

Expositor's Greek Testament, 5 vols. Edited by W. Robertson Nicoll. Grand Rapids: Eerdmans, n.d.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

Viral Epistle of Clement to the Coria//itani. The Ante-Nicene Fathers, vol. New York: Scribner, 1899.

FRAME, James Everett. "A Critical and Exegetical Commentary on the Epistles of St. Paul to the Thessalonians." In *The Interna* - Stone/ *Critical Commentary.* New York: Scribner, 1912.

FROMOW, George H. *Will the Church Pass Through the Tribulation?* London: Sovereign Grace Advent Testimony, n.d.

FROST, Henry W. *Matthew Tu enty -four and the Revelation.* New York: Oxford U. Pr., 1924.

GAEBELEIN, Arno C. *The Gospel of Matthew,* 2 vols. New York: Our Hope Publishing Office, 1910.

_____. *The Harmony of the Prophetic Word.* New York: Our Hope Publishing Office, 1907.

_____. *The Revelation.* New York: Our Hope Publishing Office, 1915.
Govett, Robert. *Entrance Into the Kingdom.* Thynne, 1922.

CRANT, F. W. *The Revelation of Jesus Christ.* New York: Loizeaux, n.d.

GUNDRY, Robert, H.*The Church and the Tribulation.* Grand Rapids: Zondervan, 1973.

GUTHRIE, Donald. *New Testament Introduction.* Downers Grove, Ill.: InterVarsity, 197 1.

HARNACK, Adolph von. *History of Dogma, 1* vols. Translated by Neil Buchanan. New York: Dover, 1961.

HARRISON, Norman B. Zfti *Coming.* Minneapolis: Harrison Service, 1946.

_____. *The End.* Minneapolis: Harrison Service, 1941.

HARRISON, William K. "The Time of the Rapture as Indicated in Certain Scriptures," *Bibliotheca Sacra,* 114 (1957): 316-25; 115 (1958):20-26, 109-19, 201 - 11.

HENDRIKSEN, William. *And So All Israel Shall Be Saved.* Grand Rapids: Baker, l94â.

_____. "Exposition of I and II Thessalonians." *New Testament Commentary.* Grand Rapids, Baker, 1955.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

_____. *More Than Conquerors.* Grand Rapids: Baker, 1939.

_____. "The Church and the Great Tribulation," unpublished tract.

HIEBERT, D. Edmond. *The Thessalonian Epistles,* Chicago: Moody, 1971.

HODGE, Charles. *Systematic Theology,* 3 vols. New York: Scribner, 1895.

HOGG, C. F., and Vine, W. F. be *Church and the Tribulation.* London: Pickering and Inglis, Ltd., 1938.

_____. *The Epistles of Paul the Apostle to the Thessalonians,* reprint. Grand Rapids: Kregel, 1959.

HUEBNER, R. A. *The Truth of the Pre-Tribulation Rapture Recotered.* Millington, N. J.: Present Truth, 1973.

IRONSIDE, Henry Allen. *Addresses on the First Epistle to the* Corinthians. New York: Loizeaux, 1938.

_____. *Expository notes from the Gospel of Matthew.* New York: Loizeaux, 1948.

_____. *Lectures on the Book of Revelation.* New York: Loizeaux, 1930.

_____. *The Great Parenthesis.* Grand Rapids: Zondervan, 1943.

JONES, Orson P. "Plain Speaking on the Rapture Question." Unpublished tract.

KATTERJOHN, Arthur, with Fackier, Mark. *The Tribulation People.* Carol Stream, 111.: Creation, 1975.

KELLY, William. *Lectures* ta *the Gospel of Matthew,* 5th American ed. New York: Loizeaux, 1943.

_____. *Lectures on the Book of Revelation.* London: Broom, 1874.

_____. *The Epistles of Paul the Apostle to the Thessalonians,* 3rd ed. London: Hammond, 1953.

KINCHELOE, Raymond M. *A Personal Adventure in Prophecy.* Wheaton, Ill.: Tyndale House, 1974.

KNUDTEN, Richard D. *The Systematic Thought of Washington Gladder.* New York: Humanities, 1968.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

KUYPER, Abraham. *The Revelation of St. John.* Translated by John Hendrik de Vries. Grand Rapids: Eerdmans, 1935.

LADD, George E. *The Blessed Hope.* Grand Rapids: Eerdmans, 1956.

_____. *Jesus and the Kingdom.* New York: Harper and Row, 1964.

_____. *The Last Things.* Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

_____. *A Commentary on the Book of the Revelation of John.* Grand Rapids: Eerdmans, 1972.

LANG, G. H. *Firstborn Sons: Their Rights and Risks.* London: Oliphants, 1943.

_____. *The Revelation of Jesus Christ.* New York: Scribner, Armstrong & Co., 1874.

LARKIN, Clarence. *Book of Revelation.* Philadelphia: Published by the author, 1919.

LENSKI, R. C. H. *The Interpretation of St. John's Revelation.* Columbus, Ohio: Lutheran Book Concern, 1935.

_____. *The Interpretation of St. Matthew 's Gospel.* Minneapolis: Wartburg, 1943.

_____. *The Interpretation of St. Paul's Epistles to the Colossians, to the Thessalonians, to Timothy, to Titus, and to Philemon.* Columbus, Ohio: Lutheran Book Concern, 1937.

LIGHTFOOT, J. B. *Notes on the Epistles of Saint Paul From Unpublished Commentaries.* London: Macmillan, 1895.

LINDSEY, Hal, et al. *When is Jesus Coming Again?* Carol Stream, Ill.: Creation, 1974.

LLOYD-JONES, D. Martyn. *Studies in the Sermon on the Mount,* 2 vols. Grand Rapids: Eerdmans, 1959.

MACPHERSON, Dave. *The Incredible Coned -Up.* Plainfield, N.J, Logos, 1975.

MACPHERSON, Norman F. *Triumph Through Tribulation.* Otego, N. Y.: First Baptist Church, 1944.

MAURO, Philip. *The Severity Weeks and the Great Tribulation.* Boston: Hamilton, 1923.

MINEAR, Paul S. *Christian Hope and the Second Comiag.* Philadelphia: Westminster, 1954.

MORGAN, G. Campbell. *The Gospel According to Matthew.* New York: Revell, 1929.

MORRIS, Leon. *The Epistles of Paul to the Thessalonians.* Grand Rapids: Eerdmans, 1957.

NEEDHAM, Mrs. George C. (Elizabeth A.). *The Antichrist.* New York: Cook, n.d.

OCKENGA, Harold, J. *The* Church in *God.* Westwood, N.J.: Revell, 1956.

_____. "Will the C h urch Go Through the Tribulation? Yes."*Christian A/e,* February, 1955.

OLSHAUSEN, Hermann. *Biblical Commentary on the New Testament,* vol. 4. New York: Sheldon, Blakeman, 1858.

PACHE, Rene. *The Return* of Jesus *Christ.* Chicago: Moody, 1955. Panton, D. "An Open Door," *The Daon,* November, 1948.

PAYNE, J. Barton. *Encyclopedia of Biblical Prophecy.* New York: Harper and Row, 1973.

_____. *The imminent Appearing of Christ.* Crand Rapids: Eerdmans, 1962.

PENTECOST, J. Dwight. *Things to come.* Findlay, Ohio: Dunham, 1958.

PLUMMER, Alfred. *A Commentary on St. Paul's First Epistle to the Thessalonians*.. London: Scott, 1918.

_____. *A Commentary on St. Paul's Second Epistle to the Thessalonians.* London: Scott, 1918.

_____. *An Exegetical Commentary on the Gospel According to St. Matthew.* London: Roxburgh, 1909.

PRICE, Walter K. *The Prophet Joel and the Day of the Lord.* Chicago: Moody, 1976.

RAMM, Bernard. *Protestant Biblical Interpretation.* Boston: Wilde, 1958.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

RAND, James F. "A Survey of the Eschatology of the Olivet Discourse," parts I-II, *Bibliotheca Sacra* 1 13 (1956): 162-73, 200- 13. Rauschenbusch, Walter. *A Theology for the Social Gospel.* New York: Macmillan, 1922.

REESE, Alexander. *The Approaching Advent of Christ.* London: Marshall, Morgan, Scott, 1932.

RITSCHL, Albrecht. *The Christian Doctrine of Justification and Reconciliation.* Edited by H. R. MacKintosh and A. B. MacAulay. Clifton, N. J. Reference Book, 1966.

ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in* lite *New Testament,* 5 vols. Nashville: Sunday School Board of the Southern Baptist Convention.

ROSE, George L. *Tribulation Till Translation.* Glendale, Calif.: Rose, 1942.

ROWLEY, Harold Henry. *The Relevance of the* A§oca/yp/tc. London: Lutterworth. 1952.

RYRIE, Charles C. *First and Second Thessalonians.* Chicago: Moody, 1959.

SAUER, Erich. *From Eternity to Eternity.* Grand Rapids: Eerdmans, 1954.

SCOFIELD, C. I. *The Scofield Reference Bible.* New York: Oxford University Press, 1917.

SCROGGIE, W. H. *The Book of Revelation.* Edinburgh: Book Stall, 1920.

_____. *A Guide to the Gospels.* London: Pickering and Inglis, 1948.

SEISS, Joseph A. *The Apocalypse.* Grand Rapids: Zondervan, 1957.

SCOTT, Walter. *Exposition of the Revelation of Jesus Christ.* London: Pickering and Inglis, n.d.

SMITH, J. B. *A Revelation of Jesus Christ.* Scottdale, PA.: Herald, 1961.

SMITH, Oswald J. *The Book of Revelation.* Grand Rapids: Zondervan, n.d.

SNOWDEN, James H. *The Coming of the Lord.* New York: Macmillan, 1919.

STANTON, Gerald B. *Kept From the Hour.* Grand Rapids: Zondervan, 1956.

STROMBECK. J F. *First the Rapture.* Moline, Ill.: Strombeck Agency, 1950.

STRONG, Augustus Hopkins. *Systematic Theology,* 7th ed. Philadelphia: Armstrong, 1902.

CAMP001_04X12_ABRIL2021

SUMMERS, Ray. *Worthy Is the Lamb.* Nashville: Broadman, 1951. Swete, Henry B. *The Apocalypse of St.* John. Grand Rapids: Eerdmans, n.d.

TAPPERT, Theodore G., ed. *Luther's Forks,* 56 vols. Philadelphia: Fortress, 1967.

TASKER, R. V. C. *The Gospel Accordtng to Matthew,* Tyndale Bible Commentary. Grand Rapids: Eerdmans, 196 1.

TENNEY, Merrill C. *The Book of Revelation.* Grand Rapids: Baker, 1963.

THIESSEN, Henry Clarence. *Will the Church Pass Through the Tribula*tion? New York: Loizea ux, 1941.

_____. "Will the Church Pass Through the Tribulation?" *Bibliotheca Sacra* 92 (1935) :39-54, 187-205, 292-3 14.

THOMAS, W. H. Crriffith. *Outline Studies in the Gospel of Matthew.* Grand Rapids: Eerdmans, 1961.

WALVOORD, John F. *The Blessed Hope and the Tribulation.* Grand Rapids: Zondervan, 1976.

_____. *Daniel: The Key to Prophetic Revelation.* Chicago: Moody, 197 1.

_____. *Matthew: Thy Kingdom Come.* Chicago: Moody, 1974.

_____. *The Millenntal Kingdom.* Grand Rapids: Zonder van, 1959.

_____. *The Thessalonian Epistles.* Findlay, Ohio: Dunham, 1955.

_____. The *Rapture* Question. Findlay, Ohio: Dunham, 1957.

_____. *Revelation of Jesus Christ.* Chicago: Moody, 1966.

_____. "A Review of *The Blessed Hope* by George E. Ladd." *Bibliotheca Sacra* 112 (Apr., 1953):97- 106.

WARFIELD, B. B. *Biblical* Doctrines. New York: Oxford U. r., 1925.

WEST, Nathaniel, ed. *Premillennial Essays.* New York: Revell, 1879.

WOOD, Leon J. *Rapture Next?* brand Rapids: Zondervan, 1956.

WUEST, Kenneth S. "The Rapture—Precisely When?" *Bibliotheca Sacra* 114 (1957):68-69.

CAMP001_04X12_ABRIL2021